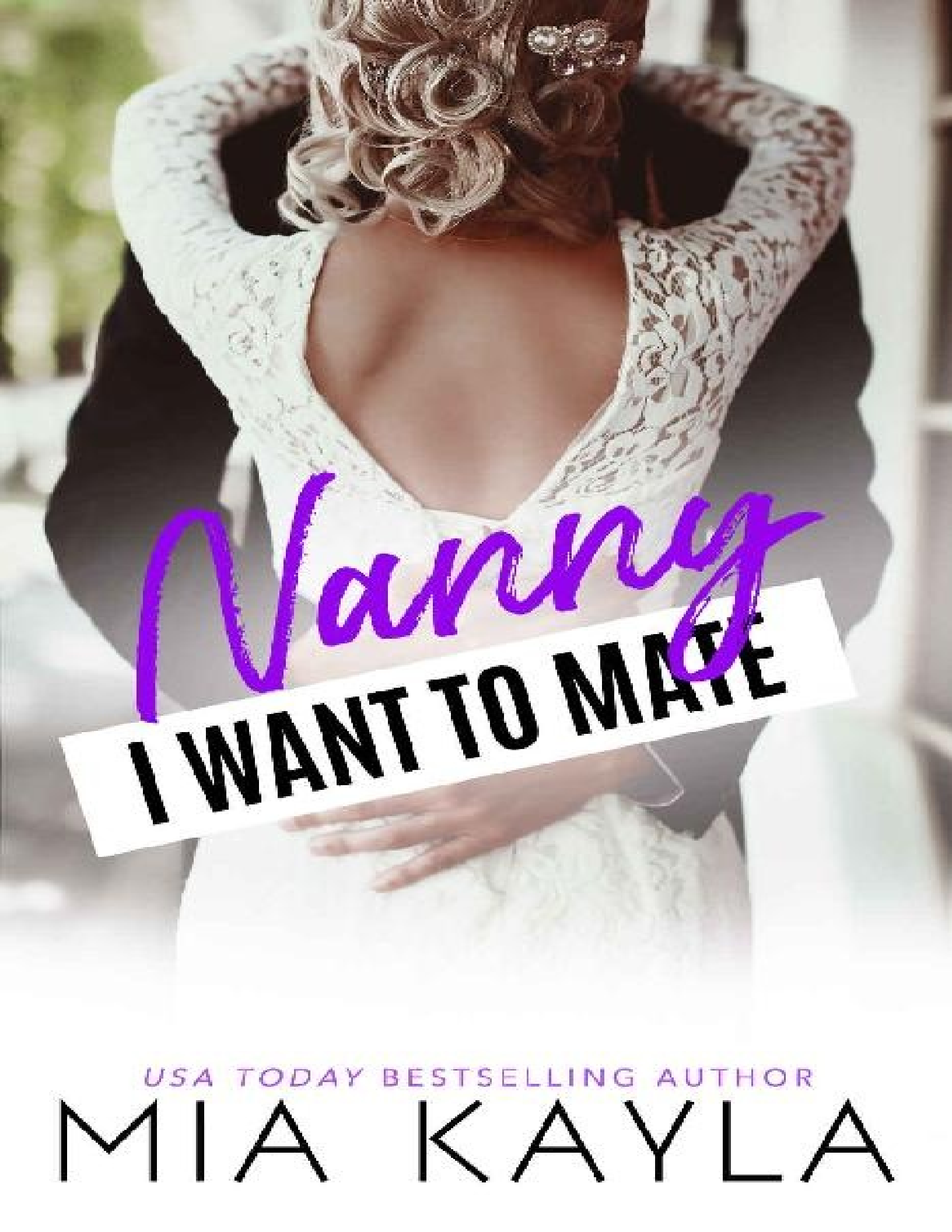
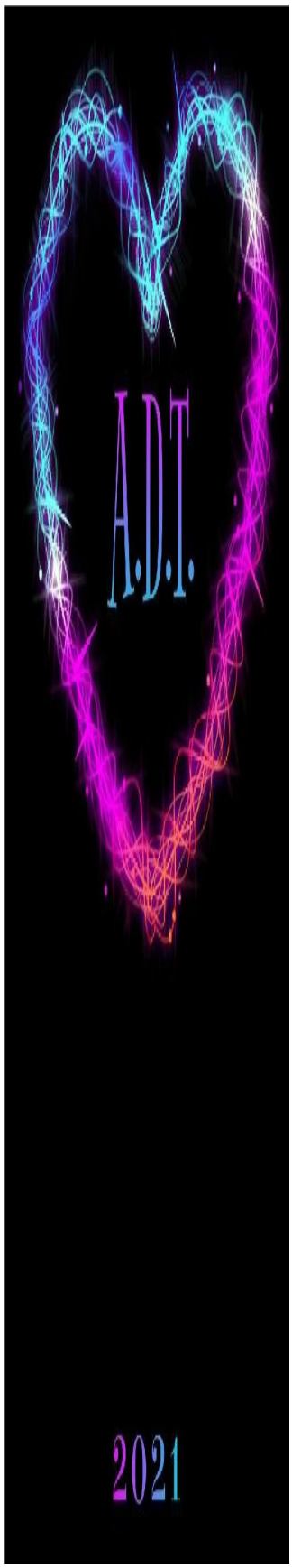


USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

MIA KAYLA


A.D.T.
2021

Sinopse

Pai solteiro.
Duas palavras que me obrigam a sair da cama todas as manhãs.
Porque duas meninas dependem de mim.
Porque a empresa da minha família depende de mim.
Como CEO, tenho que aparecer, liderar, estar presente.
Como pai, não há espaço para erros, não quando se trata de criar minhas filhas.
Eu não sou mais o mesmo homem, apenas uma casca de uma pessoa que já fui, fazendo movimentos todos os dias.
Não vendo, mal respirando.
Até Becky Summers, a nova babá.
Ela me faz ver a vida em cores quando antes era cinza suave.
Ela traz um sorriso ao meu rosto quando eu jurei que esqueci como fazer.
Ela me faz acreditar que a vida é mais do que simplesmente agir.
Razões pelas quais eu não deveria namorar Becky:
Ela é a babá das minhas filhas.
Eu sou o chefe dela e não devo cruzar essa linha.
Ela tem segredos que está escondendo.
Razões pelas quais eu deveria:
Porque... acho que estou me apaixonando por ela.

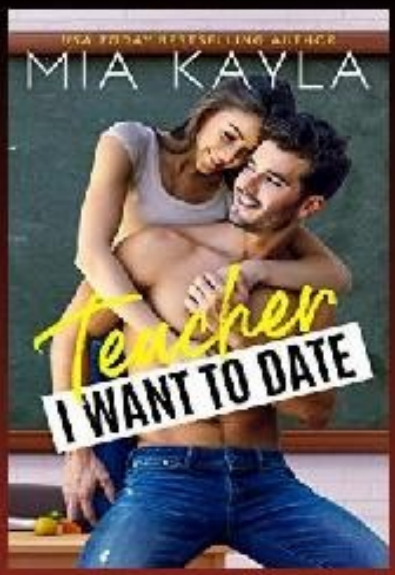
Lançamento


Vacancy
I WANT TO MATE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
MIA KAYLA

A Serie


Nanny
I WANT TO MATE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
MIA KAYLA


Boss
I LOVE TO HATE
MIA KAYLA


MIA KAYLA
Teacher
I WANT TO DATE

Para minha avó - Mamala,

Este livro é dedicado a você, o ano em que completou noventa anos.

Eu te amo acima das palavras, acima da medida. Eu sou a mulher hoje por sua causa.

Capítulo Um

Charles

Eu senti o cheiro de maconha. O fedor forte e distinto de skunk[1]. O cheiro teria sido bom se eu ainda estivesse na faculdade ou em um clube ou em qualquer lugar que não fosse aqui em minha casa, na longa mesa da sala de jantar, sentado em frente à mulher que estávamos entrevistando para ser a babá de meus dois filhos pequenos.

Ela se recostou na cadeira com um tornozelo cruzado e descansou no joelho oposto. Suas mãos se acomodaram atrás do pescoço. Ela estava tão relaxada que eu me perguntei se ela adormeceria logo. Nossa babá de longa data estava indo embora, e meus irmãos e eu precisávamos encontrar sua substituta.

A morena sentada na minha frente estava vestida com um terno passado, a maquiagem impecável, que combinava com seu currículo estelar. Tudo estava perfeito, exceto pelo fato de que ela fedia como se estivesse cultivando a planta em sua bolsa.

Mason, meu irmão mais novo, sentado à minha esquerda, passou para a próxima página de seu portfólio. O nome de Erica Michelle Jones estava perfeitamente impresso na guia superior. Mason havia feito um arquivo sobre cada candidata, completo com seu currículo, verificação de antecedentes e uma lista de perguntas que ele faria. Ele abriu o caminho para o contato com as principais firmas de recrutamento de babás e consultou vários currículos para escolher o melhor para suas sobrinhas.

Brad, o irmão do meio, sentou-se à minha direita. A maneira como seus olhos estavam voltados para baixo e como ele cobriu a boca para esconder o sorriso rastejando em seu rosto, eu sabia que ele estava bem ciente do cheiro que emanava da mulher na nossa frente. Se Mason estava ciente do fedor, eu nunca

iria adivinhar, já que ele enumerou pergunta após pergunta em sua folha de entrevista detalhada.

Brad riu e tossiu para disfarçar. Dada a sua brincadeira, você pensaria que ele era o mais jovem de nós três. Não. Ele era o mais arrogante e sofria muito de SFM - síndrome do filho do meio - o que significava que precisava de mais atenção. Quando outra risada saiu da boca de Brad, Mason lançou a ele um olhar de desdém. Eu não teria dúvidas se Brad estava ficando alto com a fumaça. Eu balancei minha cabeça e esfreguei minha testa.

Mason sorriu, fechou a pasta de arquivos e se levantou para apertar a mão dela. —Estamos muito impressionados com suas qualificações. Definitivamente entraremos em contato.

Quando ele se levantou da cadeira, Brad e eu o seguimos.

E assim que ela saiu, Mason se sentou e começou a escrever notas detalhadas. —Acho que ela é a melhor que entrevistamos até agora.

Eu não tive que dizer uma palavra porque Brad ergueu as mãos, rindo. — Você está falando sério? Ela cheirava como se tivesse nascido em uma planta de cannabis.

A cabeça de Mason disparou da pasta de arquivo e ele ergueu uma sobrancelha.

— Você não sentiu o cheiro? — Brad disse, apontando para a porta por onde Erica acabara de sair.

— Eu não estava realmente preocupado com o cheiro dela. Eu estava muito ocupado entrevistando-a sobre sua história de trabalho. — Mason balançou a cabeça como se fôssemos loucos. —Talvez seja o perfume dela. — Seus olhos estavam focados em seu papel enquanto ele continuava escrevendo suas anotações.

Quase ri alto, mas me contive. Ele não sabia o que era aquele fedor? Claro, Mason nunca experimentou maconha. Éramos três irmãos que crescemos na mesma casa, mas éramos diferentes em todos os sentidos da palavra.

Enquanto Mason era meticuloso e vivia sua vida seguindo uma linha reta, Brad era o oposto, indisciplinado, brincalhão e alguém que nunca se acomodaria. Eu, por outro lado? Eu estive em um relacionamento sério desde o colégio, o amor da minha vida, a mãe das minhas filhas. Minha vida tinha sido perfeita até aquela fração de segundo quando ela deixou este mundo.

O sorriso sumiu do meu rosto. Na hora certa, sempre que Natalie entrava em meus pensamentos, meus olhos fechavam brevemente e eu revivia o momento em que ela morrera, como se ela estivesse na sala comigo. As memórias eram tão vívidas às vezes que me puxaram para onde eu estava imobilizado. Eu engoli, empurrando para baixo a dor que sempre parecia vir à tona sempre que meus pensamentos voltavam ao passado.

— Papai! — Mary, minha filha de quase quatro anos, entrou na sala. Seus cachos loiros saltavam quando ela caminhava. Ela era a cara de sua mãe, o loiro em seu cabelo, o azul em seus olhos, a forma como seu sorriso iluminava a sala.

Brad a pegou em seus braços antes que ela chegasse a mim, acariciando seu pescoço e fazendo cócegas em seus lados. —Doce Mary. O que dissemos a você sobre vir aqui durante uma entrevista?

Suas risadas aumentaram. —Onde está a babá? — Ela empurrou o lábio e piscou os olhos azul-celeste para o tio. —E que cheiro é esse? — Ela respirou fundo e saltou dos braços dele, levantando as narinas no ar, como um cachorrinho farejando à mesa de jantar. —Eu gosto disso. Cheira... — ‘sniff’— meio bom.

Bem, merda.

— Mary... — Eu compartilhei um olhar de cumplicidade com Brad e levantei

meu queixo em direção à saída.

No segundo seguinte, Brad conduziu Mary para fora da porta. —Certo, vá embora. Temos negócios a fazer.

Ele caminhou em direção a Mason, pegou seu papel e escreveu suas anotações em grandes letras vermelhas. *Usa drogas*. *Não qualificado.*

— Ei! — Mason protestou.

Brad se virou para mim. —Você discorda? Você acredita que ela está qualificada? Quer dizer, isso é um acéfalo. Eu não me importo que ela tenha seu diploma de inglês em Stanford.

Ambos os pares de olhos se voltaram para minha direção. Eles sempre fizeram.

Como chefe da família e irmão mais velho, como CEO de nossa empresa, Brisken Printing Corporation-, eles sempre me procuraram para dar a palavra final.

Eu balancei minha cabeça. —Não. Ela não está qualificada.

Ela era mais do que qualificada. Essa mulher não pisaria nesta casa nunca mais. Mason fechou a pasta de arquivos e Brad exibiu um sorriso vitorioso. Eu gostaria de ter sentido algum tipo de vitória. Estávamos perdendo nossa babá, que estava conosco desde que minha Natalie faleceu. Encontrar uma substituta era quase impossível.

Esta foi a nossa terceira rodada de entrevistas, obtendo nossas candidatas de firmas de recrutamento conhecidas e passando no *teste padrão de Mason,* que incluía uma extensa verificação de antecedentes e questionário, antes das entrevistas, sem sorte até agora.

Sarah, minha filha de dez anos, entrou, seguida por uma mulher vestida com a saia pregueada preta mais curta que eu já vi. A maldita coisa estava subida até

logo abaixo de suas nádegas. Seus olhos verdes percorreram a sala antes de pousar em Brad, e então seu sorriso se alargou.

Eu me abstive de revirar os olhos. Eu deveria estar acostumado com isso agora, todas as mulheres bajulavam meu irmão, mas havia uma hora e lugar para tudo, e minha paciência estava se esgotando com essas candidatas.

Brad não mostrou nenhuma reação. Ele foi o irmão que mais chamou a atenção das mulheres. Foi por isso que entrevistamos todos os seus funcionários em nossa empresa, para ter certeza de que a prioridade deles era o emprego e não conseguir meu irmão.

— Eu a vi vagando pela casa, — Sarah brincou, seu tom mostrando seu aborrecimento.

Eu tinha que me perguntar o que estava acontecendo com ela, já que ela já estava parecendo desenvolver aquela atitude pré-adolescente. Algo que me fez sentir ainda mais saudade da minha esposa.

A mulher mastigou o chiclete e jogou o cabelo castanho claro por cima do ombro. —Estou fazendo uma entrevista para o cargo de babá.

Oh, *ótimo*. Eu sufoquei um suspiro cansado.

Ela apontou uma unha vermelha bem cuidada na direção de Brad. —Me diga que você é o pai solteiro. — Seus olhos se mexeram em um efeito exagerado.

O sorriso sedutor característico de Brad veio à tona, mas esmaeceu um segundo depois. —Esse não seria eu. — Ele nos saudou e passou o braço em volta dos ombros de Sarah. —Eu terminei aqui, pessoal. Acredito que Charles tomará uma decisão acertada por nossas garotas. — Ele puxou Sarah para perto. —Tio Brad está levando você e Mary para tomar sorvete.

O olhar de Brad cintilou na minha direção pedindo permissão. Eu queria ir com eles. Tomar sorvete com minhas garotas seria mais divertido do que sentar

aqui em outra entrevista com uma candidata que eu sabia que não era. Mas Mason trabalhou duro para marcar as entrevistas e seguir os procedimentos adequados para conseguir a pessoa certa para o trabalho.

Meus irmãos investiram pesadamente em minhas meninas. Quando minha Natalie morreu, fui morar com meus pais para que eles pudessem me ajudar a criar as meninas. Quando eles faleceram, não muito tempo depois, devido a um acidente de carro relacionado a um motorista bêbado, meus dois irmãos se mudaram para a casa comigo. Embora eles tivessem seus próprios lugares na cidade, os dois passavam alguns dias por semana aqui para passar o tempo com as meninas. Eles me ajudaram a criá-las desde a infância até cada marco importante em suas vidas. Foi Brad quem ensinou Mary a usar o banheiro, enquanto Mason ensinou Sarah a ler.

A mulher sentou-se, o tempo todo mastigando o chiclete. —Ele é um menino tão bonito.

Minhas sobrancelhas se ergueram. *Menino?*

— Seu filho. O menino que me encontrou na sua cozinha.

Uma faísca de fúria passou por mim quando olhei para minha linda filha. O cabelo castanho escuro de Sarah caía sobre os ombros. E esta mulher a tinha confundido com um menino?

— Tudo bem, estamos fora, — disse Brad. Eu balancei a cabeça, porque essa já era uma causa perdida.

— Espera. Ainda não terminamos aqui, — protestou Mason, mas Brad já estava fora da porta.

— Espero que não se importe, mas peguei alguns biscoitos daquele pote de biscoitos da mesa. — Ela ergueu a bolsa, abriu a aba e tirou dois biscoitos, as migalhas caindo sobre a mesa. Em seguida, ela os enfiou de volta.

Minha fúria mudou para nojo. *Essa mulher realmente acabou de colocar dois biscoitos desembrulhados em sua bolsa?* Mason baixou a cabeça, beliscando a ponte do nariz. O bater contínuo de seu chiclete estava me irritando. Eu estava prestes a dispensá-la dessa entrevista, poupar Mason da miséria de fazer isso, quando ela falou primeiro.

— Portanto, antes de iniciarmos formalmente a entrevista, tenho algumas condições. — Ela sentou-se mais ereta e empurrou o peito para fora, seu peito quase caindo da blusa com decote em V. —Vou precisar de cada fim de semana de folga junto com todas as outras quintas-feiras e todas as primeiras segundas-feiras do mês. Eu não vou tomar banho porque, sim, isso é nojento. — Ela soprou uma bolha, estourou e chupou de volta em sua boca. —Eu não cozinho, mas posso usar o micro-ondas. Acho que vou ser a única a fazer compras, então não se preocupe com a comida lá. E o pagamento é negociável? Porque parece muito baixo para uma babá que mora em tempo integral. — Ela deu um tapa na gengiva. —Oh, e há uma empregada? Porque eu sou a babá, não a empregada.

Mason se levantou de sua cadeira tão rápido que ela caiu para trás. —Saia. — Ele respirava pesadamente pelo nariz e sua voz mal era controlada. Ele apontou para a porta e sua mandíbula cerrou. —Por favor, saia de nossa casa.

A mulher franziu os lábios, olhando em volta como se não entendesse as instruções simples. —Uh, você, tipo... — chiclete estalado —quer reagendar ou algo assim, então?

— Saia! — A voz normalmente calma de Mason cresceu e ecoou pelos nossos corredores, fazendo a mulher pular para uma posição de pé e sair correndo.

Quando a porta se fechou no saguão, Mason esfregou a testa. —Nunca encontraremos alguém. — Com as duas mãos na mesa da sala de jantar, sua cabeça pendeu, derrotado.

Eu sabia quantas horas ele havia passado examinando vários currículos e verificações de antecedentes, e eu sentia por ele.

Eu dei um tapinha em suas costas, grato por ter meus irmãos neste processo. —Nós vamos. Só vai levar algum tempo. Você sabe que agradeço por tudo o que você está fazendo, certo?

Ele ergueu a cabeça e soltou um longo suspiro. —Elas também são minhas garotas. E não vou parar até encontrar a pessoa perfeita.

Eu concordei. —Continuaremos as entrevistas quando eu voltar de Cape Cod.

Eu prometi às meninas uma última viagem antes das aulas começarem, e uma promessa feita era uma promessa cumprida em meu livro. O que eu aprendi com minhas experiências foi que a vida era muito curta, e eu estaria ferrado se minhas meninas ficassem de fora.

Mason apontou para mim. —Vá fazer as malas. Você não sai amanhã de manhã? Lembre-se de que a única regra é não nos ligar. — Ele me olhou severamente. —Brad e eu cuidamos do trabalho.

Suspirei em resignação. Eles me fizeram prometer na frente das meninas que eu não abriria meu laptop para verificar e-mail ou pegar meu telefone, mesmo que fosse minha secretária ou qualquer pessoa do trabalho. Eu inclinei meu queixo, afaguei suas costas e saí da sala de jantar para fazer as malas. Seria uma das últimas férias que tiramos com Patty, nossa babá. Eu sorri porque um tempo de qualidade com minhas garotas era exatamente o que eu desejava.

Capítulo Dois

Charles

Eu tomei minha cerveja e descansei contra a cadeira de praia, sentindo os grânulos de areia sob meus pés. Mary gritou para sua irmã mais velha persegui-la, mas Sarah ficou, sentada de pernas cruzadas na areia, balde e pá na mão, cuidando de seus negócios e construindo seu castelo de areia de tamanho humano.

— Vamos, Sarah! Jogue comigo. — O lamento pesava na voz de Mary.

Eu vi isso vindo de um quilômetro de distância. Talvez, como pai delas, eu devesse ter impedido, mas isso, sua diversão desinibida, foi o que me deu alegria.

Mary, uma conspiradora iniciante, aproximou-se de Sarah na ponta dos pés e ergueu um balde cheio de água. Então, ela começou a despejar tudo em Sarah, a água estragando parte de sua criação, transformando o castelo de areia em um poço de gosma de areia. Sarah, gaguejando e tão furiosa quanto uma criança de dez anos poderia ser, saiu correndo como uma chita atrás de Mary. A coisa toda me fez suspirar de alívio e uma forma rara de pura felicidade que eu só sentia aqui e ali desde que Natalie havia falecido.

— Ah! — Mary gritou, vendo sua irmã ganhando dela.

No segundo seguinte, Sarah derrubou Mary e jogou areia em cima dela, colocando em seu maiô. Uma pontada atingiu meu peito quando coloquei a cerveja na mesa ao meu lado. Se Natalie pudesse ver isso, nossas meninas, crescendo tão rápido. Se apenas…

— Meninas, meninas, meninas. — A voz de Patty retumbou como um trovão. Ela separou as meninas e espanou a areia de suas pernas.

Eu ri da cena na minha frente. Quando Mary partiu para Sarah novamente, Patty a ergueu nos braços para mantê-la afastada. A mulher de sessenta anos tinha força. Eu daria isso a ela.

— Mas, Nana, — Mary implorou, usando seu charme.

— Não me venha com *Nana,* — disse Patty, sem brincadeira. —Você tem que jogar bem com sua irmã.

Ela estava com as meninas por quase quatro anos e funcionava mais como uma avó rigorosa do que como babá, daí o nome Nana. Além disso, como minhas filhas não tinham avós vivos por perto, Patty era o mais próximo que elas iriam chegar de uma vovó. Patty amava minhas meninas como se fossem suas e, por isso, eu ficaria eternamente grato. Quando Natalie morreu, meus pais contrataram Patty para nos ajudar a criar as meninas enquanto eu estava no trabalho. E quando meus pais morreram alguns anos depois, Patty foi morar conosco permanentemente.

Meu telefone vibrou na mesa ao lado da minha cerveja e vi a luz piscar com o número de um vendedor. Meus dedos coçaram para pegá-lo, mas eu tinha prometido às meninas que não trabalharia nestas férias. Foi uma promessa que fiz a mim mesmo antes de partirmos para Cape Cod. E também uma que Brad e Mason estavam certificando-se de que eu mantivesse.

Sendo o CEO da Brisken Printing Corp. a maior gráfica do país, eu tinha responsabilidades infinitas, mas não era nada que meus irmãos não pudessem lidar, Mason como diretor financeiro e Brad como vice-presidente.

Soltei um suspiro baixo e o arrependimento se instalou no fundo do meu estômago enquanto pensava em todo o tempo que perdi no trabalho antes de Natalie morrer. Eu gostaria de ter tirado aquelas férias para a Europa que ela sempre quis. Eu prometi a ela que iríamos, mas o trabalho sempre atrapalhou. Uma promessa feita era uma promessa cumprida. Mas naquela época, pensei que

teríamos a eternidade. E então ela foi levada durante o parto, algo para o qual ninguém poderia estar preparado. Seu trabalho de parto com Mary foi complicado. A pressão arterial de Natalie havia disparado e...

Eu esfreguei minha têmpora, empurrando as memórias de seu corpo sem vida na mesa para fora da minha mente, e forcei meu olhar de volta para minhas filhas. Minha maior responsabilidade na vida era criar aquelas duas vidas que Deus me confiou, portanto, eu tinha que me lembrar disso e focar no presente, o agora.

Quando Natalie morreu, as pessoas sempre diziam: —*seja forte, pelas meninas.*

E quando um motorista bêbado levou meus pais alguns anos depois, eles repetiram suas palavras de orientação. —Seja forte, por seus irmãos. Você é o mais velho. O CEO.

E eu era. Eu tenho sido. A única maneira que eu sabia sobreviver era apenas avançando.

Muitas pessoas dependiam de mim. Não apenas minhas filhas e a família, mas também os milhares de funcionários da Brisken. Eu tinha o dever de manter com todos. A realidade de tudo isso é que eu simplesmente negociei. Eu não me preocupei com os detalhes porque se eu pensasse sobre toda a responsabilidade colocada sobre meus ombros, isso me estressaria.

Mary se aproximou com o maior beicinho e não pude deixar de sorrir. Ela era tão doce, realmente agressiva e travessa como o inferno. Mas ela possuía meu coração.

— Papai! Sarah colocou areia na minha bunda, — ela retransmitiu, descontente. —Agora, eu tenho no meu maiô. Aposto que vou peidar areia mais tarde. — Ela cruzou os braços sobre o peito.

Em um grande golpe, puxei-a para perto. —Se eu vi corretamente, você a encharcou com água quando ela estava brincando calmamente e cuidando da própria vida.

Suas sobrancelhas se juntaram e, naquele momento, ela parecia sua mãe, o loiro em seu cabelo, o azul em seus olhos. Outra pontada. Mais forte dessa vez. Meu sorriso vacilou, mas apenas um pouco quando ela começou a inventar mais desculpas.

— Foi apenas um pouquinho de água. Nem tanto. E é só porque ela não queria brincar comigo.

Toquei um dedo em seu nariz. —Você quer que o papai brinque com você?

— Sim! Sim! Sim! — Ela saltou no meu joelho e depois saltou. —Venha me perseguir.

— Que tal eu te dar uma vantagem? — Eu me levantei e esfreguei minhas mãos para um efeito exagerado, e então ela voou para as mãos de Patty, que a pegou no meio do voo.

— Nana!

— Um segundo enquanto eu converso com seu pai.

— Não! — Mary reclamou.

Patty colocou as mãos nos quadris e deu a Mary seu olhar sério. —Mary Katherine Brisken.

Essas três palavras fizeram meu bebê se encolher e esticar o lábio. Eu não poderia culpá-la. Eu também não gostaria de ter problemas com Patty.

— Um segundo, tudo bem? — Patty tocou o queixo de Mary com o dedo indicador e beijou sua cabeça. —E você joga bem com sua irmã.

— Tudo bem, Nana, — respondeu Mary a contragosto. Quando Mary

caminhou em direção ao castelo de areia de Sarah, Patty se aproximou e se sentou na cadeira de praia ao lado da minha.

— Charles, como está indo até agora? Como está a pesquisa? — A preocupação pesava em seus olhos.

Eu exalei profundamente e rolei a garrafa de cerveja para frente e para trás entre meus dedos. —Poderia estar indo melhor. Tenho certeza de que esta pesquisa deu a Mason alguns cinzas prematuros.

Ela riu.

— Como está sua mãe? — Perguntei.

Eu sabia o quão estressada Patty estava com a saúde de sua mãe, e meus irmãos e eu tentamos tudo que podíamos para garantir que ela tivesse o tempo necessário para ir para casa na Flórida e ficar com sua mãe ajustando as agendas de meus irmãos e minha.

— Bem, estou surpresa que ela tenha durado tanto, mas ter noventa anos e ainda chutar é um bom sinal. Ela está melhor desde o derrame, mas está envelhecendo. — A luz nos olhos de Patty diminuiu.

— Patty, sinto muito.

— Ela não tem muito tempo, Charles. — Sua voz era suave, frágil até.

— Eu sei.

Eu perdi meus pais, então eu conhecia o sentimento. Eu tinha dominado a perda de pessoas. O que eu não havia dominado era a dor. Eu estava tão acostumado a perder pessoas que não podia me dar ao luxo de perder mais. Levei anos para parar de colocar Mary e Sarah em minha própria bolha que eu mesma fiz, para parar de ir a cada encontro, para de vê-las adormecer. Tomei outro longo gole da minha cerveja e me concentrei nas ondas que corriam para a costa. Isso foi muito melhor do que olhar nos olhos tristes de Patty, que refletiam

minha dor no coração.

— Eu vou cuidar dela, — disse Patty com um aceno de cabeça e um pouco mais de tristeza, pois eu sabia que ela sentiria falta das meninas.

Eu concordei. —Eu só queria que você não tivesse que ir embora.

Dia após dia, a esperança de encontrar alguém tão capaz como Patty estava diminuindo e se transformando em desespero. No momento de silêncio que se estendeu entre nós, revivi o pesadelo das entrevistas que já havíamos passado, a garota hippie que nos mostrou todas as suas ervas para tratar as doenças das crianças e o sargento instrutor que nos contou seus costumes de disciplinar as crianças, que eu tinha quase certeza de que eram ilegais. *Droga*. Uma preocupação ameaçou me sufocar e o pânico encheu minhas entranhas. Nunca encontraríamos alguém capaz.

Eu limpei minha garganta. — E se mudássemos ela para cá? Sua mãe.

Eu sugeri isso antes para Patty, mas ela me desligou.

— Não é possível. Eu tenho que voltar. — Sua voz estava decidida, suas palavras definitivas.

Minha respiração acelerou como se eu tivesse levado uma pancada na cara com a garrafa, mas realmente, foram as palavras dela. — Mas é possível. Eu tenho os meios para fazer isso acontecer.

Se as lágrimas pudessem compelir essa mulher a ficar, eu forçaria as lágrimas pelo meu rosto como um bebê, mas eu não tinha ideia de como chorar. Meu corpo foi construído para me manter intacto, minhas emoções sob controle.

— Não tenho ideia de como criar essas meninas sozinha. — Meu corpo se levantou do assento e eu caminhei a curta distância na frente da minha cadeira. —Eu não posso fazer isso sem você. O que ela precisa? Vamos colocar Eleanor aqui. Eu vou pagar por todas as despesas médicas, despesas de manutenção.

Tudo isso.

— Charles Emmanuel Brisken. — Ela usou o tom exato que usou com Mary alguns momentos atrás. Ela deu um tapinha no assento que eu havia levantado. —Sente.

Minha respiração se acelerou, como se eu tivesse participado de uma corrida, embora estivesse perfeitamente imóvel. —Patty, você não pode nos deixar. — Eu soltei um suspiro.

Eu tinha meus irmãos, mas era diferente. Não confiei em muitas pessoas com minhas garotas, mas confiei em Patty. Meus irmãos e eu a conhecíamos. As meninas a conheciam. Acima disso, todos nós a amávamos.

— Charles, por favor, sente-se, — ela disse pacientemente.

Eu caí na minha cadeira, mas não estava pronto para admitir a derrota.

Sua mandíbula se apertou e ela colocou os joelhos paralelos aos meus. —Eu estive pensando sobre isso por um tempo agora. Não tem sido fácil, mas ela não tem tanto tempo, e não é certo que outra pessoa esteja cuidando dela. Ela será transferida para uma casa de repouso que tem atendimento vinte e quatro horas por dia, e eu estarei lá com ela todos os dias.

— Mova Eleanor para aqui. — O desespero pesava em meu tom. Eu não pude evitar. —Temos muito espaço. Você quer privacidade? Vou construir outra ala para você. Esqueça a casa de repouso. Vou contratar atendimento domiciliar. — Esfreguei minha têmpora, o pânico subindo à minha garganta, ameaçando me sufocar.

— Charles, eu não posso arrancá-la da Flórida.

— Patty…— Eu tinha um metro e noventa e oito de altura, era atarracado como um jogador de futebol e era o presidente de uma empresa listada na Fortune 500. Eu não implorei. Implorar não estava no meu vocabulário, mas

agora era uma história totalmente diferente. —Vou triplicar seu salário.

Patty me lançou um olhar, um daqueles olhares severos que ela só olhava para as crianças. —Você sabe que me paga mais do que o suficiente. Não é pelo dinheiro. Eu tenho que fazer isso.

E enquanto eu olhava em seus olhos que continham tanta sabedoria, eu sabia que ela já havia tomado sua decisão. Não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer para fazê-la mudar de ideia. No fundo, mesmo que eu não quisesse ver, eu sabia que era a decisão certa para ela, cuidar de sua família, porque essa era a decisão que eu tomaria.

Abaixei minha cabeça e corri as duas mãos pelo meu cabelo. —Eu... eu não posso fazer isso sozinho. — Respirei profundamente pelo nariz e exalei um suspiro trêmulo, meu corpo inteiro tremendo agora. —Eu só... não posso.

— Olhe para mim, — disse ela asperamente.

Em vez disso, fechei meus olhos com força porque em cerca de mais dois segundos, eu estava prestes a perder o controle. Nossa vida estava estável agora. Tivemos anos de instabilidade porque a tragédia nos atingiu ano após ano, mas agora... as coisas finalmente acalmaram, se equilibraram. Rotinas foram estabelecidas. Isso seria mais um golpe, mais um desfio para o dia a dia das meninas, para o meu dia-a-dia, para todo o nosso normal.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que desabei. Uma das minhas maiores qualidades era manter a compostura nos momentos mais difíceis, porque muitas pessoas dependiam de mim. Mas hoje, conforme o tempo diminuía e a data de término de Patty conosco se aproximava rapidamente, entrei em pânico.

Liderar uma empresa multimilionária não me deixava nervoso. Mas isso, criar minhas filhas sozinho, me deixou tão nervoso que tive vontade de vomitar. Talvez se eu tivesse meninos, poderia ter conseguido, mas meninas? Eu exalei uma respiração instável. *O que três homens sabiam sobre criar meninas?*

— Charles... — Ela bateu na mesa. —Estou esperando.

Eu levantei minha cabeça para ver Patty sorrindo para mim.

— Estou feliz que você esteja rindo da minha desgraça.

— Se eu pensasse por um segundo, — ela franziu os lábios, —que você não era capaz, eu não o deixaria. Eu queria ir embora há um ano, quando minha mãe realmente ficou doente, mas não consegui, e você sabe por quê.

— E eu agradeço, Patty. — Eu procurei nos céus por algum tipo de sinal do meu anjo. Deus, eu sinto falta dela. Principalmente em momentos como este.

— Você sabe que Natalie ficaria orgulhosa de você. Você sabe disso, não é? Por fazer tudo isso sozinho e criar aquelas lindas garotas.

Afundei em minha cadeira e minhas sobrancelhas se juntaram. —Essa é a coisa. Eu não estou fazendo isso sozinho. Você tem me ajudado em tudo isso. Desde que Natalie faleceu, desde que meus pais a contrataram, você tem estado lá.

Com mais uma tentativa de fazer Patty ficar, peguei minha garrafa de cerveja, mergulhei meu dedo na garrafa e apliquei no fundo dos meus olhos. —Estou chorando aqui, implorando para você ficar.

Eu me virei para encará-la, e ela cobriu a boca de tanto rir.

— Seu desespero está aparecendo agora, Charles. Você está contando piadas.

Minhas sobrancelhas se juntaram. —Eu faço piadas. — Não era? Talvez eu não fosse o melhor nisso. Eu precisava pegar um livro de piadas.

Sessenta anos de sabedoria atravessaram seus olhos. —Charles, você ficará bem por um único motivo. Você ama aqueles anjinhos de todo o coração e só deseja o melhor para elas.

Eu balancei a cabeça, o pânico ainda tornando as coisas confusas. Essa era a

verdade que eu conhecia e vivia, desejando o melhor para minhas filhas. Eu olhei para minhas filhas brincando na areia. Mary havia caído sobre Sarah e a estava enterrando. Meus olhos encontraram os de Patty e nós dois rimos.

— Você disse anjos?

Seu sorriso se esticou em seu rosto. —Sim, definitivamente. Anjos quando estão dormindo.

Quando ela soltou uma risada profunda, eu afundei contra a cadeira de praia e corri uma mão pelo meu rosto. Eu sentiria falta dessa senhora, não apenas porque precisava dela para ajudar com as meninas, mas também porque ela me lembrava muito a mãe que eu havia perdido.

— Patty, não vá. — Foi meu último apelo desesperado, mas eu sabia que era tudo em vão. Ela precisava fazer o que era melhor para sua família. De todos, é o que mais entendo.

— Não se preocupe, Charles, — ela pediu com empatia. Ela recostou-se e suspirou, e então me olhou por um minuto, finalmente dizendo. —Acho que tenho alguém que pode preencher o lugar. Alguém em quem confiaria com as meninas, alguém em quem confiaria com minha vida.

Minhas costas endireitaram na cadeira porque esta foi a primeira vez que Patty mencionou isso, uma referência direta.

— Quem é? — Eu perguntei com os olhos arregalados, me perguntando por que ela estava escondendo de mim todo esse tempo.

O sorriso de Patty se alargou. —Vou te dar mais informações assim que falar com ela. Se ela disser que sim, não tenho dúvidas de que você e as meninas estarão em boas mãos.

Esse pânico horrível finalmente começou a diminuir. —Posso subornar essa pessoa com um carro novo? Salário mais alto que ela não pode recusar? Férias

em Fiji uma vez por ano? — Eu ri, apenas meio brincando.

O humor sumiu do rosto de Patty. —Não é assim, Charles. O dinheiro não será o fator determinante na decisão dessa pessoa em aceitar o emprego. E se por acaso ela decidir assumir o cargo, haverá uma série de estipulações associadas à sua vinda a bordo. — Ela deu um tapinha na minha perna. —Mas vamos cruzar essa ponte quando chegarmos a ela.

Eu fiz uma careta para ela. *Estipulações*? Eu me perguntei o que elas poderiam ser.

Capítulo Três

Becky

Esfreguei minha garganta, engolindo ar porque podia. Porque me lembrei de uma época em que não conseguia. Onde a escuridão me cercava e eu não conseguia respirar. Meus olhos se fecharam e cerrei os dentes. Empurrei essas memórias de volta para um lugar que me recusei a revisitar, meu passado. *Essa não é mais minha vida.*

Um filme na televisão despertou a memória. Era um filme que Eleanor, a mulher de noventa anos de quem eu estava cuidando, queria assistir. Eventualmente, ela adormeceu, mas eu não desliguei a televisão. Eu não gostava de filmes violentos porque atingia perto de casa. Eu não conseguia evitar as memórias em meus pesadelos, mas tinha a escolha de evitá-las agora.

Eu inalei profundamente e me forcei ao presente. Automaticamente, me levantei e caminhei pela sala, para a frente e para trás e para a frente e para trás novamente, observando Eleanor dormir. Sua cama estava situada na grande sala ao lado da cozinha, então eu teria tudo que precisava para cuidar dela. Seus lábios estavam ligeiramente entreabertos e ela parecia em paz em seu sono, forçando o canto da minha boca a inclinar-se para cima.

Eu caminhei em direção a sua cama e puxei as cobertas sobre seus braços, meus dedos roçando levemente sua pele. Meu coração doeu quando notei sua deterioração. Ela sempre foi independente desde que a conheci, mas não nos últimos meses.

Ela conseguia se sentar, mas não conseguia mais comer sozinha. Eu tive que alimentá-la com uma colher. Mas sua mente estava alerta. Foi em suas pistas não verbais que me disseram que ela estava bem, seus sorrisinhos e a carranca evidente e a ponta do queixo para cima quando ela estava sendo teimosa e

Eleanor de noventa anos era mais teimosa do que uma criança. Não havia como negar que seu corpo estava doente. Ela não conseguia sair da cama hoje em dia, e Patty, sua filha, havia tomado a decisão mais difícil. Ela seria transferida para um centro de enfermagem, que tinha cuidados 24 horas disponíveis para ela. Atualmente eu estava na casa delas cuidando dela.

Eu tinha feito tudo ao meu alcance para manter Eleanor confortável aqui. Eu não me importei em trocá-la e dar-lhe os remédios. Mas, no final das contas, Patty estava deixando seu emprego de babá porque queria passar o tempo que sua mãe tivesse deixado na terra com ela. E eu entendi isso porque elas eram próximas. Eleanor e Patty eram a família que eu nunca tive. Isso nunca pareceu um trabalho porque, desde o primeiro dia, Patty me convidou para comer com ela e me contou sobre sua infância, sobre como Eleanor era a melhor e mais paciente mãe.

Ela me contou como seus pais se apaixonaram, um amor feito por livros de romance, um amor que era eterno, um amor que eu nunca conheci. As histórias de Patty eram o que eu ansiava porque tive uma infância nada tradicional. Eu nunca conheci meu pai, e minha mãe tinha entrado e saído da prisão. Fui enviada para um orfanato, onde entrava e saía de casa até os quinze anos. Então, eu fugi e estive me defendendo sozinha desde então. Então, essa, essa vida que construí com as pessoas de quem cuido, era minha família.

O tremor da maçaneta da porta me fez pular e ficar em pé e meu batimento cardíaco acelerou. Todos os meus músculos ficaram tensos. Minha ansiedade disparou e meu batimento cardíaco martelou em meus ouvidos. Mas então Patty entrou, puxando a mala atrás dela. Soltei um longo suspiro de alívio.

Quando meus nervos iriam se acalmar? Quando minha vida voltaria ao normal? Nunca, disse a vozinha. Porque desde que eu nasci, minha vida tinha sido tudo menos normal.

— Ei. — Minha frequência cardíaca se estabilizou enquanto eu a ajudava,

tirando uma bolsa de seu ombro. —Eu não estava esperando você neste fim de semana.

— Sim, Charles me deu o fim de semana livre para resolver as coisas.

Fui até a sala de estar, seguindo ela pela pequena casa estilo rancho de dois quartos.

— Espero que não demore muito, Becky. Eles estão procurando minha substituta, mas você sabe que seu amor pelas garotas é infinito, então eles querem encontrar o par perfeito.

Eu sorri. Eu vivi as histórias de Patty quando ela voltou para casa. Sobre a família de quem ela cuidava. Eu senti como se já os conhecesse às vezes. Como eu não tinha família própria, era revigorante ouvir suas histórias sobre suas doces Mary e Sara.

— Como está mamãe? — Patty se aproximou da cama do hospital e passou a mão pelo braço da mãe.

— Boa. Troquei sua comadre esta manhã. A enfermeira veio mais cedo para verificar suas estatísticas, e ela está bem. — Puxei o cobertor de Eleanor mais alto, até o queixo. —Ela me faz rir. Hoje, ela queria que eu escovasse sua dentadura com um creme dental diferente, não o normal, mas o creme dental clareador. — Uma risada escapou dos meus lábios. —A menina nem os usa mais.

Patty sorriu, olhando para a mãe e balançando a cabeça. —Você sabe que ela está brincando com você, certo?

Eu concordei. —Sim, eu sei.

Eleanor com certeza era uma animadora. Quando Patty não estava aqui, Eleanor queria me mostrar álbuns após álbuns de sua família, que incluía seu marido falecido, Henry. Suas vidas foram cheias de felicidade, férias e risos sem

fim, algo que eu nunca tive enquanto crescia, algo de que eu tinha ciúme.

Eu mexi no final da minha camiseta. —Já comecei a procurar emprego, então você não precisa se preocupar comigo.

Patty se virou para mim, seu sorriso desaparecendo. —Para onde você vai? — A preocupação pesava em seus olhos.

Patty sabia que eu tinha um passado, mas ela não se intrometia. Essa foi a estipulação para eu embarcar, que ela não me perguntasse sobre meu passado. Em troca, eu cuidaria de sua mãe e seguiria para um futuro menos estressante.

Engoli. Eu não tinha planejado meu próximo curso de ação, mas eu não poderia ficar aqui por muito tempo, não poderia estar muito confortável. Era hora de partir, de pegar e ir para qualquer lugar. Só fiquei aqui mais tempo do que esperava por causa do meu carinho por Eleanor e Patty. Além disso, fui cuidadosa, muito cuidadosa. Eu raramente saía, apenas para caminhadas, e sempre pedia nossas compras para entrega. Honestamente, era o trabalho perfeito para alguém que não queria ser encontrada, alguém como eu.

Passei a mão pelos meus longos cachos loiros. —Não sei. Talvez em algum lugar mais frio. Norte. — Eu tinha dinheiro guardado, mas duraria pouco. Eu precisava de um emprego que pudesse me pagar por baixo da mesa. Algo assim. —Se você tem alguma indicação, — sugeri, tentando esconder meu desespero, —qualquer pessoa idosa que precise de cuidados.

Essa era minha especialidade. Eu não ficava enojada facilmente e não era enfermeira, mas na minha vida anterior, uma onde eu poderia pagar uma educação universitária, outra onde eu não corria, eu teria sido enfermeira. Eu gostava de cuidar de pessoas que não conseguiam cuidar de si mesmas. Talvez tenha sido causado pelo meu passado, por ninguém cuidando de mim, crescendo.

Carl, um adulto gravemente incapacitado, foi meu primeiro emprego que não incluía ser garçonete ou trabalhar no supermercado. Carl foi o primeiro trabalho

que aceitei que me ajudou a desaparecer da face da terra. Acontecera por puro acidente, e até mesmo assumir o cargo de cuidadora de Eleanor acontecera por puro acaso. Eu estava muito grata, mas estava me sentindo necessitada novamente. Se eu pudesse ter a mesma sorte...

Patty me olhou, inclinando o queixo em direção à mesa na outra extremidade da sala. —Vá se sentar. Me deixe fazer um pouco de café.

— Oh, eu farei isso. — Eu já estava indo em direção à cozinha quando ela me dispensou.

— Não. Sente. Eu estive em um avião e em um carro metade do dia. Eu preciso me mover e entrar em ação. — Ela verificou seu Fitbit, observando seu número de passos. Depois que o bule de café ficou pronto, ela derramou o líquido em uma caneca e foi até o sofá com duas xícaras fumegantes. Ela me nivelou com um olhar depois de me entregar minha xícara. —Eu sei que há coisas acontecendo com você.

Meu corpo inteiro ficou tenso. Patty nunca me perguntou sobre minha vida anterior, uma vida que eu queria esquecer. Ela conhecia as regras, mas o olhar preocupado em seus olhos me disse que desta vez era diferente. Se ela me perguntasse sobre meu passado, eu não seria capaz de dizer a ela. Principalmente porque eu não queria mais ninguém envolvido na minha bagunça.

Ela colocou uma mão macia na minha sobre a mesa. —Não se preocupe. Eu não vou me intrometer. Eu não sei o seu passado. Mas eu conheço você agora. — Ela deu um tapinha na minha mão duas vezes, um olhar afetuoso em seus olhos. —E eu sei que você é uma boa pessoa. Uma pessoa que cuidou excepcionalmente de minha mãe nos últimos anos, até mesmo ficando com ela e deitada ao lado dela no hospital. Você tem planos para onde vai? Eu preciso saber que você vai ficar bem.

Meus olhos se voltaram para Eleanor em sua cama, e o canto dos meus lábios

se inclinou para cima. Ela era minha confidente em todas as coisas. Ela havia sofrido um derrame há alguns meses, que piorou sua saúde. Eu me recusei a ficar longe dela quando ela estava no hospital, ficando ao lado de sua cama até que os médicos decidiram que ela poderia ser tratada em casa.

Meus olhos focaram nas linhas gravadas na mesa enquanto eu agarrava o pingente em forma de coração que eles me deram. —Eu ficarei bem. Eu simplesmente não posso... — Eu simplesmente não posso dizer para onde estou indo porque não sei quais são meus próximos passos.

Mas uma coisa que eu sabia é que era um sobrevivente. *Eu faria o que tivesse que fazer para sobreviver.*

Patty abaixou a cabeça para que eu tivesse que encontrar seus olhos. —Quero te ajudar a encontrar um novo emprego. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. —Eu quero. Porque você me ajudou e porque eu sei que você tem um bom coração.

Suas palavras me atingiram como um caminhão, sua bondade era avassaladora. Eu balancei a cabeça com os olhos cheios de lágrimas, sabendo que sentiria falta desta família, minha família não convencional.

Ela assentiu resolutamente depois de me observar por um momento, como se tudo estivesse resolvido. —Eu vou conseguir para você o trabalho que você precisa. Mas será em Illinois. Se você estiver disposta.

Capítulo Quatro

Charles

Eu escapei da cama de Vivian, com cuidado para não acordar ela, mas assim que me levantei, ela se mexeu e abriu os olhos. Ela levantou a cabeça do travesseiro e seus olhos perfuraram os meus. Seu cabelo preto lustroso caiu sobre seus ombros, e ela se sentou.

— Charles? Já está indo embora? — Seu olhar deslizou em minha direção, passando por cima de mim com ousadia.

Eu balancei a cabeça e coloquei minha boxer e calça. —Sim. Desculpe, tenho que voltar para casa.

— *Casa. Uma casa não é um lar, são as pessoas com as quais você escolhe compartilhar.* — Palavras de Natalie. Não minhas. E embora eu tivesse as garotas que amava além da compreensão, minha casa desde a morte de Nat estava incompleta. Foi algo com o qual eu cheguei a um acordo.

— Charles, — ela proferiu, sua voz sedosa. Eu tinha apagado com Vivian novamente.

Eu me virei para ela, meu rosto se desculpando. Ela sabia qual era o nosso relacionamento. Eu não menti e fingi ser alguém que não era. Eu era uma casca vazia do meu antigo eu desde que Natalie faleceu. Isso foi tudo que eu poderia dar a Vivian. Era tudo que eu tinha.

— Eu sinto muito. Minha mente esteve em outros lugares.

Todo o estresse de procurar uma substituta para Patty estava pesando. Eu já estava em casa há quase uma semana e ainda não havia candidatas em potencial remotamente qualificadas para preencher o cargo de Patty.

Ela sorriu sugestivamente. —Sua mente e outras coisas estavam bem trinta minutos atrás.

Ela arrancou as cobertas e se expôs. Eu me afastei. Levou dois anos inteiros para eu ceder ao flerte de Vivian, mas isso não diminuiu a culpa. Como eu poderia estar traindo se minha esposa já estava morta?

No próximo segundo, suas mãos estavam em volta de mim e seus lábios contra o meu pescoço. —Fique, Charles. Eu farei valer a pena. Eu prometo.

Eu retirei suas mãos e olhei para ela. Vivian era incrivelmente bonita com sua pele morena clara e cabelo liso e sedoso, preto como azeviche, que descansava um pouco acima de sua cintura.

— Você sabe que eu não posso. Eu tenho que voltar para as meninas.

Seu comportamento calmo e controlado vacilou, e eu exalei profundamente. Eu não queria dar a ela esperança, esperança por um futuro entre nós que nunca viria.

— Vivian, talvez seja hora de nós...

Ela ficou na ponta dos pés e me silenciou com os lábios. —O suficiente. Já discutimos isso. Estou bem com este acordo, Charles. Eu sei que isso é tudo que você pode me dar agora.

Eu encarei ela, meus olhos firmes. —Esta é uma situação permanente para mim. Isso é tudo que posso dar a você, e você merece mais do que isso. Você merece um futuro com um cara que pode passar a noite. Vivian, você merece jantar e um filme e não algumas horas de sexo a cada duas semanas.

Suas mãos percorreram meu peito, lentamente subindo e descendo no meu mamilo. —Estou ansiosa para nossas sessões de sexo a cada duas semanas.

Peguei suas mãos nas minhas e meu peito apertou. Eu sabia que se eu cedesse a ela, ela aceitaria. O problema era que não havia mais nada em mim para dar.

— Essa é a coisa. Você deve esperar mais do que isso.

— Não estou procurando mais nada, Charles. — Ela ergueu uma sobrancelha fina e arqueada. —Eu não sou do tipo que casa ou com filhos. Você sabe disso sobre mim. E agora, isso é tudo para o que tenho tempo também.

Linda, mas violenta, Vivian parecia uma mulher, mas era construída internamente como um homem. Ela era sócia do escritório de advocacia que usávamos. Ela não era a advogada com quem lidávamos porque eu não complicaria ainda mais minha vida. Como eu, o tempo dela era limitado, mas a diferença entre nós era que eu escolhi dar tempo para minha família.

— Eu não quero ser aquele cara que te dá falsas esperanças. Eu já disse várias vezes, Viv, que você tem muito a oferecer.

— Chega, — disse ela, seu tom afiado, mas brincalhão. —Você sempre foi honesto comigo. Eu sou um adulto, Charles, e isso é o que eu quero. — Ela alcançou o botão da minha calça. —Eu quero mais uma hora, e isso é tudo.

Seus lábios encontraram os meus e eu estremeci. A coisa com a Vivian deu certo porque nos momentos em que estive com ela, desconectei meu coração do corpo. Porque aquele coração, o órgão que bombeia sangue para todas as partes do meu corpo, pertencia a outra pessoa. E essa outra pessoa não estava mais viva.

Na manhã seguinte, entrei na cozinha e encontrei Brad sentado à mesa da cozinha. Ele estava desgrenhado, uma bagunça de ressaca. Seu cabelo não estava penteado com sua perfeição normal e seus olhos estavam injetados. Mas ele estava vestido e pronto para o trabalho. Isso não era novidade, já que esse era o estilo de vida dele a que eu estava acostumado. Contanto que ele aparecesse para trabalhar e fizesse seu trabalho como vice-presidente e estivesse presente quando as meninas precisassem dele, eu não me importava com o que ele fizesse depois.

Um dia, alguém iria bater em sua bunda. Com sorte, uma mulher que domasse seus modos selvagens. Ele olhou para mim e acenou com a mão fraca. —Ei. Onde você estava ontem à noite? Você não estava em casa quando saí, o que era muito tarde.

Engoli em seco e caminhei em direção à máquina de café. —Vivian, — eu disse a palavra secamente, sem tolerar mais comentários.

Eu não sabia por que me sentia culpado. Éramos todos homens adultos. Alguns julgariam seu estilo de vida mais do que minhas escolhas de vida. Ainda assim, eu não queria viver essa vida. Eu tentei terminar com Vivian várias vezes porque não gostava de como nosso relacionamento era, como se ela fosse meu segredinho sujo.

Julguei minha bússola moral com base em minhas filhas, se elas teriam orgulho de mim. Elas ficariam orgulhosas de que seu pai estava saindo de casa para fazer sexo com uma mulher com quem ele não estava envolvido seriamente? Não, elas não iriam. Mas admiti que tinha necessidades e era um homem fraco. Não ficou mais fácil que Vivian fosse uma defensora de nosso relacionamento conveniente.

— Você precisa parar de se sentir culpado, — disse Brad, lendo minha mente. —Você não está fazendo nada de errado.

Eu ignorei seu comentário. Eu não julguei Brad com suas escolhas de vida. Ele nunca trouxe ninguém para casa para conhecer as meninas. Essa era uma regra tácita, e eu sabia que ele amava as meninas como se fossem suas, então ele não faria de qualquer maneira. Ele poderia viver sua vida como ele queria viver sua vida... mas eu... eu tinha filhas. Duas garotas. Sem mãe. Eu precisava me manter em um padrão mais elevado.

— Bebe um pouco de água. Fique sóbrio antes que as meninas se levantem, — eu disse.

— É bom ver que você ainda está de ressaca na manhã de segunda-feira, — disparou Mason ao entrar, pronto para o trabalho em seu terno azul-marinho bem passado, segurando seu portfólio. —Onde você foi?

Brad gemeu de tristeza. —Bar, jantar e depois voltar para a casa de Kelly.

— Num domingo à noite? — Mason disse, indignado. —E quem diabos é Kelly?

— Minha nova namorada. — Brad esfregou a cabeça, semicerrando os olhos como se doesse abrir os olhos.

— Você não pode chamar a nova garota que você acabou de conhecer em um bar de sua namorada. — Mason fez um barulho de engasgo no fundo da garganta, como se fosse vomitar. —Graças a Deus, as DSTs não são transportadas pelo ar.

Brad esfregou a têmpora. —Shh. Tranquilo. — Ele descansou a cabeça nas mãos. —De qualquer forma, o que está na agenda para hoje?

Mason lançou um olhar para Brad antes que sua cabeça voltasse para sua programação detalhada, a que ele imprimia todas as manhãs apenas para si mesmo. —A Sônia vai te dar sua programação quando você chegar ao trabalho. Mas para mim, além das dez horas de hoje com o novo fornecedor e nossa reunião trimestral com os gerentes, não tenho nada atribuído. A agência acaba de me enviar mais currículos de babás. Tenho que passar por eles, para que possamos marcar mais entrevistas neste fim de semana.

Brad gemeu de novo, mas por um motivo totalmente diferente. Eu queria me juntar a ele. Eu estava além de frustrado. Patty voltou de ver sua mãe, mas ela não havia mencionado nada sobre sua indicação. Se ela não fizesse até hoje, eu iria porque minha paciência havia acabado.

Mason fechou seu portfólio, ocupando seu lugar habitual à mesa. —Mas acho

que estamos chegando perto. Para encontrar a babá perfeita. Não se preocupe. Eu sou um ótimo leitor de pessoas.

Brad ergueu a cabeça e deu um sorriso malicioso. Ele me lançou um olhar e eu discretamente balancei minha cabeça. *Segure sua língua, irmão. É uma causa perdida.*

— Manozinho, — o tom de Brad transpirava com um humor leve, —bom leitor de pessoas? Eu teria que questionar isso, dada a sua escolha nas mulheres.

O sorriso sumiu do rosto de Mason. —Cale a boca, e é por isso que você será solteiro para o resto da vida. Você nunca terá o que Janice e eu temos.

Brad se encolheu, mas no segundo seguinte, ele respondeu. —Sim, se tudo que eu pudesse conseguir era uma garimpeira, então eu preferia ficar solteiro pelo resto da minha vida.

— Garimpeira? — Mary entrou, surpreendentemente toda vestida em seu uniforme, segurando sua varinha favorita em seus braços. —Eu quero ser uma garimpeira.

Eu sorri, balançando minha cabeça. Tive de reconhecer que Mary quebrou toda a tensão na sala.

Brad ficou sóbrio como se nossa mãe tivesse entrado na sala. Ele puxou o cabelo para trás, levantou-a e beijou suas bochechas cheias e redondas. —Você nunca será uma garimpeira.

— Mas eu quero. Eu tenho minha própria pá na garagem. Onde iríamos cavar por ouro? — Seus olhos azuis estavam arregalados e tão lindos, assim como os de sua mãe.

Mason riu ao lado de Brad. —Bem, existem áreas públicas de mineração. Vou ter que pesquisar.

Ela apontou sua varinha para Mason. —Faça isso. — Com sua varinha, ela

bateu no papel. —Vamos procurar minha babá hoje? Porque o Teddy Monster está pronto para fazer as perguntas. — Seu sorriso se alargou. —E eu criei uma pista de obstáculos que ela terá que passar.

Mason e eu trocamos um olhar divertido. Uma pista de obstáculos? Apenas minha filha. Se conseguissem passar no teste de Mary, seria contratada.

Mason tocou a ponta do nariz dela. —Não hoje, mas neste fim de semana.

Brad pôs Mary de pé e saiu correndo da sala. —Por que não podemos mudar a mãe de Patty para aqui de novo? — Ele disse, sua voz derrotada.

Eu não estava prestes a responder a sua pergunta recorrente. Ele já sabia por quê.

Brad inclinou o queixo para trás, seu olhar vagando até a porta por onde Mary havia saído. —Estamos procurando há semanas e não encontramos nenhuma pessoa remotamente qualificada para cuidar de nossas meninas.

— Quarta vez é um encanto. Tenho certeza disso, — disse Mason, embora eu pudesse dizer que até mesmo seu otimismo estava diminuindo.

— Acho que o ditado é: *a terceira vez é um encanto*, e já passamos disso, — disse Brad.

Patty entrou, tomada banho e estava pronta para começar o dia. Ela lançou um olhar em nossa direção e sorriu. —Por que esses rostos taciturnos, meninos?

Brad gemeu novamente. Ele caminhou até Patty, pegou a mão dela e ficou de joelhos, como se fosse pedir em casamento.

Patty jogou a cabeça para trás e riu. —Acho que você é um pouco jovem para mim. Isso levaria *o roubo do berço* a um outro nível.

Eu ri. *Brad e seu teatro.*

Ele fez beicinho. —Não... fique, Patty. Sou eu implorando para você ficar.

Ela suspirou, divertida. —Levante-se, Bradley.

— Vamos, Patty. Nós precisamos de você. — Ele pegou a outra mão dela. — Somos um bando de homens, criando meninas. Não quero nem pensar sobre hormônios e TPM e todas essas coisas pelas quais as meninas passam. Quem vai responder às suas perguntas?

Ela o puxou e deu um tapinha em sua bochecha. —Sente. Me deixe preparar o café da manhã e, em seguida, as meninas vão para a escola, e conversaremos sobre a minha substituição.

Eu me animei, me perguntando se ela finalmente iria nos dar essa candidata secreta que ela estava segurando.

— Essa e a coisa, nós olhamos e entrevistamos, e cada uma delas falhou. — Brad endureceu os ombros.

Pela expressão em seu rosto, eu sabia que ele nunca desistiria. Era uma de suas maiores qualidades, determinação. Patty me lançou um olhar e eu encolhi os ombros porque ele não estava errado ali.

— Patty, havia uma que cheirava a maconha, — disse Brad, enojado. —Mary disse que gostou do perfume dela, o que é um pouco assustador. Minha sobrinha estava ficando alta com a fumaça. Agora, é isso que você quer deixar para suas garotas, as garotas que você ama, nossas inocentes Mary e Sarah? — Seu olhar estava fixo no dela, desafiando-a.

Eu tive que dar a Brad, ele não estava desistindo. Patty suspirou e seus ombros caíram.

— Digamos apenas que ninguém pode se comparar a você, — eu disse.

— Bem, — ela inclinou o queixo, —isso é verdade. Mas acho que tenho uma solução. Não vou deixar minhas garotas com uma babá que fuma maconha, certo?

Brad acenou com a cabeça, parecendo o vencedor nesta partida. —Certo, estou feliz que você voltou a si. Vou tomar as providências para que Eleanor se mude para cá hoje.

Brad pegou o telefone, estava prestes a ligar para sua secretária, Sonia, provavelmente, mas Patty foi rápida em arrancar o celular de suas mãos.

Ela riu e deu um tapa de leve no ombro de Brad. —Eu tenho que preparar as meninas. Volto e então podemos conversar sobre a minha substituição. Acho que tenho a resposta para o nosso problema.

Capítulo Cinco

Charles

Depois de deixar as meninas, encontrei Brad, Mason e Patty na sala de reuniões da Brisken Printing Corporation. Tínhamos que estar no trabalho para uma reunião matinal, então sugeri que Patty fosse até o escritório, para que pudéssemos ter nossa discussão e ainda nos encontrarmos no horário programado com nossos fornecedores. Patty tinha uma solução e éramos todos ouvidos. Depois de três rodadas de entrevistas com babás, não tínhamos nada, e eu duvidava que a quarta rodada fosse melhor.

Sonia, a secretária de Brad, entrou e colocou um novo bule de café e alguns biscoitos no centro da mesa. —Aqui está o creme e o açúcar.

Ela o ajustou na bandeja e começou a sair quando Brad a chamou. —Ei, onde está o creme de avelã que eu gosto?

Brad não tomava creme aromatizado com seu café. Ele a estava provocando, o que era o que ele fazia de melhor. Sônia se virou, empurrou os óculos mais para cima do nariz, olhou para ele, piscou algumas vezes, sem se afetar, e então deu meia-volta e saiu direto da sala, como se ele não tivesse dito uma palavra.

Eu mantive meu rosto firme, mas Mason explodiu em gargalhadas ao meu lado. —E é por isso que a contratamos... porque ela não aceita sua merda.

O que era exatamente isso. Brad havia passado por uma fase de namorar todas as suas secretárias, que por sua vez desistiram quando não deu certo por causa de seu jeito playboy, o que atrapalhou nosso fluxo de negócios.

Agora, Mason e eu éramos responsáveis por contratar qualquer pessoa da equipe de Brad. Sonia tinha sido a contratação mais recente da equipe de Brad. Ela cuidava de sua agenda, o mantinha sob controle e, o mais importante, não se

deixava levar por suas travessuras de mulherengo. Ela tinha um namorado, o que era uma vantagem adicional. Não como se outras pessoas importantes tivessem dissuadido as outras secretárias, mas esta era Sonia. Sonia era diferente. Ela tinha auto respeito e uma aversão aos encantos de Brad.

Brad se recostou e ergueu o queixo. —A Sonia me ama. Ela só não sabe ainda, — brincou ele.

Patty recostou e tomou um gole de café, olhando para ele com aquele olhar onisciente que eu já tinha visto muitas vezes antes. —Talvez ela seja exatamente o que você precisa para mudar seus hábitos.

Brad ergueu uma sobrancelha, sorrindo, até tonto, e Mason apontou um dedo trêmulo para ele. —Nem tente. Não estrague uma coisa boa, certo? Temos esta empresa funcionando como uma máquina bem oleada desde que a contratamos. Não precisamos de você tentando ferrar sua secretária. *Novamente*. Quebrar o coração dela. Novamente. E fazer com que ela saia. Novamente.

Assistindo a cara de raiva de Mason, eu sabia que isso poderia aumentar rapidamente. Bati meus dedos na mesa. —Foco. Todos nós temos uma reunião às dez. — Eu me virei para Patty. —Então, você disse que tem uma solução, uma possível substituição?

Orei em silêncio para que este fosse uma candidata viável. Embora eu confiasse em Patty com minha vida, porque minhas meninas eram minha vida, ainda me perguntava se o que ela estava prestes a dizer seria realmente uma solução. Eu estava tão duvidoso que até duvidei de Patty.

— Eu tenho. — Seu olhar confiante pousou em cada um de nós. —Becky é atualmente a cuidadora da minha mãe. Ela tem a alma mais gentil. Muito gentil. Muito paciente. Muito amável.

Eu descansei meus cotovelos na mesa da sala de reuniões, observando Patty se iluminar, apenas falando sobre esta mulher, de quem eu já tinha ouvido falar

várias vezes antes.

— Eu a aceitei como minha pseudo filha. Sério. Eu gostaria de poder manter ela comigo, mas não faz sentido para mim pagá-la quando minha mãe estiver na casa de saúde para cuidados 24 horas por dia e eu estarei lá com ela. — O sorriso de Patty se alargou e seus olhos brilharam com um brilho interno. —Ela é jovem e precisa estar em outro lugar que não seja em uma casa com pessoas idosas.

— Quão jovem estamos falando? — Brad perguntou, um pouco interessado.

Mason o chutou por baixo da mesa e Brad deu um pulo. —O que? E por favor. Eu não sou tão idiota para transar com a babá cuidando das minhas garotas. É aí que eu traço a linha. Eu não vou fazer isso, não importa o quão gostosa ela seja. — Ele sorriu. —Ela é gostosa?

Patty acenou com a cabeça. —Sim, ela é muito atraente.

Brad balançou as sobrancelhas em um efeito exagerado.

— Há quanto tempo você conhece ela? — Peguei o café no centro da mesa e me servi de uma xícara.

— Bem, ela cuidou do filho do meu melhor amigo, que era deficiente, até morrer. Isso foi por alguns anos. E então ela cuidou da minha mãe desde então.

— De onde ela é originalmente? Ela tem experiência com crianças? Ela tem família própria? Você tem o currículo dela em mãos? — Mason cuspiu as perguntas em rápida sucessão e eu esfreguei minha testa.

— Então... — Houve uma longa pausa enquanto ela olhava para todos nós. —Em relação à formação dela, devo dizer que não sei muito sobre o passado dela. — Ela levantou um dedo, sem perder uma batida. —Mas eu confio nela de todo o coração. Eu confio nela com minha mãe. Eu confiaria nela com essas meninas também, e você sabe que eu amo essas meninas.

Brad bateu com a palma da mão na mesa. —Vendido.

As sobrancelhas de Mason voaram para a linha do cabelo. —Espere um segundo aqui. Ainda não realizamos uma verificação de antecedentes. Qual é o seu nome completo e número de seguro social?

Patty o encarou e balançou a cabeça. —Não é assim, Mason. Você não poderá fazer uma verificação de antecedentes dela, e ela só aceita dinheiro.

Estipulações, Patty havia dito. Era isso.

Ele piscou e depois piscou duas vezes para ela, como se não tivesse entendido ou essa fosse a resposta errada. Ele inclinou a cabeça, avaliando-a, e então disse lentamente. —Não. Desculpe, isso não vai funcionar. — Mason balançou a cabeça lentamente. —Quer dizer, sério? Confiar em uma pessoa que mal conhecemos, que vive em nossa casa, cuidando de nossas meninas, uma pessoa que nem podemos fazer uma verificação de antecedentes?

Brad apontou para Patty. —Patty basicamente garantiu por ela. É como se mamãe garantisse por ela. Em que isso é diferente do que mamãe concordou com a recomendação de Patty por tia Carol? Ela não fez uma verificação de antecedentes. Certo?

Isso era verdade. Os dois olharam para mim. Eles sempre olharam para mim para a resposta final. Eu tinha a palavra final em todas as grandes decisões na Brisken Printing Corporation e em todas as coisas relacionadas à família. Eu planejei nossa última aquisição, nossa última fusão. Eu planejei o funeral de nossos pais, tomei a decisão final sobre as flores, o local e a comida na recepção. Eu tinha a palavra final em todas as coisas.

Meu instinto me disse para confiar em Patty. Minha mãe e meu pai contrataram Patty por recomendação e, pela maneira como Patty falava sobre Becky, eu sabia que ela confiava nessa mulher. Se Patty confiou nessa mulher sua mãe e até mesmo nossas meninas, valeu a pena conhecê-la.

Mas eu não podia ceder ainda. Um pequeno sorriso se formou com a minha

ideia. —Acho que devemos submetê-la ao teste de Mary.

Capítulo Seis

Becky

Os homens Brisken me pediram para voar para Chicago, mas eu não pude. Eu não podia arriscar. Então, concordei em pegar um ônibus da Flórida para Chicago. Patty me pegou na rodoviária e eu fiquei muda durante todo o trajeto no carro deles, torcendo as mãos no colo.

— Você vai se sair bem, Becky, — Patty disse suavemente. —Eu falei de você. Além disso, tudo que você precisa fazer é ser você mesma.

— Obrigada, Patty.

O boca a boca foi como eu saí da minha situação. Foi assim que vivi os últimos anos da minha vida. Eu precisava desse trabalho. Eu não tinha uma grande rede de pessoas para me encontrar outro emprego ou um currículo que eu pudesse distribuir.

Eu soltei um suspiro e olhei para o tráfego consecutivo na nossa frente. Cidade grande. Outra oportunidade. Vida nova. Coloquei as palmas das mãos pesadas em meus joelhos, forçando-os a parar de tremer. Eu nunca morei em uma cidade grande. Minha vida antes consistia em fazendas rurais e comer em uma loja secundária local conectada ao nosso posto de gasolina.

Eu precisava disso. Patty havia me informado sobre a família. Algumas informações eu já sabia porque, quando ela chegava em casa para visitar Eleanor e falava sobre as meninas, eu engolia suas histórias como se fosse minha refeição favorita. Bebi seus percalços do dia-a-dia com senhorita Mary e conversas profundas com Sarah. Vivi suas excursões, férias e atividades diárias. Sim, eu estava nervosa, mas uma grande parte de mim estava animada para conhecê-los porque parecia que eu já os conhecia.

Ela acenou para um guarda, e ele abriu os portões de uma subdivisão de elite bem cuidada. Nós dirigimos por uma estrada sinuosa que levava a uma mansão palaciana que fez meu queixo cair no chão. Luzes destacavam os pilares da mansão que emolduravam a porta, e os arbustos da altura da janela gravados contra o edifício eram como linhas contra uma pintura.

— É apenas uma casa, — disse Patty, notando minha reação de choque. —O que faz um lar são as pessoas que moram. E não tenho dúvidas de que você aprenderá a amar essas pessoas.

Mordi meu lábio inferior. —Patty, estou nervosa.

Ela estacionou o carro e colocou uma mão carinhosa em cima da minha. — Você vai se sair bem. Promessa.

Eu gostaria de ter tanta certeza quanto ela estava comigo.

— Você pode me dizer o que esperar? Não me lembro da última vez que estive em uma entrevista. Acho que foi no meu último trabalho com contracheque no supermercado.

Patty riu. —Então, sim, você terá uma entrevista com todos eles porque Mason, ele é o mais jovem dos homens Brisken é o mais meticuloso com coisas assim. Ele vai querer uma entrevista formal. Mas imagino que sejam perguntas normais e um pouco descontraídas. Eu disse a eles para não se intrometerem em coisas que não deveriam.

— Certo. — Meus ombros relaxaram um pouco.

Eu empurrei as mangas do meu suéter com gola em V rosa claro. Pressionei a palma da mão suada no meu jeans escuro e puxei meu longo rabo de cavalo louro por cima do ombro. Eu usei meu melhor traje hoje. Eu teria usado calças pretas se tivesse alguma. Eu sabia que as primeiras impressões eram importantes e queria causar uma boa primeira impressão.

— O teste mais difícil que você fará hoje é o teste infantil. — Havia uma expressão engraçada no rosto de Patty.

Minhas sobrancelhas voaram para a linha do cabelo. —Teste infantil?

— Sim. Sarah vai concordar com o que seus tios e seu pai lhe disserem. Ela é sensata, ouve a autoridade e confia que as pessoas que a amam tomarão as decisões certas. — Ela deu um longo suspiro. —Mary... doce Mary, é uma outra história. Ela está tornando isso particularmente difícil, a busca por minha substituta. Eu acho, em sua mente, se eles não encontrarem outra babá, eu não vou embora, mas todos nós sabemos que não é o caso.

— Entendi. — Eu dei um aceno trêmulo. —Impressione a doce Mary, que não é tão doce. — Mordi minha unha mindinho e forcei um suspiro.

Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso. Talvez se eu acreditasse no mantra em minha cabeça, eu pudesse fazer isso.

Patty balançou a cabeça. —Ela é doce quando gosta de você e não há dúvida de que ela vai te amar. Mary tem esse dom inato de como ler as pessoas, suas intenções e seus corações. — Ela inclinou meu queixo com a leveza de seus dedos. —E você, Becky, tem o coração mais gentil.

A porta da mansão abriu e fechou e então abriu novamente. Por um breve segundo, um mini humano espiou, e eu vi um flash de cabelo loiro e olhos azuis elétricos. Meus olhos piscaram amplamente. Ela era deslumbrante.

A porta se fechou novamente e Patty saiu do carro. —E essa será minha Mary. É melhor irmos. Ela está nos esperando.

Com um grande suspiro, me endireitei e empurrei meus ombros para trás, exalando uma confiança que eu realmente não tinha. A voz de Patty ressoou na minha cabeça, e fiz disso o meu mantra. *Seja você mesma. Seja você mesma. Seja você mesma.*

Eu engoli em seco. E se não fosse bom o suficiente?

Quando entrei na casa, os três homens Brisken, todos altos e assustadoramente bonitos, com cabelos castanhos escuros e olhos castanhos chocolate, pararam no saguão para me encontrar. Eu tive que fazer uma pausa e piscar, quase me beliscando enquanto observava os três irmãos. Jurei ter entrado em uma revista com ricos e famosos.

— Oi. Eu sou Mason. — Ele ofereceu sua mão e eu apertei com firmeza.

— Eu sou Becky, — eu disse.

— Me deixe levar suas malas. — Ele tirou minhas malas de minhas mãos como se fossem ar.

Mason tinha uma constituição de corredor. Ele usava uma camisa polo bem passada, feita para o trabalho, e calças que estavam vincadas como se tivessem sido passadas recentemente. Ele já estava me avaliando com os olhos, tentando obter uma boa leitura de mim. Eu balancei em meus tênis e tentei controlar meus nervos. Patty havia me informado sobre cada uma de suas personalidades. Antes mesmo de ele se apresentar, eu teria adivinhado que ele era Mason.

Outro irmão Brisken deu um passo à frente, este com um sorriso travesso de menino, como se ele tivesse um segredo, e ele tinha baldes de charme escorrendo dele, simplesmente parado ali. —E eu sou...

— Brad, — eu disse, sorrindo, terminando a frase.

Ele riu, pegando minha mão. —Como você sabia? Patty tem falado sobre mim, — ele adivinhou. —É a minha beleza estonteante? Meu sorriso premiado? — Ele esfregou o queixo de uma forma exagerada e eu ri.

— Ela fala de vocês o tempo todo quando chega em casa. — Eu acenei para todos.

Ele acenou com a cabeça e, em seguida, inclinou, ficando no nível dos meus olhos. —Só saiba, eu não gosto de namorar babás, então não tenha ideias. — Apesar de suas palavras, ele me deu uma olhada de flerte. —Embora eu ache que você é bastante atraente. — Ele cutucou o ombro de Patty. —Você estava certa, Pats.

Eu inclinei meu queixo, meus olhos claros. —Mas se você não gosta de babás, toda a conversa sobre o que está acontecendo entre você e Patty é apenas fofoca, então?

Ele sorriu. —Já me ajoelhei. Pergunte a ela.

Patty simplesmente balançou a cabeça, como se estivesse acostumada com as piadas de Brad. Meus olhos encontraram o único homem que sobrou a quem eu não tinha sido apresentada, o pai das meninas, aquele que provavelmente tinha a palavra final. Ele tinha a constituição de um jogador de futebol americano, ombros largos e braços tão grandes quanto pedras. Seu rosto era robusto e bonito, e seu perfil era afiado e confiante e falava de poder.

Meus nervos dispararam novamente e respirei fundo para me acalmar antes de me aproximar dele. —E você deve ser Charles.

Quando coloquei minha mão na dele, tive uma forte consciência de meu coração batendo muito alto em meus ouvidos. Eu culpei o fato de que ele era o pai das meninas, então eu tinha que impressioná-lo ao máximo. Seus olhos eram de um marrom deslumbrante, me lembrando de chocolate derretido. Os outros irmãos também tinham olhos de chocolate escuro, mas algo nas íris de Charles me acalmou.

Onde Brad exalava charme, Charles exalava força. Não estava na largura de seus ombros ou na altura de mais de um metro e oitenta. Era a profundidade por trás de seus olhos, uma força com a qual eu estava familiarizada, viver uma vida que não tinha sido tão gentil.

— Eu sou. Becky, é bom finalmente conhecê-la.

Meu coração parou de gaguejar no meu peito, e quando ele falou, parecia que eu tinha sido bombeada com uma centena de tiros de adrenalina. Eu não sabia se era a ansiedade pela entrevista que fez minhas mãos suarem ou porque Charles era incrivelmente atraente.

Charles

Quando ela colocou a mão na minha, percebi como seus dedos eram macios, como eram frágeis, como sua mão era gentil, mas isso não era nada comparado com seus deslumbrantes olhos verdes, da cor de esmeraldas. Sua aparência externa delicada era contraditória com o que li por trás de seus olhos, uma força e poder por trás de seu olhar. Limpei a garganta, notando que estávamos parados ali alguns segundos a mais, nossas mãos cruzadas e eu não disse mais do que duas palavras.

— É um prazer conhecê-la, — disse eu, soltando minha mão da dela. —Patty nos falou muito sobre você.

Uma coisa que Patty disse com precisão foi que Becky era atraente, não de uma maneira exagerada, mas pela leveza em seus traços, seu cabelo loiro escuro, o formato de seu rosto e seu nariz de botão. Ela tinha uma coisa brilhante e cintilante nos lábios, quase da cor de um pêssego quente.

Engoli. Difícil.

Eu desviei meu olhar para encontrar seus olhos e soltei uma respiração estável. Algo em sua beleza me pareceu estúpido e sem palavras. Fiquei chocado com minha atração instantânea por ela. Não que eu não apreciasse a beleza das mulheres ao meu redor, no escritório ou caminhando no centro para almoçar,

mas nunca fui de dar uma segunda olhada. Seu rosto era delicadamente esculpido, sua boca pequena, seus lábios carnudos. Foi na simplicidade de sua beleza que eu não conseguia tirar os olhos dela.

Mason colocou suas malas perto da escada. —Patty pode mostrar o seu quarto, mas você quer começar com a entrevista primeiro?

Brad gemeu e revirou os olhos. —Você pode deixar a garota sentar ou relaxar ou mesmo mijar depois de sua longa viagem de ônibus?

— As meninas estão esperando, — Mason retrucou nosso irmão, e então ele desviou o olhar porque eu lancei a ele um olhar de advertência. —A menos que você queira descansar um pouco, e eu entendo isso também. Eu vou deixar isso para você.

— Não, está bem. — Sua voz tremia com um nervosismo que eu poderia facilmente perceber. —Podemos tirar a parte difícil do caminho.

Ela enxugou as mãos na frente da calça jeans, e minha reação imediata foi me inclinar para ela e dizer para não ficar nervosa. Quando ela sorriu, iluminou todo o seu rosto e iluminou meu interior.

Eu cocei minha barba de um dia, desejando ter feito a barba hoje. E de repente, eu me senti mal vestido quando olhei para minha calça jeans e camisa justa. Eu deveria ter usado algo mais profissional, embora estivéssemos tendo a entrevista em casa.

Becky seguiu Mason e Brad até nossa sala de jantar, onde Mary montou uma estação de bichinhos de pelúcia na longa mesa de vidro e Sarah sentou ao lado dela com seu diário.

— Meninas, — Patty começou, apontando para Becky ao lado dela, —esta é Becky, minha amiga.

Patty acenou para que as meninas se aproximassem e, depois que elas se

aproximaram, cada uma delas apertou a mão de Becky. A maneira como o rosto de Becky se iluminou me fez avançar lentamente. Seu sorriso era contagiante e eu encontrei o canto da minha boca puxando para cima.

— Patty me falou muito sobre vocês, meninas. — Ela se abaixou, colocando as mãos nos joelhos, entrando na linha de visão das garotas, diminuindo para seus tamanhos menores. —Que você, Mary, adora tudo que é gosma e Play-Doh, que adora especialmente fazer comida com isso.

Então, ela se virou para a minha excessivamente cautelosa Sarah. Com um olhar, eu poderia dizer que minha filha já a estava avaliando.

— E você adora Minecraft, Legos e registro no diário.

— Eu gosto de construir coisas, — Sarah respondeu, ostentando um sorriso cauteloso.

— E eu também gosto de brincar de médico, — Mary saltou, ficando no rosto de Becky, obviamente querendo toda a atenção de volta para ela.

— Isso é incrível, Mary. Adoro cuidar das pessoas, então me considero uma espécie de pseudo médica. — Ela piscou.

Eu percebi a interação delas, que era natural, diferente do fim de semana passado, onde a interação entre as crianças e babás em potencial parecia forçada, ensaiada. Pela primeira vez desde que toda essa descoberta de um novo desastre com a babá havia começado, um pedaço de esperança apareceu.

Quando Mary pegou a mão de Becky nas suas, eu sabia que ela já havia conquistado minha filha. Mas o comportamento quieto de Sarah me disse que ela ainda não estava exatamente dentro.

Patty apontou para os assentos à mesa de jantar. —Vamos começar, vamos? Monstro Piggy, Teddy e Pooh querem lhe fazer perguntas, Srta. Becky.

Mary sentou-se à cabeceira da mesa, ajoelhada para ficar mais alta. Ela não

tinha feito isso com as outras candidatas, pois suas entrevistas foram mais formais. Mas ela expressou sua opinião sobre entrevistar Becky. Mason, é claro, era contra, mas Brad sempre, às vezes excessivamente, acomodou cada pequeno desejo de Mary.

Becky sentou-se ao lado de Mary enquanto todos nós nos sentávamos. Eu era o oposto de Becky. Brad estava ao meu lado e depois Mason. De alguma forma, sempre acabamos sentados na ordem de nascimento, como se subconscientemente soubéssemos nosso lugar.

Mary cutucou seu porco de pelúcia rosa fofo. —Piggy quer saber o que você sabe cozinhar e o que você vai fazer para nos alimentar.

— Bem, engraçado o suficiente, cozinhar é uma das minhas especialidades. — Becky sorriu.

O canto dos meus lábios se curvou. Meus olhos piscaram para seus lábios brilhantes de novo, e me mexi na cadeira, uma inquietação enchendo meu peito porquê... *Merda, estou verificando a babá.*

— O que você gosta de cozinhar? — Para minha surpresa, a pergunta saiu da minha boca.

Os olhos de todos se voltaram para mim. Nas últimas entrevistas, eu não disse uma palavra, principalmente porque Mason e Brad lideraram todas elas. Eu simplesmente observei.

Eu limpei minha garganta. —As meninas não têm alergia, então isso é bom. Eu sei que há uma tonelada de crianças na escola que têm alergia, e isso é difícil, então estou feliz que nossas meninas não tenham nenhuma. — E agora, eu estava divagando, e não divagava normalmente.

Todos os olhos ainda estavam em mim, como se eu tivesse desenvolvido um par de orelhas extras

Eu inclinei meu queixo em direção a Mason. —Mason é muito rigoroso com sua dieta, então eu não preciso ser. Quer passar as suas restrições? — Eu ajustei a gola da minha camisa, sentindo o calor subindo pelo meu pescoço.

Está calor aqui? Sim, está quente aqui. Eu me levantei e olhei para o termostato. *Não, agradáveis trinta graus.*

Sentei enquanto Mason arrancava uma lista de alimentos aprovados de seu portfólio e a passava para Becky. — Sim. Então, eu só me certifico de que elas recebam mais proteínas do que carboidratos. Eu minimizo seus açúcares e não há conservantes ou bebidas açucaradas em casa. Suco de laranja espremido na hora está bem.

Becky procurou algo em sua bolsa. —Certo. Talvez eu deva tomar notas.

Brad balançou a cabeça. —Não se preocupe, Becky. Contanto que elas não estejam morrendo de fome ou desidratadas, você está bem. Não se preocupe com Mason. Ele caiu de cabeça várias vezes quando era mais jovem. — Sua boca se curvou em humor.

Mason olhou para ele e eu soube que em cerca de dois segundos, eles estariam na garganta um do outro novamente, então mudei de assunto rapidamente. —Sarah, você tem alguma pergunta?

Ela piscou para mim e balançou a cabeça lentamente, mordendo o lábio inferior.

Minha filha mais velha internalizou muito, e custou muito esforço da minha parte chegar ao fundo do que ela estava realmente sentindo. Fiz uma nota mental para levá-la para sair mais tarde para um encontro de pai e filha.

Nat sempre esteve em sintonia com Sarah, sabendo se algo a estava incomodando antes que ficasse fora de controle. Eu tinha que me lembrar de estar focado, presente e consciente, e geralmente estava com Sarah. Eu teria que

saber mais sobre seus pensamentos mais tarde, quando falasse com ela.

— Certo garotas, vocês podem sair e nos deixar cuidar disso a partir daqui, — eu disse, apontando para a porta.

Patty conduziu as meninas para fora, e depois que elas saíram, Mason começou suas perguntas regulares que ele tinha para cada candidato.

— Então, Becky, você pode nos contar um pouco sobre você e sua experiência de trabalho anterior?

Ela engoliu visivelmente e Patty lançou um olhar para Mason. Era uma pergunta fácil, mas o que Patty nos disse antes, eu sabia que não deveríamos estar pressionando muito.

Becky torceu as mãos em cima da mesa. —Bem vamos ver. Eu sou uma assistente de enfermagem certificada. Tirei meu certificado online e fui para a escola de enfermagem por um tempo, mas não terminei por causa da vida.

A curiosidade mordiscou minhas entranhas e eu descansei meus antebraços na beirada da mesa. Eu não deveria me perguntar que acontecimento de vida a impediu de obter seu diploma, mas não pude deixar de me perguntar.

— Eu cuidei de Carl desde quando ele tinha vinte até vinte e três anos. — Seus olhos piscaram em direção à mesa e depois para cima para encontrar nossos olhos. —Até ele morrer. Ele era uma alma incrivelmente amorosa e gentil. — Ela engoliu em seco e mordeu o lábio inferior. —E então, tenho cuidado de Eleanor desde então. Eu sei que seu corpo está se deteriorando, mas sua mente está afiada. Quer dizer, ela sofreu um derrame e perdeu a capacidade de falar, mas ainda pode me vencer no Scrabble.

Patty riu. —Aquela mulher e suas habilidades de construção de palavras são incríveis.

— Então, algum namorado, marido, filhos? — Mason disse.

Todos nós nos voltamos para ele.

Os traços faciais de Becky diminuíram. Foi a primeira vez que o sorriso permanente em seu rosto sumiu desde que ela entrou na casa. —Bem, sem namorado, sem marido... — Houve uma longa pausa, e eu vi um lampejo de dor em seus olhos, mas passou um segundo depois. —Sem filhos também.

Eles não perceberam porque não sentiram a mesma dor que eu senti. Mas eu jurei que estava lá.

Brad pegou a folha de papel, onde as perguntas estavam listadas, e virou-a para o lado em branco. —Minha vez. — Ele estava voando a sua vez. —Filme favorito da Disney?

À medida que as perguntas continuavam, observei cada reação dela. Eu conhecia seus sinais nervosos, o torcer de suas mãos, a mordida de seu lábio inferior. E a cada pergunta, aquela ponta de curiosidade crescia.

Uma coisa em que me destacava era ser um bom leitor de pessoas. Eu tinha que ser. Eu era o chefe da maior gráfica do país. Eu garanto que todos os CEOs têm os mesmos pontos fortes, sendo um deles o leitor de besteiras. Tive que tomar decisões multimilionárias pela Brisken Printing Corp., então não havia como mexer comigo quando minha família e as várias famílias que empregava dependiam de minhas decisões sensatas. Quando me sentei e observei Becky e tudo o que ela era, havia três coisas que percebi que contavam.

1. Ela estava nervosa.

2. Ela era uma pessoa genuína e confiante, como Patty havia indicado.

3. Ela tinha um passado. Um que ela queria enterrado profundamente e mantido lá.

Capítulo Sete

Charles

Trinta minutos depois, a entrevista acabou e Patty e Becky estavam do lado de fora, brincando com as meninas, enquanto meus irmãos e eu ainda estávamos reunidos na sala de jantar. Sentei enquanto Mason caminhava pela sala. Brad tinha levantado seus pés e colocado na outra cadeira, tirando o prazer de Mason enlouquecendo.

— Eu não gosto disso. Ela parece ser uma mulher legal, mas, falando sério, não sabemos nada sobre ela. Ela não pode nos fornecer um número de seguro social e... — Ele fez uma pausa. —Não posso fazer uma verificação de antecedentes dela corretamente porque não sabemos de onde ela é. E você sabe quantas Becky Summers existem por aí? E o nome dela é Becky ou Rebecca? — Ele coçou a têmpora e colocou uma das mãos pesadas no quadril.

Brad jogou os pés da cadeira. —Por que diabos você fez uma verificação de antecedentes sobre ela quando Patty disse especificamente que ela não estaria disposta a isso?

Mason ergueu as mãos como se Brad fosse louco. —Porque são Mary e Sarah, e eu disse a você, eu não poderia fazer uma corretamente.

Brad zombou, exasperado. —O que você acha que vai acontecer? Que Becky vai sequestrar as meninas e pedir resgate?

Mason deu um tapa na cabeça. —Esse cenário nem passou pela minha cabeça, mas merda, pode...

Um músculo saltou na mandíbula de Brad. —Escute, ela cuidou daquele homem deficiente por anos para o melhor amigo de Patty e depois para a mãe de Patty. Você não pode obter uma aprovação melhor do que a de Patty. — Brad se

virou para mim. —Então, irmãozão, em última análise, a decisão é sua.

Eu juntei meus dedos e recostei na cadeira. Eu já tinha me decidido e senti que Brad já sabia disso, caso contrário, ele não estaria me dando aquele sorriso vitorioso. Minha decisão foi baseada no fato de que Patty confiava nela, Mary gostava dela e, no momento, eu não tinha outras opções, já que Patty estava indo embora. Além disso, o meu radar pessoal me disse que Becky era uma mulher boa e de bom coração.

— Acho que devemos dar uma chance a ela.

Mason ergueu ambas as mãos para o teto enquanto sua boca escorregou. Sua voz era quase chorosa. —Charles, vamos. Vamos conversar sobre isso.

Jurei que meus pais o estragaram tanto, sendo o mais novo, que ele aperfeiçoou a lamentação, mesmo quando adulto. O alívio inundou minhas entranhas. Pela expressão no rosto de Brad, eu sabia que ele sentia o mesmo.

Brad se levantou e me deu um tapinha nas costas. —Vou reunir as tropas e dizer-lhes para se prepararem para o jantar.

Íamos ao restaurante italiano favorito das meninas hoje para celebrar Patty e o pouco tempo que tínhamos com ela. Eu balancei a cabeça e então forcei minha atenção para Mason enquanto eu estava de pé. Ele estava respirando com dificuldade, o rosto vermelho, como sempre fazia quando realmente acreditava que estava certo. Seu coração era bom, e ninguém, nem mesmo Brad, poderia culpá-lo por isso.

Eu me aproximei e coloquei minhas mãos em seus ombros. —Apenas ouça, — eu disse, sabendo que ele iria listar seus vinte motivos novamente sobre por que deveríamos ser cautelosos ao contratar Becky. —Poderíamos entrevistar centenas de candidatas, e todas elas poderiam parecer boas no papel, mas no final do dia, elas poderiam ser pessoas horríveis. — A determinação feroz em seus olhos suavizou então, então eu continuei. —Isso se resume a uma coisa,

confiança. E eu confio na Patty. Claro e simples. — Eu apertei seu ombro. — Patty ama nossas meninas como se fossem suas. Ela confia em Becky com a vida de sua mãe e até mesmo com nossas meninas. Patty garantiu totalmente por ela.

— Mas... — Ele começou a discutir, idiota teimoso que ele era.

Com um aceno firme de cabeça, eu disse. —Sem mas. Estamos dando uma chance a Becky. Não é uma solução permanente, então temos todo o direito de mudar de ideia. Mas, enquanto isso, seremos bons com ela e permitiremos que ela faça seu trabalho. Tudo bem? — Eu levantei uma sobrancelha. —Mason?

Ele soltou um suspiro e acenou com a cabeça, os olhos baixos. —Tudo bem.

Passei um braço em volta de seus ombros e o conduzi para fora da porta. — Agora, vamos jantar.

Becky

— Você foi contratada, — disse Charles.

Meus olhos se arregalaram antes de minha mão voar para minha boca e eu agarrei seu antebraço com as duas mãos. —Obrigada! — Então, fiquei vermelha porque, de fato, quase pulei sobre ele.

Em minha defesa, foi ele quem me transmitiu a notícia e era a pessoa mais próxima de mim naquele exato momento. Eu teria atacado Brad, Mason ou até mesmo Patty se eles tivessem me contado as novidades.

Eu queria culpar o constrangimento pelo calor que percorreu meu corpo, não a sensação de seu antebraço forte sob meus dedos. Poderia ter sido minha imaginação, mas eu juro que suas bochechas ficaram vermelhas. Eu recuei lentamente e observei os olhos de todos em nós, particularmente os olhos de seus

irmãos, que estavam em Charles.

Charles pigarreou e ergueu o queixo. —De nada... de nada, Becky, — ele gaguejou, desviando o olhar e apontando para a porta. Ele tirou sua carteira. — Você vai precisar disso. É um cartão de crédito para as despesas das meninas. Tem uma linha de crédito muito alta, então não vá desaparecer com ele.

Peguei o cartão dele e olhei para ele. Eu não sabia se isso era uma piada ou se ele estava falando sério porque seu rosto estava sério.

Ele se virou para Patty então. —Patty, por favor, dê a Becky o telefone que demos a você antes de ir.

— Vou fazer, — Patty respondeu, um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

— Devemos ir agora. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e puxou as chaves. — Hum... nós temos reservas para o jantar. — Ele puxou o colarinho e ajustou a camisa.

Enquanto todos saíam, eu apertei a mão de Patty ao meu lado. —Obrigada, Patty! — Então, eu a abracei porque estava além de animada e aliviada.

Não havia dúvida de que adoraria aqui pelas histórias que Patty me contou e a vibração que eu estava recebendo da família. Isso seria uma mudança, sem dúvida. Estava acostumada a cuidar de adultos, mas imaginava que as crianças trariam uma alegria diferente.

Quando Patty deu um tapinha nas minhas costas, eu sussurrei. —Isso foi estranho, hein?

Ela se afastou, sorrindo. —Não é estranho. Apenas engraçado. — Então, ela enganchou meu braço no dela. —E estou tão feliz. Isso me deixa à vontade. Você aqui, cuidando das minhas meninas.

Trinta minutos depois, paramos na frente de um restaurante italiano chique. Patty e eu fomos com Charles enquanto as meninas foram com seus tios. Eu sabia que era um lugar sofisticado, dada a quantidade de carros esperando pelo serviço de manobrista, o ambiente e até mesmo os clientes esperando para entrar, mulheres em seus vestidos bonitos e homens em trajes casuais de negócios ao lado.

Eu alisei meu suéter e puxei meu rabo de cavalo para o meu lado. Eu gostaria de ter trocado de roupa, mas não tinha nada sofisticado. Além disso, os homens não haviam mudado e estavam em trajes casuais. Ainda assim, eu não pude deixar de me sentir um pouco malvestida e fora do lugar.

Em letras grandes e em negrito, Café Itália foi escrito contra o toldo acima do restaurante. Eu nunca tinha ido a um restaurante chique. Nunca houve uma oportunidade de ir. O restaurante mais chique que eu já estive foi no buffet do cassino, e essa foi uma refeição combinada.

Um manobrista abriu a porta traseira do Range Rover de Charles e eu saí do carro. Brad e Mason haviam dirigido em um carro separado e estavam bem atrás de nós, e eu segui o clã.

Os olhos de todos se voltaram para Charles enquanto ele nos conduzia passando pelas pessoas que esperavam do lado de fora, passando pelas portas duplas, para o interior, onde uma mulher sofisticada com um cabelo encaracolado vermelho segurando cardápios nos cumprimentou.

Eu puxei o braço de Patty. —Patty, não tenho certeza se posso pagar uma refeição aqui.

Ela ligou meu braço ao dela. —Não se preocupe. Charles cuida de tudo.

Eu sorri sem jeito, todos os dentes aparecendo desta vez. —Tem certeza?

— Sim querida. Você é oficialmente empregada pela família Brisken.

Minha atenção foi forçada para a frente, para esta mulher alta com cabelo castanho-castanho lustroso de Pantene em um vestido justo.

— Boa noite, Sr. Brisken. Sua mesa está pronta. Por favor siga-me.

Obriguei-me a parar de me remexer e me concentrei em empurrar um pé na frente do outro. Eu não pude evitar. Eu estava um balde de nervos e totalmente fora do meu elemento em um restaurante chique com minhas roupas casuais.

Enquanto éramos escoltados para nossa mesa, observei todos notando os homens Brisken. Eu não poderia culpá-los. Eles eram lindos. Quero dizer, quando três homens altos, com aparência de modelo, cabelos escuros e olhos castanhos entraram no Café Itália, todos, homens e mulheres, velhos e jovens, ficaram boquiabertos enquanto passávamos pelas mesas na parte de trás do restaurante.

Talvez eles estivessem olhando porque Brad estava carregando Mary ou Sarah estava conscientemente fazendo Mason rir tão alto que fez todo mundo virar, mas meu dinheiro estava no fato de que essa família parecia ter saído de um comercial da Gap. Sério. Mas embora os homens fossem impressionantes em seus modos separados e únicos, Charles se destacou para mim. Porque sua beleza era como a de um deus que você não podia tocar. Forte, feroz, poderoso.

Ele não falava com frequência, mas quando o fazia, falava com autoridade e força. Sem dúvida, ele foi preparado e crescido em sua posição como CEO da Brisken Printing Corp. Fomos conduzidos a uma sala privada na parte de trás do restaurante, que tinha uma longa mesa para doze pessoas. Os aperitivos já estavam postos na mesa e, quando me sentei, dois garçons entraram, vestidos com camisas pretas de botão e calças pretas.

— Senhor, gostaria de suas bebidas e refeições regulares hoje? — Ele perguntou, dirigindo-se a Charles na cabeceira da mesa.

— Sim, mas também temos um novo convidado. — Charles acenou para

mim e eu sorri trêmula.

Eu não estava acostumada com a atenção sendo chamada para mim. Eu estava acostumada a ficar nas sombras. Para viver nas sombras, por necessidade. Só o pensamento de entrar na luz estava me fazendo estremecer. Assim que esse pensamento passou, automaticamente, meus olhos escanearam a sala, a vizinhança, e eu marquei a saída, como sempre fazia quando entrava em uma área desconhecida.

— Becky, o que você gostaria de beber? — Charles perguntou com um ar de gentileza.

— Só água, por favor, — eu resmunguei, aparentemente tendo perdido minha voz no processo de toda a atenção.

Suas sobrancelhas se uniram. — Tem certeza?

— Sim. — Eu balancei a cabeça secamente, para que ele não duvidasse de mim.

O garçom tirou um bloco do bolso de trás. —E para as refeições?

— Por favor, peça nossos pedidos regulares também. Becky? — Charles perguntou. — Leve o seu tempo, examinando o menu.

Engoli. — Acho que vocês vêm aqui com frequência. — Abri o menu e o examinei rapidamente. Eu nunca estive nesta posição, tendo que escolher entre minhas opções de refeições sofisticadas. Era divertido e também enervante.

— É o nosso restaurante favorito, — disse Sarah, pegando um palito de queijo do meio da mesa.

Abaixei minha cabeça no menu na minha frente, sentindo os olhos de todos em mim. O silêncio se seguiu, o que fez meus ouvidos ficarem incrivelmente quentes.

Eu levantei minha cabeça. —Sugestões, alguém?

— Eu gosto do macarrão com queijo aqui, — Mary respondeu, quicando em sua cadeirinha.

— Eu sempre pego frango à parmesão, macarrão sem glúten, com acompanhamento de vegetais. O frango é assado, não frito, — acrescentou Mason.

Brad apontou para mim. — Faça o que fizer, não escolha isso.

— Experimente o bife, Becky. É bom,— acrescentou Charles. —O bife aqui é macio, com a quantidade certa de gordura. Um pouco de gordura é bom no bife porque aumenta a suculência. Os pequenos pedaços de gordura encontrados dentro do músculo são chamados de marmoreio.

Os olhos dos irmãos se voltaram para Charles. A boca de Mason se entreabriu e Brad cobriu a boca para conter uma risada.

— O que? — Charles disparou.

Eu não entendia o que era tão engraçado.

Brad tentou diminuir sua diversão. —Eu não sabia que você era um especialista em bife.

— Eu... — Os olhos de Charles piscaram em minha direção, depois em seus irmãos e depois nas meninas. —Aprendi assistindo a todos aqueles programas de culinária com as meninas.

— Papai capta as informações mais interessantes, — acrescentou Sarah. — Eu nem me lembro desse fato.

Eu sorri.

— Certo. — Fecho meu menu. — Vou querer um bife ao ponto.

Enquanto nossa comida era preparada, percebi a interação da família, como o

Brad era um idiota exagerado; como Mason era o oposto em seu comportamento, atacando Brad quando podia; como Charles se recostou, simplesmente absorvendo tudo em sua força silenciosa, que era avassaladora. Normalmente, uma pessoa de sua estatura e altura me intimidaria, mas havia uma ternura em seu olhar enquanto lidava com suas filhas que aliviou e derreteu meu coração em uma poça de gosma.

Eu sabia que sua esposa havia morrido durante o parto, o que deve ter sido traumático para ele, mas me perguntei se ele ainda estava com o coração partido e se era por isso que ele não se casou novamente. No momento em que esse pensamento foi filtrado, me endireitei e balancei a cabeça. Eu não sabia nada sobre sua vida. Ele poderia muito bem estar a caminho de se casar com uma namorada com quem estava namorando.

Mordi meu lábio e disse a mim mesma para parar de me perguntar sobre meu novo e bonito chefe porque isso poderia levar a coisas muito perigosas, uma delas é o desemprego. Quando Brad e Mason brigaram ou Mary e Sarah começaram a irritar uma a outra, Charles os silenciou com algumas palavras. Quando ele falou, havia uma autoridade em seu tom que fez todos ouvirem.

— Papai, — choramingou Mary, —onde está a comida? Eu estou com fome.

Charles ergueu o queixo de Mary. —Em breve.

— Não consigo acreditar no serviço agora. Normalmente, é impecável, mas não hoje, — acrescentou Mason. —Estamos esperando a nossa comida há mais de uma hora. Isso é um pouco ridículo.

— Mason, querido— Patty deu um tapinha com a mão em cima da mesa, — paciência. E parece que é uma noite mais movimentada do que o normal.

Meus olhos percorreram a sala, para o restaurante lotado além das portas de vidro. Cada mesa estava ocupada. Um bom tempo depois, os dois garçons seguraram duas grandes bandejas circulares quando entraram. Quando eles

colocaram nossos pratos na nossa frente, minha boca encheu de água quando os temperos do bife filtraram por meus sentidos.

Já fazia um bom tempo desde a última vez que comi um bife e não conseguia me lembrar da última vez que comi um bife em um restaurante. Quando minha faca cortou a carne tenra e suculenta, eu fiz uma careta. A carne estava praticamente respirando, vermelha e malpassada, se tanto. Eu havia pedido que fosse médio.

— Sim, isso não vai funcionar. Acho que ainda está meio vivo, — Brad espiou ao meu lado.

— Está bem. — Eu poderia comer as batatas e vegetais, mas cara, eu queria um bife. Eu não queria fazer barulho.

Os olhos de Charles voaram em minha direção e de volta ao meu bife. O músculo em sua mandíbula se contraiu, mas ele ficou quieto. Quando o garçom veio trazer mais comida, Charles ergueu um dedo para chamar sua atenção. Ele apontou para o meu prato. —O bife dela está malpassado. Ela pediu ao ponto.

O pobre garçom baixou o olhar, já agarrando o prato. —Eu vou levar tudo para a cozinha em um momento.

— Quando podemos esperar de volta? — Charles perguntou.

O garçom encolheu os ombros e cambaleou para trás nos calcanhares. — Honestamente, senhor, estamos meio que sobrecarregados. Eu diria, dez ou quinze minutos.

Com um aceno de cabeça, ele disse. —Isso não vai servir. Deixe.

O garçom fez uma careta. —Tem certeza?

Charles apontou para a mesa. —Deixe isso.

O garçom obedeceu, provavelmente devido à seriedade na voz de Charles.

— Becky, você pode comer meu bife.

Eu balancei minha cabeça. —Não, está tudo bem. Estou bem.

Quando ele pegou meu prato, peguei o outro lado. Nós dois ficamos parados, a mesa entre nós, jogando cabo de guerra em um prato de bife cru.

— Apenas coma o meu. É ao ponto perfeito.

— Não, realmente, eu posso lidar. Esse é o seu bife. — Meu rosto esquentou. Eu odiava os olhos de todos em mim. Eu me saí melhor no canto, sem ser notada.

— Becky... — O tom que ele usou foi o mesmo que usou com o garçom e as crianças, mas uma coisa que não fiz foi me curvar quando estava sendo pressionada.

— Charles, está tudo bem, — eu disse, igualmente sucinta. Eu estava sentindo o calor do olhar de todos em nós e tentando não deixar isso me afetar.

— Crianças, não há necessidade de lutar neste bom estabelecimento, — disse Brad, pegando o prato entre nós, arrancando-o de nossas mãos e substituindo o meu pelo de Charles. —Agora, todos nós podemos comer.

Meu rosto ficou ainda mais vermelho, meu corpo inteiro parecia estar suando. —Está tudo bem, Brad, — eu disse.

Ele me lançou um olhar penetrante quando me sentei. —Nem tente. Ninguém pode vencer Charles. Eu não. Mason não. Nem as meninas. Não em um jogo de basquete, não em um jogo de Mario Kart, não na sala de reuniões, e duvido em um prato de bife. Então, sim... é uma causa perdida. Apenas aprecie sua comida.

Assim que Charles se sentou, meus olhos piscaram para encontrar os dele, derrota e um pouco de gratidão correndo por mim. —Obrigada. — Eu inclinei meu queixo em direção ao seu prato. —Você não vai mandar de volta para a cozinha?

— Está bem. — Ele cortou as tiras de frango de Mary ao lado dele. —Eu não quero fazer as meninas esperarem mais. Além disso, sempre comemos juntos.

O olhar em seu rosto me disse que eu não deveria tentar forçar. Eu não estava acostumada com as pessoas cuidando de mim dessa maneira. Eu estava acostumada a me defender sozinha. —Obrigada, — eu repeti.

— De nada. — Ele acenou com a cabeça, uma pequena ponta de sorriso na boca. — Agora, Mary, você pode, por favor, dizer graças?

Mary sorriu largamente. —Deus é bom. Obrigado pela comida.

A mesa riu.

— Tudo bem, vamos começar, — disse Brad, já girando o garfo em seu fettuccine.

Mordi meu lábio por um segundo, observando todo mundo comer antes de tentar a primeira mordida no meu bife. E era absolutamente divino. Minha boca estava no céu enquanto a carne derretia contra minha língua. Quase suspirei alto, era tão bom. Eu poderia ter abraçado Charles por desistir de seu jantar por mim.

— Então, agora que Becky está trabalhando para você... — A voz de Patty foi sumindo enquanto ela cortava o frango de Sarah ao lado dela. —Estou solicitando uma licença antecipada, neste domingo.

Charles endireitou-se na cadeira.

As sobrancelhas de Brad franziram. —Vamos, Patty ...

Mason franziu a testa visivelmente. —Porque tão cedo?

Seus olhos enrugaram enquanto ela falava. —Meu trabalho aqui está completo. Missão cumprida, como diria Sarah. — Ela deu um tapinha na minha mão na mesa. —E agora, Becky está aqui. Estou à vontade, indo embora. Vocês têm tudo que precisam agora.

Meu batimento cardíaco acelerou e eu soltei um suspiro. Todos os meus pertences podem ser embalados em duas malas. Dadas as minhas circunstâncias, não guardei nada comigo que não me permitisse sair rapidamente se fosse necessário.

Eu estava com Patty há tanto tempo que não pude evitar as borboletas nervosas que voaram na boca do meu estômago, indo para minha nova família sem ela. Embora estivesse animada para começar de novo, cuidando das crianças, não pude evitar o sentimento de apreensão de ir adiante. Eu não sabia nada sobre Chicago, a cidade grande, ou como cuidar de crianças. Eu pensei que haveria um período de transição, um momento em que eu deslizaria para o trabalho com Patty ao meu lado.

Achei que isso não estava acontecendo. O nervosismo torturante fazia meu estômago revirar e rodar, e meu bife não tinha o gosto tão bom quanto originalmente.

Capítulo Oito

Becky

Os dias seguintes voaram e, antes que percebêssemos, chegou o temido domingo. Mary e Sarah choraram o dia todo, o que é compreensível, pois Patty era a mulher que as amava e ajudava a criá-las nos últimos quatro anos. As meninas estavam perto de Patty, abraçando ela ferozmente no sofá, seus braços delicados em volta de seu pequeno corpo. Eu me encarreguei de me certificar de que todas as suas malas e caixas estavam devidamente etiquetadas.

Patty estava com a família Brisken há anos, então só fazia sentido que ela tivesse acumulado tantas lembranças pessoais de seu tempo juntos. Em minhas mãos e joelhos, etiquetei a quarta e última caixa. Charles pagou a mais para garantir que todos os pertences de Patty fossem todos de uma vez.

Quando eu inicialmente ajudei Patty a fazer as malas, percebi o quão entrelaçada ela estava em sua família. Presentes caseiros das meninas. Pinturas que elas fizeram juntas. Ela estava em quase todas as fotos de família e tinha passado algumas férias em família com eles, Bahamas, Disney, Universal.

Eu não pude deixar de olhar embasbacada com algumas dessas fotos, três homens corpulentos e sem camisa na praia com essas duas meninas. Fale sobre ímãs para garotas. Não havia como negar que os espectadores da foto olhavam abertamente para o fundo. Mas foi Charles que chamou a atenção.

De eu segurando seu antebraço, ao nosso incidente com o bife, à minha primeira noite aqui, quando ele trouxe meus pertences para o meu quarto, e logo depois quando eu o observei pegando as garotas, eu não conseguia parar de pensar nele, mesmo quando ele não estava na sala. Disse a mim mesma que precisava me controlar, mas me diga que mulher não se sentiria atraída por um homem que tinha a força e a constituição de Zeus e o mais gentil dos corações?

Eu poderia ser atraída por ele, isso não era um pecado, mas eu jurei depois do meu último relacionamento nunca mais compartilhar meus sentimentos e vida com outro homem. Ontem à noite, preparei as meninas com Patty, tentando memorizar a rotina, e encontrei Charles lendo uma história de ninar para Mary. Meu coração derreteu quando Charles deitou em sua cama minúscula ao lado dela, sua voz suave e doce, o oposto de seu tom normal de comando.

— Ela fez as malas? — O tom de Charles fez meu corpo aquecer novamente. Sua voz tinha um gatilho para meu termostato interno que eu não conseguia controlar. A única coisa que ajudou foi não olhar diretamente para ele.

— Sim, tudo embalado. — Eu fiquei parada, desviando meu olhar do rosto dele, e então me agachei para levantar a caixa, mas Charles chegou antes de mim.

— Eu vou levar.

Nossos olhos se encontraram e minha respiração ficou presa na garganta.

— Obrigada. — Minha voz era quase um sussurro. Seus lábios se curvaram, mas apenas ligeiramente. Era como se fosse um crime sorrir ou mais para que os seus sorrisos fossem reservados e os guardasse apenas para ocasiões especiais.

— Criado como cavalheiros. Nossa mãe nos ensinou bem, — disse Brad, deslizando ao meu lado.

Mason rosnou atrás dele. —Pare de flertar e coloque essas caixas e malas na van. — Ele estava arrastando duas malas atrás dele.

— Eu não estou flertando. — O sorriso de Brad sumiu. —Sem ofensa, Srta. Becky, você é linda, mas eu traço o limite para namorar a babá, já que você basicamente vai ser como uma família, e isso é incesto. — Ele fez uma cara de nojo fingida.

— Gostaria que você estabelecesse limites no namoro com suas secretárias.

— Mason olhou para ele antes que ele desaparecesse do lado de fora.

— Eu não namorei Sonia... — Brad gritou para Mason. Houve uma longa pausa, como se ainda devesse terminar.

Eu podia ouvir Mason lá fora. —Sim, a primeira que você não namorou. Vamos manter assim, certo?

Brad resmungou e começou a arrastar uma caixa porta afora. Charles entrou na casa com as mãos na cintura, o que esticou a camisa branca sobre seus ombros largos. Eu desviei meu olhar antes de começar a salivar por todo o chão. *Becky, controle-se.* Mordi minhas bochechas para me forçar a me concentrar. Este era meu chefe, aquele que me pagou. Ele deve ser o último da lista a cobiçar.

— Estamos quase prontos. A van está carregada. Vamos entrar no carro em cinco minutos. — Ele se dirigiu para a sala de estar, onde Mary e Sarah seguravam Patty com força.

Ela estava sussurrando algo em seus ouvidos, o que fez as meninas chorarem ainda mais.

A carranca no rosto de Charles era evidente. Ele ficou lá, ombros relaxados, olhando para a interação delas. Observei a expansão de seu peito, mas não houve expiração, como se ele estivesse prendendo a respiração.

Depois de uma batida, ele limpou a garganta, parando sob o batente da porta. —O motorista está aqui. Estamos saindo em alguns minutos. — Sua voz estava mais suave agora, mais triste ainda. —Mary, querida... certifique-se de usar o banheiro antes de irmos, certo?

Não houve resposta das meninas; apenas soluços suaves escaparam de seus lábios.

Depois de alguns segundos, ele se virou. —Vou esperar vocês no carro. —

Seus olhos encontraram os meus brevemente antes de ele sair pela porta.

Charles havia alugado uma van, com motorista incluído, para que nós sete, junto com as caixas e as malas, pudéssemos ir e nos despedir de Patty. Sarah, Mary e Patty estavam na terceira fila, e eu estava espremida entre Brad e Mason na segunda fila enquanto o motorista decolava da propriedade Brisken.

Charles se sentou no banco do passageiro na frente, em modo silencioso. A bochecha de Mary estava presa à camisa de Patty, e depois de trinta minutos em nosso passeio de carro, seus gritos cessaram e ela adormeceu em cima de Patty. Meu coração apertou quando pensei na distância entre nós, na perda desta mulher que foi uma figura materna para mim por anos. Eu sentiria muito a falta dela.

— Sentiremos sua falta, Patty, — disse Mason, virando-se para encará-la. — Precisamos de uma atualização sobre Eleanor, e se você precisar de ajuda com qualquer coisa, com a mudança dela... nos avise.

— Sentiremos saudades especialmente das suas panquecas de maçã. Certifique-se de deixar a receita para Becky, — acrescentou Brad.

Patty deu uma risadinha. —Eu fiz. Becky está em dia com todas as receitas, as meninas e seus horários. Ela tem uma memória fotográfica, essa. — Patty me deu um tapinha no ombro por trás.

— É assim mesmo? — Brad disse, virando-se para me encarar. —Você é boa em contar cartas? Você já foi ao cassino?

— Ignore-o, — disse Mason ao meu lado.

Eu simplesmente sorri. —Na minha vida anterior, eu morava no cassino. — Mordi minha bochecha assim que as palavras saíram voando. Eu não conseguia acreditar que tinha dito isso. Mason endureceu ao meu lado e eu engoli, me perguntando por que fui tão direta.

— Oh, nós queremos ouvir histórias. — Brad sorriu.

Charles olhou para trás dele, para mim, e eu prendi a respiração.

Pigarreando, disse em minha defesa. —Isso foi há muito, muito tempo. Anos. Hoje em dia, meu objetivo é ganhar dinheiro, não dar para caça-níqueis. Ou, mais precisamente, as mesas.

Eu puxei a gola do meu suéter e me mexi na cadeira. Eu queria dar um tapa na minha própria cabeça por deixar essas palavras escaparem.

— Você era boa? — Brad perguntou, genuinamente curioso. —Em sua juventude rebelde?

Eu desviei meu olhar, olhando direto para a minha frente. Eu precisava ter mais cuidado. Eu precisava assistir o que eu disse na frente desses homens. Acrescentei com cautela. —Meu ex-namorado era bom em jogos de azar. Se existe tal coisa. — Muito bom, por isso foi banido. Uma pessoa só poderia passar por uma sequência de vitórias sem fim por algum tempo até que as câmeras e as pessoas percebessem. Ele escapou com milhares antes de parar. — Eu meio que acabei assistindo. — Eu mordi minha língua para não falar mais.

Mentirosa. Eu tinha sido sua parceira. Por um longo tempo, foi a forma como pagávamos aluguel, comprávamos mantimentos. As memórias me inundaram de vergonha. Fechei meus olhos brevemente e afastei a culpa e todos os pensamentos associados ao meu passado. Empurrei-os profundamente para os recessos do meu cérebro que nunca visitei.

Quando chegamos ao terminal de embarque, soltei um suspiro pesado, agradecida que a atenção não estivesse em mim, porque quando nos aproximamos da placa da American Airlines, o carro ficou assustadoramente silencioso. Quando o motorista parou no meio-fio, Charles saiu do carro. Meus olhos o seguiram saindo para ajudar o motorista a descarregar as caixas da parte de trás. Mason e Brad se voltaram para Patty, estendendo as mãos. Ela os

agarrou com força, e seus olhos se encontraram por alguns bons e longos segundos.

— Prometa que você vai me visitar, certo? — Mason disse calmamente.

Ela acenou com a cabeça. —Eu irei. E temos Mickey na porta ao lado, então você terá que me visitar também. — Suas mãos frágeis se apertaram sobre as deles. —Vocês são bons homens. Eu não tenho que dizer para você cuidar das minhas garotas porque elas eram suas garotas antes de serem minhas. — Sua voz falhou no final. —Vocês dois serão bons maridos um dia. Só espero que você encontre mulheres dignas de seu amor. — Ela deu um tapinha maternal em suas mãos antes de soltá-las e lançar o braço ao redor de Sarah e da Mary adormecida em seu colo.

Brad riu. —Observe como ela disse que espera que nós dois, — ele acenou entre Mason e ele, —encontremos mulheres dignas de nosso amor.

— Cale a boca, — disse Mason, revirando os olhos.

Embora eu fosse nova, peguei rapidamente. Não era segredo que Mason tinha um relacionamento de longo prazo com uma mulher. Eu ainda não conhecia Janice, mas pelo que ouvi, não estava faltando nada. Ninguém, nem as meninas, nem os irmãos, nem Patty, gostava de Janice. Uma parte de mim estava curiosa sobre ela, portanto, queria conhecê-la, mas eu estava um pouco nervosa por ela ser uma bruxa total.

As portas duplas se abriram e Charles fez sinal para que saíssemos do carro. Brad saiu primeiro e, quando cheguei à borda, Charles estendeu a mão. Tentei ignorar o choque de calor que viajou pelo meu braço quando meus dedos encontraram os dele ou a forma como meu coração disparou, mas era inegável, como meu corpo reagiu a ele.

Mais uma vez, desviei meu olhar e foquei no chão. Sarah saiu do carro e voou para os braços de Mason, já em prantos. Ele a pegou no colo, abraçando-a

bem perto dele, como se ela fosse uma criança. Era tão querido que quase chorei. Eu me perguntei se ela sabia o quão sortuda ela era por ter pessoas que se importavam tanto com ela que estavam lá para confortá-la quando alguém a estava deixando. Uma pontada aguda me atingiu bem no peito enquanto eu pensava na minha falta de pessoas atenciosas, enquanto crescia. Eu o empurrei como normalmente fazia e me lembrei de estar no presente. Um presente pelo qual fiquei extremamente grata.

Patty beijou a testa de Mary repetidamente, fazendo com que a pequena acordasse.

Quando seus olhos inchados se abriram, ela olhou ao redor e começou a lamentar. —Não vá. Eu prometo ser boa, Nana. Eu prometo que vou ser tão boa. Eu prometo.

Meu coração parou quando a vi desmoronar. Eu mal os conhecia, e já, sua dor estava me despedaçando. Foi um festival de lágrimas completo. Assim que Charles teve que tirar a pobre Mary de cima de Patty, contive as lágrimas. *Eu não vou chorar. Eu não vou chorar.* Mas era tarde demais. Eu soltei algumas respirações superficiais quando tudo começou a me bater.

Patty saiu do carro. —Pare. — Ela colocou a palma da mão no meu rosto, gentilmente enxugando minhas lágrimas. —Não chore.

Meus braços a envolveram com força e minha cabeça foi para a curva de seu pescoço. Eu devia minha vida a Patty. Ela me acolheu como sua própria filha, confiou em mim para cuidar de sua mãe, me deu meu sustento e agora tinha me encontrado este emprego. Eu estive eternamente em dívida com essa mulher.

— Não é como se eu não fosse visitar. Tenho que ver todas as minhas garotas, incluindo você.

— Obrigada, Patty. Você nunca saberá o quanto eu aprecio você.

— Apenas cuide das minhas meninas, — ela sussurrou tão baixinho que eu mal a ouvi. —E cuide de Charles. De todos os homens, ele precisa de mais cuidados. — Havia um significado claro em suas palavras.

Pisquei para conter as lágrimas e, quando me afastei, ela deu um tapinha na minha bochecha. Charles entregou uma Mary perturbada para Brad antes de pisar no abraço de Patty, levantando-a em um abraço forte onde seus pés balançavam no chão, e então ele beijou sua bochecha da maneira mais doce.

Depois de colocá-la em pé, ele se inclinou para ela, ficando em sua linha de visão. —Você é família... ouviu isso, Patty? — Ele colocou um punho em seu peito e outro em seu ombro, olhando para a mulher muito mais baixa. —Eu te devo muito. Você amou minhas meninas, nossa família... e sou muito grato por você ter entrado em nossas vidas. — Sua voz estava embargada de emoção. —O que você precisar, sempre que precisar, não importa o que seja, você vem até nós, certo? — Ele a trouxe novamente, dando tapinhas nas costas dela. —Se há algo que você aprendeu sobre nós, é que cuidamos da família, custe o que custar. E você, Patty, é família.

Dei alguns passos saudáveis para longe, dando a todos tempo para se despedirem. Verdade seja dita, se eu ouvisse a proclamação de amor e gratidão de Brad, Mason e Sarah e seus abraços tristes, eu estaria perdida em um balde de lágrimas novamente. Quando Brad envolveu Patty em um abraço e a sacudiu como se ela fosse uma bonequinha, Charles caminhou em direção ao final da van.

Eu o observei a uma boa distância. Ele virou na direção oposta, de costas para nós. Ele beliscou o nariz, o queixo caindo sobre o peito. Depois de um longo tempo, ele colocou as duas mãos nos quadris e ergueu os olhos para o céu azul aberto, como se procurasse uma resposta escrita nas nuvens. Ele se virou e eu propositalmente foquei meus olhos no grupo reunido em torno de Patty. Era isso ou admitir que o olhei secretamente quando ele não estava olhando.

De repente, Charles veio em minha direção. As linhas de sua mandíbula estavam tensas, seus ombros erguidos, as costas retas, como se ele estivesse desconectado do que estava assistindo na minha frente, embora eu sentisse o quão perturbado ele estava, já que vinha dele em ondas. Estava em seus olhos, que continham tanta tristeza.

Eu não sabia o que aconteceu comigo ou de onde veio toda a minha coragem, mas me abaixei e agarrei sua mão, dando-lhe um aperto suave. —Tudo ficará bem. Eu prometo que ficará, — eu sussurrei. Porque prometi a Patty que seria, que cuidaria dessas crianças como se fossem minhas.

Ele me surpreendeu entrelaçando nossos dedos no mais íntimo dos abraços, embora seu olhar permanecesse no grupo. —Eu sei que será. Tem que ser. Porque esse é o meu trabalho, para ter certeza de que está tudo bem. — E eu senti o peso de sua responsabilidade em sua voz.

Com isso, segurei com mais força, esperando que ele pudesse sentir minha própria determinação e um pouco de força ali. Eu odiava como ele tinha recebido cartas tão ruins na vida, mas ele tinha que saber, pelo menos por enquanto, que ele não teria que passar por isso sozinho.

Só então, seu olhar se voltou para mim, e eu jurei que tinha visto o fantasma de um sorriso. Ou talvez fosse apenas um pensamento positivo, mas de qualquer forma, meu coração deu um salto e deu um pulo.

Capítulo Nove

Charles

Becky foi ótima com as meninas quando voltamos do aeroporto. Ela brincou de Barbie com Mary por pelo menos uma hora e construiu uma espécie de fortaleza com Sarah em um fórum online. Depois do jantar, todos estavam emocional e fisicamente exaustos do longo dia em que se despediram de Patty. Becky estava preparando as meninas para dormir e eu limpando a cozinha quando Brad e Mason entraram.

— Ei... — disse Mason, aproximando-se com sua bolsa Cartier sobre o ombro. —Estou indo para a casa de Janice hoje à noite, se estiver tudo bem. Já se passaram algumas noites desde que eu a vi.

Brad coçou o topo da cabeça. —Sim. Eu queria ir para a cidade esta noite também e verificar minha casa.

Eu levantei minha cabeça da pia, nivelando-os com um olhar. —Você não precisa da minha permissão para sair.

Eles ignoraram a declaração.

— Você quer que eu fique para ajudar com a rotina matinal de amanhã? — Perguntou Brad. —Porque posso ir para a cidade amanhã à noite. — Ele compartilhou um olhar secreto com Mason, e isso me irritou muito porque era isso que eles faziam, se preocupavam comigo quando eu estava perfeitamente bem.

Eu cruzei meus braços sobre meu peito. —Não. Temos Becky. Ela ficará encarregada da rotina matinal e eu estarei aqui, então... — Voltei para a pia de pratos e me concentrei em enxaguar eles e colocar na máquina de lavar louça.

— Está bem. Eu vou ficar, — disse Brad, o que me fez fechar forte a

máquina de lavar louça. Talvez tenha sido injusto. Eles estavam simplesmente preocupados e cuidando de mim. Mas eu estava acostumado a mudança. Se alguma coisa, mudança era tudo que eu conhecia.

— Escute, vou ficar bem amanhã. — Além disso, Becky estava aqui para ajudar com as meninas.

Quando eu desabei? Certo, aquela vez, a primeira vez quando Natalie morreu, mas os meninos não testemunharam, apenas minha mãe. Eu prometi a mim mesmo que isso nunca aconteceria novamente, e não aconteceu. Talvez minha mãe tenha contado a eles. Eu não colocaria isso além dela, já que éramos tão perto.

— Vai ficar tudo bem, — eu disse lentamente, para que eles acreditassem em mim e entendessem a dica.

Isso era o que acontecia com meus irmãos, eles sempre estiveram aqui. Quando nossos pais morreram, eles se mudaram para me ajudar a criar as meninas. Que homens na casa dos vinte anos deixaram suas vidas para criar duas meninas? Eles tinham. Eles mudaram seus horários e, no início, um deles sempre estava aqui de manhã para deixar as meninas na escola, para ajudar Patty a prepará-las. Ambos estiveram aqui em todos os marcos, participando da maioria dos shows e eventos da escola.

Eles se certificaram de que estavam presentes e as meninas não sentiram falta de apoio. E eu os apreciava, de verdade... mas uma grande parte de mim sentia como se estivesse tirando uma parte de suas vidas. A culpa às vezes era avassaladora. Foi um sentimento natural com o qual vivi, ele me cercava e eu aceitei o fato de que sempre estaria lá. Não precisei dizer a eles como me sentia porque eles sabiam e discordavam, ainda querendo estar sempre presente na vida das meninas.

— Promessa. Se eu precisar de vocês, eu ligo. — Eu lancei a eles um

pequeno sorriso para uma boa medida.

Meu olhar saltou para frente e para trás entre eles e, depois de um segundo, Brad assentiu. — Certo, vou dizer boa noite para as meninas e arrumar minhas coisas.

— Tudo bem então. Vejo você amanhã à noite para o jantar. — Mason deu um tapinha nas minhas costas e Brad me saudou enquanto caminhava até o saguão. Minhas mãos caíram na beirada da pia e deixei minha cabeça cair. A saída de Patty seria um ajuste, mas ficaria bem, certo?

Tinha que ser.

Capítulo Dez

Becky

A escuridão me cerca, e a pressão em meus ouvidos é tão avassaladora que acho que meus tímpanos vão explodir. Meu coração bate mais alto, mais rápido, mais forte. Eu ouço as batidas do meu peito em meus ouvidos. Mas o que é avassalador é a pressão. A pressão intensa acima de mim. Abaixo de mim. Tudo ao meu redor.

O pior é... eu não conseguia respirar. Não consegui colocar ar em meus pulmões.

Não. Conseguia. Respirar.

Eu perco o foco. Tudo escurece ao meu redor. E eu estou flutuando no espaço, mas este espaço parece quente e, pela primeira vez, seguro, então eu dou as boas-vindas a este espaço na escuridão porque no escuro, nesta área, não há dor. Eu deixei isso me levar. Me levar para baixo. E eu sei o momento em que o ar de meus pulmões lentamente deixa meu corpo até que eu não tenha mais ar para respirar. Mas então... sou levada de volta à realidade, atingida por um impacto, uma dor insuportável que me lembra que este inferno é a minha vida.

De repente, me endireitei na cama, suando profusamente, respirando pesadamente. Minhas mãos voaram para o meu peito, me abraçando, me mantendo junto. Eu olhei ao meu redor, as paredes amarelas claras, as cortinas neutras e exalei profundamente, um grande suspiro de alívio. Este era meu novo quarto, meu novo emprego. Este não era o inferno em que eu morava. Eu inalei profundamente, respirando em grandes e avassaladores goles.

Eu estou viva. Por favor. Espero não ter gritado desta vez.

Tirei as cobertas de cima de mim, calcei meus chinelos e desci as escadas, precisando de um gole d'água. Eu não estava na casa dos Brisken há muito tempo, mas já tinha memorizado meus arredores. Foi assim que eu me treinei, para saber onde estava o tempo todo e saber onde ficavam as saídas. Eu caminhei levemente pelo foyer, pelo corredor e para a cozinha. O chão rangeu com o tempo, mas eu estava leve na ponta dos pés.

Acendi a luz para pegar um copo no armário e abri a geladeira para pegar um pouco de água. Meus olhos captaram uma sombra em minha visão periférica. E então eu gritei. O vidro caiu no chão e se estilhaçou.

Charles se levantou da cadeira da mesa da cozinha e ficou ao meu lado em um nanossegundo, se abaixando para pegar os grandes cacos de vidro.

— Eu não queria assustar você, — disse Charles.

Depois de recuperar o fôlego, encontrei seus olhos. —Eu não esperava você lá. — Claro que não. Ele estava sentado no escuro.

Ele riu. —Eu sinto muito. — Então, ele respondeu minha pergunta com um aceno de seu queixo. Ele pegou outro pedaço de vidro e jogou no lixo. —Não se mexa. Eu vou pegar a vassoura.

Eu me movi, sentindo uma beliscada afiada no dedão do pé. —Minha nossa. — Eu pulei em um pé, percebendo que tinha pisado em um caco de vidro.

— Eu disse para ficar quieta. — A voz de Charles cresceu.

Eu vacilei, me encolhendo. Odiei que fosse uma reação automática, que meu corpo tivesse sido ensinado ao longo dos anos a temer um homem assim. Ele se acalmou, seus olhos se arregalando um pouco. Quando eu tirei meu olhar dele, ele caminhou em direção ao armário. Ele voltou com uma vassoura, varrendo todos os pequenos pedaços de vidro. Dobrei minha perna e puxei o pedaço de vidro do meu dedo do pé, e pequenas gotas de sangue correram para a superfície.

— Você tem um Band-Aid? — Eu perguntei, aplicando pressão no meu dedão do pé.

Um momento depois, eu gritei porque braços firmes foram colocados sob meus joelhos e eu estava fora do chão. Meus braços envolveram seu pescoço e senti seus ombros fortes pressionados contra meu corpo. Engoli. Este homem deve morar na academia. Minha pulsação acelerou com a proximidade dele.

Ele me colocou em cima da mesa da cozinha e desviou os olhos. —Eu não queria que você pisasse em mais vidro. Vou precisar limpar essa área mais tarde. — Ele caminhou em direção a um conjunto de gavetas ao lado da máquina de café e tirou um kit de primeiros socorros. Depois de colocá-lo sobre a mesa, ele abriu um lenço com álcool, sentou-se na cadeira e levantou meu pé.

— Eu posso fazer isso. — Minha voz tremeu e o pânico se instalou em minhas entranhas.

Só então seus olhos encontraram os meus, de um profundo castanho aos meus verdes. —Está bem. Estou acostumado com isso. Mary é um demônio acrobático, mas também o maior bebê. Eu tenho que enfaixar seus pequenos cortes de papel. — Ele levantou a barra da minha calça do pijama e seus olhos brilharam nos meus.

Eu puxei meu pé para trás, meu joelho no meu peito.

— O que aconteceu com o seu tornozelo? — Sua voz se intensificou.

Engoli em seco e não consegui encontrar seu olhar. —Eu era uma destemida na minha juventude. Acidente de bicicleta. — A mentira saiu naturalmente, fluindo de meus lábios, enquanto eu repetia a história um milhão de vezes antes.

Eu levantei minha cabeça e ofereci um pequeno sorriso. Ele não o devolveu.

Mais uma vez, ele gentilmente levantou meu tornozelo e encontrou meus olhos. —Posso?

Mordi a unha do polegar, sentindo-me envergonhada de repente. —Claro.

Quando ele limpou meu dedão com o algodão embebido em álcool, prendi a respiração. A ação foi lenta e deliberada. Suas mãos fortes estavam tenras contra minha pele, e em todos os lugares que ele tocava parecia íntimo de alguma forma. Mordi meu lábio inferior, observando-o enquanto o calor se espalhava por todo o meu corpo.

Depois que ele rasgou uma bandagem e enrolou em volta do meu dedo do pé, ele se levantou. Na minha frente, entre minhas pernas. Meu coração disparou loucamente com sua proximidade.

Seu peito era uma parede enorme, seus ombros grandes como pedras, e ele era deslumbrante, seu cabelo uma bagunça desgrenhada, compreensivelmente, já que eu presumi, ele rolou para fora da cama. Mas sua atratividade não estava na escuridão de seu cabelo ou na força de seu corpo na minha frente. Estava na gentileza em seu comportamento, em seu toque.

Ele era uma anomalia ambulante. Seu corpo era construído como o de um jogador de futebol, sua personalidade era grande como a de um Deus, mas ele era caloroso, gentil e quieto. Seus olhos brilharam em minha boca, e eu juro que foi como se o ar tivesse sido aspirado para fora da sala. Meu coração estava na minha garganta. Eu não tinha estado tão perto de um homem em anos.

Sem aviso, meus mamilos endureceram sob minha camisa. Merda! E, claro, eu não estava usando sutiã. Seus olhos piscaram para os meus seios e ele soltou um suspiro trêmulo. Recuando, ele limpou a garganta, passando a mão pelo cabelo, e então se virou e foi direto para a geladeira, como se estivesse com vergonha de eu o ter pego olhando quando eu deveria estar com vergonha.

— Me deixe pegar um copo d'água para você e depois limparei este chão.

Eu pulei da mesa. —Eu posso pegar.

— Não. — Ele se virou para mim, cerrando a mandíbula. Seu tom severo me fez parar no meu lugar. —Por favor... sente-se, Becky. Eu não quero que você se machuque novamente.

Eu fiquei lá, parada e estoica, piscando para ele. Tive a sensação de que esse homem mal usou a palavra por favor. Então, eu me sentei. Como uma criança ouvindo. E por alguma razão, embora eu tivesse me defendido por mim mesma durante a maior parte da minha vida, eu obedeci. E por outro motivo completamente desconhecido para mim… gostei.

Charles

Uma coisa que eu sabia sobre mim mesmo era que não era um mentiroso. Eu não menti para os outros, e definitivamente não menti para mim mesmo. Quando Natalie morreu, eu não disse a mim mesmo que tudo ficaria bem. Eu sabia no meu íntimo que as coisas nunca ficariam bem, mas endireitei meus ombros e disse a mim mesmo que tinha duas meninas para criar e pessoas que dependiam de mim.

Eu decidi que a vida era uma merda, mas a verdade era que eu tinha o negócio e pequenas vidas para cuidar. Então, agora, eu não estava prestes a mentir e dizer a mim mesmo que não estava atraído por Becky, porque estava. Ela era incrivelmente bonita, mas de uma forma tranquila. Ela não queria ser notada, mas eu percebi. Eu percebi tudo sobre ela.

Quando entreguei a ela o copo d'água, meus olhos me traíram e piscaram em seu peito bem dotado. Novamente. Porra, eu era um ser humano terrível. O pior clichê que um homem poderia ser, atraído por sua babá. Eu desviei meu olhar, grunhiu e fui pegar o esfregão.

— Eu posso fazer isto, Charles.

Eu balancei minha cabeça. —Não, está bem. Eu só quero cuidar disso porque as meninas estarão aqui de manhã, e eu não quero pequenos cacos de vidro em todos os lugares.

Ela ficou em silêncio e eu trabalhei em silêncio. Levei alguns minutos para limpar e secar tudo, e me juntei a Becky na mesa com meu próprio copo d'água.

— Você sempre faz isso? Sentar no escuro? — Ela perguntou novamente.

— Às vezes, — eu disse, focando na condensação no vidro.

O que eu não disse a ela é que, na maioria das noites, eu estava aqui embaixo, no escuro. Porque eu não aguentava ficar no meu quarto sozinho, sem Nat. Eu costumava ser o homem que dormia profundamente todas as noites. Natalie costumava reclamar que, assim que minha cabeça bateu no travesseiro, comecei a roncar. Eu não era mais aquele homem. Quase não dormi mais. Eu estava acostumado a funcionar com pouco ou nenhum sono, principalmente porque eu revivia aquela noite horrível repetidamente.

— Por que? — Suas sobrancelhas se arquearam.

— Eu tenho problemas para dormir, — eu disse honestamente, honestamente demais.

— Eu também.

Havia uma tensão em sua voz que me fez travar meus olhos nos dela. Eles eram da cor verde mais bonita que eu já vi. Eu me peguei querendo me afogar neles.

— Por que? — Perguntei. Mais curioso do que deveria.

Ela balançou a cabeça, concentrando-se na mesa agora. Eu sabia que não devia forçar muito. Eu sabia que ela tinha um passado e precisava me concentrar no fato de que ela era nossa babá e não olhar para seus seios. O que um patrão honrado faria era se levantar, dizer boa noite e deixá-la seguir seu caminho, mas

eu era um patrão intrometido. Tive uma curiosidade tão forte que era difícil engolir essa maldita água que continuava bebendo.

Eu sabia como isso funcionava. Olho por olho. Afinal, eu estava no negócio.

Então, eu ofereci. —Não consigo dormir por causa dos pesadelos. — Minha voz não soava como a minha; era suave, distante, desconectada.

Ela olhou para mim porque eu consegui sua atenção. Eu não tinha contado a ninguém além do meu terapeuta que ainda tinha pesadelos com Natalie morrendo na cama do hospital. Eu ainda imaginava seu rosto exultante enquanto a enfermeira colocava uma Mary chorando em seus braços, momentos antes de ela começar a ficar azul e eles me tirarem correndo da sala. Sua pressão arterial disparou. Ela teve pré-eclâmpsia e...

A voz de Becky estava cuidadosa, curiosa, assim como eu. —Esses pesadelos vêm todas as noites?

Soltei uma respiração lenta. Eu não queria dar muito, revelar muita verdade, verdade que eu não queria que os outros vissem, que eu realmente não estava bem. Meus irmãos continuaram a se preocupar comigo e não precisei acrescentar mais nada aos pratos deles. Para todos, para o mundo, minha vida, mesmo depois de minha falecida esposa, era perfeita. Eles simplesmente não sabiam que, todos os dias, eu caminhava pela vida, sem ver, apenas seguindo os movimentos. Eu não consideraria isso viver, apenas ser.

Eu a encarei por alguns segundos antes de deixar escapar um pouco mais. — Não todas as noites. Mas na maioria das noites. — Tomei um gole d'água, esperando que ela me desse algo... qualquer coisa. Mais…

Porque eu queria conhecê-la mais. Fazia apenas dias desde que eu a conheci, mas a necessidade de conhecê-la superou a minha necessidade de manter meus pesadelos em segredo. Uma verdade que me chocou profundamente.

Depois de respirar fundo, ela sussurrou no ar. — Eu também tenho pesadelos.

Nós dois ficamos em silêncio por um instante, sabendo que estávamos compartilhando detalhes íntimos agora, rompendo o selo da relação babá-empregador. Ela provavelmente poderia adivinhar o que era o meu. Achei injusto que minha vida pudesse ser lida em um jornal ou na internet, sendo o CEO de uma empresa de destaque, e não sabia nada sobre o que a mantinha acordada à noite.

Eu precisava saber, então continuei dando trechos do que me assombrava, trechos que nunca deixei ninguém ver. —Às vezes, eu tenho uma folga. O mais longo foi uma semana, e então eu achei que os pesadelos acabaram... mas eles voltam mais claros. — Mais assustador. Tão vívido que às vezes acordo suando frio, gritando por Nat. Becky segurou seu copo com mais força, seu olhar caindo para a mesa.

— Você é sortudo. — Ela ficou. —Meus pesadelos nunca me dão uma pausa. — Ela caminhou até a máquina de lavar louça e colocou o copo na gaveta de cima, já encerrada a conversa. —Boa noite, Charles. Obrigada. — Ela levantou o pé e mexeu o dedão do pé enfaixado.

— Boa noite. — Achei que era tudo o que eu conseguiria, mas se seus pesadelos nunca cessassem, talvez ela estivesse aqui amanhã à noite.

Meus ombros relaxaram e, por mais patético que parecesse, fiquei aliviado por ela também ter pesadelos. Porque esta noite foi a primeira vez desde a morte de Natalie que me senti menos sozinho.

Capítulo Onze

Becky

Na manhã seguinte, acordei cedo antes das meninas para fazer o café da manhã e embalar o almoço. Patty me deu um cronograma de quando as meninas se levantaram e a que horas elas deveriam estar fora de casa, então elas não se atrasaram para a escola. Eu funcionava de acordo com os horários com Eleanor e seus remédios, então as instruções detalhadas de Patty me deixaram à vontade.

Quando desci as escadas, Charles já estava lá, parado ao lado da máquina de café, vestido com um terno azul marinho escuro, pronto para trabalhar. Eu cambaleei até parar e roubei um momento para observá-lo, já que ele estava de costas para mim, a cabeça baixa, observando o café fervendo.

Parecia que haviam se passado apenas horas desde a última vez que o vi. Eu duvidava que ele dormisse se tivesse pesadelos frequentes. Eu não gostava que a semelhança nos unisse, mas gostei. Uma tosse profunda escapou dele, uma tosse muito seca, e isso me assustou do meu festival de perseguição.

Eu me aproximei devagar. —Você está ficando doente?

Ele se virou para mim, seus olhos se arregalando. Pela primeira vez, eu o assustei. —Não. Não há tempo para ficar doente. — Ele se serviu de uma xícara e pegou outra caneca. —Café?

— Sim por favor. Apenas preto. — Eu me inclinei contra o balcão.

Ele olhou para mim por um segundo a mais antes de me servir uma xícara. — Eu nunca conheci uma mulher que gostasse de seu café preto.

— Preto como minha alma. — Eu sorri, pegando minha xícara enquanto ele a entregava para mim.

Ele riu. Foi uma risada rápida, mas absorvi tudo porque, mesmo depois de conhecê-lo por apenas uma semana ou mais, eu só tinha ouvido algumas vezes.

Eu tomei um gole da xícara e sorri. —Normalmente, a doença não escolhe um momento. — Eu levantei um dedo. —Na verdade, escolhe o pior momento para derrubar você.

Ele acenou com a cabeça. —Sim, é por isso que tomo uma tonelada de vitaminas. Não há um resfriado que eu não matei ainda há alguns dias, no máximo.

— Por sorte. — Fui até a geladeira, constrangida quando ele se encostou no balcão, os tornozelos cruzados, apenas olhando para mim.

Desta vez, eu usei um moletom cinza sobre minha camiseta branca. Eu não estava cometendo o mesmo erro que cometi na noite passada.

— Sarah está acordada, — eu disse, com naturalidade.

— Sim, ela geralmente acorda antes do alarme. Ela é minha filha organizada. Mary... — ele balançou a cabeça e deu outro gole no café. —Boa sorte em acordar aquela garota. Ela é uma chorona até que estamos quase fora da porta.

Eu ri. —Eu tenho que olhar seus horários para ver a que horas elas saem da escola.

— Três e meia.

Eu sabia pelo que Patty havia dito, como era uma escola particular, eles não tinham serviço de ônibus, e eu os pegaria diariamente.

— Estarei na fila do carpool[2] às três. — Era uma grande quantidade de tempo em casa. Quer dizer, além de lavar as roupas das meninas e preparar o jantar, não havia muito o que fazer. —Eu sei que Patty disse que você não gostava dela arrumando, mas eu gosto de fazer coisas assim, e há tanto tempo no dia, então... — Sorri antes de tomar outro gole de café.

— Não, — Charles disse, sua resposta firme com um rico timbre de sua voz. Não foi nem mesmo um não suave. Foi duro, um não que significa não. —Temos uma faxineira. Sua principal prioridade é cuidar das crianças, ajudá-las com os deveres de casa, fazer atividades com elas. — Seus dedos bateram contra sua caneca. —Você acorda cedo e provavelmente não vai dormir antes das dez. Depois do jantar, da lição de casa, dos banhos e da preparação para o dia seguinte, é muito.

Pisquei para ele, segurando firmemente minha caneca quente. —Mas eu nem saberei o que fazer comigo mesma. — Talvez fosse constrangedor admitir, mas eu não tinha vida além do meu trabalho. E eu preferia assim porque me manter ocupada com meu trabalho mantinha minha mente vagando no passado, em memórias que eu nunca quis revisitar. Além disso, meu trabalho me manteve dentro, evitando a possibilidade de ser encontrada.

— Relaxe, — ele disse, sua voz mais gentil desta vez. —Quando elas estiverem em casa, você estará ocupada. — Ele ergueu as sobrancelhas para mostrar seu ponto de vista.

Coloquei minha xícara de café contra meus lábios, tomando um gole. — Honestamente, há um limite para a TV que posso assistir.

Ele me estudou por um segundo, me enervando. —Você já pensou em terminar seu curso de enfermagem? — Sua voz era suave, até mesmo cautelosa. Ele colocou sua xícara de café no balcão.

Apenas o pensamento me despertou de entusiasmo. Eu tinha pensado nisso? Eu sonhei com isso. Eu sabia que acabaria obtendo meu diploma de enfermagem porque queria algo só meu. Eu não tinha casa ou carro, mas queria um diploma. E quando eu consegui, ninguém poderia tirar isso de mim.

— Eu pensei, — eu disse vagamente.

Com a minha resposta, seu rosto se iluminou. —Você deve. Você pode fazer

algumas aulas na faculdade comunitária local. Você terá de depois que elas saírem até as três para ter aulas. E tenho certeza que eles oferecem cursos online também.

Eu engoli em seco, tocada por sua bondade. Ele mal me conhecia e queria coisas boas para mim. O sentimento era excessivamente gentil, e uma onda de energia passou por mim com o pensamento.

— Obrigada. — Coloquei minha mão em seu antebraço, grata. Com o aumento que recebi por assistir Eleanor até agora cuidar das meninas e o fato de que o aluguel era grátis, eu poderia pagar os créditos em uma faculdade comunitária local.

Seus olhos piscaram para onde estávamos conectados e, um momento depois, ele pressionou a mão em cima da minha. —Você realmente deveria pensar sobre isso. Podemos fazer funcionar por aqui.

Nossos olhos se encontraram por alguns longos segundos, e a sensação natural e confortável que eu sentia ao redor dele mudou para outra coisa, algo mais profundo, mais intenso. Tive que me afastar dele e colocar minha própria caneca no balcão.

— Obrigada, — eu repeti. Meu batimento cardíaco acelerou no meu peito e minhas bochechas aqueceram.

Para me distrair, abri a geladeira e tirei alguns ovos, limpando a garganta. — Então, por Patty, Mary gosta de mexidos e Sarah gosta de ovos estrelados. Como você gosta de seus ovos?

— Eu não como, — ele brincou.

— Em absoluto? — Eu arregalei os olhos de brincadeira. —Como você ganhou todos esses músculos, então?

O lado de sua boca se inclinou para cima. Meu Deus, era fofo. Por que eu não

conseguia um sorriso completo? Tive certeza de que quando seu sorriso apareceu, era maravilhoso, como o sol brilhando por entre as nuvens após a chuva.

— Quero dizer, — ele deu de ombros. —Eu normalmente não tomo café da manhã. Se eu fizer isso, não será um grande problema. Acabei de pegar outro café quando estou perto do escritório.

Eu joguei meu cabelo por cima do ombro enquanto pegava uma tigela para mexer os ovos de Mary. —Você deve saber que o café da manhã é a parte mais importante do dia.

Passei a ele a caixa de ovos e ele a colocou na ilha da cozinha. Em seguida, passei o bacon para ele. Seus dedos roçaram os meus quando ele o pegou e colocou na ilha.

— Sua mãe te disse isso? Isso é algo que minha mãe sempre dizia quando estava fazendo o café da manhã para nós.

Pisquei para ele, meu sorriso escorregando. Qualquer menção à minha mãe me mandava para um lugar no meu passado que eu não gostava de ir. Minha voz estava baixa, quase rouca. —Minha mãe... sim, não gosto de pensar nela com frequência. — A última vez que a vi foi há anos. —Ela... — fui até a geladeira novamente, pegando o suco de laranja, —não era uma mãe muito boa. — Fiquei olhando para a tigela de frutas, para a salada, para o leite e engoli em seco.

— Becky, eu sin...

Eu levantei a mão e sorri aquele sorriso forçado que sempre parecia surgir como um mecanismo de enfrentamento. Aquele que disse que tudo estava bem quando na verdade não estava.

— Não se desculpe. Minha vida está muito melhor agora que ela não está nela. — Eu respirei fundo e joguei meu cabelo por cima do ombro enquanto

pegava a tigela de mexer os ovos de Mary. —Eu nem chequei a carne do almoço. Patty mencionou que Mary só come presunto, — eu disse, mudando de assunto tão rápido que provavelmente dei uma chicotada nele.

Ouvi a geladeira abrir e, um momento depois, o presunto estava na ilha da cozinha.

— Sim, Mary é viciada em presunto. Temos que ter isso em casa o tempo todo. Ela até gosta com ovos.

Eu arrisquei um olhar para ele e li curiosidade em seus olhos, mas eu estava tão grata que ele não me pressionou mais. Eu não tinha amigos por isso mesmo. Eles iriam querer saber tudo sobre mim, o que incluía meu passado e isso estava fora dos limites.

Ele foi até o outro balcão, pegando um pedaço de pão. —Eu gostava de fazer dupla com Patty pela manhã, quando podia. Espero que esteja tudo bem.

— Esta é a sua casa. Claro que está tudo bem. — Eu me movi em torno dele e peguei uma panela do armário.

— Becky…

Ao som do meu nome em seus lábios, me virei para encará-lo, com a panela na mão.

— Quero que você sinta que esta casa também é sua. Quero que você se mova livremente por esta casa como faria em sua própria casa. Isso é o que eu disse a Patty quando ela foi morar conosco no primeiro dia. E quero que seja aberta comigo, sobre as crianças e sobre você, o que está incomodando você, sobre como podemos tornar essa transição mais fácil para todos nós.

Eu olhei. Porque eu não pude dizer nada. Ninguém nunca quis realmente cuidar de mim assim. Me deixar à vontade, me faz sentir em casa. Pelo menos não um homem. Nunca na minha vida.

Quando eu não respondi, ele ergueu o queixo. —Você pode fazer isso?

Eu concordei. —Eu penso que sim.

Ele começou a abrir a maionese e o presunto enquanto fazia os sanduíches das meninas.

— Patty não estava brincando. Você é um pai muito prático.

Seus olhos encontraram os meus brevemente antes de se concentrar em sua tarefa. —Eu tento ser. Eu não quero que elas sintam que estão perdendo alguma coisa por não terem seus... — Sua voz foi sumindo, e ele parou por um segundo antes de embalar os sanduíches em sacos de papel marrom. Em seguida, ele foi até a despensa para pegar algumas batatas fritas. —É o único trabalho em que não posso falhar.

Agora, isso eu entendi melhor do que ele jamais saberia.

Capítulo Doze

Charles

A última vez que recebi um telefonema da escola, Sarah torceu o tornozelo. Então, quando o diretor me ligou para dizer que Sarah estava com problemas, eu estava dirigindo noventa quilômetros na estrada, correndo para a escola. Liguei para Becky, mas ela não atendeu. Quando eu disse a Brad e Mason que estava saindo mais cedo do trabalho para ir para a escola, eles quiseram vir comigo, preocupados demais com as crianças, mas eu disse que não.

A adrenalina bombeou em mim quando entrei no estacionamento, meu coração batendo a mil por hora. Gotas de suor cobriram minha nuca quando pulei do carro, cheguei à entrada e toquei a campainha para que me deixassem entrar. Quando a porta zumbiu, eu a abri e não parei meu passo acelerado ao chegar ao escritório da diretora. Parei no meio do caminho, ouvindo a voz elevada de Becky além da porta da diretora, que estava entreaberta.

— Então, não tem repercussão para a outra garota? Absolutamente nenhuma? — Becky estava de costas para mim, com as mãos fechadas ao lado do corpo.

Fui direto para Carol, a sala da diretora sem reconhecer a secretária, percebendo que Sarah estava sentada na cadeira em frente à sua mesa.

— Isso é bullying direto, e isso é besteira. Você não pode repreender Sarah por se defender.

— O que está acontecendo aqui?

Minha voz fez com que todos, Becky, Carol e Sarah, se virassem em minha direção.

— Charles... — Carol se levantou atrás de sua mesa e ajeitou o paletó vermelho. —Sarah brigou esta manhã com Jennifer O'Neal.

Meus olhos piscaram para Sarah antes de pousar de volta na diretora.

Becky deu um passo ameaçador em direção ao diretor. —Você não pode começar a narrativa assim! — Seus olhos estavam em chamas, o verde estalando. Ela se virou em minha direção. —Charles. — Ela inclinou a cabeça e cerrou os dentes em um sorriso sarcástico. —Me deixe começar a narrativa real aqui. Jennifer O'Neal decidiu pegar no rabo de cavalo de Sarah hoje e zombar do fato de que não era perfeito, mas estava tudo bem porque ela não tinha uma mãe para arrumar seu cabelo. — Ela ergueu as duas mãos e voltou sua atenção para Carol. —Vamos apenas contar como realmente é, certo? E por que Jennifer O'Neal não está aqui, sendo repreendida, hein? Por que ela não está aqui? Acho que os pais dela também deveriam receber uma ligação, porque ela é uma valentona.

Carol puxou o paletó e colocou a mão no lábio, inclinando-se para frente. — Jennifer não era a violenta nesta situação.

Respirei nos segundos seguintes, procurando o rosto de Sarah, mas ela não encontrou meus olhos.

Becky gritou. —Violenta? Ela empurrou a garota que estava zoando em seu rosto. Eu teria feito mais do que empurrá-la. Inacreditável. Você é…

Antes que Becky soltasse suas próximas palavras, levemente peguei seu antebraço e a conduzi atrás de mim.

— Foi isso que aconteceu, Carol? — Eu perguntei, olhos desprovidos de qualquer emoção verdadeira, querendo os fatos.

— Bem, sim. — Ela se dirigiu a mim com uma firmeza silenciosa. —De acordo com Jennifer, ela disse algo sobre o cabelo de Sarah, mas na verdade não mencionou sua mãe. É por isso que ela não está aqui. — Ela teve a decência de parecer meio apologética. —Mas ela vai conversar. Separadamente.

— Mesmo? — Becky disse com dúvida. —Então, Sarah empurrou a garota porque ela havia mencionado algo sobre seu cabelo. Sério? Charles, você acredita nisso? Vamos agora.

— Becky, — falei, minha voz querendo acalmá-la, mas olhando para o fogo atrás de seus olhos, me perguntei se seria possível acalmá-la.

— Você sabe como são as crianças, Charles, — contestou Carol.

Minhas sobrancelhas se juntaram e todos os meus músculos ficaram tensos. —Eu sei como as crianças podem ficar, mas eu sei como minhas filhas são. E minhas filhas não são violentas, a menos que sejam provocadas. — Bem, um adas minhas filhas, na verdade. Mary era violenta quando tinha acessos de raiva, mas eu estava trabalhando nisso. Eu inclinei meu queixo para Sarah. —Vamos lá. Estou tirando você da escola mais cedo. Becky, por favor, pegue Mary também, e eu a encontrarei na frente. Vou falar um pouco com Carol.

Becky ergueu o nariz, seus olhos ainda se estreitaram para Carol. Ela deslizou um braço protetor sobre os ombros de Sarah e a conduziu para fora.

Quando a porta se fechou, Carol se sentou, mas eu fiquei de pé. Isso seria curto e direto ao ponto. —Eu sugiro que você marque uma reunião com Brandon e Ellie O'Neal. Eu quero estar envolvido na reunião. Faça isso por algum tempo nos próximos dias.

— Isso não será necessário. Vou falar com eles diretamente, — ela disse, uma pitada de alarme em seus olhos.

Fiz uma pausa e olhei para ela, dando-lhe um momento para se mexer em seu assento. — É de extrema importância que eu os encontre. — Fiz uma nova pausa e ela ajustou a gola da camisa. —Veja, eu sei que os O'Neals são contribuidores generosos para esta escola. Mas... eu também. Não preciso lembrá-la de quem financiou sozinho o ginásio. — Eu inclinei minha cabeça. Eu não sabia os números exatamente, mas tinha certeza de que de todos os pais desta escola

particular de elite, eu dei mais. —Estou aqui há muito tempo, Carol, e amo esta escola, mas não permitirei que minha filha sofra bullying.

— Charles…— ela gaguejou.

— Não. — Minha voz estava implacável. —Eu não vou tolerar isso. Eu sugiro que você agende uma reunião com os pais de Jennifer hoje. — O ou então no final da frase estava implícito. —Vou esperar sua ligação antes do final do dia. Obrigado. — Eu desabotoei meu paletó, me virei para sair e saí da escola para encontrar, estranhamente, um grupo risonho de três.

Assim que me viram, ficaram sóbrias e as risadas cessaram.

— Não pare por minha causa. — Tentei não sorrir para elas, sem ter certeza se essa era uma situação sorridente.

— Papai! — Mary correu em minha direção, pulando em meus braços. — Você nos tirou da escola hoje? Qual é a ocasião? Podemos tomar sorvete?

— Talvez mais tarde. — Depois de dar um beijo rápido em sua bochecha, eu a coloquei de pé. Eu precisava falar com Sarah.

— Ouvi dizer que Sarah bateu em uma garota, — exclamou Mary com orgulho.

— Eu não bati nela. Eu a empurrei, — disse Sarah, irritada e parecendo um pouco com um cachorro com o rabo entre as pernas.

Seus olhos ainda não encontravam os meus, e eu sabia que ela estava envergonhada. Sarah não chorava. Eu atribuí isso ao fato de que ela chorou todas as suas lágrimas quando sua mãe morreu. Mas eu podia sentir sua ansiedade saindo dela.

— Becky, você pode levar Mary para casa? Eu vou dirigir com Sarah.

Becky oscilou sobre os calcanhares, e uma parte de mim sabia que ela não

queria deixar Sarah sozinha agora.

— Está bem. Eu vou ficar um pouco, — eu disse.

— Certo. — Ela se dirigiu para o carro, um BMW SUV que era seu veículo designado enquanto ela ficava conosco.

Deslizando minha mão pela de Sarah, caminhei em direção ao meu veículo. Seus olhos estavam voltados para baixo, seus ombros caídos. Decidi ter essa conversa agora, não querendo arrastá-la mais.

— Ei, — eu disse, sentando no banco mais próximo.

Em letras pequenas em uma placa em frente ao banco, dizia: Em memória de Clara e John *Tippins*. Havia um banco semelhante a este no parquinho atrás desta escola... dedicado a Natalie. Nunca quis que Natalie fosse simplesmente uma lembrança esquecida. O banco do parquinho, nossas fotos ao redor de nossa casa, o tijolo em Wrigley Field, a placa no hospital infantil onde Natalie se oferecera quando Sarah estava na escola. Eu queria bons lembretes dela em todos os lugares, não apenas para mim, mas também para as meninas. O que eu não queria era uma pirralha intitulada lembrando Sarah do que ela havia perdido.

— O que aconteceu? — Eu perguntei, meu tom tenso, mas não porque eu estivesse chateado com ela.

Sarah se encolheu em si mesma, as duas mãos em volta do estômago.

— Ei. — Eu me inclinei para onde ela seria forçada a olhar para mim. Então, eu sorri. —O que quer que você tenha feito, tudo o que aconteceu, apenas me diga a verdade, e eu não ficarei com raiva. Você sabe disso.

Ela soltou um suspiro e cerrou os punhos na frente dela. —Eu estava brincando com Kristen. Estávamos nos perseguindo e brincando nas barras de macaco. Meu cabelo ficou preso no uniforme de Kristen. Estávamos bem e rindo e outras coisas, mas quando eu soltei, meu rabo de cavalo estava bagunçado e

Jennifer... — A voz de Sarah baixou. —Ela é apenas uma valentona, pai. Exatamente como Becky disse.

Nenhuma surpresa nisso, já que eu conhecia um pouco os pais dela. O pai era um bebê de um fundo fiduciário que tinha muitos negócios online, mas nunca foi consistente em nada. A mãe servia no conselho, estritamente para controlar o resultado e os votos das reuniões.

— O que ela disse exatamente?

Olhos castanhos escuros idênticos aos meus se voltaram para mim. —Apenas coisas más. Você sabe... as coisas que as pessoas inseguras dizem para rebaixar os outros porque querem se sentir melhor.

Eu ri. Não porque era engraçado. Mas porque minha garota era sábia além de sua idade.

Os olhos de Sarah se estreitaram. —Eu não vou deixar ela falar assim comigo, pai. Não vou deixar que ela ou ninguém diga coisas sobre a mamãe e use o fato de que ela não está aqui contra mim, então eu a empurrei. — Sua voz baixou para um tom onde quase não a ouvi. —Não preciso de ninguém para me lembrar que ela não está mais aqui porque me lembro de todos os dias, sozinha. — Seu olhar baixou e seu lábio inferior tremeu. Suas emoções saíram dela em ondas e eu senti sua imensa sensação de perda.

Meu peito cedeu e eu a alcancei, puxando-a para o meu colo. —Você é a garota mais corajosa que eu conheço, sabia disso?

— Sinto muito, — disse ela finalmente, com a voz trêmula. —Acho que não sinto muito por empurrá-la, mas lamento que você tenha faltado ao trabalho por causa disso.

— Sarah... — Eu inclinei seu queixo com a ponta dos meus dedos. —Você acha que eu prefiro estar no trabalho do que aqui com você agora? — Eu

levemente a guiei para fora do meu colo e me levantei. —Não se desculpe por atacar um agressor. — Porque Sarah e Becky estavam certas, em todos os sentidos da palavra, Jennifer era uma valentona. —Eu vou falar com ela e seus pais.

— Pai, você não precisa, — Sarah lamentou.

— Oh, mas eu vou. Eu só vou ter uma conversa com eles.

Sarah franziu o rosto. —Algumas palavras bem escolhidas? Você é assustador com suas conversas.

Eu pretendia deixar meu ponto conhecido, mas não iria entrar em detalhes com Sarah. —Vai ficar tudo bem, mas as coisas importantes primeiro. Vamos pegar Mary e Becky. Não gostaria de desperdiçar esse dia de trabalho escolar.

O sorriso cegante no rosto de Sarah iluminou meu interior. —Dia de matar o trabalho e escola. Não fazemos isso desde que mamãe estava viva.

A pontada me atingiu bem no peito. —Eu sei. Você deve ter problemas com mais frequência. — Peguei sua mão e nos levei para o carro, pensando o tempo todo: *Eu gostaria de ter feito mais matar aula e trabalho quando Natalie estava viva.*

Capítulo Treze

Becky

Você pensaria que o sorvete teria me acalmado. Mas isso não aconteceu. O rosto taciturno de Sarah quando entrei na sala do diretor me fez querer pegá-la no colo, levá-la para o carro e ter algumas palavras não tão gentis com Jennifer O'Neal.

Eu nem conhecia a criança, mas já a imaginei na minha cabeça. Intitulada e malcriada sem filtro. Provavelmente, seus pais conseguiram tudo o que ela queria. Você pode ser rico e obter tudo o que deseja e ainda assim ser criado com a mais alta integridade. Essa garota não tinha sido. Eu mordi meu sorvete, sabendo muito bem que teria um congelamento cerebral em um segundo quente.

— Chocolate e massa de biscoito! — Mary ergueu seu cone, agitando-o no ar como uma espada. —Meu favorito.

— Mary, cuidado com o seu sorvete, — eu avisei. —Você não ficará feliz se isso cair no chão.

Seus olhos se arregalaram antes que ela abaixasse e lambesse as gotas escorrendo pelas laterais. —Tão gostoso!

Apreciei seu entusiasmo, mas não me tirou do meu humor, especialmente porque Sarah tinha estado tão quieta nos últimos trinta minutos. Ela era normalmente uma criança quieta, eu percebi, mais introvertida, mas eu sabia que ela estava pensando no que tinha acontecido antes. Charles percebeu também, porque a surpreendeu enfiando a colher no cone dela.

— Papai! — Ela protestou, sorrindo.

— Bem, você está aí fazendo beicinho, enquanto seu sorvete está derretendo em todos os lugares.

Ele não estava derretendo lá. Sarah lambeu as laterais, limpando o chocolate pingando nas pontas dos dedos.

Charles suspirou. —Qual é o problema, Sarah? Eu disse que tudo vai ficar bem. Se você está preocupada com Jennifer incomodando você amanhã, isso não vai acontecer. Estou esperando uma ligação hoje e vou garantir que as pessoas sejam colocadas em seus lugares.

E era por isso que eu estava realmente começando a adorar Charles, mesmo no curto período de tempo que o conhecia. Seu amor e necessidade de que suas filhas estivessem seguras e felizes não tinham limites.

— Eu não tenho medo dela, pai. — O tom de Sarah ficou incrédulo.

— Eu não disse que você tinha. Só estou me perguntando por que você não está gostando do seu sorvete. — Ele se virou para mim então. —E você também. O que há com o beicinho? Eu terei que ajudá-la com o seu em breve também.

Eu ri porque como não poderia?

— Por que todos não podem simplesmente relaxar no dia de matar trabalho e escola?

— Eu sinto muito. — Sarah suspirou. —É que... quando penso em Jennifer, fico tão brava. Urgh!

— Eu também, Sarah. Eu também. — Eu levantei minha mão, e ela bateu em um high five. Charles me lançou um olhar bem maduro, mas a irritação que senti me fez agir como mesquinha.

— Ela não sabe como é a ausência de sua mãe. Então, para ela dizer isso... — A voz de Sarah foi sumindo e meu estômago apertou.

Eu mastiguei mais do meu sorvete, pensando em como as crianças podiam ser malvadas. Eu tinha experimentado bullying no mais alto nível, crianças tirando sarro de minhas roupas porque eu não podia pagar as últimas tendências,

crianças tirando sarro de minha mãe drogada e seus vícios. Palavras causaram mais danos do que qualquer soco físico poderia fazer. O grupo de garotas que costumava implicar comigo tinha proferido palavras para me derrubar, apenas para se fortalecer. Enquanto eu tinha sido o alvo de suas piadas, elas permaneceram as populares.

— Ela é uma idiota, certo? Claro e simples. — Inclinei na mesa, apoiando os cotovelos no topo —Um valentão vai aproveitar todas as oportunidades para tentar derrubá-lo. Quem sabe por quê, mas não deixe. Você tem que pensar nos aspectos positivos, que sua mãe era cem por cento incrível e estava presente em sua vida quando ela estava aqui. Você tem sorte, Sarah... — eu disse, parando por um longo momento. Nunca gostei de compartilhar pedaços do meu passado. Reviver meu passado me impediu de seguir em frente. Mas com Sarah, eu senti uma conexão com ela neste instante, então me permiti compartilhar. —Porque nem todo mundo tem uma mãe como você. Vou te contar um pequeno boato sobre mim. — Inclinei mais perto, travando meus olhos com ela. —Sua mãe foi mais mãe para você no curto período de tempo que ela esteve nesta terra do que minha mãe jamais foi. Só pelo fato de ela estar presente e aqui e te amar.

Sarah franziu a testa visivelmente. —Por que? O que aconteceu com sua mãe?

Eu não queria incomodar essa doce garota com meu passado. Grande parte da minha história era incompreensível e muita bagagem emocional para uma criança. Eu também não queria revelar muito. Além disso, ninguém precisava saber sobre minha história complicada porque, se soubessem, as pessoas cavariam em coisas que eu nunca quis discutir.

Enquanto eu olhava nos olhos de Sarah, eu realmente queria que ela soubesse o quão sortuda ela era e se concentrasse nos aspectos positivos. O contraste de nossas mães definitivamente demonstrou isso, então decidi compartilhar um pouco mais de mim.

— As circunstâncias a fizeram, — eu não sabia como formular minha frase sem soar amarga, —indisponível. — Quase tossi uma risada. —Ela estava sempre trabalhando. — *Vender à parte* era a verdadeira verdade.

Sarah se levantou de sua cadeira, me surpreendendo, e quando seus braços me envolveram, eu parei, ciente do fluxo de calor no centro do meu peito. — Lamento que sua mãe não estivesse lá para você. E você está certa. Eu não vou deixar o que ela disse me derrubar. — Seus braços se apertaram ao meu redor. — Obrigada por me defender hoje. Significa muito.

Santo Deus, uau. Meu braço livre lentamente envolveu suas costas, trazendo-a para mais perto. Eu inclinei meu queixo, apoiando-o no topo de sua cabeça, sentindo o cheiro de seu xampu de maçã. Da minha periferia, pude ver que Charles estava olhando para nós, um olhar de admiração, até de respeito.

Minha bochecha pressionou contra a maciez de seu cabelo e deixei escapar um suspiro. —Eu digo, vamos para a casa dela e usamos um lençol ou usamos uma máscara assustadora e a perseguimos do lado de fora da janela. — Meu tom era leve, mas merda, eu quis dizer cada palavra.

A risada que saiu dos lábios de Sarah iluminou meu interior.

— Antes que essa conversa caia para o lado negro, vamos lá. — Charles inclinou o queixo em direção à porta. —Podemos ir ao parque ou ir para casa assistir a um filme.

— Ou podemos ir para a casa de Jennifer O'Neal, — Sarah saltou, balançando para fora de minhas mãos. Seus olhos brilhavam com um brilho interno, uma calma que não existia antes, e eu estava feliz que parte dessa facilidade tinha a ver comigo.

Eu me levantei primeiro, pronta para sair e seguir em frente com o desastre de Jennifer O'Neal. Sarah seguiu, ligando seu braço ao meu, e meu coração quase explodiu.

Acabamos no parque, Charles e eu sentados em um banco, observando as garotas nos balanços. A brisa leve e o sol do início do outono me aqueceram completamente. Não me lembrava muito de ir ao parque quando era mais jovem. Lembrei-me de ver muita televisão, de ficar muito em casa e de aprender a usar o micro-ondas desde muito jovem. Então, ver as meninas pularem do balanço e correrem das barras de macacos para o escorregador para fazer sua própria corrida de obstáculos me deu muita alegria.

Charles bateu seu ombro contra o meu, tirando-me de meus pensamentos. —Ei.

Eu sorri para ele. —Ei.

— Você já cuidou de crianças antes? Quer dizer, você mencionou que assistia aquele garoto mais velho antes da mãe de Patty, mas você já assistiu crianças mais novas ou ficava muito perto delas?

Eu balancei minha cabeça. —Não. Por quê?

Seus olhos piscaram de volta para as meninas, e um leve sorriso apareceu em seus lábios. —Você poderia ter me enganado. Você lidou tão bem com isso lá atrás. Bem, na sorveteria. Na escola... — Ele olhou para baixo e soltou uma risada baixa. —Você tem um temperamento forte, Srta. Becky.

Eu não podia negar isso. Depois de ter sido empurrada e jogada e empurrada um pouco mais por tanto tempo, você acabou quebrando.

Apenas reviver o dia e ver o rosto taciturno de Sarah quando entrei na sala do diretor me rasgou por dentro. —Estou acostumada com pessoas como Jennifer. Eu os encontrei durante toda a minha vida, quando era mais jovem e, — fiz uma longa pausa, —mesmo quando era mais velha. — Meus olhos se moveram para as meninas. —Lembro de me sentir impotente e com raiva. Só de ver Sarah

sentada ali, sentindo-se culpada por algo diferente de se defender, me deixou tão... — Eu procurei no ar, tentando encontrar uma palavra que descrevesse minha raiva, agitação e frustração com o diretor por nem mesmo repreendendo a outra garota. Eu estive em falta. —Louca!

Ele riu de novo e colocou a mão no meu braço. —Estou com ciúmes, para ser sincero.

— Dos meus problemas de gerenciamento de raiva?

O humor dançou em seus olhos. —Não. De sua habilidade de se conectar com Sarah dessa maneira.

— Qual caminho?

— De uma forma que Natalie se conectou com ela, de uma forma que às vezes Mason pode se conectar com ela. O que ela está perdendo é aquele toque maternal. — Seus olhos vacilaram de volta para as meninas, o sorriso escapando de seu rosto.

Eu sorri. —Você está dizendo que Mason tem aquele toque maternal?

Nós dois rimos, e eu saboreei o som profundo de sua voz, uma risada verdadeira e sincera.

Charles chutou a cobertura morta no chão, seu olhar firmemente plantado em seus filhos nos balanços. —Natalie sempre teve um jeito de cavar sob a superfície. Como você sabe, Sarah é uma criança introvertida. Ela analisa muito as coisas. Às vezes, tento falar com ela quando sei que algo a está incomodando, mas ela se cala. — Ele esfregou uma mão contra o queixo. —Eu gostaria de poder clicar com ela da maneira que você fez hoje. Onde ela simplesmente se abriria para mim. — Ele se mexeu e tirou o telefone do bolso do terno. —Veja isso. Você não pode dizer que não estou tentando. — Seu dedo deslizou na tela e ele abriu o aplicativo de leitura Kindle.

Como ser um pai legal. Eu não pude evitar. Eu ri alto. Não uma gargalhada aberta, mas uma boa risada.

— O que? — Disse ele, envergonhado. —Estou tentando.

Peguei o telefone de sua mão. —Me deixe ver isso. — Conforme eu percorria os capítulos, vi que havia de tudo, desde o início de uma conversa infantil até piadas sobre o pai. —Sério? — Meu dedo deslizou na tela enquanto eu lia rápido. —Deixe-nos ver aqui. — Meu Deus, alguns deles eram ruins. —Certo, como você faz um esquilo gostar de você?

As sobrancelhas de Charles se juntaram. —Não sei.

— Aja como um louco. — Eu balancei minha cabeça. Isso era ruim, mas piorou. —Certo, próximo. Por que os ovos não contam piadas?

Uma risada saiu da boca de Charles.

— Eles iriam rachar um ao outro. — Eu balancei minha cabeça.

Ele pegou o telefone e continuou a rolar. —Você ouviu o boato sobre a manteiga?

— Oh Deus. Não o quê?

— Bem, vou espalhar isso. — Ele balançou a cabeça, fazendo uma careta e rindo ao mesmo tempo.

Agora, eu tive um caso de risos. Enquanto ele continuava com as piadas mais horríveis, nós dois ríamos tanto que as crianças vieram e quiseram se juntar à diversão.

— Eu quero jogar, — disse Mary.

— O que vocês estão fazendo? — Sarah disse, sentando-se ao lado de seu pai.

Charles afastou seu telefone dela. —Eu tenho uma ótima piada sobre

construção...

Os olhos das garotas se arregalaram enquanto esperavam pelo final da piada que eu sabia que seria ruim.

Ele concluiu. —Mas estou trabalhando nisso.

Os rostos das meninas estavam em branco, e Charles e eu começamos a rir.

— Isso é uma piada, pai? — Sarah inclinou a cabeça, completamente confusa.

Charles acenou com a cabeça e ergueu um dedo. —Eu tenho outra. — Ele pressionou a tela de seu telefone. —Se uma criança se recusa a dormir durante a hora da soneca, ela é culpada de resistir ao descanso?

Meu Deus, isso era horrível, mas eu não conseguia parar de rir. Mary pulou no meu colo, envolvendo os braços em torno de seu centro.

— Onde é o fim disso? — Sarah perguntou.

Charles esfregou os olhos. —É isso. Isso é o fim de tudo. Eles são culpados de resistir a um descanso. Entendeu?

Sarah torceu o nariz. —Pai, você é estranho.

— Eu não posso discutir isso, — disse ele, levantando-se e ficando um pouco sóbrio. —Chega de piadas de pai. Mas não se surpreenda se eu explodir mais tarde.

Sarah revirou os olhos de brincadeira. —Por favor, não, papai.

Charles

Depois do sorvete, peguei uma pizza e voltamos para casa para jantar e

assistir a um filme. Sentado no chão, de costas contra o sofá, com Mary no colo, não pude deixar de saborear a sensação de normalidade que não sentia há anos. Noite de filme. *Quando foi a última vez que tivemos uma noite de cinema de verdade?*

A maratona de filmes de princesas acabava de começar, e não havia dúvidas em minha mente de que só terminaria com as meninas dormindo no chão e eu carregando-as para seus quartos. O ombro de Becky estava contra o meu, enquanto ela estava imprensada entre mim e Sarah.

Mary soltou uma gargalhada enquanto Sebastião, o caranguejo, entoava sua canção. Isso me lembrou de tantos anos atrás, com Sarah no meu colo, minha mão na barriga de Nat, Mary ainda se formando em sua barriga.

Uma pontada aguda me atingiu diretamente no peito. Sentia saudades desses momentos, os momentos simples e silenciosos que pude desfrutar com minha família, quando estávamos sentados em uma almofada de travesseiros no chão. Nunca sentamos no sofá como pessoas normais. Estaríamos todos deitados no chão, confortáveis, como minha família sempre assistia a filmes.

Meu olhar se moveu para a direita, notando o sorriso de Becky, amplo e genuíno enquanto a princesa Ariel cantava na tela. Onde Mary estava aninhada contra mim, descansando a cabeça no meu peito, Sarah estava sentada bem ao lado de Becky, ombro a ombro, suas expressões semelhantes e seus olhos grudados na televisão.

Eu sentia falta de ter isso com alguém, aquele conforto de desfrutar da companhia um do outro nos momentos cotidianos. Ter alguém comigo, com as meninas. Eu ansiava por essa familiaridade com outra pessoa, essa proximidade. E eu só agora percebi o quanto eu queria isso de novo. Eu balancei minha cabeça com os pensamentos. Eu não poderia ter essa proximidade com Becky, nossa babá. Precisávamos dela. Não precisava complicar nosso relacionamento, nossas vidas.

O meu lado analítico enumerou razões de por que não funcionaria, uma delas é que Becky era a nova constante de minhas filhas. Eu não poderia nem tentar ter algo entre nós, porque se não desse certo, teríamos que encontrar uma nova babá. Eu duvidava que Patty tivesse outra referência em sua lista, além disso, me recusei a passar por outra agência. Mais do que isso, Becky simplesmente se encaixava conosco. E eu não queria nem pensar em deixá-la ir por causa do meu descuido. Isso não seria justo com ela ou as meninas.

As luzes foram diminuídas, e a única luz brilhando era das cintilações vindas da televisão. Havia eletricidade no ar, intensificada pela escuridão, e eu não pude deixar de observá-la, contra meu melhor julgamento e aquela discussão interna que eu tinha acabado de ter comigo mesmo, enquanto ela gostava do filme. Percebi tudo sobre Becky. Seu pescoço era fino e pálido. Eu estudei as linhas de sua mandíbula, a altura de suas maçãs do rosto. A maneira como seus olhos enrugavam quando ela sorria.

Eu desviei meu olhar, tentando me concentrar na televisão, mas meu olhar sempre conseguia voltar para ela. Tentáculos loiros soltos suavizaram seu rosto, fazendo-a parecer quase infantil. Sua estrutura facial era delicadamente esculpida, sua boca cheia, tentadoramente curvada em um sorriso. Seus lábios sensuais.

Eu cocei minha sobrancelha, me sentindo como um pervertido agora enquanto me perguntava qual era o gosto dela, como aqueles lábios doces...

Merda. Merda. Eu tinha que sair dessa. Eu tossi. E tossi de novo enquanto me mexia para ficar de pé. —Eu vou pegar um pouco de água. Alguém quer alguma coisa?

— Não, obrigada papai, — disse Sarah.

Os olhos verdes de Becky encontraram os meus enquanto ela sorria. Um sorriso no qual eu poderia facilmente me tornar viciado. —Estamos sem pipoca.

Posso pegar um pouco e pegar as bebidas.

Levei um momento para respirar e virar na outra direção. Meus lábios se curvaram em um sorriso forçado, tão forçado que parecia não natural. —Está bem. Eu vou fazer isso.

Meus pés caminharam pelo carpete macio da nossa sala de família até a cozinha, e eu descansei meus braços contra a ilha da cozinha enquanto olhava pela janela para o nosso quintal, a piscina interna, a casa das meninas na árvore.

Não havia dúvida de que estava atraído por Becky. O problema era que eu não estava apenas atraído por sua beleza. Também adorei ver como ela era com as crianças. Isso me lembrou muito da aura natural e carinhosa de Nat. Isso era perigoso porque sentir-se atraído por ela era uma coisa, mas querer mais dela era outra e, aos poucos, eu estava começando a querer o que tinha com Natalie, mas com outra pessoa, alguém que não era Nat.

A culpa se instalou em meu intestino. Não era a mesma culpa que eu sentia por Vivian, como se ela fosse um segredinho sombrio de que eu me envergonhava. Não, isso... isso parecia diferente. Como se fosse algum tipo de culpa que eu precisava confessar, não apenas um sentimento de sujeira. Parecia que eu estava quebrando a regra final, querer compartilhar um pedaço da minha vida com outra pessoa.

Eu deixei minha cabeça pender, respirando lentamente pelo nariz e para fora da minha boca. —Isso é loucura, — eu disse as palavras que gritavam na minha cabeça.

Só havia uma maneira de resolver isso. Era a única maneira de resolver as coisas quando parecia que a vida estava um pouco fora de controle. Eu precisava falar com Nat. E para fazer isso, eu tinha que visitá-la.

Capítulo Quatorze

Charles

Estive aqui todos os meses desde que minha Nat faleceu, sentado de pernas cruzadas na grama, olhando para sua lápide e desejando e sonhando que esta não fosse a minha realidade. Mas era.

Natalie Mary Brisken. Amada mãe, esposa e amiga.

Melhor amiga.

Porque isso era o que ela era para mim, minha melhor amiga. Fomos melhores amigos durante o ensino médio. Ela tem sido minha confidente em todas as coisas. Eu sabia que queria estar com ela para sempre no momento em que o idiota do namorado dela partiu seu coração porque eu queria ser o cara que faria tudo de novo e garantir que nunca mais acontecesse.

E foi assim que nossa história de amor começou. Mas não era assim que eu queria que nossa história de amor terminasse, minha vida sem você nela. Meus dedos roçaram sua lápide e meu coração deu um aperto. Eu nos imaginei envelhecendo juntos, vendo nossas filhas crescerem e, eventualmente, nossos netos. Quando ela ficou grávida de Mary, nossa vida estava completa. Já tínhamos tido Sarah, e outro filho só aumentaria nossa bolha de felicidade. Eu estava no auge do meu jogo, recém-transferido para CEO quando meu pai estava deixando o cargo. Tudo estava perfeito. Até que o que deveria ser outro momento feliz em nossa vida se transformou em tragédia.

Respirei através das minhas próximas palavras. —Eu sei que você sabe o que está acontecendo antes mesmo de eu dizer. — Era difícil colocar em palavras o que eu estava sentindo no meu coração, ou mais ainda, o que estava se passando na minha cabeça. Então, me desviei para tópicos mais fáceis, para o que eu

poderia falar facilmente. —Então, Sarah está indo bem. Ela começou a ler este autor de fantasia. Mason fez pesquisas e não acha que seja adequado para a idade. Eu concordei com ele nisso. — Eu ri porque todo mundo precisava de um maçom em sua família. Ele era o livro, a comida e a polícia da televisão. —É um jovem adulto, mas há... sim... eu ainda não tive uma conversa sobre sexo com ela. Eu esperava que você pudesse fazer isso por mim quando chegasse a hora... — Minha voz suavizou e meu peito apertou novamente.

Meus lábios se curvaram para baixo. Grandes conversas, grandes marcos que foram celebrados, eram apenas lembretes de que Nat havia partido.

— Estou com saudades, querida. — Meus dedos alcançaram a grama, arrancando-a das raízes. Um enorme caroço se formou no fundo da minha garganta e tentei engolir a dor. —Nós temos uma nova babá... — Eu deixei minhas palavras morrerem. —Uma pessoa altamente recomendada de Patty. — Meus dedos puxaram mais grama, arrancando-a do solo. —Eu nem sei por que estou aqui. Quero dizer, obviamente para visitar você. — Uma risada baixa escapou dos meus lábios.

Eu já podia imaginar seus olhos azuis brilhando de volta para mim enquanto ela dizia *Charles, vá direto ao ponto. Tire tudo para fora. Isso vai fazer você se sentir melhor.*

Suspirei. Eu nunca faço rodeios. Não quando se tratava de trabalho, não quando se tratava de meus irmãos, mas eu sempre tive medo de chatear Nat. Fosse o que fosse, com medo de dizer a ela que havia entrado em um problema quando Sarah estava no carro, com medo de dizer a ela que tinha que trabalhar até tarde ou cancelar nossas férias por causa do trabalho. Agora, esse mesmo sentimento borbulhava à superfície.

Eu sempre fui o mais vulnerável com Nat, quando ela estava viva e agora. Com ela, eu era minha forma mais verdadeira e crua, e sentia falta disso porque em todas as outras partes da minha vida, eu tinha que ser forte, pela empresa,

pela minha família. Mas com Nat, ela sempre foi minha força, a forte em nosso relacionamento. Ela sempre soube do que eu precisava antes de mim. Quando eu tinha um dia ruim no trabalho e quando estava para baixo, ela envolvia os braços em volta de mim e beijava meu pescoço. Ela me diria como eu era maravilhoso, me faria minha sobremesa favorita, me faria uma massagem. Ela era minha dose diária de sol em um dia estressante.

Eu encarei sua lápide, sabendo que ela me ouviu, porque ela sempre parecia responder aos meus pedidos, grandes ou pequenos. *Fale-me sobre Becky.*

Quase pude ouvir as palavras em minha cabeça, como se tivessem sido sussurradas. Parte de mim se perguntou se era meu subconsciente evocando o que Natalie diria. *Charles, apenas derrame.*

Eu ri de novo, imaginando seu rosto, a inclinação de sua cabeça, suas sobrancelhas levantadas, como se quisesse me dizer, *o que já? Me conte.*

Fechei os olhos com força, vendo apenas escuridão por trás das minhas pálpebras. *De onde vem toda essa vergonha?* Eu não tinha feito um passe em direção a Becky.

Ainda não, disse a voz. Através da escuridão, o rosto de Natalie apareceu, seu sorriso me cegou, uma paz quente tomando conta de mim.

— Acho que estou atraído por ela, — eu finalmente disse, em um tom abafado.

Eu já havia contado a Natalie sobre Vivian, de passagem, como se eu estivesse em um confessionário e ela fosse um padre. Isso parecia diferente. Como se procurasse conselho.

— É mais do que atração, na verdade. — Esfreguei minha testa, procurando em sua lápide por algo, qualquer coisa. Eu não sabia. Um sinal, talvez. —Eu acho... acho que estou começando a gostar dela. Ela é ótima com as crianças,

carinhosa, doce e atenciosa. Protetora, mesmo que elas não sejam dela. — Soltei um longo suspiro, admitindo mais plenamente. —Eu gosto dela. — Merda. Isso é real. Mais real do que eu pensava. Além disso, eu conhecia a sensação, não era um amor tão intenso que eu tinha por Natalie, mas não significava que não poderia chegar lá. —Eu nem sei por que estou sentado aqui, contando tudo isso.

Eu estava mentindo. Eu sabia muito bem por que estava aqui, contando a Natalie. Eu queria sua aprovação. Sua bênção. *Tudo bem.* A voz estava mais forte desta vez. Como se eu tivesse ouvido bem ao meu lado. Minha cabeça levantou para ver uma mulher, uma mulher mais velha, talvez no final dos cinquenta, início dos sessenta. Ela estava ajoelhada ao lado de uma lápide a duas de distância da de Natalie. Ela estava rindo, silenciosa, mas notável.

— Está tudo bem, — ela repetiu, mais alto desta vez.

Eu soltei um suspiro. Pelo menos eu não estava ficando louco.

— Eu sei que está tudo bem. Que tudo vai ficar bem, — ela disse com mais firmeza.

Pisquei, passando dos joelhos para uma posição agachada, me perguntando se esse era o sinal direto que eu estava procurando porque, enquanto a mulher olhava para a lápide, era como se suas palavras estivessem sendo ditas diretamente para mim.

— Tudo vai ficar bem, — ela repetiu. —Eu sei que você vai me enviar um anjo. Você sempre faz. Você foi meu anjo na terra e agora que não está mais aqui, vai me enviar um anjo, exatamente o que eu preciso. E então eu saberei que estou cuidada. — A mulher tocou a lápide e se levantou, e antes que ela se virasse para ir embora, ela me viu olhando para ela. Ela sorriu enquanto seu cabelo acinzentado balançava contra o vento. —Tudo ficará bem.

Eu me mexi no chão, levantando para ficar de pé e sorri de volta, embora essa estranheza corresse através de mim. Algo sobre essa mulher... era como se ela

me conhecesse. Conhecia meus problemas. Eu a observei passar pelas árvores, por mais lápides e entrar no carro. Então, caí de joelhos novamente e toquei as palavras na lápide de Natalie. *Amada mãe, esposa e amiga.*

— Querida, por favor... nos envie um anjo também. Porque preciso de ajuda comigo mesmo, com essas meninas, com grandes decisões que não tenho certeza de como tomar. — Fiz uma pausa, sentindo emoções profundas me atingirem diretamente no peito. — Nat... você pode fazer isso por mim, por favor? — Minha visão ficou turva e o peso no meu peito se espalhou por toda parte. Eu senti tanto a falta dela que doeu em cada parte de mim. Fiquei de joelhos, inclinando mais perto da lápide. —Eu sei que você está cuidando de nós. Você sempre faz. — Pressionei dois dedos em meus lábios e depois na palavra *esposa* esculpida. —Eu te amo querida. Para sempre e sempre. Até nos encontrarmos novamente.

Sentei à mesa da cozinha no escuro como breu. Quem sabe que horas são? Três da manhã, talvez. Estávamos em nossa programação normal nas últimas semanas, e as meninas se adaptaram totalmente à ausência de Patty e de Becky no comando. Mais cedo, eu jurei que ouvi Becky gritar, e foi por isso que desci para a cozinha, esperando e esperando que ela pegasse um copo d'água, mas ela não pegou.

Era cruel de certa forma, as pessoas tinham que lidar com seus pesadelos sozinhas em suas cabeças. Encontrá-la aqui, no escuro, naquela noite em que ela cortou o dedo do pé, me fez sentir melhor. Pela primeira vez em muito tempo, não me senti sozinho, como se ela me entendesse enquanto nos conectávamos com os pesadelos do nosso passado.

A casa estava totalmente adormecida, e você só perceberia que era um grito se estivesse acordado em um momento tão terrível, o que eu estava. Ontem, eu a ouvi. Jurei que não tinha sido minha imaginação. Eu fiquei parado perto da porta

dela, querendo entrar e abraçá-la, o que era absurdo e obviamente nunca poderia acontecer.

Eu queria abraçá-la porque eu entendia sobre pesadelos, como eles eram reais, como quando você estava preso em um, parecia que você nunca, nunca iria sair. Era como reviver o pior momento da sua vida sem parar, e era por isso que, às vezes, tinha medo de fechar os olhos.

Só quando estava cansado até os ossos é que adormeci com relutância, contra a minha vontade, apenas para me perguntar se esta seria outra noite em que eu acordaria suando frio. De repente, ouvi passos descendo as escadas e me endireitei na cadeira. Quando ela acendeu as luzes, seus olhos finalmente me localizaram na mesa.

— Eu... eu não quero ter medo de novo. — Sua voz tremeu e seus braços estavam em volta de sua cintura, como se ela estivesse se segurando. Eu não sabia se ela queria dizer eu a assustando ou o pesadelo. Seu cabelo estava em um coque sexy no topo de sua cabeça, e ela usava um moletom cinza que era grande demais para seu corpo e calças de pijama xadrez.

— Outro pesadelo, — eu adivinhei, sem realmente perguntar porque eu já sabia. Ela acenou com a cabeça. Imediatamente, eu me levantei, caminhando até a geladeira. —Sente. Vou pegar um copo d'água para você.

Sentei em frente a ela na mesa, passando o copo para ela.

Quando ela colocou o copo contra os lábios, percebi que seus dedos estavam tremendo. Havia uma necessidade inata em mim de confortá-la. Talvez fosse porque eu estava acostumado a fazer isso, confortar as pessoas, cuidar das pessoas, me certificar de que todos estavam bem. Mas essa necessidade era mais forte... e levou toda a minha energia para me manter firme e não alcançá-la, então agarrei meu próprio copo, meus dedos ameaçando quebrá-lo.

Seus olhos estavam grudados na mesa. —É o mesmo sonho todas as noites.

Meus dedos bateram contra o vidro enquanto prendia a respiração, esperando. Eu mantive minha boca fechada, não querendo empurrá-la, mas precisando saber o que a assombrava todas as noites. Suas sobrancelhas se juntaram e seu olhar ficou distante, vazio até. Era como se ela estivesse revivendo uma memória, da mesma forma que eu fazia em meus pesadelos.

— Estou me afogando. Eu não consigo respirar. — Um estremecimento escapou dela enquanto ela continuava, —E a coisa é...

Sua expressão ficou frouxa, e o vazio em seu tom consumiu meu interior. O que quer que estivesse passando por sua cabeça naquele momento era insuportável. Eu poderia dizer porque eu vivi a mesma dor. Talvez a causa dessa dor não tenha sido a mesma, mas o resultado final foi o mesmo, dor de cabeça, angústia, desespero.

— E é apenas um pesadelo porque eu não posso morrer. Por mais que eu tente ceder à escuridão... não vai me levar.

Suas palavras me assombraram e a lufada de ar de meus pulmões foi audível. Desta vez, não pude evitar, pois minha vontade não era forte o suficiente, e estendi a mão e coloquei a mão sobre a dela.

Ela riu então, sacudindo aquela miséria insuportável que sentia, como se nunca tivesse existido de verdade. —Parece estúpido, certo? — Ela ergueu os olhos para mim. —Mas o sofrimento é tão intenso que só quero que a morte me submeta. Isso não faz sentido. É apenas um sonho. — Seus olhos voaram para algo por cima do meu ombro. —Acho que continua acontecendo porque eu não sei nadar.

Não respondi porque algo dentro de mim, aquele dom que eu tinha de ler as pessoas, me disse que esse pesadelo recorrente era mais profundo do que ela estava me levando a acreditar.

— Você não sabe nadar? — Eu sabia como isso funcionava. Eu conhecia o

poder do desvio, de fazer uma pergunta diferente para descobrir o que você realmente queria saber.

Ela balançou a cabeça e meu polegar se moveu em círculos preguiçosos em cima de seu punho.

— Eu não posso. Quase me afoguei, e é por isso que estou morrendo de medo de água. — Ela tomou um gole de sua bebida. —Se eu nunca tivesse que tomar banho, eu não faria.

Registrei a leveza em seu tom, as palavras que ela proferiu que eram para ser uma piada, mas não ri. Eu queria saber mais. Eu precisava saber mais. —Quando isso aconteceu? Quando você era criança?

Seus olhos se voltaram para os meus, seu sorriso sumiu, provavelmente com a seriedade do meu tom. Ela balançou a cabeça, puxando sua mão debaixo da minha. —Quando eu tinha vinte e um.

A mudança em seu comportamento me disse que eu não deveria fazer mais perguntas, então dei um pouco. Um pouco de mim.

— Meu pesadelo é desde o dia em que Nat morreu, que estranhamente foi considerado um dos melhores dias da minha vida, porque foi o dia em que Mary nasceu. — Meu batimento cardíaco acelerou no meu peito. Sempre acontecia quando eu falava sobre Nat e a tragédia que havia tirado sua vida. Nunca falei sobre a morte dela às crianças, aos meus irmãos. Eu queria que minhas meninas e todos ao meu redor lembrassem como ela viveu, não como ela morreu.

— Sinto muito, Charles. Eu sei que deve ter sido difícil. — Simpatia brilhou em seus olhos. —E para passar por isso novamente em seus pesadelos.

Meus olhos focaram de volta no meu copo, meio vazio agora. —Mas eu entendo, você quer apenas ceder à escuridão.

Houve momentos em que eu só queria ficar na cama, tirar um ano sabático do

trabalho, da vida. Ninguém me culparia por fazer. Mas eu não fiz. Eu não poderia. Não quando o peso da empresa e a vida das minhas meninas estavam sobre meus ombros.

— Porque é mais fácil... é mais fácil ceder à escuridão do que acordar. — Sua voz estava tão baixa, como se ela estivesse falando apenas para si mesma.

Naquele momento de silêncio, onde meus olhos castanhos se encontraram com os verdes cintilantes dela, me senti perto dela. Eu não sentia uma proximidade assim com ninguém há muito tempo. Eu a entendi em um nível íntimo porque essas foram exatamente as mesmas palavras que eu quase disse antes que ela dissesse primeiro, que às vezes, seria mais fácil apenas deixar a escuridão engoli-lo por inteiro.

Capítulo Quinze

Becky

Durante a semana, caímos em movimentos de felicidade quase doméstica, onde eu fazia o café da manhã e ele fazia o almoço das meninas. Os outros homens da casa desciam as escadas assim quando Mary e Sarah estavam à mesa, e tomaríamos o café da manhã juntos, como uma família.

Brad e Mason não estavam lá com frequência, mas eles estavam lá o suficiente para que, quando um estava faltando, fosse notado. Eu gostei do meu dia agitado, mas o que eu mais esperava eram as noites... quando a casa estava escura e eu desci as escadas na ponta dos pés e Charles estaria esperando por mim com meu copo de água já do meu lado da mesa.

Estávamos fazendo isso na semana passada. Foi como nosso tempo secreto juntos, meio como um encontro, mas não realmente. Era uma loucura que eu esperava que nós conversássemos dessa maneira, nos encontrando dessa maneira, nos conectando na escuridão? Eu deslizei para o meu lugar normal, e hoje à noite, havia um fantasma de um sorriso em seu rosto. Era revigorante e me deixou à vontade.

— O que? — Agora, eu estava sorrindo como uma idiota.

— É como se estivéssemos escapando como adolescentes, mas na verdade estamos descendo as escadas para pegar água.

— Sim. — Eu ri baixinho para não acordar mais ninguém. —Parece proibido da mesma forma, mas não há como ter problemas com os pais.

— Você fez isso? — Ele perguntou, sua voz leve. —Esgueirar-se para fora de casa?

Meu olhar caiu para a mesa. —Não. — Coloquei o copo nos lábios e tomei

um gole. —Se eu desaparecesse, ninguém me procuraria. Estou sozinha desde os quinze anos.

Ele esfregou a testa. —Você disse que estava dentro e fora do sistema de adoção.

Eu tinha dado a ele pequenas informações em nossos encontros noturnos, mas nunca contei a ele toda a história. —Eu estava. Mas eu não fiquei no sistema. — Meus dedos bateram contra o vidro. —Digamos apenas que meu último lar adotivo foi uma experiência ruim. Tim... sim... ele era um cara prático.

O músculo de sua mandíbula se contraiu e sua mão fechou o punho sobre a mesa.

Eu balancei minha cabeça. —Nunca foi tão longe, mas posso imaginar que teria se eu não tivesse ido embora.

Todo o seu corpo enrijeceu e era como se ele não estivesse respirando.

— Charles... estou bem. — Coloquei a mão na dele, meu polegar massageando o topo de seu punho. —As coisas que aconteceram na minha vida me tornaram quem eu sou hoje, forte, resistente, uma lutadora.

Seu olhar cintilou para onde estávamos conectados e depois voltou para encontrar meus olhos. —Você é a mulher mais corajosa que eu conheço.

Se apenas essas palavras fossem verdadeiras. Se eu fosse corajosa, não teria fugido. Se eu fosse corajosa, teria ficado e lutado, e aquele filho da puta estaria na cadeia.

Meu olhar foi para o meu copo enquanto eu brincava com uma gota de condensação. —Eu gostaria de me ver como você me vê.

O canto de sua boca se inclinou para cima. —E eu gostaria de me ver como você me vê.

Eu não pude deixar de sorrir para isso. Éramos tão parecidos que era assustador. A dificuldade, a tragédia, sentir-se sozinho no mundo, mas ter que ser a sua própria força e superar isso, aconteça o que acontecer.

— Charles Brisken, — eu disse com um levantar do meu queixo. —Eu vejo você como todo mundo o vê. Vejo um homem que passou por muita coisa, um homem que viu uma tragédia que derrubaria o mais forte dos homens. Mas você... você se levantou e tem lutado desde o primeiro dia. Você tem a maior integridade e força em qualquer homem que eu já conheci ou mesmo ouvi falar. Então, pegue, tome posse e acredite porque é verdade.

Ele respirou fundo e o sorriso que eu raramente via veio à tona. —Você é boa para o meu ego, Becky.

— Papai... — Sarah chamou do andar de cima, e nós dois pulamos de nossas cadeiras e corremos para o fundo da escada.

Uma Mary chorando ecoou no segundo andar.

— Mary fez xixi na cama.

Um segundo depois, Brad apareceu no topo da escada, segurando Mary chorando. Uma sobrancelha se ergueu enquanto ele nos observava, e ele manteve essa expressão como se tivéssemos sido pegos escapulindo, juntos.

Meu primeiro pé estava na escada quando Brad levantou a mão. —Becky, está tudo bem. Mason já está trocando e desinfetando sua cama. Eu vou trocá-la. — Ele passou a mão pelos ombros de Sarah, já a guiando para o quarto dela. — Vocês apenas... façam o que quer que estejam fazendo. — Ele tossiu no final para disfarçar uma risada.

— Estávamos pegando água, — Charles disse com naturalidade, já subindo as escadas.

Eu segui bem atrás dele.

Brad estava quase no quarto de Mary quando disse baixinho. —É assim que estamos chamando agora... pegando água?

Minhas bochechas esquentaram com suas palavras.

Charles resmungou e pegou uma Mary sonolenta e molhada dos braços de Brad. —Eu vou troca-la. Ela vai dormir comigo esta noite.

Vimos Charles caminhar até o final do corredor e fechar a porta de seu quarto principal.

O lado da boca de Brad se inclinou e ele apontou para mim. —E você. Não tenha ideias. — Sua voz era brincalhona, típica de Brad. —Não vamos conseguir água juntos. Nunca.

Eu ri porque de todos os homens Brisken, eu jurei que foi Brad que caiu de cabeça quando era jovem.

— Podemos tomar um café? — Eu brinquei.

Ele franziu as sobrancelhas. —Eu nem sei o que isso significa. — Ele coçou a nuca e inclinou a cabeça, me avaliando. —Se café é algo como obter água, então não. Mas se você quer dizer café, café, tipo café puro, então sim.

Eu bocejei e ri pela metade, virando para caminhar em direção à minha ala da casa. —Boa noite, Brad.

Charles

Mary estava no carrinho de supermercado enquanto eu o empurrava pelo corredor. Becky tinha duas listas de compras na mão, a dela e a de Mason com seus itens orgânicos e sem glúten. Eu caí nessa rotina com Becky, uma rotina confortável, mais do que agradável. Era quase como se fôssemos uma família,

casados. A única diferença era que não estávamos juntos.

Eu realmente não mudei a rotina que tínhamos com Patty. Sempre ajudei a preparar o café da manhã e o almoço das meninas pela manhã. Mas houve uma grande diferença com Patty, a grande diferença é que eu não me sentia atraída pela minha ex-babá. Eu nunca tinha realmente feito compras com Patty, mas aqui estava eu, empurrando o carrinho atrás de Becky, como se ela fosse a mãe das minhas filhas.

Lembra quando eu disse que não menti para mim mesmo? A verdade era que esse era um hábito doentio que acabaria mal. Eu disse a mim mesmo uma e outra vez, contanto que eu não cruzasse essa linha, estaríamos bem. Mas nossos encontros noturnos à mesa de jantar por causa da água e as leves escovadas de nossos braços enquanto preparávamos o almoço das meninas todas as manhãs mal conseguiam ultrapassar essa linha tênue.

Eu não pude evitar. Eu ansiava por essa proximidade com outro ser humano que não fosse simplesmente sexo, mas algo mais, mais doce... íntimo. Ela colocou a mão no meu braço, chamando minha atenção. Esse gesto gentil me fez inclinar para ela, sentindo o cheiro inebriante de seu shampoo.

— Massa de arroz integral está bem, certo? Isso é sem glúten. — Ela ergueu a caixa em minha direção, erguendo uma sobrancelha.

Mary o agarrou, já colocando no carrinho. —Sim. Eu amo massa.

Eu balancei a cabeça, respondendo a sua pergunta. —Tudo bem, Becky.

Sua mão permaneceu no meu braço enquanto avançávamos pelo corredor. Um homem mais forte teria se movido, mas eu aprendi que, com Becky, qualquer autocontrole que eu tivesse seria testado continuamente.

— Você disse que poderíamos comprar biscoitos. — Mary olhou para mim com um evidente beicinho e expectativa em seus olhos.

— É o próximo corredor. Promessa é dívida. — Toquei a ponta de seu nariz com a ponta do dedo.

— Mas eu quero ir para aquele corredor agora. — Ela cruzou os braços sobre o peito, fazendo beicinho com o lábio.

— Charles…

Eu ouvi meu nome sendo chamado à distância, mas antes de me virar, eu já sabia a quem aquela voz pertencia. Vivian.

Virei e engoli em seco, observando-a andar furtivamente em seus saltos de dez centímetros. Ela deve ter vindo do trabalho porque ela estava em um tailleur de saia preto justo.

Meu corpo inteiro enrijeceu quando ela se aproximou. O sorriso em seus lábios vermelho-sangue diminuiu quando ela olhou para Becky. Becky se afastou de mim, deixando cair a mão que ela tinha acabado de segurar no meu braço ao seu lado.

— Ei. — A voz de Vivian exalava uma sofisticação que poucas mulheres tinham, nascida de uma família de elite, aprendida e praticada em uma escola da Ivy League.

— Ei, Vivian.

Ela ligou algumas vezes, mas eu estava ignorando suas ligações e ela nunca deixou mensagens. Fazia quase um mês desde que eu a tinha visto, e uma coisa sobre a qual não estava mentindo para mim mesmo era que não estava mais interessado em vê-la. Eu deveria ter terminado com ela corretamente, mas minha mente estava preocupada.

— Já faz um tempo, — disse Vivian, suas palavras misturadas com curiosidade.

— Sim. Eu estive...

— Ocupado, — ela terminou minha frase, seus olhos cintilando em direção a Becky. —E você deve ser Senhorita Mary.

Ela deu um passo em direção ao carrinho e bagunçou o cabelo de Mary. Por sua vez, a carranca de Mary se aprofundou.

— Mary, diga oi, — tentei persuadir ela.

— Oi. — Ela virou sua carranca para mim. —Eu quero meus biscoitos, papai. — Ela se mexeu no carrinho, a paciência se esgotando.

— E nós vamos pegá-los, — eu respondi a ela.

Vivian estendeu a mão bem cuidada para Becky. —E você é…

Becky sorriu educadamente, apertando sua mão. —Eu sou Becky.

— Prazer em conhecê-la. — Ela fez uma pausa, examinando Becky com um olhar de desdém desde seu cabelo loiro preso em um rabo de cavalo até sua camisa cinza de mangas compridas, seus jeans, seus tênis de ginástica. —Então, você deve ser de Charles...

— Babá, — disse Becky, seu tom defensivo e afiado. —Eu sou a nova babá das meninas.

— Oh. — Vivian acenou com a cabeça, os braços ligeiramente cruzados contra o peito. Ela apontou para mim primeiro e depois para Becky. —Então, vocês dois são...

Agarrei o cotovelo de Vivian e puxei ela mais para baixo no corredor, deixando momentaneamente Becky e Mary. Isso era tão fora do caráter de Vivian, malicioso, ciumento. Não estava nela.

— O que está acontecendo aqui, Viv? — Eu mantive minha voz discreta.

Ela engoliu em seco e recuou. —Não, Charles. — Ela empurrou um dedo em meu peito, atingindo meu rosto. —Não coloque isso em mim. Eu sei o que é isso

e nunca fingi que fosse nada mais. Você não é de me enganar. Até agora.

Eu pisquei. —Enganar?

— É assim que vamos terminar? Sem telefonema? Sem conversa? Desaparecer como se estivéssemos no colégio? — Ela fez uma careta. —Pensei que fosse melhor do que isso. Eu posso lidar com a verdade. — Ela colocou uma mão pesada no peito. —De todas as mulheres, você sabe que eu posso lidar com a verdade muito bem. Tudo que preciso é de um pouco de respeito e honestidade.

Eu exalei um suspiro pesado. Ela estava certa. Eu queria dizer a ela que estava preocupado com outras coisas, Patty indo embora, Becky se acomodando. Eu pretendia ligar para ela de volta. Eu não tinha medo de confronto. Na minha linha de negócios, o confronto acontecia diariamente. Eu a machuquei quando essa era a última coisa que eu queria fazer.

Ela balançou a cabeça condescendentemente. —Eu não era importante o suficiente para ligar. Isso é o que se resume.

— Vivian…

Quando agarrei seu pulso, seus olhos se estreitaram e ela me deu de ombros.

— Eu sei que somos apenas amigos de foda. — Seu tom era baixo e ameaçador. —Mas o mínimo que você poderia ter feito era me ligar para me dizer que agora você estava transando com a babá. — Ela cuspiu as palavras, forte e baixo, como se quisesse que me atingissem.

Meus olhos se estreitaram. —Eu não estou...

— Cale a boca, Charles. Se você não está agora, você estará em breve. Eu vejo a maneira como você olha para ela. Eu não sou idiota. — Ela se endireitou e ajeitou o paletó. Depois de puxar o cabelo para trás, ela se recompôs, o rosto impassível, mas agradável, como se segundos atrás não tivesse acontecido. —

Tenha uma boa vida, Charles.

— Vivian, me desculpe. Eu nunca quis...

— Cale a boca, Charles. É um pouco tarde para isso.

Eu soltei um suspiro e corri as duas mãos pelo meu cabelo, observando ela se afastar. Isso precisava acabar há muito tempo. Eu sabia que isso acabaria, mas não esperava que acabasse mal.

Capítulo Dezesseis

Becky

Depois do supermercado, voltamos para casa em silêncio. Os únicos sons no carro eram de Mary cantando ‘Velho MacDonald’ e ela feliz mastigando seus biscoitos como a campeã de monstro de biscoitos que era.

Eu não perguntei a Charles sobre Vivian. Eu não tinha direito ao seu passado ou à sua vida atual que tivesse a ver com qualquer outra coisa além das crianças. O que ele fez com quem ele fez não era da minha conta.

Mas, cara, fiquei com o coração apertado quando a vi. Ela estava linda com seu cabelo escuro liso como Pantene, sua pele morena e corpo alto e esguio que só pertencia a modelos. E quando Charles se inclinou para ela e colocou a mão em seu pulso, eu não aguentei mais. Eu dei meia volta e caminhei com Mary em direção ao outro corredor para pegar biscoitos. Eu não sabia por que tinha assumido que Charles era solteiro.

Talvez fosse porque, nas últimas semanas, quando ele não estava no trabalho, ele estava em casa com as meninas. Ele não tinha outras pessoas ligando para ele além de sua secretária e seus irmãos. Na maior parte, sua vida era fria, descontraída e rotineira. Mas eu deveria saber melhor. Ele era um homem bonito, que exibia força e uma força de Deus. Acima disso, ele tinha um coração bom. Cada mulher sã e solteira na vizinhança provavelmente estava chamando por ele, e eu nem sabia disso.

Ele não me devia uma explicação e eu não ia pedir. Então, eu não esperava que ele fechasse a geladeira depois de esvaziarmos as compras e me encurralar. Sua mão pesava no aço inoxidável enquanto ele se erguia sobre mim, minhas costas contra a geladeira. Ele estava tão perto que eu podia sentir o cheiro de menta em seus lábios, e seu peito estava a apenas alguns centímetros do meu

rosto.

— Vivian é alguém com quem eu costumava ter relações, mas acabou. Não foi nada sério e acabou.

Pressionei a mão em seu peito para impedi-lo de falar mais. —Charles, você não me deve uma explicação.

Seu batimento cardíaco acelerou sob a minha palma, e o calor de seu corpo irradiava dele em ondas. —Eu sei. — Ele segurou meu olhar, e então seu olhar cintilou em meus lábios. —Mas este sou eu. Não tenho energia mental para deixar as coisas apodrecerem, e não contar a você me incomodou todo o caminho até aqui.

Ele era tão bonito, doeu olhar para ele. Minhas próximas palavras saíram como um sussurro sem fôlego. —Mas por que?

Ele soltou um suspiro trêmulo e franziu as sobrancelhas, como se minha pergunta o confundisse. —Eu... eu não sei por quê. — Ele parecia perdido, sua voz suave, vulnerável até.

Quando alguém pigarreou, nós olhamos para cima.

Era Brad, sorrindo, entrando com Mary. Ele ergueu as duas mãos. —Vocês estão pegando água? Okaaayyy, — ele demorou dizer.

Ele se virou e estava prestes a sair da sala quando Mary correu em nossa direção, nos envolvendo em um abraço, forçando a mim e a Charles ainda mais próximos. —Bolha de amor, — ela gritou.

Meus olhos encontraram os de Charles, e ele pegou Mary e a apertou contra ele. —Duas ou mais pessoas em um abraço é uma bolha de amor, — Charles disse quase se desculpando, respondendo à minha pergunta não feita. Depois que ele a colocou no chão, ele deu um tapinha nas costas dela. —Vá se lavar. O jantar estará pronto em breve.

Pegamos uma pizza no caminho de volta porque Mary implorou por ela, então, felizmente, ela estava pronta na ilha da cozinha. Eu ainda não sabia o que havia acontecido na geladeira, mas tudo que sabia era que minhas bochechas estavam em chamas, e eu provavelmente parecia uma pimenta vermelha.

— Me deixe ir buscar Sarah, — eu disse, praticamente correndo para fora da sala, subindo as escadas e indo para o banheiro.

Eu tinha razão. Minhas bochechas estavam vermelhas, como se eu tivesse aplicado muito blush e não tivesse parado. Depois de abrir a torneira, passei as mãos sob a água fria e lavei o rosto. O que eu realmente precisava era de um banho frio. Parecia que eu precisava de um com frequência perto de Charles. Eu poderia muito bem parar e ficar sob a água fria indefinidamente.

Naquela noite, não foram meus gritos que me acordaram, era de uma jovem. Meu pesadelo não tinha me afetado porque eu ainda não estava totalmente adormecida. Quando registrei Mary chorando, pulei da cama e corri para o quarto dela. Normalmente, Brad estaria lá, consolando-a, já que seu quarto era mais próximo do de Mary, mas ele tinha saído e ainda não estava em casa.

Abri seu quarto e a luz noturna iluminou seu rosto. —Mary... você fez xixi na cama?

Sua resposta foi abafada. —Não.

Quando ela estendeu o braço em minha direção, eu me aproximei e me sentei na beira da cama. Afastando o cabelo do seu rosto, eu disse. —Qual é o problema?

— Havia um fantasma, e ele tinha dentes, uma varinha e uma coroa. — Suas palavras saíram em baforadas curtas e quebradas.

— Awwnn... venha aqui. — Eu rastejei na cama, descansando minhas costas

contra a cabeceira da cama, e a puxei contra meu peito, balançando-a em meus braços. —Eu sei tudo sobre pesadelos. — Meus dedos se enroscaram em seus cabelos loiros claros. —Mas é isso, pesadelos não são reais.

Ela olhou para mim com seus olhos azuis elétricos, olhos que eram de Natalie. O resto dos Briskens detinham os marrons dominantes.

— Mas Becky... eles pareciam tão reais.

Eu a puxei para mais perto e segurei sua bochecha. —Eles sempre parecem, querida. — Eu conhecia essa afirmação em um nível pessoal, mais do que ninguém. —Quando eu era mais jovem, você sabe o que eu fazia quando estava com medo?

Seus olhos curiosos encontraram os meus. —O que?

— Eu me escondi debaixo da cama.

— Por que?

— Porque eu senti que os monstros não iriam me levar de lá.

Quando minha mãe chegava em casa bêbada, eu me escondia, para que ela não me encontrasse e gritasse comigo. Debaixo da cama era meu esconderijo regular. Eventualmente, se tornou meu lugar de conforto.

Eu me ajustei, então fiquei deitada na cama com ela bem ao meu lado. —Por que você não dorme? Eu vou ficar bem aqui. — Afastei o cabelo de seu rosto e coloquei uma mecha que escapou atrás de sua orelha.

Ambas as mãos estavam sob a bochecha e, quando ela olhou para mim, pude ver Natalie nela. Eu obviamente nunca conheci Natalie, mas a casa estava cheia de fotos dela. Na sala de jantar principal, nos quartos das meninas. Ela deve ter sido uma boa pessoa, talvez até agressiva e teimosa às vezes. Mas, sem dúvida, ela era gentil e cheia de amor. Eu sabia disso porque suas filhas e Charles exalavam essas qualidades, e ela deve ter contribuído para isso.

— Mary? — Charles olhou em seu quarto. Seus olhos se arregalaram, me observando enquanto eu estava deitada na cama de Mary. —A porta dela estava aberta.

— Papai, eu tive um pesadelo. — Ela mexeu os dedos com o braço estendido.

Quando ele caminhou em direção à cama e apertou a mão estendida de Mary, ela o puxou para o outro lado da cama. —Durma aqui, papai.

Quando me afastei, me preparando para fugir, Mary se aconchegou contra meu peito. —Não, você também.

— Mary. — Meu rosto estava esquentando novamente quando o desconforto passou por mim. —Seu pai está aqui.

— Não. Você. Também. — Ela olhou para seu pai. —Papai, por favor. Durma aqui. — Sua voz era doce, suave, triste pelo pesadelo.

A cama afundou quando ele se deitou do outro lado, Mary agora imprensada entre nós. Minha respiração acelerou e eu não sabia o que fazer. Eu deveria sair? Mas eu não queria que Mary começasse a chorar de novo.

— Mary? — Eu sussurrei.

— Shh, — disse ela, aninhada contra o meu peito, os olhos fechados. — Estou dormindo.

Charles riu baixinho de seu jeito mandão até que ela pegou sua mão e envolveu-a totalmente em torno de sua cintura, as pontas dos dedos roçando na minha cintura.

— Mais perto, papai. Eu quero estar em uma bolha.

Bolha de amor.

Ele obedeceu e se aproximou, sua mão totalmente no meu quadril. Seu toque

era leve, mas eu senti seu toque em todos os lugares. Calor puro correu por mim. Era tão errado, dado que Mary estava entre nós, mas não consegui impedir meu corpo de reagir.

Eu engoli e contei as estrelas que brilham no escuro em seu teto. Eu poderia contar mil ovelhas para frente e para trás ou fazer técnicas de respiração, mas sabia que tudo seria em vão, porque não haveria sono acontecendo esta noite.

Mas eu estava errada. Na manhã seguinte, acordei, babando na lateral do meu rosto. E de forma alarmante, eu estava nos braços de Charles, deitada em seu peito, ainda na cama de Mary, sem Mary.

Meu Deus, grandes bolas de Zeus.

Porque a ereção de Charles era enorme e pressionava contra meu estômago. Meus mamilos endureceram contra minha fina blusa branca e empurraram contra seu peito. Eu realmente não tinha notado como era fina quando a única luz no quarto na noite passada era a luz noturna da princesa de Mary.

Eu levantei minha cabeça e, com uma mão, limpei a baba seca da minha boca. Em sua camisa, eu formei uma pequena piscina grande o suficiente para vinte formigas se divertirem.

Nojento.

Eu empurrei minha cabeça para fora de seu peito, e o ligeiro movimento fez seu braço serpentear ao longo das minhas costas, me prendendo contra ele. Eu me encolhi. *O que agora?* Eu prefiro não acordá-lo, com ereção matinal e situação embaraçosa e tudo.

Eu tentei de novo, levantando lentamente meu peito dele. Seus olhos sonolentos se abriram antes de voar. Seus olhos voaram para o meu decote apertado na posição que eu estava, e instantaneamente, seu pau endureceu ainda

mais. Achei que ele já estava duro. Bom Deus! Eu engoli, e nossos olhos se moveram para a ponta de seu pau saindo de sua boxer, querendo fazer uma declaração.

— Foda-se, — ele grunhiu.

Naquele momento, Brad colocou a cabeça para dentro. —Merda, por favor, não no quarto de Mary. Você não consegue água em outro lugar? Droga.

Depois que Brad bateu a porta, eu me levantei de Charles, mas quando ele saiu de debaixo de mim, ele caiu da cama. Ele saltou para uma posição de pé, sua ereção ainda empurrando contra a borda de seu short. Nossos olhos voaram para seu pau duro.

— Uh, Becky. — Ele cobriu seu pacote com as duas mãos.

Quando seu rosto ficou em todos os tons de rosa, comecei a rir.

Ele balançou a cabeça e se virou para a porta, mas se virou para me encarar novamente. —É uma reação matinal natural nos homens. Teria acontecido mesmo se eu não estivesse atraído por você... hum... sim. — Suas sobrancelhas franziram antes de ele sair. —Quer dizer... eu sei que você já sabe disso. — A cor de suas bochechas mudou para as orelhas antes de ele virar o rosto e sair pela porta.

Quando ele saiu, eu caí para trás em um ataque de riso porque oláááá, desconfortável. Eu tinha acabado de acordar na cama com meu chefe, *onde ele tinha uma ereção tão grande que temo que não sirva para uma ereção.*

A risada cessou quando percebi uma coisa. Nos braços de Charles na noite passada, eu não tive um pesadelo. Foi a primeira vez desde o acidente que eu não tive um.

Capítulo Dezessete

Charles

Descer as escadas naquela manhã e enfrentar Becky no café da manhã foi estranho, para dizer o mínimo. Eu fiz o café da manhã para as meninas e ignorei as risadinhas e sorrisos francos de Brad, como se ele soubesse que algo estava acontecendo, quando ele obviamente não sabia.

Eu não conseguia nem olhar no rosto dela, dado o que tinha acontecido antes. Quando me sentei à mesa com meu café da manhã, Sarah inclinou a cabeça, me avaliando. —Você está atrasado esta manhã. Você nunca está atrasado.

Claro, ela era a mais atenciosa.

— Papai provavelmente teve que fazer cocô, — disse Mary, mergulhando a cabeça no cereal, analisando os marshmallows. —Às vezes, o cocô dele demora muito.

Meu olhar cintilou ao redor da mesa, para Brad e Sarah rindo e para Becky, cujo sorriso se alargou, o olhar focado em seu prato.

— Não há conversa de cocô na mesa, Mary, — disse Brad.

Suspirei. Não havia como esse dia ficar mais constrangedor.

— Mas é verdade. Papai fica sentado no banheiro por um longo tempo. — Ela deu uma risadinha. —Enquanto sua longa vagina apenas fica lá com ele.

Brad riu tanto que tossiu o café, que estava saindo pelo nariz.

— Mary, — eu a alertei. —Coma sua comida. Pare de falar até que sua comida seja consumida.

Ela deu uma risadinha. —Estou apenas dizendo a verdade, papai.

Engoli e tomei todo o meu café, levando a xícara para a pia. —Mary, já chega. Se você não terminar o café da manhã, vai se atrasar para a escola. — Meu rosto esquentou, e não ousei olhar na direção de Becky, não querendo levar esse constrangimento para o próximo nível.

Foi o que aconteceu quando você tinha três homens criando meninas. Nunca mantive meu quarto ou banheiro trancados. Quando eu tomava banho, elas vinham e às vezes levavam suas Barbies para brincar. Quando eu não estava trabalhando, elas sempre quiseram estar comigo, compreensivelmente.

— Charles, — Brad chamou, me forçando a olhar para ele. Se ele soltar um comentário espertinho, talvez eu tivesse que bater nele. —Não se esqueça, eu tenho a sessão de fotos para aquela revista hoje. Apenas mantenha a longa vagina coberta. — Ele soltou uma risada e se levantou de sua cadeira, me encontrando na pia, colocando sua caneca na máquina de lavar louça. —É para aquele *solteiro e pronto para misturar* bilionários solteiros com menos de trinta anos. — Seu sorriso era presunçoso. —As meninas e todos deveriam estar lá. Vai ser uma filmagem improvisada. — Ele lançou um olhar para Becky. —Você pode ter certeza de que as meninas estarão prontas depois da escola? Os fotógrafos virão para a casa.

— Claro. — Meus olhos se voltaram para ela. —Becky, vou levar as meninas para a escola hoje. — Meu olhar cintilou de volta para a porta. —Meninas, me encontrem no carro.

Tínhamos uns bons cinco minutos antes de precisarmos sair pela porta, mas com todas as conversas sobre cocô e vagina longa, eu já tive vergonha o suficiente hoje. Eu não me saí bem com situações que eu não tinha controle, e a situação com Becky e eu estava fora do meu controle. Eu não conseguia controlar meus sentimentos por ela. Eu não conseguia controlar como meu corpo reagia a ela. Eu não conseguia controlar o que faria em seguida perto dela.

Então, agora mesmo, fui para o carro.

Ao longo do dia, Becky filtrou cada um dos meus pensamentos. Seu perfume cítrico me seguia em todos os lugares que eu fosse. Talvez eu estivesse evocando o cheiro de seu xampu. Tudo que eu sabia era que estava ficando um pouco louco.

Porra, vai ser um dia tão longo e terrível.

E agora que o constrangimento de acordar com uma ereção ao lado dela e a situação do cocô havia diminuído, eu queria vê-la novamente, estar em sua presença, me afogar em sua risada. Sim, seria estranho vê-la novamente, mas a necessidade de vê-la superou isso.

— Charles? — Selena disse, se mexendo em seu assento para chamar minha atenção.

Minha cabeça virou para a nossa chefe de marketing sentada na cadeira na minha frente no meu escritório. Eu me endireitei na cadeira e engoli, sem saber como responder porque não tinha ouvido a maldita pergunta.

— O que você acha, Charles?

Limpei minha garganta e bati meus dedos contra minha mesa.

Ela inclinou a cabeça, me avaliando. Ela ergueu suas maquetes e acenou em minha direção. —Você não gosta, não é?

Soltei um suspiro silencioso de alívio, observando que as maquetes eram da embalagem do empreendimento Colby Chocolate, um dos contratos que tínhamos com a maior fábrica de chocolates e doces do país.

— Eu gosto disso. Sério, é limpo e a marca está no ponto. Envie por e-mail para Connor. Faça com que ele aprove e poderemos começar a imprimir suas etiquetas no final do mês.

Selena sorriu, e seus ombros relaxaram, totalmente satisfeita com minha resposta. Ela se levantou e me saudou de brincadeira. —Parece um plano, chefe.

Assim que ela saiu e a porta se fechou atrás dela, esfreguei minha testa. *Controle-se, Charles.* A porta se abriu e Brad entrou como se fosse o dono do meu escritório. No típico estilo de Brad, não houve nenhuma batida na porta. Ele se sentou no assento que Selena acabara de desocupar.

— Você gosta da minha gravata? — Ele desabotoou o paletó e levantou a gravata. —É nova. É para a sessão de hoje à noite. Quando perguntei a Sonia, ela me ignorou. Sério, não consigo obter uma resposta daquela mulher quando não é sobre trabalho.

É exatamente por isso que Mason e eu a trouxemos.

— Está tudo bem, — eu disse.

— Esta é a coisa. Preciso de uma gravata boa, não apenas uma gravata bem.

Meu rosto estava firme, minha boca escorregando em uma careta. Eu tinha trabalho a fazer e, como meus pensamentos estavam em Becky, não havia tempo suficiente durante o dia para terminar tudo o que precisava.

— É uma ótima gravata, — eu disse impassível.

— Agora, você está mentindo. — Ele largou a gravata e apoiou os cotovelos nas coxas, inclinando. —Você sabia que Mason vai trazer Janice esta noite? — Seu rosto se contraiu, como se ele tivesse comido algo azedo.

— Você disse que a família inteira tem que estar lá, — eu apontei.

Ele olhou para mim. —Ela não é família.

Eu joguei minhas mãos para cima. —Eles estão juntos há anos. Ela está a caminho de ser...

Ele se levantou rapidamente. —Não diga isso. Quer dizer, podemos apenas

negar e esperar o melhor um pouco? Sério, você quer que essa coisa faça parte da nossa família?

Eu lancei a ele um olhar penetrante. —Seja legal, Brad.

Ele bufou como se tivesse dois anos. —Tudo bem, tudo bem. Tudo bem. Enfim, vejo você em casa mais tarde. — Ele se levantou e estava quase na porta quando se virou e estendeu a gravata novamente. —Gravata fina ou gravata ótima? Diga a verdade. Este empate pode ser a diferença entre esposa ou morte.

Eu não pude evitar. Eu ri, levantando uma sobrancelha. —Esposa ou morte?

— Sim. Finalmente encontrando uma esposa para mim, posso passar o resto da minha vida ou morrendo sozinho de uma morte solitária. — Seus olhos piscaram atrás de mim, focalizando o horizonte além das minhas janelas do chão ao teto.

Com Brad, eu nunca soube se ele estava falando sério ou brincando. Mas no breve silêncio, havia um olhar em seus olhos, uma vulnerabilidade que eu nunca vi.

— Pelo menos eu tenho as meninas, — disse ele, apagando toda a vulnerabilidade que eu tinha acabado de ver momentos atrás. Ele sorriu então. — Elas podem trocar minhas fraldas Depends[3]. Eu troquei suas fraldas por anos, limpando cocô, vômito e todos os outros fluidos corporais que um homem da minha idade não deveria ter que lidar ainda. — Com um aceno de mão, ele saiu pela porta. —Vingança é uma cadela, bebê.

Quando a porta se fechou atrás dele, descansei meu tornozelo no joelho oposto, meus olhos percorrendo toda a extensão do meu escritório, as estantes contendo todos os prêmios que nossa empresa havia ganhado ao longo dos anos, presentes de clientes e de fornecedores. Girei minha cadeira e fiquei de pé, olhando pela janela, para os edifícios tão altos quanto os nossos no horizonte, alguns ainda mais altos. Nessa altura, parecia que eu estava no topo do mundo,

um rei em seu trono. Mas enquanto eu descansei minha testa contra o vidro, olhando para as pessoas, como pequenas formigas se movendo pelas ruas, as palavras de Brad soaram alto na minha cabeça.

— *Esposa ou morte.*

Era uma loucura, totalmente bobo, mas também era verdade. De que adiantava ter tudo quando você não tinha com quem gastar? Se houvesse uma diferença entre esposa ou morte, eu escolheria esposa.

Capítulo Dezoito

Becky

— Mary, querida, entre na banheira. — Eu tinha quinze minutos para vestir e trocar essa pobre criança e descer as escadas, pronta para as fotos.

Fale sobre o dilema. Quando Mary chegou em casa, ela decidiu que enquanto eu estava lavando roupa e enquanto Sarah estava me ajudando calmamente a dobrar as roupas, ela faria um bolo... sozinha... e derreteria o chocolate no micro-ondas.

Eu nem sabia que uma criança poderia usar um micro-ondas. Mas, sem dúvida, ela era um gênio, e ela subiu no balcão sozinha, empurrou os pedaços de chocolate para biscoitos de chocolate no micro-ondas e apertou o botão dos minutos várias vezes.

Pena que os pedaços de chocolate ainda estavam no saco da Nestlé. Pena que quase pegou fogo depois que o saco explodiu. Abençoe o coração de Mary enquanto ela tentava limpar tudo com o pano de prato, apenas para deixar cair os pedaços de chocolate e jogar tudo no chão. Então, a criança esperta usou as mãos para limpar e lambeu as mãos limpas no processo.

Agora, não só havia chocolate nela, mas estava por toda a casa, e como eu a carreguei para cima, estava tudo em cima de mim. Graças a Deus.

— Becky? — Sarah disse, entrando no banheiro, eu de joelhos enquanto tentava fazer a água correr mais rápido.

A coisa mais inteligente a fazer teria sido dar-lhe um banho e lavá-la, mas Mary odiava chuveiros, pois ela disse que a água entrou em seus olhos.

— Mary, o tio Brad estará aqui em breve. Ele ligou para ver se estávamos prontas.

Mary lambeu os dedos. O chocolate estava em seu rosto, em cada bochecha, no nariz e logo acima da sobrancelha, onde ela provavelmente coçou uma coceira com os dedos manchados de chocolate. Em qualquer outra situação, isso teria sido cômico. Mas não quando os fotógrafos estariam aqui a qualquer minuto para fotografar esta família, e meu único trabalho era deixar essas crianças prontas, o que elas não estavam.

— Querida, estou em casa! — Brad disse, chamando do andar de baixo.

A ansiedade aumentou dentro de mim quando rapidamente tirei a roupa de Mary e a coloquei suavemente na banheira. Mary não tinha senso de urgência. Achei que nenhuma criança realmente tivesse.

— Que diabos? — Brad disse, entrando no banheiro. —O que aconteceu? Vocês deveriam estar prontas. Os fotógrafos estão aqui e se instalando lá embaixo. — Ele passou uma mão pelo cabelo e o fez ficar em pé. No próximo segundo, ele estava na frente do espelho, consertando-o.

— Houve um pequeno acidente, — eu disse, exasperada. —Mary decidiu fazer um bolo enquanto eu lavava a roupa.

Eu derramei um pouco de shampoo em minhas mãos e passei nas mechas de Mary. Ela continuou brincando com suas Barbies na água.

— O chocolate estava gostoso!

Brad deu um tapa na cabeça. —Doce Mary, por que hoje?

— Eles já estão aqui e montados lá embaixo, — Charles anunciou, entrando. Sua expressão apertou quando ele viu a cena. —O que aconteceu?

Sarah contou a seu pai enquanto eu continuava trabalhando no modo rápido.

— Levante-se, menina. Vamos enxaguar você.

— Deixe ajudar. O que você precisa? — Charles perguntou, desabotoando as

mangas de sua camisa e enrolando-as.

— O que está acontecendo aqui? — Mason disse, entrando no banheiro.

Embora o banheiro fosse bem grande, ter toda a família dentro era excessivo.

— Oh. Meu. Deus. — Uma voz estridente soou atrás dele. Uma figura alta e parecida com a Barbie franziu o rosto. Deve ser Janice. —Tudo bem, parece que todos vocês cuidam disso. Vou garantir que a equipe lá embaixo tenha tudo de que precisam. — Ela deu meia-volta e saiu do banheiro, deixando os homens Brisken e Sarah comigo e Mary.

— Olhe para a minha piscina, — exclamou Mary, voltando a entrar nas bolhas e enchendo a piscina da Barbie na banheira com mais água.

Eu abri o ralo. —Você terminou. Vamos fazer você se trocar.

Ela visivelmente fez beicinho e espirrou água em mim. —Eu ainda estou brincando.

— Certo, vocês lidam com isso. Preciso descer para verificar a equipe, — disse Brad, finalmente saindo, seguido por Mason.

Honestamente, não precisávamos de tantas pessoas no banheiro. Eu tinha tratado disso.

— Mary, você terminou. Saia. — A voz de Charles era severa, não tolerando discussão, mas era como se Mary não o tivesse ouvido. —Mary, — Charles disse, a voz exaltada.

Eu não consegui nem enxaguar a garota porque ela estava com o balde e ela continuava enchendo sua mini piscina para as Barbies.

— Mary, querida. Temos que ir, para que possamos continuar fazendo seu bolo. — Sim, eu a estava subornando e jogando seu jogo, mas agora, ela estava no topo da tabela de classificação.

— Vocês estão prontos em breve? — Brad gritou do fundo da escada.

— Faz literalmente um minuto desde que ele saiu, — eu disse impassível, meu aborrecimento aparecendo em meu tom.

— Mary, saia. — Charles passou por mim e se abaixou para levantá-la.

Coloquei a palma da mão molhada contra sua camisa. Um movimento ruim, já que ele estava seco, mas, considerando que ele iria jogar uma Mary totalmente encharcada e não enxaguada para fora da água, eu precisava detê-lo.

— Você vai se molhar, — eu disse, me levantando. Usei meu cotovelo para tirar o cabelo do rosto. Eu já estava totalmente molhada, então não havia necessidade de nós dois ficarmos encharcados.

— Está bem. Mary... — Ele se esquivou de mim e abriu a torneira, colocando água limpa na banheira.

— Eu vou fazer isso. Mary, posso ficar com aquele baldezinho para te enxaguar?

Mary estava sendo extremamente difícil hoje enquanto continuava enchendo sua piscina.

— Você não está ouvindo! — Charles rosnou, me fazendo pular. —Está de castigo. — Ele arrancou o balde de suas mãos e tentou tirar ela da banheira, agarrando-a por baixo de um braço.

— Eu não terminei, papai. — Seu beicinho estava em plena exibição.

Charles cerrou os dentes e o músculo de sua mandíbula saltou. Quando ele falou, foi como se a terra tremesse com a autoridade em seu tom. —Você acabou quando eu disser que acabou, e acabou agora.

As lágrimas de Mary escorreram por seu rosto enquanto ele a enxaguava, jogando água sobre sua cabeça e corpo. Não havia dúvida de que Charles

precisaria se trocar antes das fotos porque ele não estava apenas um pouco molhado, ele estava muito molhado.

— Eu tenho isso, Charles.

— Não, está bem. — Ele a tirou da banheira, mas como ela não soltou a piscina da Barbie, ela levou a piscina cheia de água com ela, derrubando-a por todo o chão.

— Porra.

— Oh não.

— O que está acontecendo aqui? — Brad correu para o banheiro.

Eu estava prestes a avisar ele para ter cuidado até que ele entrou no banheiro correndo, escorregando e caindo no chão.

— Ótimo, — Charles resmungou, envolvendo uma Mary chorona em uma toalha. —Agora, todos nós temos que nos trocar.

— Por que eu? Porque agora? — Brad ficou ali por alguns segundos, olhando para o teto, e então começou a rir.

Charles colocou Mary de pé e pegou algumas toalhas, espalhando-as no chão. Eu ajudei, mas pisei em uma poça e escorreguei. Braços fortes envolveram minha cintura, girando em direção à banheira, me firmando, mas uma pena que ambos caímos em uma pilha sobre as toalhas, eu em cima de Charles.

Minha respiração ficou presa quando senti cada centímetro dele contra mim, seu peito contra o meu peito, seu quadril no meu quadril. Eu empurrei seu peito, mas acabei ficando emaranhada e dando cabeçadas nele.

Ai…

Eu esperava mais raiva, mais frustração dele, mas do nada, ele soltou uma gargalhada profunda que aliviou meu interior. Então, comecei a rir. Brad estava

rindo. Todos os adultos estavam rindo. Que dia. E não tinha como piorar, certo? Errado.

De repente, vindo da porta, uma luz forte nos pegou desprevenidos quando os flashes dos fotógrafos começaram.

Capítulo Dezenove

Charles

Todos os reis, mesmo os poderosos e todo-poderosos, caíram. E eu caí. Duro.

Pela primeira vez em muito tempo, fiquei doente. Não apenas um pouco resfriado, mas uma gripe tipo A completa. Foi confirmado pelo médico. Também foi confirmado que, como cheguei tarde demais, não poderia tomar Tamiflu. Bom Deus. Minha única graça salvadora foi que era fim de semana, mas eu me sentia uma merda total.

Toc. Toc. Toc.

— Papai, — disse Mary. —Eu fiz algo para você, mas o tio Brad disse que eu não posso entrar aí.

Eu grunhi, incapaz de me mover porque todos os músculos doíam, como se eu tivesse acabado de malhar. —Obrigado, bebê.

— Só vou enfiá-lo por baixo da porta. — Houve uma longa pausa antes de ela continuar. —E não morra, certo? Porque eu te amo.

Eu ri. Então, percebi que doía rir.

— Pai? — Era Sarah dessa vez. —Brad e tio Mason vão nos levar para sair. Podemos dormir na casa deles na cidade, já que você está... doente e outras coisas.

Bom. Melhor ainda.

Eu não queria contaminar ninguém com este vírus, muito menos meus filhos, que tiveram uma frequência perfeita até agora este ano. Eu levantei minha cabeça e olhei para o copo alto de água na mesa lateral. Esticando minha mão, tentei alcançá-lo. Eu poderia ter tentado mais, mas me joguei de volta no colchão

e coloquei um braço sobre os olhos.

Foda-se. Eu ia dormir em vez disso.

Becky

Eu estava batendo na porta de Charles nos últimos minutos, mas ele não respondeu, então virei a maçaneta e entrei, trazendo uma bandeja de sopa, biscoitos, chá e remédios. Eu nunca tinha estado em seu quarto antes e fiquei surpresa que era tão sem graça. Onde o resto da casa estava cheio de cores, o quarto de Charles era cinza, dos lençóis às paredes, e não havia nada pendurado. Nem uma partícula de arte ou uma única moldura.

Suspeitei que ele teria uma foto de Natalie em algum lugar, em qualquer lugar, ou talvez até mesmo das crianças, mas sua cômoda e mesinha estavam vazias. Eu não sabia se achava isso interessante ou incrivelmente triste. As persianas estavam todas fechadas, mas pequenas sombras de luz ainda se filtravam pelas fendas das persianas.

— Charles? — Fui até a cama e coloquei a bandeja no chão.

Metade dos lençóis estava fora da cama. Ele tinha um braço jogado sobre a cabeça e respirava pesadamente. Eu podia ouvir o congestionamento em seu peito. Ele estava no meio de sua cama king-size da Califórnia, então eu tive que deslizar sobre ela para sentir sua testa e suas bochechas.

— Oh, Charles, você está queimando.

Ele precisava de um pouco de Tylenol para controlar a febre. E ele precisava trocar de roupa porque sua camisa branca estava úmida. Decidi cuidar dele primeiro, depois alimentá-lo e depois medicá-lo. No modo enfermeira, entrei em ação, caminhando para seu banheiro principal feito para um rei. Uma banheira

do tamanho de uma pequena piscina estava situada no canto mais distante, e cada fenda do banheiro de mármore branco cintilava.

Curiosamente, seu banheiro não era tão vazio quanto seu quarto. Por exemplo, o lado de Natalie da pia dupla estava intocado. Sua maquiagem e sua caixa de joias estavam lá. Até sua escova de dentes estava no suporte. Ela morreu há quase quatro anos, mas todos os seus pertences ainda estavam no banheiro, como se ela nunca tivesse partido.

No meio, no balcão, estava um miniprato de cerâmica, e quando me aproximei, percebi que continha suas alianças de casamento. Eu parei enquanto pensava sobre isso. Não, ele o colocou aqui. Esta era originalmente a casa de seus pais. Meu coração apertou com a enormidade de sua dor no coração. Ele mudou as coisas dela, depois que ela faleceu, porque ele a queria ainda com ele.

Meu coração doeu por Charles e por uma mulher que eu nem conhecia. Apenas o fato de que sua vida foi tão abreviada, que ela não foi capaz de desfrutar de suas filhas, amá-las, amar e cuidar de Charles. *Cuidar de Charles.*

Eu balancei minha cabeça e fui até o armário de linho para pegar algumas toalhas de rosto. Encontrar tudo que eu precisava não foi tão difícil, consistia apenas em abrir gavetas e remexer em alguns pertences de Charles. Depois de alguns minutos, eu tinha toalhas de rosto, uma tigela e uma camiseta limpa.

— Charles? — Me aproximei da cama. Mergulhei a toalha na água e torci. Depois de subir na cama, coloquei o pano úmido em sua testa antes de passar por sua bochecha e pescoço.

Seus olhos se abriram. —Becky? O que você está fazendo aqui? — Ele resmungou. —Você precisa ficar longe. — Ele tossiu. —O que quer que eu tenha, juro que você não quer.

Eu o ignorei, limpando sua bochecha e pescoço, repetindo o movimento.

Ele agarrou meu pulso, sua pele em chamas. —Becky, estou bem. — Sua voz era baixa, áspera, como se houvesse areia em sua garganta.

— Você está longe de estar bem, — eu disse gentilmente. —Sua febre está nas alturas.

— Eu provavelmente pareço com a morte e cheiro como a morte, então, por favor... me deixe manter minha dignidade aqui. — Seus dedos se moveram do meu pulso para a minha mão, colocando ela em cima de seu peito. —Tenho certeza de que vou ficar bem.

— Você vai ficar porque eu estou aqui agora, — eu disse, com determinação maternal em minha voz.

Ele perdeu o argumento com isso, e seus olhos se fecharam. Seus lábios se inclinaram para cima, e isso fez meu coração disparar. Por que ele não conseguia sorrir com mais frequência, não quando estava em um estado de delírio total causado por uma temperatura alta?

— Eu deveria cuidar de você, — ele balbuciou, com os olhos ainda fechados. —Esse é o meu trabalho. Para que eu nasci. É meu propósito na vida. Eu cuido das pessoas.

Fiz uma pausa, apenas olhando para ele, para a barba por fazer se formando em seu queixo, na extensão de seus cílios com os olhos fechados. Não era justo, não é? Toda a responsabilidade colocada em seus ombros.

— Talvez você devesse deixar as pessoas cuidarem de você às vezes, — eu sussurrei.

Eu assisti seu peito subir e descer, querendo abraçá-lo por nenhum outro motivo a não ser por assumir aquele papel, por ser um cara bom. Ele poderia ter deixado a empresa para seus irmãos, ele poderia ter escolhido ser menos, mas não o fez. Ele conquistou o mundo e se recusou a permitir que ele o esmagasse.

Eu admirei isso mais do que ele jamais imaginaria.

— Coisas importantes primeiro. — Coloquei a toalha na pequena bacia e cheguei mais perto, de joelhos. *Vou precisar de todas as minhas forças para isso.* —Vamos colocar uma camiseta fresca e limpa. Esta está úmida.

Meus braços foram para a parte superior de seu peito, logo abaixo de suas axilas, e eu o levantei.

— Becky, — disse ele meio grogue.

— Só me ajude um pouco aqui. Você pode se sentar?

Ele grunhiu enquanto eu o ajudava a se sentar. Agarrando a ponta de sua camiseta, levantei até o pescoço. E então eu apenas... encarei. Eu não pude evitar. Porque caramba... Eu sabia que Charles malhou na hora do almoço no trabalho e, na maior parte do tempo, ele comia limpo, o que valeu a pena, porque o abdômen sagrado.

— Você está se aproveitando de mim, Becky? — Charles tentou brincar, com os olhos ainda fechados.

Eu empurrei sua camiseta sobre seu pescoço e puxei pelos braços antes de jogá-la no chão.

— E sobre o outro dia... sobre o Sr. Woody.

Sr. Woody? Sorri porque ele era fofo, contando piadas.

— Essa é uma reação natural da manhã para os homens. — Ele tossiu algumas vezes. —Mas deixe-me lhe contar um segredo. — Ele tossiu novamente. —Sr. Woody quase sempre está em atenção quando você está por perto.

Oh, meu Deus. Delírio de febre alta.

Minhas bochechas esquentaram. Graças a Deus seus olhos ainda estavam

fechados, então ele não testemunharia minhas bochechas quentes e em chamas. Por mais que tentei, não pude deixar de ficar lisonjeada porque não havia como não estar. Ele gostou de mim? Eu realmente esperava e desejava que ele fizesse.

Eu balancei minha cabeça, obscurecendo os pensamentos. Querê-lo, querer que ele gostasse de mim, complicaria as coisas, este trabalho, meu relacionamento com as crianças. Ele não poderia gostar de mim. Ele não gostaria de mim se soubesse sobre meu passado quebrado. Me concentrei na tarefa em questão e empurrei a camiseta limpa sobre sua cabeça e para baixo em seu estômago. Com muito esforço, ajudei-o a deslizar para se deitar novamente. Estava tudo bem até que eu caí em cima dele no processo em um grande *oomph.*

— Aproveitando agora, não é? Você nem mesmo precisa perguntar. — Naquele momento, ele parecia Brad.

Eu teria rido se meu pulso não estivesse acelerado. Eu me afastei dele e gemi quando avistei o Tylenol na bandeja no chão. Mãe-depenadora.

Eu encarei meu paciente, que agora estava roncando profundamente. Uma das minhas maiores qualidades, além de ficar escondida, era minha persistência.

Pulei da cama, agarrei o Tylenol, depois pulei de volta e montei em sua cintura. Abaixei e levantei seu queixo. —Charles. — Eu o sacudi um pouco. — Charles!

— Hmm? — Um olho abriu e fechou.

Eu precisava que sua febre baixasse. Coloquei a pequena pílula em seu travesseiro e peguei seu copo cheio de água em sua mesa lateral. Então, eu mergulhei alguns dedos em sua água e joguei um pouco de água em seu rosto. — Charles!

Ele não se mexeu. Estúpido de minha parte, provavelmente foi bom. Se eu estivesse com muita febre, provavelmente adoraria alguns chuviscos gelados no

rosto. Com um suspiro, repeti o movimento até que ele se mexeu e os dois olhos sonolentos se abriram. Eu puxei sua camiseta até que ele ficasse um pouco mais alto em seu travesseiro. Se ele começasse a engasgar, teríamos um problema diferente.

— Abra sua boca. — Quando ele não obedeceu, puxei seu queixo e coloquei a pílula em sua boca. Então, coloquei o copo em seus lábios. Seus olhos se fecharam novamente e eu dei um tapinha em sua bochecha. —Ei você. Vamos. Vamos. Vamos. — *Tapa. Tapa. Tapa*. —Vamos. Engula.

— Você engole?

Esse cara. Eu não poderia diminuir meu sorriso mesmo se tentasse. Eu inclinei o copo, segurando a parte de trás de sua cabeça para guiá-lo.

Quando a pílula desceu com um gole d'água, quase ri das minhas próximas palavras. —Eu sempre engulo.

Seus olhos se abriram lentamente e um sorriso bêbado apareceu antes de eu deixá-lo cair em seu travesseiro. Gah! Se eu não tomasse cuidado, poderia me apaixonar por esse cara.

Charles.

Quem sabia que horas eram ou que dia era? Tudo que eu sabia era que precisava mijar muito. Saí da cama e quase tropecei no edredom do chão.

— Becky? — Eu perguntei, minha garganta seca como um deserto.

Ela bocejou e lentamente se sentou.

— O que você está fazendo aqui? — Eu balancei minha cabeça, confuso, e dei uma olhada ao meu redor. Sim, eu ainda estava no meu quarto. —Becky, estou doente, então você realmente não deveria estar aqui.

Ela se espreguiçou, e sua voz estava pesada de sono quando falou. —Mas eu tinha que verificar você e me certificar de que você estava bem. — Ela empurrou as cobertas e se levantou. —Estou feliz por ter feito isso. Sua febre estava nas alturas.

Depois que ela chegou perto, ela colocou as costas da mão fria na minha testa e depois no meu pescoço.

Ela exalou um suspiro de alívio e sorriu. —Eu acho que sua febre cedeu.

Eu fiquei lá em silêncio por uns bons três segundos inteiros, olhando para ela. Seu cabelo loiro bagunçado, o verde em seus olhos que pareciam brilhar contra a luz do meu quarto. E naquele momento, algo quebrou em mim.

Meu coração aqueceu, e aquele comportamento duro que eu sempre demonstrava rachou. Ela cuidou de mim, de mim! O cara que cuidou de si mesmo nos últimos quatro anos. A última vez que fiquei muito doente, tive uma convulsão estomacal. Eu tinha acordado suando e vomitando, mas me levantei da cama, tomei banho, fui para a cama e repeti o processo até que o vírus desaparecesse. Sozinho.

Então, olhando seu cobertor no chão, a bandeja com Tylenol, um pouco de sopa, uma toalha e uma bacia... bem, merda. Isso me tocou em um nível mais profundo, um nível que me pegou desprevenido. Soltei um suspiro longo e lento e minhas sobrancelhas se juntaram quando peguei uma das mãos dela e a apertei. —Obrigado, Becky.

Ela sorriu um sorriso doce. Então, ele bateu como um trem vindo em minha direção com força total, me deixando sem fôlego. Assim como eu sabia há muitos anos, quando estava no colégio, eu sabia agora. Isso tinha acontecido apenas uma vez antes. Eu não estava apenas atraído pela beleza de Becky. Eu estava me apaixonando por essa garota. Profundo, duro e completamente.

O choque da realização me fez soltar a mão dela e me virar em direção ao

banheiro, quase correndo. —Desculpa. Eu tenho que mijar.

Fechei a porta do banheiro e me encostei nela, passando a mão trêmula pelo rosto. Minha bexiga estava prestes a explodir, mas eu estava paralisado porque não podia negar. Gostava da babá. Eu sabia disso. Eu tinha admitido isso para Natalie. O problema era ... o que eu faria sobre isso?

Não, esse não era o problema. O problema era, como eu faria ela se apaixonar por mim?

Capítulo Vinte

Charles

No momento em que percebi que iria perseguir Becky, tudo mudou. Mas não de um jeito bom. Era como se minha vida tivesse virado de cabeça para baixo e do avesso.

Naquela manhã de segunda-feira, acordei tarde. Eu tinha esquecido minha gravata em casa e um cinto também, por falar nisso. Eu perdi uma importante reunião com um fornecedor no trabalho. Eu estava desmaiado quando as pessoas falavam comigo porque não conseguia parar de pensar nela. Eu era um cachorrinho apaixonado de novo, como se estivesse vivendo meus anos de colégio novamente.

Sentei à mesa da sala de reuniões, mas todos os outros já tinham saído. Nas manhãs de segunda-feira, eu conduzia as reuniões da nossa empresa com todos os vice-presidentes e superiores para obter uma atualização sobre o que todos estavam fazendo. Meu trabalho era dar a eles uma visão geral de uma perspectiva da alta administração sobre nossas projeções e os próximos projetos que havíamos planejado.

Meus dedos bateram no meu joelho, depois no café intocado, e depois bateram as pontas na longa mesa de mogno que ocupava a sala. O problema era que eu gostava dela e não sabia o que fazer a respeito. Como o CEO que eu era, comecei a listar todos os prós e contras de namorar com ela na minha cabeça.

O principal problema era que, se não desse certo, não seria o mesmo em casa, e eu teria que encerrar o emprego dela. Porque como poderia deixar de namorar seriamente com ela e voltar ao trabalho normal de babá? Nós não poderíamos. Eu não ia fingir que era uma opção. Além disso, as crianças. Eu nunca pensei que estaria contemplando isso, namorar novamente.

Como vou contar a elas? Como elas vão reagir? E ela vai querer namorar comigo? Eu sou mesmo o tipo dela? Uma batida soou na porta e eu levantei minha cabeça do meu torpor.

— Ei, você está bem? — Era Mason. Suas sobrancelhas franziram antes de ele entrar.

— Sim. Por que? — Minha voz saiu rouca como um adolescente entrando na puberdade.

— Bem, você tem estado meio fora de si ultimamente. Quer dizer, eu li que, às vezes, pode haver delírio por causa da gripe, mas isso é por causa das febres altas. Eu não acho que isso geralmente dura.

Eu esfreguei minha testa, sentindo a culpa me invadir. —Sim. Sobre aquela reunião... sinto muito por isso. Eu... — Eu inclinei minha cabeça de um lado para o outro, sentindo a tensão subir em meus ombros.

— Ei. — Brad entrou. —Vamos almoçar?

Ele tomou para si a tarefa de tornar uma situação já embaraçosa mais intensa. Claro, esse era o seu modo operante.

— Conversa séria? — Ele se sentou e pegou meu café, tomando um gole.

Eu olhei para ele. *Esse cara.*

Mason se sentou ao lado dele, seu rosto se enchendo de preocupação. —Sim. Eu ia apenas dizer que acho que você deveria consultar um médico. Você nunca fica doente e acho que pode haver efeitos prolongados de sua gripe.

Brad riu ao lado dele.

Mason lançou a Brad um de seus olhares irritados, mas continuou. —Estou falando sério, Charles. Você não tem sido você mesmo recentemente, e estou preocupado.

Brad entrelaçou os dedos atrás da cabeça e se recostou. —Eu sei exatamente qual é o problema. É muita água. — Ele piscou para mim como o bastardo diabólico que era.

Esfreguei minha têmpora, uma enxaqueca em curso prestes a começar.

— O que diabos isso quer dizer? Estou falando sério e, como sempre, você está brincando, — rebateu Mason.

Brad estalou ao lado dele. —É verdade. Diga a ele, irmãozão, — disse ele, lançando-me um sorriso conspiratório.

Soltei um longo suspiro. Enquanto Mason olhava para os aspectos analíticos das coisas para chegar a uma conclusão, Brad explicava as coisas exatamente como as via. Mas eu não estava pronto para expandir ainda quando eu não descobri o que faria em relação à minha situação atual. Compartilhamos um olhar de quem Mason não fazia parte.

Mason se levantou, cruzando os braços sobre o peito, visivelmente agitado. Seu olhar fazendo pingue-pongue de Brad para mim e vice-versa. —Ouça, alguém pode me informar sobre o que está acontecendo?

— Pegar água, — Brad pigarreou em um efeito exagerado, —significa transar com a babá.

Mason recuou. —O que?

— Eu não estou transando com a babá, — eu insisti.

Brad apontou a mão como uma arma. —Mas você quer, não é?

Eu gemi.

— Não negue, Charles. Eu vi como você está com ela e te peguei... na cama de Mary.

— Você fez sexo na cama de Mary? — Mason deu um salto para trás e seu

rosto se enrugou, enojado. Sua voz engatou, atingindo uma nota alta de soprano. —A cama da Mary?

— Não, Mason, — resmunguei. —E eu não fiz sexo com Becky.

Brad se inclinou, chegando perto do meu rosto, suas palavras firmes, claro. —Mas você quer.

Estávamos presos neste concurso de encarar. Nunca fui de ceder. Mesmo quando éramos mais jovens, eu era o mais forte dos três, nascido maior, nascido primeiro, mais reservado, mas aquele com mais contenção.

Mas eu estava perdido desta vez, então abaixei meu olhar para a mesa e soltei um longo suspiro. —Eu gosto dela. Sim. — Não foi uma resposta direta à sua pergunta, mas se eu tivesse o meu caminho, espero que acabe levando esse caminho. Abaixei minha cabeça em minhas mãos, correndo meus dedos pelo meu cabelo uma e outra vez.

Mason me olhou boquiaberto. —Você não pode. Você não sabe nada sobre ela.

— Estúpido, — zombou Brad. —Você não precisa estar namorando alguém para sempre para saber que está apaixonado por essa pessoa. Só porque você e Janice são assim, não significa que é assim que todo relacionamento funciona.

— Não é amor, — eu disse, levantando minha cabeça.

Como isso poderia ser? Não nos conhecíamos há tanto tempo. Com Nat, eu a conhecia há anos antes de saber que estava apaixonado por ela. Meus irmãos me ignoraram completamente.

— Diz o cara que não consegue manter um relacionamento, — rebateu Mason.

— Isso tudo é prematuro. Isso pode não levar a lugar nenhum, — eu disse, principalmente falando comigo mesmo.

— Ou isso pode acontecer em todos os lugares. Mas meu quarto está fora dos limites, certo? — Brad sorriu.

— Pela primeira vez, você pode estar falando sério? Nós nem mesmo a conhecemos, — repetiu Mason.

— Não há nós na equação deles. E essa é uma solução fácil, Charles. — Brad me encarou. —Conheça ela. — Ele falou. —Eu tenho que ir almoçar. Meu estômago está comendo seu revestimento, e eu não fico bem sem comida. — Ele colocou uma mão pesada em meu ombro e apertou. —Isso é bom para você, Charles. Mais do que isso, Becky é boa para você. Confie em mim. — E então o desgraçado diabólico piscou mais uma vez antes de sair com Mason, que não havia dito uma palavra.

Capítulo Vinte e Um

Becky

Acordei no meu aniversário como qualquer outro dia, porque ninguém deveria saber. Achei que ninguém sabia, mas quando abri a porta do meu quarto, uma dúzia de balões rosa me atingiu no rosto. No chão havia várias pinturas e cartões. Havia três pinturas de animais, uma de uma lhama, as outras duas de unicórnios, todas exibindo duas palavras: *Feliz aniversário.*

Meu coração se expandiu quando eu peguei todos eles e os trouxe para o meu peito. Depois de puxar os balões para o meu quarto e colocar as pinturas e cartões na minha mesa, desci as escadas para preparar o café da manhã das meninas.

Como sempre, Charles estava lá, com meu café pronto, outro balão flutuando acima de sua cabeça. Depois de me entregar meu café, ele puxou o balão pelo cordão e me deu. —Feliz aniversário.

Eu estava sorrindo tão forte que minhas bochechas doíam. —Quem te contou?

— Patty nos contou. E você... — Ele estreitou os olhos de brincadeira. — Nem tente. Tornamos os aniversários grandes e grandiosos para as meninas. E elas gostam de torná-lo grande e grandioso para cada um de nós. Então, estamos comemorando hoje. Dois anos atrás, as meninas queriam levar Patty para a Disney World, então nós o fizemos.

Quando meus olhos se arregalaram, ele disse. —Não se preocupe. Patty disse que você não gostaria muito disso. Você é mais discreta.

Eu concordei. —Eu sou. — Embora eu adoraria ir para a Disney World um dia. O dia em que não tiver medo de sair de casa em geral.

— Mas vamos jantar hoje à noite. Todos nós. Mary escolheu para onde vamos.

Minha excitação não poderia ser diminuída e houve um pequeno salto no meu passo. Caímos em nossa rotina matinal normal, eu preparando o café da manhã e ele preparando o almoço das meninas na ilha da cozinha.

— Qual foi o seu aniversário mais memorável? — Charles colocou um pouco de maionese em um pedaço de pão.

Eu inalei e exalei enquanto as memórias voltavam. Houve alguns memoráveis, mas apenas alguns que eu queria esquecer.

Achei que ele sentiu minha relutância em responder porque Charles reformulou sua pergunta. —Seu aniversário mais feliz.

— Hmm. — Eu ri sem humor. —Minha mãe realmente se lembrou do meu aniversário um ano. — Eu engoli pela dor da memória. —Eu esqueci quantos anos eu tinha, provavelmente um pouco mais velha que Mary. Mas lembro que também foi no mesmo dia em que o serviço social tinha uma visita agendada. — Virei a panqueca na frigideira. —Não sei como me lembro disso, mas sim. — Um peso se espalhou por todo o meu corpo, e me forcei a me concentrar na tarefa em mãos antes que a dor e a dor do meu passado voltassem e me deixassem em estado de tristeza. O silêncio seguiu minha resposta, então olhei por cima do ombro e forcei um sorriso no rosto. —Mas está tudo bem. — Eu empurrei as palavras, tentando me concentrar no positivo antes que o negativo me afundasse. —Existem tantas outras memórias, mais felizes que as substituem. — Nenhuma delas quando eu era mais jovem, mas mais com as famílias que me adotaram, como a família de Patty.

— Lamento que você tenha passado por tudo isso, Becky. Eu lamento. — Havia verdadeira sinceridade em seu tom.

Dei de ombros. —É isso que é. — Eu deixei meu passado escapar da minha

memória, forcei-o de volta para uma caixa que eu quase nunca abria mais. Continuei com as panquecas, colocando a cozida no prato e despejando mais massa na assadeira. —Não é diferente de como você funciona. Você também não recebeu as melhores cartas, mas você não apenas se deita e morre.

Eu vi um flash de dor cruzar seu rosto.

— Eu queria. Confie em mim. Se não fosse pelas meninas, eu teria, — admitiu. —Seu namorado nunca comemorou seu aniversário?

Todo o meu corpo enrijeceu. Minha mente entrou em pânico, procurando por todas as coisas que eu disse a ele. *Quando eu mencionei meu ex-namorado?*

— Você mencionou namorar um cara por um tempo. Alguém que gostava de jogar. — Sua voz estava leve, mas eu sabia que ele estava pescando.

Eu virei a panqueca enquanto meu batimento cardíaco batia em meus ouvidos. *Quanto eu quero compartilhar sem compartilhar muito?*

— Ele deve ter comemorado o seu aniversário. Que tipo de namorado não comemora o aniversário da namorada? — Sua voz estava mais suave desta vez, mais cautelosa.

— Meu ex namorado. — Desliguei o fogão e fui direto para a mesa da cozinha com minha pilha de panquecas. —Vamos apenas dizer que ele não era o melhor namorado.

Quando passei por ele para pegar o leite e o suco de laranja na geladeira, ele pegou meu antebraço. —Becky…

Minha respiração ficou presa com a intensidade de seu olhar, a preocupação neles.

— É disso que você está fugindo?

Suas palavras foram como uma dose de água fria no meu rosto, um tapa na

minha bochecha. Eu recuei, despreparada. Queria contar tudo a Charles. Depois de manter meu segredo para mim mesma por tanto tempo, ele era a pessoa que eu mais queria contar, porque eu queria que ele me conhecesse, tudo de mim. Ele conhecia trechos da minha vida, mas pela primeira vez, eu queria dar a alguém a imagem completa.

Ele apertou meu antebraço, inclinando para entrar na minha linha de visão. —Você pode confiar em mim, Becky. Eu protegerei você.

Eu apertei meus olhos com força. Que pensamento adorável, deixar Charles me proteger. Valente da parte dele. Mas ele não tinha ideia. Ele não poderia me proteger de Paul. Ele não tinha ideia de que tipo de monstro Paul era. Se qualquer coisa, esta família, Charles incluído, seria um dano colateral, e eu não poderia deixar isso acontecer. Eu nunca me perdoaria. Eu não conseguia nem imaginar trazer acidentalmente aquele demônio para qualquer lugar perto desta família perfeita. Eu lentamente me retirei dele e ignorei sua pergunta, abrindo a geladeira e evitando contato visual.

— Becky... — Desespero. Havia desespero em sua voz.

Charles nunca estava desesperado, e isso puxou meu coração. Puxou com tanta força que quase... *Não!*

Minhas orelhas queimaram. Eu precisava de um minuto para mim, mas todos desceriam logo, e eu tinha que preparar o café da manhã.

Tarefa em mãos. Concentre-se na tarefa em mãos. Copos fora. Suco para Mary. Leite para Sarah.

— Becky! — Ele sussurrou ferozmente.

Corte as panquecas para Mary. Pequenos pedaços. Ela gosta de pedaços menores.

— Becky... — Ele gentilmente me puxou para encará-lo, seu rosto

atormentado. —Eu só quero te conhecer mais.

Houve uma pausa longa e significativa, e nossos olhos se encontraram. Eu podia ver a confusão e sinceridade em seus olhos, perguntas que ele tinha para mim, perguntas que eu não poderia responder porque revelaria muito. Eu confiei nele. Eu confio. Mas não com isso. Minha mãe era inofensiva. Ela não podia mais machucar a mim ou a esta família. Então, embora falar sobre ela fosse doloroso, não trazia perigo iminente.

Ainda assim, eu podia sentir essa panela de pressão crescendo dentro de mim, querendo contar a ele, mas também estava curiosa para saber por que ele queria tanto saber. —Por que? — A palavra voou dos meus lábios antes que eu tivesse a chance de pará-la. Eu deveria ter ficado em silêncio. Não importava por que ele queria me conhecer mais, porque eu não iria trazer coisas que eu queria esquecer.

Uma pequena respiração escapou dele antes que ele se inclinasse para mim. —Porque... porque eu gosto de você, Becky. — Suas palavras saíram sem esforço, diretas, honestas, todas as qualidades são características de Charles, o CEO.

E eu sabia o que ele queria dizer, que gostava de mim. Não apenas como pessoa, mas também se sentia atraído por mim. Achei que deveria saber com as dicas que ele deu, especialmente quando estava doente, mas eu simplesmente presumi que ele estava delirando. Meu coração derreteu e eu queria chorar porque também gostava dele. Meu Deus, eu gosto dele.

Seus dedos se arrastaram do meu pulso, entrelaçando nossos dedos. —E eu estou meio que me perguntando... se você gosta de mim também.

Sua intensa preocupação mudou para o sorriso mais doce e vulnerável. Algo que eu nunca pensei que veria quando comecei aqui. Ele tinha sido tão estoico na época, mas estava derretendo nas últimas semanas. Talvez eu não quisesse ver

porque significaria muito. Mas agora, aqui estava ele, revelando suas emoções e olhando para mim como um menino e me implorando para não quebrar seu coração. Mordi meu lábio, me sentindo tímida de repente.

Ele exalou pelo nariz. —Becky... estou tentando aqui.

Eu encarei nossos dedos entrelaçados, me sentindo um pouco perdida, fora de controle, fora de minhas profundezas. Éramos tão diferentes, iguais, mas diferentes.

— Eu gosto de você, — admiti baixinho, porque sabia no meu íntimo que o que eu sentia por este homem ia além da relação patrão-babá. Foi acima da minha atração física por ele. Eu estava totalmente atraída por ele, sua personalidade, sua aparência física, seu coração. —Mas você quer saber as coisas que enterrei. Não vou desenterrá-las de novo. — Eu olhei para ele, praticamente implorando com meus olhos. —Eu simplesmente não posso ir lá.

Nosso momento intenso foi abruptamente interrompido pelo som das vozes das meninas.

— Feliz Aniversário! Feliz Aniversário! — As meninas cantaram.

Sarah entrou, carregando uma caixa com o maior laço de bolinhas no topo, e Charles e eu demos um passo saudável longe um do outro. Eu respirei fundo para me limpar dessas emoções de montanha-russa e fiz uma cara corajosa para as meninas.

Mary correu em minha direção, praticamente pulando em mim no processo. —Feliz aniversário, Becky! Nós te amamos.

Eu a puxei mais para cima, envolvendo meus braços em volta de sua cintura e beijando sua testa. Lágrimas brotaram atrás dos meus olhos. Nunca me senti tão necessária, tão apreciada, tão amada por uma família inteira.

Sarah me abraçou em seguida. —Obrigada, Becky. Por me ajudar ontem com

meu dever de casa.

Eu a puxei contra mim. Mason, o guru da matemática habitual, tinha saído com sua namorada ontem, portanto, indisponível para ajudar Sarah. Para ser honesta, eu tive que colocar no YouTube alguns tutoriais para matemática do quinto ano. Não foi uma tarefa fácil.

Enquanto nos sentamos à mesa, parecia tão surreal que, no último mês, eu havia me tornado tão próxima desta família. Onde Patty e Eleanor sempre me fizeram sentir como uma família, isso parecia diferente, porque eu era uma parte integrante da família, mesmo no curto tempo que passei aqui. Era tão grande, tão importante para mim. Esse sentimento de pertencimento.

Eu me inclinei contra a cadeira, pensando que este devia ser, sem dúvida, o melhor aniversário que eu já tive. Eu exalei um longo suspiro de contentamento. Experimentando esta imensa alegria, fiz uma pausa, meu olhar cintilando para Charles. Eu gostava das coisas como elas eram, então tive que pensar sobre essa coisa nova acontecendo entre Charles e eu.

Eu não tinha certeza se estava disposta a arriscar.

Charles

Estávamos no Pete's Pizza Palace. Sarah e Mary sugeriram isso, e quando eu neguei às minhas garotas algo que fosse razoável e dentro de minhas possibilidades? Quando Mary pediu um unicórnio quando ela fez três anos, eu não pude exatamente comprar um para ela. Quando ela chorou e chorou, Brad se vestiu como um, com chifre e tudo. Naquele ano, para o Halloween, ele havia usado a fantasia de unicórnio para uma festa, mas o chifre estava em seu pênis naquele momento. Elegante.

Eu tinha reservado duas cabines de canto para nós e estava assistindo minhas meninas jogarem Skee Ball com Becky quando Brad entrou, segurando uma caixa de tamanho médio embrulhada em rosa.

Ele deslizou para a cabine, à minha frente. —Ei. Desculpe estou atrasado. Onde estão as meninas?

Eu inclinei meu queixo em direção ao outro lado da sala, onde Becky estava gargalhando de quem sabe o quê. Isso me fez sorrir ao vê-la ser tão feliz. Eu odiava que ela tivesse memórias de merda quando criança, e esperava que estivéssemos criando memórias do melhor aniversário para ela.

— Não acredito que ela queria passar o aniversário no Pete's Pizza Palace. — Brad ergueu a caixa que trouxera, sacudindo um pouco. —Eu não sabia o que comprar para ela, então comprei fones de ouvido sem fio. Você sabe... para que ela possa bloquear o barulho quando as crianças são irritantes, mas ainda estão presentes. — Ele bateu um dedo contra sua têmpora. —Inteligente, hein?

Eu ri. Meu irmão, senhoras e senhores.

Inclinando-se, ele perguntou. —Então, como vão as coisas entre vocês dois?

Meus olhos a encontraram novamente e suspirei de desejo. Desejo real. A primeira vez que senti saudade de outra pessoa além de Natalie. —Não sei. Normal. — Eu queria que fosse o oposto do normal entre nós. Eu levantei uma sobrancelha para ele. —E não pense que não percebi que você e Mason estão passando mais tempo na cidade ultimamente.

Ele ergueu ambas as sobrancelhas em inocência. —É apenas porque sentimos que você precisa de tempo para conhecê-la quando não estamos todos acordados em casa.

Eu balancei minha cabeça. —Não importa de qualquer maneira...

Ele franziu a testa. —O que isto quer dizer?

— Ela não está me deixando entrar. É como se ela me desligasse toda vez que tento conhecê-la um pouco mais.

Ele se inclinou e suas sobrancelhas se juntaram. —Do que ela está se escondendo?

— Não sei. — Era mentira porque, pelo que descobri, ela estava se escondendo de um ex-namorado. Um ex possivelmente perigoso pela forma como ela o mantinha sob controle. Olhei de volta para onde ela estava, ajudando Mary com o Skee Ball, fazendo-a balançar mais alto. —Eu disse a ela como me sinto. E isso não vai funcionar se ela não me deixar entrar.

Ele olhou de volta para as meninas. —Talvez você precise dar um tempo.

Eu concordei. —Eu ficaria bem com isso se apenas pensasse que o tempo ajudaria em nossa situação.

Nós dois olhamos para cima quando Mason entrou com Janice em seu braço. Ela usava saltos de dez centímetros, jeans escuros e uma blusa branca justa. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto. Pendurada em seu braço estava sua bolsa Hermès que Mason havia lhe dado em seu último aniversário.

— Oh Deus. Aí vem a Barbie, — sussurrou Brad em voz baixa.

— Ei pessoal! — Janice se inclinou para mim e encostou minha bochecha na dela, fazendo o mesmo com Brad logo depois. —Onde está a aniversariante?

Cumprimentei Mason e respondi a Janice ao mesmo tempo. —Lá. Elas estavam jogando Skee Ball, mas passaram a jogar basquete.

Janice fez uma careta. —Sim, não sou muito boa em jogos. — Ela ergueu uma sacola de presentes que dizia *Burberry*. —Eu comprei um presente para ela. Comprei um lenço para ela. — Ela sorriu.

Sempre que Janice estava por perto, os olhos de Brad estremeciam, como se ele tivesse um tique. E quando ele sorria, era tão forçado que parecia que doía.

Eu odiava, odiava que Mason parecesse tão infeliz, apesar de sua insistência em permanecer leal a ela, mas não era tão vocal quanto Brad sobre isso. Mason já sabia como eu me sentia. Eu disse a ele em poucas palavras que ele merecia coisa melhor, mas no final do dia, ele era um homem adulto. Eu não gostaria que me dissessem o que fazer da minha vida e confiei que Mason poderia tomar suas próprias decisões, mesmo que não concordássemos com algumas dessas escolhas.

— Tio Brad, — gritou Mary, correndo em sua direção, pulando em seus braços.

Sarah se aproximou com um rolo de ingressos vermelhos, agitando-os no ar. Becky bem atrás dela.

— Sarah fez uma matança naquela máquina de bilhetes ali. Ela tirou a sorte grande. — Becky estava sorrindo com tanto orgulho que você pensaria que ela tinha ganhado os ingressos.

— Feliz aniversário, Becky, — cumprimentou Mason, seguido por Janice, que entrou para um abraço.

— Aqui está o seu presente! Acho que você vai gostar. — Janice entregou a ela a sacola de presente.

O rosto de Becky corou lindamente. —Aww, vocês não precisavam. Obrigada. — Seu sorriso era genuíno e lindo de morrer.

— E ei, crianças. — Janice acenou desajeitadamente para as crianças e depois afagou a cabeça de Sarah, como sempre fazia.

Sarah me lançou um olhar e eu sabia o que ela estava pensando. *Por que ela continua me dando tapinhas como se eu fosse um cachorro ou algo assim?*

— Eu nunca estive neste estabelecimento antes, — disse Janice, levantando o nariz enquanto examinava o ambiente.

Mason passou o braço pela cintura de Janice. —Eu acho que você esteve. Você não estava aqui para o segundo aniversário de Mary? Tenho certeza de que o aniversário dela foi aqui.

Ela inclinou a cabeça. —Não. Eu me lembraria se estivesse em algum lugar assim antes, Mason.

O olho de Brad se contraiu novamente e, em cerca de dois segundos, ele diria algo que era malvado disfarçado, como as vezes em que tocava ‘Gold Digger’ de Kanye West toda vez que Janice entrava na sala.

— Vamos pedir a pizza. — Eu fiquei de pé. —Vamos, Becky. Escolha da aniversariante.

Eu deslizei meu braço sobre seus ombros e a puxei para mim. Então, eu acalmei porque não tínhamos falado desde esta manhã sobre a minha confissão. Esperei um momento para ver se ela se afastaria, mas quando ela me deixou nos levar para a frente da pizzaria, sorri.

— Você está se divertindo? — Eu perguntei a ela, chegando perto de seu ouvido e percebendo o pequeno arrepio que passou por ela. Tentei não ficar muito animado ou esperançoso.

Seu sorriso era contagiante. —Sim. As garotas são tão engraçadas. Eu não sabia o quão competitiva Mary podia ser tão jovem, e Sarah, ela é muito meticulosa com jogos. Eu juro que ela acha que existe um método para acertar cada jogo e maximizar a quantidade de ingressos que você consegue. — Ela se inclinou para mim e meu coração começou a disparar como um adolescente. — Ela é um gênio, Charles. Muito brilhante. Você deveria estar orgulhoso.

Eu concordei. Não havia dúvida de que tinha tirado a sorte grande com minhas filhas. Acima de serem boas alunas, elas eram gentis. Minhas filhas faziam parte da geração futura que mudaria o mundo.

— Então, eu sei que esta é uma festa de aniversário não tradicional para uma mulher sofisticada como você, — eu disse com uma risada. —Mas as meninas queriam dar a você o tratamento real, então obrigada por concordar com isso.

Becky riu. —Por favor, isso é ótimo. Prefiro fazer isso do que sair para um jantar elegante qualquer dia. — Ela apontou para o que estava vestindo. —Se você ainda não percebeu, eu sou o tipo de garota que usa jeans e tênis.

Eu já sabia disso sobre ela, que era uma das razões pelas quais me sentia atraído por ela. Ela não era o tipo de mulher que se esforçava tanto, o que me fez perguntar por que diabos eu estava namorando Vivian por tanto tempo.

— Então, levar você para um bom jantar está fora de questão? — Eu não era do tipo nervoso, geralmente não, mas merda... prendi a respiração, esperando sua resposta.

Ela endureceu visivelmente em meu aperto. —Charles… sobre mais cedo.

Eu automaticamente fui para a defesa. —Entendo. Eu empurrei muito forte e te surpreendi muito rápido. Essa é uma das minhas falhas. Posso ser um pouco agressivo às vezes. É o CEO direto em mim, e eu sinto muito. — *Por favor, não diga não.*

Seu olhar foi para o chão.

O que não era um não... então tentei novamente. —Ainda temos muito que discutir e resolver, mas primeiro o mais importante. Você vai sair para jantar comigo?

Seus olhos encontraram os meus e eu li sua relutância em suas feições. — Charles, há coisas sobre mim, sobre meu passado, que não quero revisitar, o que significa que estão fora dos limites.

Engoli. Não gostei dessa resposta. Normalmente, seria um negócio morto aqui. Mas ela estava sendo honesta, na frente, me dizendo o que ela precisava de

mim antes de seguir em frente. A bola estava do meu lado agora, e eu ainda tinha esperança. Poderíamos revisitar seu passado quando ela confiasse mais em mim.

Eu coloquei meu sorriso mais confiante. —Jantar. Este fim de semana. Apenas diga sim.

Ela olhou para mim por um longo momento, um sorriso lento se espalhando em seu rosto. —É meu aniversário ou seu aniversário, Charles? — Ela brincou.

Eu balancei minha cabeça e ri. —Bem, pode ser essencialmente um presente de aniversário antecipado seu. O meu não está muito longe.

Parecia uma eternidade, ali parados, olhando um para o outro até que, finalmente, ela assentiu. —Certo. Jantar. Uma condição.

Eu segurei o sorriso vitorioso que queria tomar conta do meu rosto. —O que?

— Que eu ainda possa usar meu jeans favorito.

O sorriso apareceu de qualquer maneira. —É um acordo.

Vinte minutos depois, nossa pizza chegou. Recostei e observei a interação de minha família. Fiquei surpreso ao ver como Becky se encaixava perfeitamente. E tão fácil também. Ela ria com Sarah enquanto Mary brincava com o brinquedo que acabara de ganhar com os ingressos. Mason estava silenciosamente irritado com Janice. Novamente. E Brad estava ao telefone, rindo.

— Para quem você está digitando? — Mason perguntou, estreitando os olhos para ele.

Brad pigarreou, parecendo um pouco culpado. —Sonia.

As narinas de Mason se dilataram. —Por que você está mandando mensagem para sua secretária depois do expediente?

Brad não tinha tirado os olhos do telefone, ainda sorrindo. —Porque eu disse a ela que íamos vir para cá, para o Pete's Pizza Palace, e ela não acreditou em mim. Então, enviei a ela uma foto minha e de Pete, a Pizza. A imagem é muito ridícula. — Ele levantou a cabeça, sorrindo ainda mais, nos mostrando uma foto dele e do cara com roupa de pizza.

— Você está namorando ela? — Perguntou Janice.

— Ele não está namorando ela, — rebateu Mason. —Sonia é a secretária dele.

— Eu só estava perguntando, — retrucou Janice, virando o nariz para longe de Mason e cruzando os braços sobre o peito.

— Não, eu não estou namorando ela. — Brad baixou o olhar de volta para o telefone. Houve uma longa pausa, onde ele olhou fixamente para o seu telefone, e então acrescentou taciturnamente. —Ela tem um namorado.

O tom de Mason endureceu. —Espero que você não esteja planejando fazer nada estúpido.

Ele fechou o telefone e deu a Mason um olhar penetrante. —Eu não estou namorando ela, tudo bem? Eu não estou planejando sair com ela. Eu só gosto de irritá-la porque ela me faz rir. É revigorante. Quando não estou em casa ou fora, estou no trabalho, então faz sentido sermos amigos, já que nos vemos o tempo todo.

Mason finalmente se acalmou e sorriu. —Tenho certeza de que ela te odeia.

— Ela só age como se me odiasse porque me ama secretamente. — Brad piscou.

— Acho que quero conhecer essa garota Sonia, — disse Becky, sorrindo.

Enquanto a conversa continuava, eu saí para fora da cabine. Tirei as velas do bolso de trás e dividi as velas entre Mary e Sarah. O bolo era um bolo de

princesa, que as meninas escolheram para Becky. Eu posicionei o bolo de chocolate com letras rosa soletrando feliz aniversário em cima na frente dela.

Becky juntou as mãos e sorriu tanto que me aqueceu de dentro para fora. — Eu amo isso.

Todos nós cantamos uma versão alta e ligeiramente desafinada de ‘Feliz Aniversario,’ após o qual Mary deslizou para o colo de Becky.

— Faça um pedido, — Sarah exclamou.

Depois que Becky fechou os olhos com força, ela apagou as velas.

E enquanto reunia todos para uma foto de família atrás de Becky, Sarah apontou para o bolo. —Você gosta das decorações? É um anjo. — Ela apontou para a pequena estatueta rosa em cima da cobertura de chocolate.

Olhando mais de perto, percebi que a estatueta tinha asas, então me enganei sobre ser uma princesa, ou talvez existisse uma princesa com asas.

Meus pensamentos voltaram para a última vez que visitei Natalie no cemitério. Naquele dia desesperado, eu pedi a Nat: *—Por favor... nos envie um anjo.*

E assim que me perguntei o que Becky havia desejado, me perguntei se esse era o meu desejo se tornando realidade.

Capítulo Vinte e Dois

Charles

Quando colocamos as meninas para dormir, eram quase dez da noite. Desci as escadas para dar a Becky seu presente. Esfreguei minha nuca e limpei minha garganta. Eu tinha quebrado meu cérebro, tentando pensar no presente perfeito para dar a ela, e eu apenas esperava e rezava para que ela gostasse.

— Ei, — eu disse, entrando na cozinha.

Ela usava o cabelo preso em um coque sexy e a calça de pijama xadrez rosa que eu aprendi a amar. Não importa o que ela usasse, ela estava linda. Ela tirou o bolo do recipiente de plástico e começou a colocá-lo na Tupperware.

— Você se divertiu?

Ela sorriu para mim, e eu jurei que tudo ao meu redor se tornou um zumbido. Lembra da síndrome do cachorro apaixonado? Estava ficando ruim.

— Me diverti muito. É estranho, mas não me lembro de um aniversário em que foi comemorado por tantos. — Seu queixo desceu até o pescoço com uma gratidão quase autoconsciente. —Obrigada, Charles.

— De nada. — Eu limpei minha garganta. —Eu percebi que nunca te dei o seu presente.

Ela olhou para mim com diversão. Suas bochechas ficaram rosadas e ela desviou o olhar. —Charles, você não precisa me dar nada. Você simplesmente não entende o quanto vocês me deram até agora.

Eu balancei minha cabeça e me aproximei dela. Em minhas mãos, eu segurava um envelope. Eu não sabia se ela aceitaria meu presente, mas sabia que era o que ela queria. Peguei a mão dela e, por um momento, apenas parei,

olhando para ela, observando como, antes, ela tinha uma sombra que destacava seus olhos. Mas agora, ela estava descalça e ainda incrivelmente bonita.

Abri sua palma e coloquei o papel em suas mãos. Suas sobrancelhas se franziram e seu sorriso se alargou. —O que é isso? — Seus olhos se estreitaram e brilharam com um brilho interno. —Você é do tipo sádico que me leva para sair no meu aniversário e depois me despede no meu aniversário? Esta é uma carta de rescisão?

Eu sorri porque não pude evitar. —Basta abrir.

Ela abriu com cuidado, saboreando como se já fosse precioso para ela, e puxou a única folha de papel. Seus olhos se arregalaram e sua boca entreaberta. Então, ela dobrou o papel de volta, seus olhos verdes brilhando. —Charles... eu não vou aceitar isso.

Eu já estava preparado para isso. —Resposta errada. Sua resposta deve ser... obrigado. — O que eu dei a ela foi um passe para qualquer escola de enfermagem, com as mensalidades pagas. —Você pode ir em tempo parcial. Você pode ir para a universidade ou faculdade comunitária local. Não há expiração para isso. Você disse que sempre quis terminar a faculdade de enfermagem.

Ela abriu o papel novamente, parecendo surpresa, como se não pudesse acreditar. E talvez ela não estivesse acostumada com as pessoas cuidando dela, sendo mimada, mas é melhor ela se acostumar com isso porque eu não estava me segurando.

Seus olhos encontraram os meus novamente. Havia um brilho desesperador neles, claro e atraente, e isso me fez sorrir. —Charles…

— Basta dizer obrigado, — eu disse, gentilmente estimulando-a a aceitar.

Seu lábio inferior tremeu e ela balançou a cabeça lentamente antes de se

lançar em meus braços. Eu não estava preparado, meu corpo ficou tenso.

Eventualmente, meus braços se cruzaram em volta de sua cintura e eu a trouxe para mim, respirando-a, suspirando contra seu pescoço porque ela se encaixava perfeitamente em meus braços. —De nada.

Ela riu no meu ombro, e isso me aqueceu de dentro para fora. Se isso era o que ela realmente queria, me perguntei se dinheiro era o único problema que a impedia antes.

— Por que você saiu da escola de enfermagem?

Foi a pergunta errada a fazer porque ela endureceu em meus braços. Um momento depois, ela deu um passo para trás, seu rosto ilegível, a alegria que eu coloquei lá se foi, como se nunca tivesse acontecido.

Eu cerrei meus dentes. Eu quis dizer isso como uma pergunta simples, mas agora, pela reação dela, eu precisava saber mais. —Eu sei que o dinheiro deve ter sido apertado para você... — Eu estava pescando porque minhas táticas iniciais regulares me fariam parar.

Ela deu um passo para trás. —Não era o dinheiro. — Seus dedos estavam enrolados com força em torno do envelope.

Fechei meus olhos e exalei um longo suspiro. E quando os abri, não aguentei mais. Era como se eu não tivesse mais controle, muito de mim estava envolvido agora. —Foi apenas uma pergunta, mas quando você congela assim, eu sei que não é uma resposta simples.

Baixei minha cabeça, entrando diretamente em sua linha de visão. Seu rosto se contraiu e ela fechou os olhos com força, balançando a cabeça, como se estivesse tentando se livrar de uma memória.

— O que aconteceu, Becky? — Eu insisti, querendo desesperadamente consertar isso para ela.

Fosse o que fosse, eu iria consertar. Esse era o meu trabalho. Eu era o consertador e estaria condenado se não pudesse fazer isso por ela.

Quando ela abriu os olhos, eles estavam decididos. —Eu não posso pegar isso, Charles. — Ela colocou o envelope no balcão da cozinha.

Eu agarrei seu pulso, não a deixando me deixar ainda. Ela só conseguia ir até certo ponto na minha casa. —Pare. É seu, sem amarras.

Ela recuou e soltou um suspiro trêmulo. Eu podia ler todas as emoções em seu rosto, sem proteção para mim agora. Dor crua e sem filtro disparou atrás de seus olhos, e tudo de mim queria apagar a distância entre nós e abraçá-la e levá-la embora.

— Você diz isso... mas há. Sempre há amarras e, neste caso, o que você quer... eu não posso dar a você. — Sua respiração se acelerou. —Porque aonde você quer que eu vá é algum lugar que demorei muito para enterrar. É um lugar que não quero mais visitar quando estou acordada porque, como você sabe... já me assombra durante o sono. — Ela balançou a cabeça. —Então, não, Charles. Eu sei que você tem boas intenções. Mas não. Eu sinto muito. — Então, ela saiu furiosa da cozinha, me deixando sem palavras e magoado.

Minha cabeça caiu sobre minhas mãos e eu esfreguei minha testa, frustrado, triste e desapontado. Isso nunca iria funcionar. Nada disso. Porque ela estava certa, havia cordas amarradas. Eu queria mais, o que significava que eu tinha que conhecê-la para amá-la. A mulher que saiu daqui tinha segredos enterrados profundamente e, embora eu quisesse conhecê-la, ela não estava me deixando entrar. Talvez ela nunca deixasse.

Então, qualquer esperança de um futuro juntos havia desaparecido no momento em que ela me excluiu e saiu da sala.

Capítulo Vinte e Três

Becky

Eu odiei isso. O silêncio, a distância, a maneira não natural como flutuamos em torno um do outro. Nos últimos dias, continuamos com nossa rotina, mas em espaços separados, não mais conectados, não desfrutando mais da companhia um do outro. Foi uma miséria. Eu estava começando a questionar tudo. Mas eu não poderia ser franca com Charles. Eu simplesmente não conseguia. O que significava que esse silêncio poderia continuar para sempre.

Eu posso fazer isso, certo? Ficar aqui, com essa tensão no peito toda vez que o vejo? Eu balancei minha cabeça, observando as meninas nadando em sua piscina olímpica. Eu tive que fazer isso. Este era o meu trabalho. Agora, tudo que eu precisava fazer era manter as coisas estritamente profissionais entre Charles e eu, e eu ficaria bem.

Aproximei-me da borda da piscina, vendo meu reflexo na ondulação da água. Apenas estar tão perto fez um buraco no meu estômago. Eu odiava a água. Ela guardou muitos dos meus medos, trouxe de volta muitas memórias indesejadas. *Paul.* Eu fechei meus olhos para dissipar seu nome, seu rosto, sua memória. Eu não queria fazer dele parte da minha vida, nem mesmo uma lasca.

Depois da escola, as meninas perguntaram se podiam ir nadar e eu queria dizer que não. Eu queria levá-las para qualquer outro lugar. Eu queria oferecer-lhes sorvete em vez disso ou levá-las à lanchonete local.

A primeira coisa que perguntei foi se elas sabiam nadar, ao que as duas responderam. —Sim.

Então, mesmo que eu não soubesse nadar, eu disse a elas que contanto que elas ficassem na parte rasa, então eu permitiria.

Era um dia de outono excepcionalmente quente. O que eu aprendi no pouco tempo que morei em Illinois é que a temperatura pode mudar 20 graus em poucos dias. Hoje, fazia vinte e nove graus, então as crianças queriam aproveitar o tempo mais quente. Achei que realmente não importava, já que a piscina era aquecida.

Então, enquanto o sol batia ferozmente na pele exposta do meu maiô, passei protetor solar em Mary e Sarah e depois em mim e as observei nadando para frente e para trás, espirrando água, curtindo uma a outra e a água, como deveriam.

Fiquei ao lado, os braços cruzados como um salva-vidas, sabendo que se alguma coisa acontecesse com as meninas, eu provavelmente morreria, tentando salvá-las. Sarah estava em sua equipe de natação, então eu não estava preocupada com ela, e embora Mary tivesse dito que ela sabia nadar, eu não estava arriscando e a fiz usar boias.

— Becky entre, — Sarah tentou me persuadir, os olhos acesos, flutuando em suas costas.

— Acho que estou bem aqui. — Eu levantei meu cabelo e o prendi no topo da minha cabeça em um coque alto. Era um dia úmido e, se eu realmente soubesse nadar, pular teria sido uma boa ideia.

— Olhe para mim! Posso prender a respiração debaixo d'água. — Mary enfiou a cabeça sob a superfície e eu fui até onde ela estava, a ansiedade pinicando minha pele.

— Mary, que tal nadarmos normalmente e mais perto deste lado? — Embora ela estivesse usando as boias nos braços, eu queria ver seu rosto.

Eu olhei ao meu redor e notei vários dispositivos de flutuação, até mesmo um grande unicórnio. Se fosse necessário, eu pegaria o unicórnio e pularia direto.

— Becky, você tem uma moeda? Quero que você a jogue na água e vou mergulhar para pegá-la, — disse Sarah, seus lisos cabelos castanho-escuros colados ao lado do rosto.

Eu balancei minha cabeça. —Eu não. E eu não quero deixar vocês aqui.

Meus olhos procuraram a vizinhança e pousaram em alguns seixos nos arredores do quintal perto da casa da árvore que poderia rivalizar com uma pequena casa.

Eu apontei para Sarah. —Observe Mary por dois segundos.

Corri em direção à grama, me abaixei e peguei a maior pedra que pude encontrar. Corri de volta para a beira da piscina. E o pânico tomou conta do meu peito, porque no segundo seguinte, Mary tinha ido embora.

— Sarah! Onde está Mary?

Suas flutuações estavam na superfície, mas ela não estava em lugar nenhum. Sarah mergulhou e nadou até o fundo da piscina, e meus pés não conseguiam chegar ao fim rápido o suficiente.

Mary estava deitada de bruços, flutuando braços e pernas esticados.

Eu não pensei. Eu reagi. Eu pulei dentro.

Capítulo Vinte e Quatro

Charles

Eu ouvi os gritos frenéticos vindos do quintal, deixei cair minha pasta e corri. Corri tão rápido que quase tropecei nos próprios pés. Mary estava sentada na beira da piscina, estendendo um colete salva-vidas, enquanto Sarah lutava no final da piscina, sua cabeça balançando para cima e para baixo... espere. Não Sarah. Becky.

Demorou um segundo para analisar a situação. Sarah estava tentando salvar Becky, que balançava para cima e para baixo e estava levando minha filha mais velha para baixo no processo. Sarah cuspiu água, afundando de novo, levantando para respirar e estendendo a mão para Becky, que se debatia e espirrava água, corpo e mãos erráticos. Meus instintos chutaram e eu pulei, totalmente vestido.

— Sarah, estou com ela, — gritei, gesticulando para que Sarah ficasse ao lado, em segurança.

Eu fui até Becky, alcançando sua cintura, mas ela lutou e empurrou meu peito e mergulhou. Eu a puxei pelo maiô, mas ela bateu nas minhas mãos.

— Becky... pare!

Cuspi a água que espirrou em meu rosto e alcancei sua cintura novamente, com força desta vez. No processo, suas mãos empurraram para baixo meus ombros enquanto ela tentava se elevar acima de mim para tossir a água de seus pulmões.

Fechei meus olhos e prendi a respiração enquanto minha cabeça estava submersa. Então, eu voltei, e a determinação se estabeleceu profundamente em minha pele. Com uma mão enrolada firmemente em torno dela, eu nadei nós dois para o lado. Eu a tirei da água, onde ela caiu de quatro, tossindo e

engasgando com água.

Meu corpo parecia dez quilos mais pesado, enquanto minha camisa polo e calças estavam carregadas com água. Um segundo depois, me abaixei, o coração ainda disparado, mas sabendo que minhas filhas estavam bem. Eu tinha que avaliar Becky. Quem sabia se ela precisava de atenção médica? O fato de ela estar tossindo significava que ela estava respirando, o que era bom.

— Você está bem, — repeti para ela, mas senti como se fosse principalmente para mim.

Quando a tosse cessou, ela respirou fundo e profundamente.

— Ei... — eu disse, minha voz rouca.

Ela se levantou e saltou em cima de mim, me assustando. Braços em volta do meu pescoço, pernas em volta da minha cintura, soluçando incontrolavelmente no meu pescoço. Fiquei surpreso com o contato. E meu coração se partiu, ouvindo seus gritos intermináveis.

Meus braços a envolveram e eu a apertei com força contra mim. —Você está bem. Eu tenho você, Becky. Você está bem.

Seus soluços se aceleraram e ela abaixou a cabeça na curva do meu pescoço.

Recuei e sentei na espreguiçadeira atrás de mim. —Sarah, pegue uma toalha para mim.

Quando os gritos de Becky aumentaram, ela estava praticamente em convulsão, mas meu aperto só aumentou.

— Becky... tudo ficará bem.

Enrolei a toalha em torno dela, em torno de nós dois, e a coloquei mais perto. Palavras voaram da minha boca, rápidas e furiosas. Eu não sabia se era minha adrenalina falando ou o quê, mas quando minha mão alcançou a curva de seu

pescoço, mantendo-a no lugar, eu soube naquele momento que eu nunca queria que ela saísse, que em meus braços estava onde ela pertencia.

— Eu cuidarei de você. Você ficará bem. — Porque ela estaria. Eu teria certeza disso.

Seu corpo moldou-se ao meu e eu agarrei o tecido molhado de seu maiô, cavando meus dedos em sua cintura. De repente, uma emoção avassaladora tomou conta de mim, fazendo minha respiração acelerada e um nó se formou na minha garganta.

Alívio. Sim. Isso era o que era. Um alívio inegável de que ela estava segura. *Porra, se eu a tivesse perdido...*

Eu não conseguia nem deixar minha mente ir lá. Era muito impossível, muito opressor. Brad saiu, olhos arregalados, um momento depois. —O que aconteceu?

O pânico atingiu suas feições, mas eu balancei minha cabeça.

— Está tudo bem. Você pode levar Sarah e Mary para dentro? Sarah pode te informar. — Eu apontei de volta para a casa.

Ele pegou minha Mary em estado de choque, ainda muito molhada, e a carregou para dentro. Ela encharcou as roupas de Brad, mas ele não se importou. Sarah o seguiu, nos dando olhares preocupados enquanto caminhava.

Uma vez que ficamos sozinhos, beijei a testa de Becky, afastando o cabelo de seu rosto. Eu deixei o alívio me inundar e apenas me lembrei de que ela ainda estava aqui. Ainda respirando, o coração ainda batendo, o sangue ainda bombeando. Ainda linda, ainda perfeita e ainda em meus braços.

Mas eu não conseguia afastar a ideia de perdê-la. Eu não seria capaz de sobreviver a outra perda... e não a qualquer perda, ela.

E foi então que eu soube... eu a amava. Com todo o meu coração. Mesmo com seus segredos e meus medos e o desconhecido, esse amor apenas queimava

mais brilhante, mais forte dentro de mim. Não havia como voltar atrás desses sentimentos. Eu já estive apaixonado antes. E quando estava apaixonado, amei plena e completamente. Foi assim que fui construído.

Ela se afastou e lutou para se levantar, enxugando os olhos. —Onde está Mary?

— Becky. Pare. — Eu me reajustei, para ter um controle melhor sobre ela. Eu não estava pronto para deixá-la ir. —Mary está bem.

Assim que as palavras saíram da minha boca, ela se encolheu em mim, colocando o pescoço no meu ombro, soluçando novamente.

— Eu sinto muito. Eu não sei nadar e foi estúpido da minha parte... eu vou. Se você quiser me despedir... eu vou embora.

Ela estava falando bobagem agora. Demitir ela? Eu não queria que ela fosse embora, nunca. Eu queria abraçá-la, mantê-la, cuidar dela. Eu a segurei por minutos que pareceram horas. Eventualmente, eu me levantei, apertei meu abraço sobre ela e marchei para dentro da casa, passando pelas crianças e Brad, cujos olhos se arregalaram enquanto eu subia as escadas e entrava no meu quarto, deixando cair minha bunda na beira da cama.

Quem sabe quanto tempo eu a segurei? Mas eu a segurei até que seus soluços diminuíssem. Até que aqueles gritos finalmente cessaram. Até o sol se pôr através das cortinas da minha janela. Tirei meus sapatos e nos apoiei na cabeceira da minha cama, puxando ela para mim, sua cabeça ainda enfiada na curva do meu pescoço. Estávamos ambos encharcados, então puxei o cobertor sobre nós.

Ao entrar no meu quarto, percebi que esta era a segunda vez que ela estava neste quarto, e o pensamento me trouxe de volta à morte de Natalie. A sensação de um coração partido inacreditável me atingiu no estômago e puxei Becky com mais força para mim. Ela estava me confortando agora, mesmo sem saber. Eu

ouvi os sons regulares de sua respiração. Embora eu não pudesse ver seu rosto, eu sabia que ela ainda estava acordada.

— Ele tentou me afogar, — ela finalmente disse, sua voz um leve coaxar.

Cada músculo do meu corpo ficou tenso. Minha respiração desacelerou e eu precisava saber se a tinha ouvido corretamente. —O que? — Meus dedos foram para a base de seu pescoço, massageando.

— Quando tentei deixar ele pela segunda vez, ele tentou me afogar no lago. Ele me levou para o lugar que eu mais temia, e eu estava desamparada. — Um soluço escapou dela e eu a segurei com mais força. —Naquele dia, pensei que fosse morrer. E quase o fiz. Eu estava quase lá... até que ele me bateu com tanta força, socou minhas costas para tirar a água. — Ela fez uma nova pausa e disse. —Eu queria morrer.

A fúria quase me sufocou e meu temperamento explodiu. Eu cerrei meus dentes enquanto a apertava contra mim. Meus lábios se estreitaram em uma linha reta e meu corpo ficou entorpecido com o aumento da raiva e do choque.

— Eu estava com ele quando saí do orfanato. Ele foi o primeiro cara a entrar na minha vida e me amar. Pelo menos, eu pensei que era amor... era o único amor que eu conhecia.

Eu engoli a bile no fundo da minha garganta. *Eu quero matar o bastardo.*

— A primeira vez que ele me bateu, fiquei em choque. Ele se desculpou, chorou e me implorou para cima e para baixo que ele não quis fazer isso. E o ciclo se repetiria novamente. Onde o amor e o medo foram distorcidos na minha cabeça.

Meu corpo lutou para ficar parado. Tive um desejo incontrolável de me levantar e encontrar esse cara e lhe ensinar uma lição para sempre, por tocar uma mulher dessa maneira.

— A primeira vez que saí, ele me apunhalou no tornozelo. A terceira tentativa foi melhor. Eu fugi. Mas eu tinha que fazer. Eu sabia que nunca viveria para ter uma quarta.

Eu me afastei, incapaz de aguentar mais, emoldurando seu rosto em minhas mãos. —Ninguém vai te machucar novamente. Nunca. — Inclinei, nossos rostos separados por um suspiro. —Eu nunca quero que você tenha medo, certo? Eu nunca quero que você se preocupe se ele vai te encontrar, porque ele não vai. Ele não vai. — Meus polegares roçaram as maçãs de suas bochechas.

— Ele disse que me encontraria. — Lágrimas caíram de suas bochechas novamente, com mais força dessa vez. —E eu só estou com medo de... que as pessoas ao meu redor, as pessoas que eu amo, sejam um dano colateral.

Amor.

— Ele não vai. Vivo minha vida para proteger minha família. — De todas as minhas qualidades, esta era a minha força. Minha necessidade inata de cuidar das pessoas ao meu redor. Era o que eu gostava de fazer, era para isso que nasci. —Meus entes queridos. — Limpei suas lágrimas escapando de seus olhos. — Não tenha medo... estou aqui. E vou ter certeza de que está tudo bem.

Nossos olhos se encontraram e algo se passou entre nós. Eu não sabia quando ela decidiu confiar em mim. Tudo o que eu sabia era que ela fez porque um momento depois, seus braços foram em volta do meu pescoço em um torno apertado, seu corpo macio esmagando contra o meu duro.

Eu a segurei em silêncio, sabendo que nunca deixaria nada acontecer com ela. Eu fiz essa promessa a ela esta noite, mas também fiz uma promessa a mim mesmo. Eu não pude evitar o que aconteceu com Nat, embora eu tenha me culpado por anos. No final, não havia nada que eu pudesse fazer.

Com Becky, eu usaria todos os meus recursos para mantê-la segura. Eu era capaz disso. Eu finalmente nos ajustei, colocando sua cabeça no meu peito,

escovando meus dedos por seu cabelo úmido.

— Obrigado por me dizer.

Eu sabia o quanto ela tinha se dado esta noite, e ela tinha que saber que estava em boas mãos.

Seus dedos fizeram pequenos círculos no meu peito. —Queria te dizer. Pela primeira vez... quero deixar alguém entrar. Quero ser feliz.

Meus lábios alcançaram sua testa. —Estou feliz. Todo mundo merece ser feliz. — Eu mesmo incluído.

O sono levou nós dois eventualmente, mas quando acordei horas depois, era tarde da noite. Meu olhar viajou para o relógio na parede oposta, observando que eram duas da manhã. A preocupação e a ansiedade de antes desapareceram e foram substituídas por algo totalmente diferente. Desejo.

Não havia como eu não ficar excitado. Tentei pensar em outra coisa porque agora não era o momento de ficar com tesão. Mas foi difícil, não quando seu corpo estava pressionado firmemente contra o meu, seus seios macios contra meu peito duro. Seu maiô tinha secado, mas era como um filme plástico contra seu corpo, e eu podia sentir cada centímetro de seu corpo contra o meu.

Se eu deslizasse seu maiô para o lado, poderia sentir se ela estava molhada. Ela ergueu o queixo no momento em que o pensamento se filtrou, seus olhos tremulando abertos de seu sono pesado. E agora, eu estava duro. Eu tinha certeza que ela podia sentir minha ereção protuberante contra seu estômago. Ele pulsava e cutucava e queria ser liberado.

Meus olhos piscaram para seus lábios e depois voltaram para encontrar seus olhos. Eu cerrei meus dentes, rangendo meus molares. *Agora não, idiota*. Agora não era a hora de pensar em como seu corpo se encaixava perfeitamente contra o

meu. Como estávamos na posição certa para...

— Sinto muito, — disse ela, seu rosto caindo novamente.

Pelo o que? Me deixar duro? Ela não conseguia controlar como meu corpo reagia a ela.

Ela acrescentou. —Eu não sei nadar.

Ah certo.

— Foi estúpido da minha parte deixar as meninas na piscina, mas Mary estava tão feliz e animada, e Sarah disse que ficaria bem, mas eu sou a adulta...

Eu belisquei seu queixo. —Pare de chorar. — Minha voz era um sussurro suave contra sua pele.

Ela continuou, tão decepcionada consigo mesma. —Se você quiser me demitir, eu entendo. Eu assumo total responsabilidade.

De que absurdo essa mulher está falando? Demitir ela? Não é provável.

— As meninas estão bem, — eu insisti. —Você está bem.

— Não... — Ela balançou a cabeça, seus olhos doloridos.

E então eu a beijei para calá-la, mas principalmente porque eu queria. Houve uma mudança no ar. Uma mudança de humor. Meus lábios congelaram contra os dela, pedindo permissão hesitantemente. Fiquei chocado por ter feito a mudança. Eu respirei pelos próximos segundos, e quando seus lábios se moveram contra os meus, eu tomei isso como um convite.

Se qualquer coisa, ela pisou no acelerador. Meu corpo seguiu sua direção, embora minha mente me dissesse para ir mais devagar, mas não consegui. Ela era muito macia em meus braços, muito flexível, muito quente, muito sexy. Uma das minhas mãos se moveu para segurar sua bunda enquanto a outra enfiou os dedos em seu cabelo, e eu puxei levemente, expondo seu pescoço.

Meus lábios arrastaram um caminho da extensão cremosa de sua pele até sua boca. Eu devorei seus lábios, sacudindo minha língua para provar e saborear sua boca. Becky tinha um gosto requintado e eu queria saboreá-la por inteiro, cada centímetro de seu corpo. Ela se esfregou contra mim, montando meu comprimento atrás das minhas roupas, nossos lábios nunca quebrando o contato. Eu gemi. Minha respiração se acelerou, mas a dela também.

Meus dedos deslizaram sob seu maiô para a pele nua de sua bunda, empurrando ela contra minha dureza. Becky soltou um gemido de desejo e eu quase perdi o controle.

— Charles... eu preciso de você.

Eu gemi contra sua boca quando meu nome saiu de seus lábios. Ela puxou meu cabelo, ficando de joelhos e avançando mais perto de mim, onde não havia espaço entre nós. A toalha escorregou de seus ombros até a cintura e, de repente, tudo que eu queria era vê-la desfeita. Meus dedos se moveram de sua bunda para a frente de seu maiô, deslizando entre as dobras. *Oh foda-se.* Ela estava encharcada.

— Merda... — eu gemi.

Quando deslizei outro dedo, ela agarrou meus ombros, nossos lábios perdendo o contato quando ela respirou fundo. Empurrei para dentro e para fora dela mais rápido, com mais força, observando seu peito subir e descer com sua respiração rápida, e pequenos gemidos deixaram seu corpo.

Ela estava gloriosa, olhos semicerrados, lábios entreabertos, respiração acelerada e superficial. Ela mordeu o lábio para evitar que seus gemidos escapassem, descansando sua testa contra a minha. —Charles…

Eu sorri. Eu nunca me cansaria de ela chamar meu nome. Eu queria que ela gritasse mais alto. —Baby, pegue. Eu quero ver você se desfazer.

Eu soube quando atingi seu ponto ideal porque sua cabeça caiu para trás e seus olhos se fecharam. Não demorou muito para que sua respiração se acelerasse e ela tivesse espasmos contra meus dedos, encontrando aquele clímax que a fez voar alto. E que visão gloriosa de se ver. Ela era linda, cabeça erguida, pescoço esticado até o teto. Seus dedos se cravaram nas minhas costas e não havia dúvida de que eu teria marcas amanhã. Quando ela terminou, ela desabou sobre mim, a cabeça enfiada no meu pescoço, ofegante. Decidi que era o som mais sexy que ela já tinha feito e queria ouvi-la fazer isso com frequência.

Quando seu batimento cardíaco desacelerou para um ritmo normal, ela se afastou, mordeu o lábio inferior e sorriu. — O que está acontecendo? — Ela sussurrou, tímida de repente.

Nós estávamos acontecendo.

Ela olhou para baixo entre nós, minha ereção dolorosa empurrando contra a costura da minha calça. —Sua vez. — Ela agarrou a fivela da minha calça, mas eu a parei.

— Agora não. — Eu inclinei minha cabeça para trás contra a cabeceira da cama e puxei sua mão.

— Oh. — Seus olhos se arregalaram.

Então, eu soube o momento em que ela pensou que eu a estava rejeitando porque seu rosto caiu, e ela se levantou, levando a toalha com ela. Eu gentilmente a puxei para baixo. Eu não era como o ex dela. Eu imaginei que ele fosse um cara que pega, pega, pega. Eu não iria levá-la aqui. Eu queria vinho, jantar e namorar com ela primeiro.

— Posso apenas te abraçar? Apenas te abraçar esta noite?

Seu sorriso era pequeno, mas doce, seus olhos brilhando. Depois de um aceno de seu queixo, sua bochecha descansou contra meu peito, e eu a segurei durante a noite, nossa respiração em sincronia. Eu não conseguia me lembrar de

uma vez em que dormi tão profundamente.

Capítulo Vinte e Cinco

Becky

Três dias se passaram desde que eu fugi do quarto de Charles, antes que as meninas se levantassem para a escola. Desde então, fazíamos a mesma rotina todos os dias. O mesmo, mas diferente, porque as mãos de Charles estavam em mim sempre que podia. Quando ele me entregou meu café pela manhã, ele me puxou e acariciou minha bochecha. Isso sempre fazia meu coração disparar, mas foi o melhor bom dia que uma garota poderia pedir.

Essa mudança em nosso relacionamento foi bem-vinda, mas assustadora, bonita e enervante. Eu senti como se fosse virar uma poça de gosma no chão por causa do afeto dele. Como quando ele me beijava enquanto eu fazia ovos mexidos, ou toda vez que eu ia para a geladeira, ele pegava minha cintura e beliscava meu lado. Ele era brincalhão e amoroso, e eu não podia esperar até nosso encontro esta noite.

O que não foi totalmente discutido foi como contaríamos a Sarah e Mary sobre nós. Tínhamos tocado nisso brevemente, mas não entramos em detalhes. Isso era algo que Charles teria que assumir. Já sabíamos que Mary seria adaptável, visto que ela era tão jovem. Mas Sarah... nós dois nos preocupamos com Sarah.

Enquanto eu fritava o bacon, Charles me agarrou, me abraçando por trás. — Eu adoro como minhas manhãs mudaram. Eu não quero ir trabalhar.

Ele beijou meu pescoço e me abraçou. A certa altura, ele pegou minha mão segurando a espátula e fritamos os ovos juntos.

— Mal posso esperar pelo nosso encontro esta noite, — disse ele, causando arrepios na minha pele.

Seus lábios foram do meu pescoço ao meu ombro e eu exalei um suspiro pesado. Estar com ele, nosso novo dia-a-dia, era um sonho do qual nunca quis acordar.

— Meus irmãos chegarão às seis e meia. Então, nós sairemos até então.

Eu me virei para encará-lo, curiosa agora sobre o que ele havia dito a eles. — O que você disse?

— Nada. — Ele sorriu. —Ainda. Mas vou contar a eles no trabalho hoje. Vou dizer a eles que estamos namorando. Porque… — seu sorriso se alargou —...é assim que eu sou. — Então, ele piscou, o que não era típico de Charles. —Eu apenas disse a eles que tinha planos e precisava de um deles para cuidar das meninas. Ambos se ofereceram.

— Pai?

Charles saltou dois passos para longe de mim e deixei cair a espátula no chão quando Sarah entrou na cozinha. Ela ergueu uma sobrancelha, nos observando como se soubesse que algo estava acontecendo. Charles sempre disse que ela era uma alma velha, mesmo na tenra idade de dez anos. E eu sabia que ela tinha nos visto. Uma parte de mim se perguntou há quanto tempo ela estava parada ali.

— Mary está chorando, — disse ela. —Não tenho ideia do que é desta vez. Ela é apenas chorona. E ela está chamando por você.

Charles estava quase saindo da cozinha quando disse. —Tudo bem. Eu cuidarei disso.

Estudando-me com olhos estreitos e curiosos, Sarah se sentou em seu lugar habitual na mesa.

— Bacon e ovos. Isso é o que vamos ter esta manhã. — Minha voz parecia nervosa. Como não poderia?

Esta noite era nosso primeiro encontro, e as meninas ainda não faziam ideia.

Charles

Bati meu lápis contra a mesa da sala de reuniões, incapaz de parar esse tique nervoso que eu tinha. Estávamos revisando as projeções do próximo trimestre e eu não conseguia manter minha cabeça no jogo. Mason sentou ao meu lado, com a cabeça afundada em suas demonstrações financeiras. Estávamos esperando por Brad. Sempre fui franco com meus irmãos. Então, por que diabos eu estava tão nervoso agora?

— A que horas você precisa de nós lá esta noite? — Mason perguntou, folheando as finanças. —Para onde Becky está indo? Por que ela não está disponível novamente?

Eu olhei para o meu relógio. Eu não queria dizer isso duas vezes. —Onde está o Brad?

E na hora certa, ele entrou na sala de reuniões com aquele passo fácil. Ele se sentou em seu lugar normal, à direita de mim, rindo, jogando uma revista na mesa.

— O que é tão engraçado? — Mason perguntou.

— Sonia.

Mason olhou para ele. —E agora?

— Nada. Ela é simplesmente engraçada. — Ele acenou com a mão em direção à revista, bateu na mesa duas vezes e apoiou o tornozelo no joelho. — Verifique a página quarenta e quatro. Está quente fora da imprensa, nem mesmo nas arquibancadas ainda.

Peguei a revista e folheei as páginas. Abrindo a página que Brad mencionou, coloquei a revista espalmada sobre a mesa. O sorriso de Brad era pequeno, mas

encantador, os cotovelos apoiados nos joelhos, como se ele estivesse sentado em nossa poltrona de couro preto em casa. Ele parecia relaxado, à vontade e embora eu nunca tivesse admitido isso para ele em voz alta porque seu ego já era maior do que a própria vida, muito aguçado.

Brad Brisken lidera a empresa na Brisken Printing Corporation como vice-presidente de aquisições e vendas durante o dia, mas à noite, este homem solteiro está ajudando seu irmão viúvo a criar duas meninas. Quando ele não está trabalhando, ele está brincando com Barbies ou assistindo filmes de princesa. Meus olhos se voltaram para Brad.

— O que? — Ele rosnou. —Eu sei. Parece insensível. Acho que é uma forma de eles venderem jornais. É uma ótima foto minha, não é? A gravata está boa, mas essa, — ele apontou para a mesa para dar ênfase, —essa é uma ótima foto.

— Isto é. — Passei para a próxima página, que apresentava uma miragem de fotos. Brad rindo com Mary. Nós no banheiro, limpando a bagunça que Mary havia causado. Becky rindo ao meu lado. Brad enxugando Mary e trocando-a. Lá embaixo, perto do balanço, todos nós brincando no quintal.

A colagem me fez engolir em seco. Adorei essa foto nossa, a ideia de ser o nosso futuro. Becky simplesmente cabia. Ela se moldou muito bem à nossa família.

— As fotografias ficaram boas. — Esposa ou morte. Brad com certeza estaria recebendo perspectivas para a parte de esposa depois desta revista quando em circulação.

Brad pegou a revista e a enfiou ao lado do corpo. —Certo, vamos lá. Projeções. Eu ainda tenho que sair um pouco mais cedo para pegar o jogo Banco Imobiliário Frozen para as meninas hoje à noite. Para onde você está indo? Becky não está disponível?

Eu engoli e reajustei minha gravata. —Uh, eu vou levar Becky para um

encontro esta noite.

— Espere o que? — Mason piscou para mim.

Sua boca se abriu novamente, e eu atirei sua próxima pergunta com um olhar fixo.

Brad sorriu. —O que aconteceu entre vocês? Você pode compartilhar comigo. Depois daquele pequeno acidente, vi você carregá-la, com maiô molhado e tudo, até o seu quarto.

— Nada aconteceu. — Então, eu balancei minha cabeça.

Eu perguntei a Brad o que ele disse às meninas sobre o motivo de nosso desaparecimento. Ele disse a elas que levei Becky ao hospital para verificar se ela estava bem. Eu deixei essa mentira passar, já que ele colocou as meninas para dormir naquela noite.

— Que acidente? — A voz de Mason se intensificou.

Brad franziu os lábios. —Esquecemos de contar a vocês sobre todo o drama da terça-feira. Becky pensou que Mary havia se afogado quando Mary estava apenas flutuando como o Superman debaixo d'água.

A boca de Mason ficou aberta.

— Becky pulou na piscina. Pena que a menina não sabe nadar. — Brad deu a Mason um sorriso de quem sabe tudo, provavelmente divertido que Mason não soubesse disso. Mason sempre quis estar por dentro.

Sua boca se abriu ainda mais.

— Pior dia para dormir na casa da sua namorada, irmãozinho. — Brad exibiu um sorriso arrogante. —Alguém entrou em ação. Satisfação.

Eu rolei meu pescoço de um lado para o outro, exalando meu aborrecimento. —Nada aconteceu. Eu nem mesmo saí com ela.

— Sim, mas vocês estão morando juntos há um tempo, então esse namoro não importa, — disse Brad.

Eu gemi. —Sim. — Isso fez para mim.

Mason esfregou a testa, como se tudo o estivesse deixando exausto. —Ainda não sabemos nada sobre ela.

— Isso não é verdade, — eu disse, minha voz dura.

Talvez eles não a conhecessem, mas eu sim. Eu conhecia seu coração, sabia como ela se encaixava bem em meus braços e sabia que estava apaixonado por ela.

Brad ergueu uma sobrancelha. —Você está dizendo que ela falou com você? — Ele colocou os dois cotovelos na mesa. —Realmente falou com você? — Ele se inclinou, me nivelando com um olhar.

Minha mandíbula se apertou. Bastardos intrometidos. —Sim ela fez. E, sim, ela tem um passado. E, não, vocês não saberiam disso, a menos que ela mesma queira contar a vocês.

Mason apertou seus molares. —De quem ela está fugindo?

— Mason... — Eu avisei friamente.

Mas ele não estava recuando. —Quem? Se essa pessoa é louca, temos o direito de saber.

Meu punho bateu contra a mesa, minha paciência se esgotou. —Um, eu não vou deixar nada acontecer com minha família, e dois, o que você ganha é o que a própria Becky decide compartilhar com você. Ponto. Final. — Peguei minha cópia das projeções, passando para a primeira página do balanço, desafiando-os a dizer mais uma palavra.

Brad balançou a cabeça lentamente. —Entendi. — Ele folheou para a

primeira página de sua cópia. —E eu decidi. O Banco Imobiliário Frozen está acontecendo na minha casa na cidade. Vou trazer as meninas de volta no domingo.

Suspirei. — Brad, você não precisa fazer isso.

Ele encolheu os ombros. —Eu sei. Mas eu sou o melhor irmão, então... — Ele piscou.

Se ele não estivesse me ajudando, eu daria um tapa nele. Não houve retorno de Mason. Pensando em silêncio, ele folheou para a primeira página das finanças.

Desfrutando do silêncio de Mason, Brad sorriu. —Vamos acabar com isso. Alguém tem um grande encontro para o qual se preparar.

Capítulo Vinte e Seis

Becky

— Onde estamos indo? — Não consegui esconder este sorriso vertiginoso no meu rosto. Joguei minha bolsa no ombro enquanto Charles me levava para o carro. Meu cabelo balançava nas minhas costas em um rabo de cavalo baixo, e eu usava esses brincos pendentes. Minha camisa de seda amarela, que me lembrava a luz do sol, abraçou meu corpo, e eu vesti a calça jeans desbotada que ele prometeu que eu poderia usar.

Então, enquanto caminhávamos para o carro, eu estava no limite de curiosidade.

Quando ele abriu a porta de seu Porsche, eu entrei, e antes que ele fechasse, ele disse. —Para onde estamos indo é uma surpresa.

Tentei não franzir a testa. As surpresas não eram minhas favoritas porque, em minha vida, a maioria das minhas surpresas tinha sido trágica, dolorosa e me causou dor. Assim que esse pensamento foi registrado, eu o afastei e olhei para Charles em sua camisa polo azul-clara e jeans casuais. Então, decidi que este era meu lugar feliz, neste carro, com ele.

Charles segurou minha mão enquanto nos conduzia ao nosso destino, seja lá onde for. Parecia estranho, segurar a mão desse homem, nossos dedos entrelaçados, porque eu não segurava a mão de ninguém intimamente dessa forma há muito tempo. Seu aperto era forte, seus dedos firmes, como se ele estivesse certo, tão certo deste dia, tão certo de nós. Charles personificava a força em sua postura, na força de seu andar e, agora, até mesmo em suas mãos. Quando chegamos a uma reserva do parque, eu já sabia o que estávamos fazendo.

Eu me virei para encará-lo. —Vamos fazer um piquenique? — Eu sorri. —Só para você saber, eu nunca fiz um piquenique antes.

— Você vai parar de estragar minha surpresa? — Aquele pequeno sorriso que ele raramente mostrava apareceu em seu rosto, me fazendo suspirar silenciosamente.

Passamos pelo distrito do parque descendo uma estrada de cascalho e chegamos a um campo vazio, exceto por um grande caminhão rebocando um trailer atrás dele. Oportuno. Se estivéssemos fazendo um piquenique, acho que seria em um lago, no parque, em algum lugar pitoresco, exceto por um caminhão solitário em um campo aberto.

Ele estacionou o carro e saiu. Eu ouvi o porta-malas abrir antes que ele desse a volta para abrir minha porta. —Vamos. — Sua mão foi para a minha, como ímãs destinados a se unir, e na outra, ele segurava uma linda cesta de piquenique de vime. Tinha tecido xadrez vermelho e branco com babados que delineava a parte superior, o que parecia muito feminino para alguém de sua altura e estatura.

— Vamos fazer um piquenique naquele caminhão? — Eu disse, sendo atrevida, apertando sua mão com mais força.

— Você é engraçada. — Então, ele me puxou mais rápido em direção ao caminhão, e quanto mais perto eu me aproximava, mais meu coração acelerava no meu peito porque na parte de trás do caminhão havia uma cesta de vime em tamanho real.

Três caras corpulentos pularam do caminhão e nos cumprimentaram. —Ei, Charles.

— Ei pessoal. — Ele me puxou contra ele, deslizando os braços sobre meus ombros. —Noah, James, Tony... esta é Becky.

Depois que eu apertei suas mãos, Noah, o mais alto com uma barba cheia, disse. —Hoje é um bom dia para voar.

Eu pisquei para ele. —Voar?

— Sim, voar. — Charles exibiu um sorriso aberto desta vez, e eu parei por um momento, ignorando suas palavras e simplesmente assimilei.

Voar?

Os dois homens carregando a cesta do trailer me tiraram do meu olhar momentâneo. Depois de colocá-lo no chão, percebi que o cesto era para ser montado.

Meus olhos se arregalaram e eu pulei. —Charles!

Sua voz era um estrondo baixo diretamente atrás de mim. —Você já experimentou um passeio de balão de ar quente?

— Sim. — Minha voz estava ofegante, atordoada.

Ele cambaleou para trás. —Você fez?

— Quero dizer, meio. Se você quer dizer, experimentar como se eu tivesse assistido na televisão. Certa vez, assisti a uma comédia romântica em que o herói surpreendeu a mulher e a levou para um passeio de balão em seu primeiro encontro. Eu acho que você deve ter assistido.

— Você está dizendo que isso é clichê? — Seus olhos seguiram Noah e James, que puxou o balão da sacola e o desembrulhou no campo. —Acho que não é realmente original.

Meu olhar viajou de volta para ele. Ele está fazendo beicinho? Meu Deus, era o começo de um beicinho. Eu duvidava que essa palavra estivesse em seu vocabulário.

— Estou brincando, Charles. É perfeito. — Eu me virei para encará-lo

totalmente. —Sério, é perfeito que esteja nos filmes. Sempre sonhei em ser aquela garota, comia e bebia.

Ele acenou com a cabeça, mas não estava convencido. —Não é original. Quer dizer, a última vez que tive um primeiro encontro foi no colégio. O primeiro encontro que levei Nat foi ao cinema e ao Steak 'n Shake local. Já faz um tempo, então eu, — ele desviou o olhar, parecendo quase envergonhado. —Eu pesquisei primeiros encontros românticos no Google.

Os cantos dos meus lábios se curvaram para baixo, tentando manter o meu sorriso. Agora, ele não era o mais fofo? —Eu amo isso. É perfeito. — Eu me aconcheguei ao lado dele e meus braços envolveram sua cintura.

Uma sugestão de sorriso apareceu. —E eu trouxe o vinho, se você estiver se perguntando. — Ele ergueu sua cesta de piquenique.

À nossa frente, os dois homens espalharam o balão pelo campo. O náilon era uma série de cores brilhantes do arco-íris, amarelos vibrantes, laranjas, vermelhos, verdes, roxos e azuis.

— Vocês dois podem nos ajudar? — James gritou.

Eles nos posicionaram no fundo do balão, na abertura, que se chamava boca.

James colocou a borda do balão em minhas mãos. —Tudo que você precisa fazer é segurar firme. Vamos ligar os queimadores e encher este bebê. Faça o que fizer, não deixe ir.

Eu balancei a cabeça, mas meu coração estava batendo loucamente. Charles estava na outra extremidade, espelhando segurando a boca do balão. Ele cambaleou e eu também. Quando Noah acendeu os queimadores, o ar quente explodiu em meu rosto, mas então o balão inflou, ficando mais largo. Quanto maior ficava o balão, mais difícil era segurar o náilon. Parecia que estava sendo puxada. Plantei meus pés firmemente no chão e observei a multidão de cores à

minha frente. Quase me senti como se estivesse dentro do balão, vê-lo expandir em sua capacidade total era além de incrível.

Lá se foi meu rabo de cavalo fofo. Fios escapando estavam por toda parte. Mas não importava porque quando fui chicoteada pelo meu cabelo, eu estava sorrindo como uma louca. Eu olhei para Charles, e ele estava radiante, um sorriso aberto e grande. Era bonito. Isso iluminou seu rosto. Eles inclinaram a cesta de vime para o lado e a posicionaram na abertura da boca. Recuei, observando enquanto eles amarravam o balão à cesta. E então James e Noah o viraram até que se levantasse.

Uma mão voou para a minha boca enquanto inclinei meu queixo totalmente para trás, observando a altura e a massa do balão vibrante.

— Preparada? — Charles gritou acima dos queimadores soprando.

Eu balancei a cabeça e ele me conduziu até a cesta. Era alto, a parte superior descansando logo abaixo da linha do meu peito.

— Você vai ter que pular na borda e nós vamos ajudá-la a entrar, — disse Noah. — Como isso. — Com os braços, ele usou a borda da cesta para erguer sua bunda até a borda e passar as pernas dentro da cesta em um movimento rápido. —Fácil.

Eu ri. —Certo. Diz o homem que é uma boa cabeça mais alto do que eu.

— Eu vou te ajudar a levantar, — disse Charles, deixando cair a cesta de piquenique no chão.

— Não, tenho certeza que posso... — Eu estava lutando quando, sem aviso, Charles me levantou como se eu fosse uma pena, seu corpo perto do meu, suas mãos ao meu lado. Minha respiração engatou quando meus pés saíram do chão. Eu deveria agarrar a borda da cesta e usar meus braços para me colocar na borda, mas falhei, caindo nele.

O calor correu pelo meu corpo em todos os lugares que estávamos conectados, meus seios esmagando contra seu peito duro, quadril com quadril, coxa com coxa. E quando eu olhei para ele, vi o calor espelhado em seus olhos.

— Deixe te ajudar a levantar, Becky, — disse Noah, alheio aos fogos de artifício explodindo entre nós.

Charles lançou a ele um olhar não muito feliz e seus olhos encontraram os meus novamente. —Ouça, use os braços para se erguer e ancorar a bunda na beirada. — Ele inclinou o queixo em direção a Noah. —E então você pode ajudá-la quando ela colocar as pernas na cesta.

Eu sorri. Ele está com ciúmes? Havia uma faísca de fogo definitiva em seus olhos enquanto olhava para Noah. Eu acho que ele está.

— Preparada? — Ele perguntou.

Usei meus braços para me levantar com toda a força que tinha. Quando estava na beira da cesta, levantei os joelhos até o peito e caí para trás. Gritei antes que Noah me pegasse, então me levantei e tirei o cabelo do rosto. Olhei para Charles, que entregou a cesta de piquenique para James, e então ele saltou graciosamente, como se já tivesse feito isso um milhão de vezes antes. Ele me perguntou, mas eu nunca perguntei a ele.

— Você já andou em um desses?

— Não. Sempre quis. Eu queria levar as meninas, mas elas não são altas o suficiente para ver por cima desta cesta, então de que adianta?

Nossa atenção estava de volta em Noah quando ele disse. —Certo, vamos decolar em breve. O céu está limpo e não há sinal de chuva. Vamos lá.

Tony soltou as âncoras e partimos. Inclinei-me sobre a borda da cesta, observando Tony e sua caminhonete encolherem em uma pequena figura abaixo. Esfregamos alguns galhos de árvores ao sermos erguidos mais alto. Estávamos

voando. Voando de verdade. Acima das casas, acima das árvores. Parecia inacreditável. Eu me sentia livre e, nessa altura, como se pudesse respirar livremente. Eu inalei profundamente, respirando ar fresco.

— Isso é incrível, — eu respirei. —Não é lindo aqui em cima?

O braço de Charles roçou no meu enquanto observávamos a cena abaixo de nós. —Eu não poderia concordar mais. — Mas ele estava olhando para mim, seus olhos castanhos atentamente em mim, e minhas bochechas aqueceram.

Nós subimos mais alto nas nuvens. À medida que a cidade desaparecia abaixo de nós, tudo o que podíamos ver eram os brancos e azuis do céu e as nuvens ao nosso redor, nos prendendo, como se estivéssemos no céu.

— Não acredito que estamos voando. — Eu inalei profundamente novamente, deixando o ar encher meus pulmões.

Ele colocou um braço em volta das minhas costas, e borboletas vibraram em minha barriga, como se eu fosse uma adolescente. Enquanto eu olhava para ele, sorrindo livremente, percebi uma coisa. —Você não precisava pesquisar os primeiros encontros no Google.

Seu olhar encontrou o meu.

— Qualquer encontro que você escolhesse teria sido perfeito porque eu estou com você. — Eu cutuquei meu ombro de brincadeira contra o dele.

— Cafona, — disse ele.

— Eu sei, certo? E eu nem precisei pesquisar essa fala no Google.

Capítulo Vinte e Sete

Charles

Eu não queria que a noite acabasse. Depois do passeio de balão, fomos jantar em um restaurante com vista para o Lago Michigan. Era tranquilo, romântico, algo que também pesquisei online. O dia até agora tinha corrido perfeitamente, como planejado, e enquanto dirigia para casa, eu já estava pensando em nosso próximo encontro na minha cabeça.

Em um primeiro encontro normal, eu a teria levado para casa, para sua própria casa, mas isso estava longe de ser uma situação normal. Em vez disso, estava dirigindo para minha casa, onde ela também morava. Saí do carro, pegando a mão dela. Eu nos acompanhei pela garagem, pela casa e pela cozinha. Estava estranhamente quieto, o que nunca aconteceu na minha casa. Sem risadas. Sem filhos briguentos. Apenas silêncio completo.

— A que horas as crianças chegam em casa? — Becky perguntou enquanto caminhava até o armário para pegar dois copos, e então ela caminhou até a geladeira.

Minha garganta ficou apertada de repente. Eu tinha que soltar isso. —Elas não vão.

Sua mão parou na geladeira quando ela se virou para mim.

— As meninas queriam dormir na casa de Brad. Elas não vão lá há algum tempo. — Ela poderia dizer que eu estava mentindo? Era apenas um minúsculo. Ela poderia me culpar?

— Oh. — Ela nos serviu um pouco de água e nos sentamos à mesa. Quando ela olhou para mim, seus olhos estavam pensativos. —Não parece que nos conhecemos desde sempre?

Sim, pensei. Mas eu queria ouvir o que ela tinha a dizer. —Como assim?

As pontas dos dedos dela bateram levemente no vidro. —Talvez seja assim para mim porque você é o único que me conhece de verdade. Porque não há presente sem passado, e eu nunca contei a ninguém sobre meu passado.

Meus dedos encontraram os dela do outro lado da mesa. Eles eram longos e delicados e, olhando para ela, ninguém saberia que ela havia passado por tanto. Ela parecia tão perfeita, intocada pela vida. Eu odiava que ela tivesse passado por tanta coisa.

— Eu sinto que tudo entre nós está se movendo na velocidade da luz, mas não rápido o suficiente, — eu disse. —Eu não quero apenas saber as coisas que machucaram você no passado. Eu também quero saber as coisas boas também, o que te faz, você, o que te faz sorrir. Qual é a sua cor favorita? Alimentos favoritos? Já sei que você faz as melhores panquecas que já provei. — Eu sorri enquanto brincava com seus dedos.

Ela virou minha mão e traçou as linhas no interior da minha palma, balançando a cabeça. —Eu entendo totalmente. São as pequenas coisas, as coisas do dia a dia que nos tornam, nós. Qual é a sua cor preferida?

Eu estreitei meus olhos em pensamento. —Eu realmente não me lembro. Por muito tempo, vi as coisas apenas em preto e branco. Sim ou não.

Pensei em como eu vivia todos os dias após a morte de Nat, levantando, indo para o trabalho, cuidando das crianças. E agora, mais recentemente, desde que decidi viver mais para mim, aquela vida que era um cinza apagado estava lentamente se tornando mais... vibrante.

Eu entrelacei nossos dedos novamente, pressionando minha palma na dela. —Não sei qual era minha cor favorita antes, mas sei qual é agora. Verde.

Seus olhos esmeralda cintilantes brilharam, e ela desviou o olhar, corando. —

Você, Charles... tem as melhores falas.

Eu ri porque ninguém jamais me faria esse elogio. Eu estive fora do jogo do namoro por muito tempo. —Essas falas só aparecem quando você está por perto.

E eu estava oficialmente me transformando em um derretido. Quem sabia que eu tinha isso em mim?

Conversamos por horas, sentados à mesa onde originalmente tínhamos nos ligado por causa de pesadelos. Eu descobri as coisas minúsculas. Seu filme favorito da Disney era *A Pequena Sereia*. Espaguete era sua refeição favorita. E ela adorava qualquer coisa de chocolate e com sorvete. Horas depois, eu finalmente a acompanhei escada acima, deixando-a na frente da porta de seu quarto.

Ela empurrou o dedo do pé no tapete felpudo, nervosa de repente. —Eu me diverti muito esta noite. Como todos os primeiros encontros são, este foi o melhor que eu já fiz.

— Você já esteve em um monte de primeiros encontros antes?

Ela balançou a cabeça. —Não. Mas se tivesse, imagino que nada superaria isso.

Eu balancei a cabeça, engolindo, avaliando meu próximo movimento. Tínhamos chegado àquele momento estranho logo antes de você se despedir na porta, aquele momento em que você decidiu beijá-la, para tentar, para ver se ela deixava. Eu engoli novamente.

Eu deveria beijá-la. Sem hesitação.

Olhamos um para o outro por alguns segundos antes de ela rir, me puxar pela camisa e me beijar. Meus braços envolveram sua parte inferior das costas, trazendo ela, e aprofundei nosso beijo. Ela parecia o paraíso em meus braços, meus lábios nos dela. Ela empurrou contra mim, esmagando seus seios contra

meu peito duro. Meu corpo estava em alerta máximo, querendo, precisando. Eu agarrei a parte de trás de sua camisa, trazendo-a para mais perto, mas não estava perto o suficiente. Fomos de zero a cem em um nanossegundo, minhas mãos em seus cabelos, suas costas contra a porta. Depois de um segundo, ela colocou a mão no meu peito e nós dois ficamos sem fôlego.

Eu descansei minha testa contra a dela, pressionando os freios, não querendo apressar nada. — Desculpa. Eu…

— Você quer entrar? — Ela sussurrou.

— Uh... — Merda... eu realmente não deveria. Não no primeiro encontro, pelo menos.

Isso estava apressando as coisas? Eu sabia que, uma vez que cruzássemos essa linha, não haveria mais volta, e eu estava bem a bordo disso, com tudo dela em minha vida. Eu só queria que ela tivesse certeza, porque nunca estive mais certo de que queria estar com ela. Sua mão já estava na maçaneta da porta, me levando para dentro.

— Tudo bem, — eu disse.

Assim que sua porta se fechou, eu a levantei em meus braços e ela envolveu suas pernas em volta da minha cintura, esfregando em mim. Eu gemi, mal conseguindo guiá-la para a cama, onde a coloquei de costas. Nós nos beijamos como adolescentes, nos beijando e tateando até ficarmos ambos sem fôlego e nus sobre seu edredom.

Mas então parei de repente. —Eu não tenho camisinha. Não comigo. Não aqui, — eu disse, me afastando para encontrar seus olhos.

Ela acariciou meu pau para cima e para baixo e eu gemi, deixando cair minha cabeça contra seu pescoço.

— Bem, então, pegue uma, — ela sussurrou, sua voz rouca suave contra a

minha pele.

Eu me empurrei para fora da cama, estendi a mão para ela e a puxei em meus braços, carregando ela pelo corredor, nós dois totalmente nus. No meu quarto, chutei a porta atrás de mim. Gentilmente, eu a coloquei na cama, seu cabelo uma bagunça de loiro espalhado no meu edredom cinza. O verde em seus olhos brilhava com desejo, com luxúria e com uma emoção profunda com a qual eu estava familiarizado porque eu tinha certeza que meus olhos refletiam os dela.

— Eu voltarei.

Corri para o banheiro, vendo meu reflexo no espelho acima das pias duplas. Meu pau estava duro, necessitado e queria uma coisa, estar dentro de Becky. Caindo de joelhos, abri o armário, procurando a caixa de preservativos. Depois de encontrá-la, retirei o cordão de preservativos e arranquei um.

Eu me levantei, mas parei, estoico e imóvel porque algo chamou minha atenção. As alianças de Nat e minha estavam em um pequeno prato de cerâmica que pintamos juntos quando fomos para o México. Eu engoli quando uma série de emoções me bombardeou de uma vez.

Este sou eu seguindo em frente... e tudo bem. Nat ficaria bem com isso. Contanto que eu esteja bem.

Mas enquanto eu repetia o mantra várias vezes na minha cabeça, eu sabia que não era verdade.

Que eu não estava totalmente curado porque, se eu estava, por que coloquei seus pertences daquele lado da pia? Não era nem mesmo o lado dela da pia. Esta era a casa dos meus pais. Eu a mudei, embora ela não estivesse mais fisicamente aqui. No começo, depois que ela faleceu, ver seus pertences me confortou. Agora, isso apenas me lembrou de tudo que eu perdi.

Fechei os olhos e a única coisa que vi por trás dos meus olhos foi Nat, seu

sorriso que Sarah herdou, o loiro em seu cabelo que era muito parecido com o de Mary. O dia do nosso casamento, cheio de amor, nossas famílias e nossos pais nos cercaram.

O nascimento de Sarah. Seu primeiro aniversário. Seu primeiro dia de aula. Eu assumindo o cargo de CEO da Brisken Printing Corporation. Então, a tristeza sem fim que o atingiu. Eu descansei minhas mãos na pia, olhando para meu reflexo no espelho.

Talvez eu tenha mentido para mim mesmo todo esse tempo, pensando que tinha superado. Que eu curei e segui em frente. Eu estive com Vivian, não estive?

Mas isso era diferente, puramente físico. Ela não compartilhava um lugar no meu coração. E eu estava abrindo espaço para Becky, em um lugar que Natalie uma vez morou. O problema era que Natalie ainda estava muito presente, embora eu achasse que havia encerrado esse capítulo anos atrás.

Capítulo Vinte e Oito

Becky

Eu estava olhando para o teto, me perguntando quanto tempo havia passado. Não foram horas, mas parecia que era. A porta do banheiro ainda estava fechada. E agora, deitada nua e esperando em sua cama, me perguntei o que estava acontecendo. Quando ele finalmente emergiu, ele estava com uma cueca boxer e uma mão no quadril, seu olhar voltado para o chão. Eu me empurrei para os cotovelos.

— Então... — Ele coçou a cabeça, ainda sem encontrar meus olhos. —Isso é embaraçoso. Mas... — Ele não estava mais duro.

Enquanto minhas partes femininas choravam, eu me sentei, encontrando seu olhar, sorrindo porque não queria tornar uma situação embaraçosa mais embaraçosa. —Excitação demais para um dia? Talvez devêssemos apenas encerrar a noite. — Subi mais na cama até a cabeceira e dei um tapinha no local ao meu lado. Suas sobrancelhas se juntaram e seu olhar oscilou de volta para o chão.

Bem, merda. Isso não pode ser bom.

Talvez eu estivesse interpretando essa situação totalmente errada. Eu não deveria ter assumido que tinha permissão para ficar em sua cama, certo? Minha mandíbula travou. Fale sobre me lançar todos os tipos de sinais estranhos, malucos e mistos. Minhas bochechas inflamaram quando me afastei da cama, levando o lençol comigo, lembrando que estava nua.

— Onde você está indo? — A preocupação pesava em seu tom.

— Para o meu quarto.

Eu exalei alto, mas assim que cheguei à porta, ele avançou em minha direção

e agarrou meu pulso, me forçando a encará-lo.

— Não vá. — Seus ombros caíram quando ele olhou em mim, seus olhos baixos.

Suspirei e puxei meu braço para trás para poder reajustar meu lençol e segurá-lo contra mim. De repente, me senti muito exposta. —O que há de errado, Charles? Em um minuto, você está quente e pesado, e no próximo, você está gelado.

Tentei ler a emoção por trás de seus olhos, mas eles estavam cautelosos, ilegíveis.

Minha voz tremeu quando perguntei. —Fiz algo errado?

— Claro que não. — O pânico se instalou em suas feições.

— Isso está acontecendo muito rápido?

Suas mãos foram para a minha cintura, me puxando. Foi então, quando encontrei seus olhos chocolate, que li a emoção nadando neles. Ele estava assustado. E aqui eu pensei, eu era a única com medo desse novo relacionamento.

Meus dedos roçaram a barba por fazer em seu queixo. —O que há de errado? Você pode me dizer.

— Nada. — Sua voz sumiu, seu olhar vagando para algum lugar por cima do meu ombro. —Não acho que esteja acontecendo muito rápido. Ou talvez esteja. — Ele riu sem humor. —Agora, eu não estou fazendo nenhum sentido. — Ele balançou a cabeça e me puxou ainda mais para dentro do quarto até que estivéssemos ambos sentados na beira da cama. —Não estou acostumado com isso, Becky. Compartilhando meus pensamentos, minhas filhas, minha vida com outra pessoa que não é... — Ele exalou pesadamente. — ...Natalie.

Naquele momento, eu o entendi, o que ele estava sentindo. Nós dois

estávamos com medo, mas por razões totalmente diferentes. Eu estava com medo de me machucar de novo, e ele estava com medo de se soltar.

Eu envolvi as duas mãos firmemente em torno de seu pescoço. —Nós dois temos medo do que está acontecendo entre nós. Talvez porque pareça bom demais para ser verdade. Mas, — exalei profundamente, encontrando seus olhos com firmeza. —Eu gostaria de acreditar que merecemos a felicidade. Que tudo o que passamos foi trauma suficiente para uma pessoa em uma vida e que podemos finalmente ser felizes.

Seus braços envolveram minha cintura e ele se abaixou e deu um beijo casto em meus lábios. Então, ele me puxou com força contra ele. Nós nos abraçamos em silêncio, confortando um ao outro sem palavras, até que ele finalmente nos puxou para a cama, e eu me vi deitada em seu peito enquanto seus dedos farfalhavam em meu cabelo.

Depois de alguns longos e silenciosos momentos, ele se acalmou. —Quando me mudei para esta casa, mudei as coisas dela também. Suas roupas ainda estão no porão. Sua escova de dente e nossas alianças de casamento estão no seu lado suposto do banheiro. — Sua voz era suave e era como se ele estivesse falando principalmente para si mesmo. —Que homem louco leva os pertences de sua esposa morta para a casa de seus pais?

Sua respiração ficou superficial sob minha bochecha, e eu podia ouvir seu coração batendo mais rápido.

— No começo, a parte insana de mim pensou que talvez ela tivesse voltado. Mas... — Ele prendeu a respiração por alguns segundos antes de pronunciar as próximas palavras. —Ela não pode. Ela está morta.

Lágrimas se formaram atrás dos meus olhos e eu mordi meu lábio, desejando não chorar. Eu sofri tragédia, dor de cabeça e dor durante minha vida, mas ele também em um nível diferente. Ele perdeu sua outra metade, sua esposa, a mãe

de seus filhos. O pensamento me destruiu. Ter tudo e então, em uma fração de segundo, ter tudo levado embora.

— E eu penso em guardá-la. — Sua voz embargada de tristeza. —Eu tentei uma vez. Mas então parecia que... eu estava apagando a memória dela. Parecia... errado.

Todo o meu controle foi enfraquecido pelo som de sua voz, e as lágrimas caíram, escorrendo pelo meu rosto. Eu levantei mais alto em seu peito e o beijei, querendo confortá-lo, ou mais ainda, precisando que ele me confortasse. —Não é desse jeito. Você não pode pensar assim.

Ele engoliu visivelmente. Eu não pude deixar de pensar em como éramos opostos nisso. Eu tinha vivido minha vida tentando esquecer meu passado. Ele estava com medo de não se lembrar mais disso.

— Tudo acontece por uma razão. Cada coisa, — eu disse. —Eu acredito sinceramente nisso. Cada dor de cabeça, tudo o que aconteceu na minha vida, cada mágoa, fez de mim quem eu sou hoje. Mais forte... mais resistente. — Fiz uma pausa, enquadrando meus próprios pensamentos em minha cabeça. —Tenho vergonha do meu passado. Mais do que isso, estou tentando esquecer o que aconteceu porque odeio reviver essas memórias. — Toquei sua bochecha, olhando para a barba recém-formada. —Mas você me ajudou a superar isso.

Ele tinha. Eu não fui curada de tudo o que tinha acontecido comigo, mas contar a ele foi um grande obstáculo a ser superado e mais um passo para chegar onde eu queria estar, curada, inteira e nova.

— Seguir em frente para mim significa algo diferente para você. Você tem memórias felizes com Natalie, alegres. — Toquei sua bochecha quando um estremecimento o percorreu. Ele colocou uma das mãos sobre os olhos, e então eu soube. Eu sabia que ele estava chorando. —Seguir em frente não significa esquecer. Seguir em frente significa lembrar. Lembrar como ela impactou sua

vida, como ela mostrou que você ama, moldou você para ser o pai e CEO que você é hoje.

Minhas lágrimas caíram pelo meu rosto porque era verdade. Não havia dúvida de que ela desempenhou um papel importante na formação desse homem, esse homem gentil e atencioso na minha frente. Eles se conheciam desde o colégio.

Afastei seu braço de seus olhos, forçando ele a olhar para mim. —O amor dela é mostrado através de você, como você ama seus filhos, como lidera a empresa, como você tem compaixão em tudo o que faz. E eu... — Eu inalei profundamente. —Um dia, quero ser a destinatária desse mesmo amor. — Eu me levantei mais alto em seu peito. —É bom lembrar porque se não houvesse Natalie, não haveria o você que é hoje.

Capítulo Vinte e Nove

Charles

Não dormi nem um pouco naquela noite, minha mente fervilhando de pensamentos sobre Natalie e Becky, meu passado e meu futuro se unindo. Mas quanto mais eu segurei Becky em meus braços, a paz me encheu. Muitas coisas foram ditas ontem, de madrugada. Coisas com as quais precisávamos lidar, mas ambos percebemos que já tínhamos percorrido um longo caminho desde onde estávamos com a cura emocional do passado.

Saí da cama, tomando cuidado para não acordar Becky, e fui até o banheiro, olhando para os pertences de Natalie em seu lado da pia. Eu quase podia ouvir sua voz como se ela estivesse na sala, seu nariz franzindo quando ela não concordava com algo que eu tinha feito. *O que está fazendo, Charles? Isto é ridículo.*

Era eu segurando, e no meu coração, eu sabia que ela não iria querer que eu fizesse isso. Com um enorme fôlego de coragem, peguei uma mochila do meu armário e cuidadosamente guardei seu lado da pia. Quando coloquei seus pincéis de maquiagem, seus perfumes e seus produtos de higiene pessoal na mochila, surpreendentemente, o aperto no meu peito diminuiu.

Soltar não é esquecer, eu praticamente podia ouvi-la dizer. E eu sabia que Natalie, meu anjo, estava cuidando de mim. Não demorou muito para limpar seu lado da pia, e quando me abaixei para fechar o zíper da mochila, a mesma voz sussurrou em minha cabeça: *Continue*. E foi o que fiz.

O relógio marcava três da manhã, mas me dirigi ao porão para examinar todos os pertences dela. Teria sido mais fácil simplesmente levar as caixas direto para o meu carro e levá-las ao centro de doação, mas abri cada caixa e me permiti relembrar, lamentar enquanto dobrei as roupas e as coloquei de volta na

caixa. Eu mantive certos itens, aqueles que eu sabia que Sarah e Mary iriam querer quando fossem mais velhas, seu suéter favorito, o xale que ela sempre usava enquanto lia, a camiseta que dizia: *Hoje não é o dia para me irritar*, a camiseta que eu comprei para ela que dizia, *Melhor Mãe de Sempre*, porque ela tinha sido. As meninas tiveram a sorte de ter Natalie Mary Brisken como mãe.

Continuei, parando apenas para segurar certas peças que me lembravam de uma ocasião, nosso encontro no teatro, o recital de Natal de Sarah, o Natal com meus pais, onde o tema eram suéteres feios. Levei o suéter ao nariz e respirei fundo, vendo se restava algum traço dela na roupa, um leve cheiro de seu perfume, qualquer coisa... mas tinha sumido. Os únicos vestígios de sua existência foram os próprios itens que uma vez pertenceram a ela. Quem sabe que horas são? Eu estava mergulhado nas caixas quando olhei para cima para ver Becky ao pé da escada.

— Ei. — Ela acenou com a mão, os olhos ainda sonolentos. Ela estava totalmente vestida com uma camiseta e shorts de corrida. Achei que ela tivesse voltado para o quarto para se trocar. —Eu estava procurando por você.

— Que horas são? — Eu perguntei.

Ela bocejou. —São cerca de dez horas.

— Oh.

Bem, merda. Eu não tinha percebido que estava fazendo isso por tanto tempo. Eu estava três quartos do caminho feito e meio que em um desenrolar.

— Você dormiu? — Ela perguntou.

Eu sentei em meus calcanhares. —Na verdade. — Eu cocei minha têmpora. —Você me fez pensar muito sobre as coisas, Nat, nós.

— Você não precisava fazer isso por minha causa, — disse ela suavemente, suas sobrancelhas se juntando, seus lindos olhos verdes suaves e gentis. Ela se

encostou no batente da porta, cruzando os tornozelos.

— Eu não fiz. Eu fiz isso por mim. Eu fiz isso por Nat.

Porque havia aquela vozinha dela que ficava me dizendo para seguir em frente. Eu tentei silenciar por muito tempo. Já era tempo. Tempo para eu seguir um caminho sem seu fantasma caminhando ao meu lado e tempo para Natalie ter paz, sabendo que eu era feliz novamente e não vivia mais na miséria de perdê-la.

Coloquei a camiseta da Disney que tinha em minhas mãos na caixa e me levantei. —Vamos tomar o café da manhã.

— Você terminou?

Olhei para as caixas que ainda faltavam. —Quase, mas não exatamente.

Um sorriso doce apareceu em seu rosto. —Bem, me deixe te ajudar, então.

Antes que eu pudesse protestar, ela se ajoelhou e vasculhou a caixa mais próxima a ela.

— Becky... você não precisa fazer isso.

Uma culpa imensa me atingiu no peito porque ela não precisava fazer isso, não precisava me ajudar a vasculhar os pertences de minha falecida esposa. Eu não queria que ela se sentisse desconfortável com a situação.

Ela fez uma pausa, as mãos parando na borda da caixa. —A menos que você não queira. Se isso te deixa desconfortável...

— Não, — eu protestei, franzindo a testa enquanto a avaliava. —Estou apenas surpreso que você não esteja.

Seu tom se suavizou e ela inclinou a cabeça. —Eu só quero ajudar você, Charles.

Com Becky, eu estava muito na minha cabeça. Eu nunca fui esse cara. Eu nunca assumi as coisas. Aqui estava eu, presumindo que ela não se sentiria

confortável, guardando todos os pertences da minha esposa morta, que seria demais para ela.

— Obrigada. — Sentei ao lado dela e continuei a colocar as coisas que eu doaria em um grande saco de lixo.

— Essa camiseta, no entanto. — Ela a levantou, para que eu pudesse ler a frente. *Eu não vou fazer nada o dia todo.* —Você sabe que Mary vai usar isso.

Eu balancei minha cabeça e ri. Não era verdade? Mary tinha conquistado esta família com sua fofura, e eu me perguntei se ela continuaria empurrando o mesmo envelope quando fosse mais velha. *Definitivamente,* veio a voz novamente, e eu sorri para mim mesmo.

Uma hora e meia depois, terminamos. Eu fiquei lá, com as mãos na cintura, olhando as caixas que estavam prontas para serem enviadas para doação no Goodwill. As roupas e pertences de Natalie que eu guardaria para as meninas, todas colocados em caixas e etiquetadas. Um peso foi tirado dos meus ombros e, embora estivéssemos no porão, na penumbra da área de armazenamento, senti como se a luz de Natalie estivesse brilhando sobre mim, me banhando com calor.

Eu exalei profundamente e me virei para Becky. —Missão cumprida. Agora vamos sair para comer.

O sorriso de Becky era suave, lindo, algo com que eu poderia me acostumar todos os dias, daqui para frente.

— Você não quer fazer café da manhã

— Não, vamos sair. Temos o dia inteiro juntos, já que as meninas estão com o Brad até amanhã.

Ela estendeu a mão e acenou com a cabeça. —Vamos então.

Eu a puxei e coloquei minha cabeça na curva de seu pescoço, respirando seu cheiro natural de frutas cítricas, provavelmente de seu shampoo.

Meu novo perfume favorito.

Becky

Estávamos sentados em um pátio externo com vista para o lago. O cheiro do ar fresco do outono, a brisa contra nossos rostos, o sol batendo contra minha pele me deixaram tonta. Eu pedi crepes de mirtilo. Imaginando que poderia ter feito panquecas, bacon e ovos em casa, queria algo diferente.

— Então, o que você quer fazer hoje? — Charles perguntou acima de seu frango com waffles.

Ele usava um boné de beisebol do Cubs hoje e uma camiseta branca normal, bem vestido, ao contrário de seu traje profissional usual.

— Eu farei tudo o que você planejou.

Ele riu, tomando um gole de seu café. —Eu não sou muito planejador. Cada reserva de férias ou jantar é feita pelo Mason. Sou grato por ele porque ele faz um roteiro para as meninas quando temos que sair. — A maneira como ele falou sobre seus irmãos deixou meu coração cheio. —Mas, sim, estou muito orgulhoso de minhas habilidades de planejamento ontem, embora eu tivesse que pesquisar *os melhores primeiros encontros* no Google. — Sua boca se contraiu com diversão.

Eu ri. —Foi perfeito. — Terminei o resto do meu crepe, deslizando o garfo na boca. —Que tal darmos um passeio de bicicleta e depois irmos às compras para o que queremos cozinhar para o jantar? Então, podemos alugar um filme e assisti-lo em casa.

O canto de sua boca se inclinou para cima. —Casa. — O sorriso brincou em seus lábios, e então seu olhar caiu para a mesa antes de encontrar meus olhos

novamente. —Eu gosto do som disso. — Ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. —E andar de bicicleta, fazer compras, fazer jantar e alugar um filme soa como todas as noites, não? — Ele me puxou para perto. —Não que eu tenha um problema com isso.

— Mas desta vez, não haverá crianças por perto. — Eu sugestivamente mexi minhas sobrancelhas enquanto fechava a lacuna entre nós e o beijava.

Depois do café da manhã, subimos o lago, de mãos dadas, para alugar bicicletas. Eu queria andar em uma daquelas bicicletas alongada, onde eu andava na frente e Charles na parte de trás. Quase pulei na calçada enquanto avistava a multidão de bicicletas à nossa frente, mas algo, ou mais, *alguém*, chamou minha atenção.

Parei no meio do caminho e meu estômago caiu no chão e continuei. Era impossível. *Impossível*! A bile subiu pela minha garganta enquanto todo o meu corpo tremia.

— Becky? O que há de errado? — Charles perguntou ao meu lado. Seu aperto ficou tenso em torno dos meus dedos, sentindo meu estresse.

Eu balancei minha cabeça, vendo ele à distância, morro acima, seu perfil, as linhas afiadas de sua mandíbula, a ponta de seu nariz. O pânico ameaçou me sufocar. *Paul*. O medo turvou minha visão. Não para mim. Mas por Charles. Para Sarah. Pela doce Mary.

Mas eu não queria correr e me esconder hoje. Eu não sabia o que me dominou hoje, mas eu queria acabar com ele. Corri a toda velocidade morro acima, os braços bombeando, as pernas se movendo. Ele se virou e caminhou na outra direção, ignorando que eu me aproximava rapidamente dele, e eu corri ainda mais rápido, ouvindo Charles chamar atrás de mim.

Ele não ia machucar as pessoas ao meu redor, ser uma ameaça às suas vidas como fez com a minha. Eu não estava saindo por causa dele. Eu tinha

encontrado meu lugar nesta terra, onde era necessária, onde era desejada. Ele não ia tirar isso de mim. Ele já havia levado muito. Eu estava quase subindo a colina quando Charles agarrou meu braço, me parando.

— Becky, o que há de errado? — Ele estava respirando rápido por ter que correr atrás de mim.

Eu me virei, mas Paul havia sumido. Instantaneamente, eu me afastei de suas mãos e corri rua abaixo, fazendo um trezentos e sessenta, tentando encontrar ele.

Onde ele está? Para onde diabos ele foi?

Então, eu o vi. No semáforo. E comecei a correr de novo como se minha vida dependesse disso. Ele saberia hoje que não poderia mais me assustar. Que eu tinha alguém que me amava, alguém que se importava e ficaria comigo desta vez. Eu não iria me esconder mais. Eu lutaria contra ele e o confrontaria. O sinal mudou para vermelho, permitindo que os pedestres andassem, e eu corri em direção a ele, girando ele puxando sua camisa.

— Merda. — Abaixei minha mão assim que percebi que não era Paul.

Do ponto de vista lateral, ele era inconfundivelmente Paul, mas este não era o Paul que assombrava meus pesadelos.

— Desculpe. — Eu levantei as duas mãos enquanto ele me encarava, completamente irritado, no meio de uma estrada movimentada. O semáforo mudou, fazendo com que o tráfego em sentido contrário apertasse suas buzinas, e levantei meu queixo, meus olhos se desculpando. — Eu sinto muito.

— Becky. — Charles me alcançou novamente e agarrou minha mão, me arrastando de volta para a segurança do outro lado da rua. Quando estávamos na calçada, ele agarrou meus dois antebraços, me trazendo para dentro. —O que está acontecendo com você? — Seus olhos estavam cheios de preocupação.

— Eu pensei... — Meus olhos voltaram para o estranho cruzando para o

outro lado da estrada. —Eu pensei que o conhecia.

Seus olhos seguiram os meus pela rua. —Você pensou que era seu ex?

Eu balancei a cabeça, ainda sem tirar meu olhar do homem que quase ataquei. Sem aviso, Charles me puxou para ele até que minha bochecha plantou contra seu peito. —Eu prometo a você, nada e ninguém nunca vai te machucar novamente. Nunca.

Eu me aninhei contra ele enquanto ele beijava minha testa. Eu não estava mais preocupada com Paul me machucar. Esta nova realização empurrou enquanto eu estava nos braços de Charles. Ele não podia fazer nada comigo que já não tivesse feito. Eu estava com mais medo de Paul machucar as pessoas ao meu redor, as pessoas que passei a amar. Mas não, nunca mais.

Capítulo Trinta

Charles

Os nervos de Becky estavam à flor da pele depois daquele encontro com o estranho que ela pensava ser seu ex. O passeio de bicicleta pelo lago não diminuiu sua ansiedade, e quando fomos fazer compras, percebi como seus olhos vasculharam os arredores, como se ele fosse surgir do corredor de condimentos. Foi quando tomei uma decisão pela segurança de meus filhos e de Becky. Eu encontraria legalmente esse filho da puta e lhe daria uma ordem de restrição.

Eu contrataria um investigador particular para encontrá-lo e alistaria minha equipe jurídica para entregar os papéis a ele. Estávamos sentados à mesa da cozinha com nossa refeição de bife e batata que havíamos preparado juntos. Houve momentos durante a noite, após as risadas e sessões curtas de amassos, que ela perdeu o fôlego, e eu sabia que ela estava pensando profundamente. Enquanto ela se sentava ali, cutucando seu bife, eu sabia que essa era uma dessas vezes.

— Ei.

Sem resposta. Eu toquei seu pé debaixo da mesa. Nada ainda.

Puxei o prato dela, forçando sua cabeça para cima de onde ela tinha ido um minuto atrás. —O que há nessa sua linda mente?

Ela balançou a cabeça, seus olhos ganhando foco. —Tudo. — Quando eu lancei a ela um olhar penetrante, ela riu. —O que aconteceu antes. Como estou tão nervosa. Eu me pergunto se esse sentimento paranoico algum dia irá embora.

Peguei a mão dela sobre a mesa, colocando minha mão em seu punho. —Eu estava pensando. — Fiz uma pausa, sabendo como eu expressava as coisas era importante. Era como lidava com meus negócios, minha casa. Era tudo uma

questão de abordagem. —Eu não quero que você seja mais paranoica. Não quero que você fique olhando para trás no supermercado ou quando estivermos no parque com as meninas. Então, — eu a nivelei com um olhar. —Eu quero que você pense em conseguir uma ordem de restrição.

— O que? — Ela cambaleou para trás enquanto todas essas perguntas passavam por trás de seus olhos.

Continuei antes que ela tivesse a chance de negar meu pedido. —Se o encontrarmos e entrarmos com uma ordem de restrição contra ele, ele não poderá mais te machucar. Eu não quero que você viva uma vida onde você tenha medo.

Seu olhar caiu para a mesa e eu apertei sua mão com mais força. —Me deixe fazer isso. — Fiz uma pausa, precisando que ela realmente me ouvisse. —Eu me importo com você, Becky. — Meu polegar roçou o topo de seu punho.

Seus olhos se focaram na mesa, as sobrancelhas franzidas. —Eu não posso. — Quando seu olhar encontrou o meu, sua decisão foi tomada. —Se eu acreditasse por um segundo que uma ordem de restrição iria pará-lo, eu o faria. Mas não vai. Eu o conheço. Paul Clark é único. Ele não vai parar até que me tenha sob seu controle.

Suas palavras queimaram através de mim, e eu queria protestar e argumentar com ela que tinha todos os meios para mantê-lo longe. Mesmo se eu tivesse que contratar segurança 24 horas para ela, eu o faria.

Ela sorriu então. —Eu só posso imaginar o que está acontecendo na sua mente. Só não vá lá, Charles.

Eu engoli em seco. —É impossível para mim não cuidar das pessoas de quem mais gosto.

Seus dedos pousaram na minha mão fechada no topo da mesa. Eu nem tinha

percebido que meu corpo ficou rígido, meus músculos se contraíram com essa conversa.

— Como você sabe? — Eu pressionei. —Como você sabe que não podemos colocar esse cara na prisão se ele tentar vir até você? Não que eu esteja disposto a arriscar, mas quero que você não tenha mais medo.

Suas sobrancelhas se franziram e seu olhar caiu para a mesa. —Terei mais medo se ele souber onde estou.

Quando seus olhos piscaram em direção aos meus, eu li o medo claramente, me forçando a puxar ela de sua cadeira para o meu colo.

Eu a segurei perto, e meus lábios encontraram o caminho para sua testa. — Tudo bem, — eu disse, sabendo que não ficaria à vontade, mas queria agradá-la, fazer o que ela se sentia confortável. —Eu vou deixar pra lá.

Eu segurei seu rosto, forçando ela a olhar para mim. Seus olhos eram de um verde brilhante, tão ferozes quanto um gramado recém-regado.

Uma emoção profunda se estabeleceu em meu intestino. —Você não precisa mais ter medo. Você sabe disso, certo? — Minha voz estava forte, firme. Eu a protegeria e todos próximos a mim com minha própria vida. —Porque estou aqui, para servir e proteger. —Meu sorriso veio à tona, esperando para apagar o medo em seus olhos.

Depois de um tempo, ela beijou meus lábios com um beijo doce e se afastou, sorrindo. —É bom saber.

Becky

O fim de semana pareceu acelerar. Não era sempre quando você estava se divertindo? Em um período de um curto dia e meio, eu aprendi muito sobre

Charles, sobre Natalie, sobre suas pequenas peculiaridades.

Eu sempre soube o que o motivava e sabia algumas de suas coisas favoritas por morar com sua família, mas descobrir pequenas coisas enquanto éramos apenas nós dois era diferente. Charles era um cara que usa as mãos. Embora sua aparência externa o fizesse parecer áspero e duro nas bordas, suas mãos seguras ou pequenas escovadas contra minha cintura mostravam um lado diferente dele que outros nunca viram, e eu pude experimentar em primeira mão, sem olhinhos na casa.

Eu estava sentada em seu colo, assistindo ao filme mais recente de Jason Bourne. Quase não assistia, porque seus dedos estavam enfiados em meu cabelo, sua língua estava na minha garganta e, mais precisamente, eu não estava sentada em seu colo. Eu estava montando nele.

Eu não tinha sido beijada assim em... nunca. Eu nunca tinha sido beijada assim, lenta e sensualmente, onde cada movimento de sua língua enviava arrepios direto para mim. Meu coração disparou. Minha pulsação latejava rapidamente contra a parte interna do meu pulso. Eu o queria, sem dúvida, mas queria que ele estivesse pronto, para ir no seu ritmo.

Claro, parecia que ele estava pronto agora, já que sua mão estava na minha bunda. Quando ele se afastou, eu pude respirar. Eu pensei que era o fim do jogo até que ele me levantou, as duas mãos na minha bunda.

Passei meus braços em volta do pescoço. —Onde estamos indo?

— Meu quarto.

Meu coração quase saltou da minha garganta. Eu não sabia o que esperava, mas com certeza não esperava isso.

Seus lábios salpicaram beijos contra minha clavícula enquanto ele subia os degraus de dois em dois, enviando uma onda de arrepios por mim. Seus beijos

aceleraram de zero a cem em questão de segundos. Ele moveu sua língua contra a minha com paixão implacável, sacudindo e chupando meus lábios, movendo-se para o meu pescoço, mordiscando minha orelha. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele me guiou para minhas costas em cima de sua cama. Nossa sessão de amasso estava aquecendo meu corpo a temperaturas incomensuráveis, fazendo com que a dor entre as minhas pernas se intensificasse.

Ele agarrou sua camiseta e a ergueu acima da cabeça em um movimento rápido, e então ela foi jogada para o lado. Santo duzentos quilômetros por hora.

Quando ele encontrou meus lábios novamente e esmagou seu peito nu contra o meu, coloquei a mão contra um de seus peitorais. Encontrando seus olhos, eu disse. —Você tem certeza?

Suas sobrancelhas se juntaram então, e sua expressão se encheu de preocupação. —Por que? Você não tem certeza?

Eu balancei minha cabeça e ri da expressão comprimida em seu rosto. —Tenho certeza. Mas ontem à noite...

Sua mão viajou para cima e para baixo na minha lateral. —Gosto de você, Becky. Há uma parte de mim que ainda está assustada e nervosa, mas agora, aqui, o que eu não posso lutar é o quanto eu quero você.

Eu o entendi. Eu sabia de onde ele estava vindo. Ambos estávamos relutantes por motivos diferentes. Mas, sim, acima de todas as minhas inseguranças de pular com Charles, a paixão venceu essas dúvidas.

— A questão é... — eu joguei para ele meu olhar mais sexy e sedutor —... você tem camisinha?

— Sim. — Seu sorriso era cegante e sexy e todas as coisas que faziam minhas partes femininas chorarem.

Seus lábios desceram nos meus em uma confusão de luxúria ardente. Lentamente, ele me despiu, como se estivesse me desembrulhando como um presente. Primeiro, meu jeans. Então, minha camiseta. Finalmente, minhas roupas íntimas.

O olhar de admiração e reverência em seus olhos fez meu coração bater mais forte e mais rápido no meu peito. Mas mais do que isso... eu não conseguia respirar. Ele me olhou como se eu fosse a única mulher no mundo.

Ele se levantou e se ajoelhou acima de mim. A abertura do preservativo e a antecipação do que estava por vir me fez contorcer embaixo dele, querendo e precisando dele. Seu corpo era glorioso, um Adônis na carne, um homem a ser adorado e estimado.

Um segundo depois, seus lábios estavam nos meus novamente, seu peito esmagado contra o meu, seu comprimento duro pressionando contra meu estômago. A dor insuportável entre minhas pernas era demais para eu suportar, então esfreguei meu núcleo contra sua dureza. Sua respiração saiu em grandes baforadas quebradas.

— Você continua me tocando assim, e eu não vou durar muito. E eu quero durar muito... muito... muito tempo.

Ele assumiu a liderança, levando seu comprimento e guiando-o até minha entrada. Com um golpe, ele entrou em mim, e a sensação foi gloriosa. Eu gemi de prazer. Eu não tinha estado com um homem por anos e nunca com um homem desta força e estatura. Eu me movi embaixo dele, encontrando cada puxão e empurrão de seu corpo. Envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura, eu me inclinei mais perto, querendo-o mais profundo, mais perto, quando já estávamos grudados pele a pele.

Seus movimentos foram lentos e sensuais no início, suas mãos segurando meu rosto e, em seguida, passando pelo meu cabelo. Meu corpo se ajustou a ele,

mas mais do que isso, meu coração também. Porque quando nossos olhos se encontraram, eu o vi aberto, nu e assustado, refletindo as emoções que eu sentia por dentro. Com cada empurrão e puxão de seu corpo, meu coração se abriu um pouco mais.

O aperto na parte mais profunda da minha barriga indicava que eu estava perto. —Charles... — eu gemi.

— Eu sei, Baby.

Seus movimentos se tornaram mais duros, mais rápidos, bombeando para dentro e para fora de mim. E eu sabia que ele estava perto também.

— Se solta, Becky. Eu quero ver você se desfazer.

O acúmulo de sensação era demais para aguentar, e eu fiz o que ele disse... eu deixei ir. Nós gozamos juntos com ele chamando meu nome e eu apertando meu abraço em torno dele enquanto meu corpo era enviado por uma onda de sensações em todos os lugares.

E foi êxtase.

Capítulo Trinta e Um

Charles

— Papai!

Toc. Toc. Toc.

Era Mary. Eu pulei para uma posição sentada e encarei Becky, cujos olhos se arregalaram. Imediatamente, ela se sentou e puxou os lençóis sobre os seios. Eu olhei para o relógio. Eram três da tarde. Não tínhamos dormido muito na noite anterior.

— Papai! Abra a porta. Eu quero te mostrar algo.

Talvez se ficássemos em silêncio, ela iria embora.

— Papai?

Estava quieto e meus ombros relaxaram um pouco, até que ouvi o balançar da maçaneta.

Porra.

— Ela sabe como destrancar a porta com um cotonete, — eu disse, já me levantando e colocando minha boxer.

— Merda, — Becky sibilou.

Assim que a porta se abriu, Becky rolou para fora da cama, pegando o lençol para embrulhar seu corpo, e deslizou para debaixo da cama.

As roupas dela. Merda. Elas estavam no chão. Pulei da cama e chutei suas roupas para debaixo da cama enquanto caminhava em direção à porta.

— Papai! — Mary ergueu um unicórnio rosa no ar. As pontas de seus chifres estavam cobertas de purpurina. —Olha o que eu consegui. Tio Brad nos levou ao

Game Arcade. Você não o ama? — Ela apertou o unicórnio contra o peito com tanta força que eu jurei que o recheio iria explodir pelas costuras.

— Ela é fofa, — respondi.

— Olá pai. — Sarah entrou, segurando algumas canetas e um diário.

— Oi. É isso que você ganhou no Game Arcade? — Minha voz engatou, como se alguém tivesse me chutado nas bolas.

— Sim. Eu o matei em Skee Ball. — Ela franziu a testa para mim, sentindo que algo estava acontecendo. —Você estava malhando ou algo assim?

— N-Não, — eu gaguejei, sentindo minha garganta fechar.

Ela inclinou a cabeça. —Oh, porque parece que você está prestes a malhar.

Claro que sim. Eu estava de cueca samba-canção e sem camisa. —Estou prestes a tomar um banho.

Não era como se as meninas não tivessem me visto nu antes. Elas estavam por toda parte, brincando com brinquedos no meu banheiro quando eu tomei um banho. Mary me pegaria, cagando, querendo que eu lesse um livro para ela.

Isso aconteceu com Mason e Brad também. Percebemos há muito tempo que não havia privacidade quando estávamos criando meninas.

— Onde está Becky? — Sarah perguntou.

Eu estiquei meu pescoço de um lado para o outro, tentando me livrar das dobras. Meu estômago apertou com sua pergunta, porque eu quase nunca mentia para as meninas. Não havia necessidade de... até agora.

Engoli. —Ela deve estar em seu quarto ou... lá embaixo... talvez lá fora. — Minha voz estava embargada, nem mesmo soando como eu normalmente.

— Sim! Quero mostrar meu unicórnio a ela, — disse Mary, pulando como um coelho na manhã de Páscoa.

Oh, ótimo.

— Ei, meninas. — Brad entrou, seus olhos entraram em pânico por um segundo antes de vasculhar o quarto. —Eu estava procurando por vocês.

— Ei, Charles. — Mason entrou em seguida, segurando meio litro de sorvete. —Meninas, Janice tem os cones prontos lá embaixo.

Bem maldita. Tínhamos toda a maldita família no quarto agora, enquanto Becky estava debaixo da minha cama, totalmente nua. Eu engoli enquanto cada centímetro de mim suava profusamente.

As sobrancelhas de Mason franziram e ele exibiu um olhar muito desapontado. —Você acabou de acordar? São praticamente três da tarde.

Eu queria dizer a eles que Becky e eu estávamos cansados de fazer sexo sem parar ontem à noite e pela manhã. Que tomamos o café da manhã, assistimos a um reality show na cama, fizemos sexo novamente, almoçamos e repetimos o processo.

— Eu... eu estava prestes a tomar um banho, — gaguejei.

— Onde está Becky? — Mason perguntou, ainda sem noção.

Deus ajude este homem. Eu cerrei meus dentes e passei de um pé para o outro, passando minhas mãos pelo meu cabelo.

— Ela pode estar em seu quarto. Vamos, tio Mason. Vamos procurá-la. — Mary pegou a mão de Mason. Sarah seguiu atrás deles.

Assim que eles saíram, eu soltei um suspiro pesado. Brad sorriu, colocando as duas mãos nos quadris. *Por que diabos ele ainda está no meu quarto, parado ali, sorrindo como um idiota?*

— Saia, — eu rebati.

— Roxo?

Eu levantei uma sobrancelha. Ele inclinou o queixo em direção à minha cama e me virei para ver o que ele estava apontando, o sutiã de Becky.

— Eu não sabia que você estava se travestindo agora.

— Cale a boca, — eu rosnei.

Ele se virou, mas não antes de dizer. —Ei, Becky.

Eu gemi. —Você poderia ter ligado antes de voltar para casa.

Ele me lançou um olhar como se eu tivesse dito algo estúpido. —Eu fiz. Várias vezes. Mas achei que você estava ocupado.

O bastardo teve a audácia de sorrir abertamente.

Eu olhei para ele. —Saia.

Ele sorriu. — Você vai tomar banho. E se precisar de mais tempo para tomar banho, tomaremos sorvete na beira da piscina. É bom sair. Estarei esperando meu prêmio de Melhor Irmão mais tarde.

Não tive tempo de responder antes que ele fechasse a porta atrás de si.

Fiquei de joelhos e me abaixei para debaixo da cama. —Ei.

— Ei. — A voz suave de Becky estava trêmula.

Eu a ajudei a sair de debaixo da cama e, quando ela se levantou, sua mão tremia.

— Ei... — Eu a puxei para mim e meus dedos se enredaram em seu cabelo, trazendo sua cabeça contra meu peito. —Você está tremendo. — Meus braços envolveram totalmente sua parte inferior das costas, puxando ela para mais perto.

— Foi por pouco, — disse ela, sua voz abafada contra o meu peito.

— Sim. Parece um pouco como se fossemos adolescentes e eu coloquei você

no meu quarto. — Notei cada centímetro de seu corpo contra o meu, seus seios macios contra meu peito duro, sua pequena mecha de cabelo contra o meu lado. Minha mente estava pensando uma coisa, mas meu corpo a queria.

As palavras de Brad controlaram minha cabeça.

— Devíamos nos preparar e descer. Tomar banho juntos economizará tempo.

Ela ergueu o queixo e o encostou no meu peito. Olhos verde-esmeralda perfuraram os meus. —Agradável.

Ela beliscou meu lado e eu pulei, despreparado. Quando ela voltou a me beliscar, agarrei sua mão e a beijei.

— Mary está procurando por mim. Eu devo ir. — Ela se afastou e meus ombros caíram apenas com a ausência imediata dela. Nossos olhos se encontraram, e ela colocou uma mão leve no meu peito. Seus olhos voaram para o chão e de volta para encontrar os meus. —O que acontece agora, Charles?

Uma pergunta tão carregada, e havia tanta intensidade em seu tom que me acalmou por um segundo, fazendo parecer uma hesitação, mas não era porque eu já sabia que queria isso, um relacionamento com ela.

Mas ela leu como hesitação. —Eu... quero dizer... podemos conversar sobre isso mais tarde.

Quando ela deu mais um passo para trás, agarrei sua mão e apertei. —Ei.

Seus olhos encontraram os meus, e eu li a série de emoções nadando em suas íris verdes, o medo.

— Eu sei o que é isso. Isso é diferente para mim também. — Engoli. — Porque eu não tive sentimentos por ninguém assim desde... desde Nat. — Assim que as palavras saíram da minha boca, não houve culpa por trás delas, como havia com Vivian. E foi assim que eu soube que o que quer que fosse, era real, era bom. —O que acontece agora é que conto aos meus irmãos e depois dizemos

às meninas que estamos juntos.

Seria um ajuste, mas eu sabia em meu coração que Sarah e Mary haviam aprendido a amar Becky. Esperançosamente, nós juntos seria uma coisa boa.

Becky sorriu, seu rosto todo se iluminando. —Certo. — Ela acenou com a cabeça.

Ela se virou para caminhar em direção à cama e se abaixou para pegar suas roupas, me dando uma visão perfeita de sua bunda.

— Tem certeza de que não quer economizar tempo tomando banho juntos?

Ela sorriu, depois vestiu a calcinha e a calça. —Mary já está me procurando.

Ela puxou o sutiã da minha cama e o vestiu, seguido por sua camiseta. Ela ficou na ponta dos pés e beijou docemente meus lábios. Não foi o suficiente, interrompido quando ela girou nos pés. Ela abriu a porta ligeiramente para ver se havia alguém no corredor e saiu.

Eu descansei uma mão no meu quadril. A conversa com as meninas tinha que acontecer mais cedo ou mais tarde, porque então eu seria capaz de ter Becky em minha vida abertamente, segurando-a, abraçando-a e tendo-a em minha cama.

Eu olhei para o grande tesão que eu estava ostentando.

Sim. Um banho era definitivamente necessário. Muito frio.

Capítulo Trinta e Dois

Charles

Mason olhou esperançosamente para mim da frente da minha mesa. —Então, eu vejo que Becky e você... — Sua voz foi sumindo.

Ele estava pescando, sem dúvida para obter informações sobre nós, já que éramos próximos desde nosso encontro. Às vezes, gostaria que ele fosse como Brad, direto e honesto.

Eu levantei minha cabeça do meu computador e o nivelei com um olhar. —Se você precisa me perguntar algo, pergunte, Mason. E Becky e eu estamos ficando mais sérios.

Seu olhar cintilou para o lado, para seu iPad em seu colo, para o canto da minha mesa. —Então, sim... já que você ficou mais sério com ela, você vai contar para as meninas logo?

Eu balancei a cabeça, esfregando minha testa. —Sim. Estou pensando neste fim de semana. — A tensão estava de volta no meu tom. Eu não sabia por que estava nervoso. Eu era um homem adulto, mas parecia que estava trazendo uma garota para casa pela primeira vez para apresentá-la aos meus pais, o que era absurdo porque meus pais estavam mortos.

Isso era diferente. Mais difícil de certa forma. As apostas eram maiores. Qualquer pessoa que eu trouxesse para minha vida e para meu coração romanticamente envolveria as meninas. Se por acaso não dermos certo, eu não quero que minhas meninas sofram outro desgosto que eu poderia ter evitado. O problema era que eu não conseguia prever o futuro. Agora, eu estava certo de nós, tão certo que queria dar uma chance a nós, juntos.

— Antes de fazer isso, — seus olhos encontraram os meus com firmeza, —

você não quer saber mais sobre ela com certeza?

— Eu sei tudo que preciso saber, — eu disse, meu tom inabalável.

Eu sabia quase tudo sobre ela agora que ela havia compartilhado seu passado. A questão era protegê-la agora, mantê-la segura. A parte irracional de mim queria pegar seu ex-namorado abusivo e bater nele até que ele ficasse inconsciente. A parte razoável de mim sabia que havia um processo com essas coisas.

— Estou feliz por você. Eu estou. — Mason apoiou os cotovelos nos joelhos, inclinando. —Ninguém pode negar que, se alguém merece o mundo, é você, Charles. Você já passou por muita coisa, e eu só quero ter certeza de que você está com a garota perfeita, aquela que te ama por você e não está com você por causa de quem você é, o que você possui e...

Eu levantei a mão. —Ela não é assim, — eu disse. Eu sabia que seu coração estava vindo do lugar certo, mas ele não conseguia ver que o personagem de Becky não se importava nem um pouco com dinheiro? Não mais do que o necessário para sobreviver de qualquer maneira. —Pelo amor de Deus, Mason, a garota queria usar jeans no nosso primeiro encontro. Se ela é uma garimpeira, ela é a pior que eu já vi.

E ele era quem falava. Janice foi flagrante em sua missão, pegar o maior peixe e, até agora, ela estava conseguindo isso.

— Entendi. Eu não duvido, mas ainda... — Mason esfregou o queixo, e suas palavras saíram mais suaves desta vez. —Eu só quero ter certeza. Não fique bravo ou me odeie por querer o melhor para você.

Suspirei. Não havia um osso do mal no corpo de Mason, então eu não poderia culpá-lo apenas porque ele estava preocupado. Alguns trechos de batidas silenciosas se espalharam entre nós.

Quando ele falou, sua voz era quase um sussurro. —Ela nem teria que saber que estamos fazendo uma verificação de antecedentes. Eu tenho um investigador particular que pode apenas fazer algumas pesquisas.

Eu ri. —Por que isso não me surpreende?

— Oh. Sim, bem... — suas bochechas coraram. —Eu já os fiz antes.

— Em quem? — Minhas sobrancelhas voaram para a linha do cabelo.

— Nas inúmeras babás que entrevistamos. E fiz uma sobre a Janice porque tinha todas as informações dela. Com Becky, eu não, — ele disse defensivamente. —Janice e eu estávamos na faculdade, então não era nada novo, mas ela parecia boa demais para ser verdade. Eu tinha que verificá-la se eu fosse investir em um relacionamento de longo prazo com ela.

Investir.

A risada que saiu da minha boca foi incontida. Claro que sim. Era quase cômico como ele era metódico em todos os aspectos da vida.

— Então, devo contatar o investigador particular então? Isso é um sim? — Mason perguntou.

Ele cuidadosamente manteve seu rosto neutro, para que ele não parecesse muito ansioso, mas eu podia ver através dele.

Eu me inclinei na minha cadeira, colocando meus dedos em meus lábios. Lentamente, mas com segurança, eu estava seguindo em frente, mas não havia nenhuma maneira de Becky seguir em frente, não quando ela tinha que cuidar dela constantemente, preocupada que o bastardo aparecesse um dia e a machucasse novamente. Sobre o meu cadáver.

Ela disse que não queria entrar com uma ordem de restrição. Eu tinha que respeitar os desejos dela sobre isso, mas ela não disse nada sobre eu cavar um pouco, descobrir onde esse bastardo estava. Se eu soubesse que ele vivia do

outro lado do país, me sentiria melhor. Ou talvez o bastardo estivesse em outro país. Melhor ainda.

Eu inclinei meu queixo em direção a Mason. —Me dê o número dele. Eu vou fazer a escavação.

Mason sorriu e seus traços faciais relaxaram. —Eu acho que esta é sua decisão mais inteligente.

Merda. Eu esperava que sim. Eu esperava que isso não voltasse para me morder na bunda mais tarde.

Capítulo Trinta e Três

Becky

Fora de nós dois, eu tinha mais autocontrole do que Charles. Muitas vezes, mesmo quando as meninas estavam na sala, ele roubava um beijo rápido nos lábios, o que me deixava estúpida e sem palavras por pelo menos uns bons quinze segundos.

De pé na cozinha, fazendo cupcakes com as meninas... essa era uma dessas vezes. Eu me levantei e notei o sorriso de Charles pesado em seu rosto.

— Becky, você pode me passar o açúcar de confeiteiro para o glacê?

Pisquei para ele e depois olhei para Sarah e Mary, que estavam ocupadas misturando a massa do bolo. Eu balancei minha cabeça com meus pensamentos nebulosos. Minhas bochechas estavam incrivelmente quentes.

— Aqui. — Meus dedos roçaram nos de Charles.

Quando seu sorriso sexy se alargou, percebi que nunca o tinha visto sorrir tanto quanto nos últimos dias, e gostava de pensar que era por minha causa.

— Onde estão os cookies? — Brad entrou, caminhando até Mary e Sarah e mergulhando o dedo na massa.

— Ei, — Sarah reclamou, empurrando a mão dele. —E estamos fazendo cupcakes, não cookies.

— Bem, me deixe te ajudar.

Quando Brad colocou o dedo mínimo novamente na massa, Mary ergueu a colher de mistura e a jogou contra a camisa de Brad.

— Sem trapaças comendo! — Seu adorável beicinho era a assinatura de

Mary.

— Ei! Eu gosto desta camisa. — Brad olhou para a massa branca espalhada em sua polo azul-marinho.

Em resposta, Mary enfiou a colher de volta na tigela e começou a misturá-la novamente.

— Isso vai te ensinar a trapacear na comida, — disse Charles, rindo.

Sendo o rebelde que Brad era, ele mergulhou o dedo indicador na tigela e lambeu o dedo até limpá-lo. A boca de Mary se entreabriu em um O visível e, em retaliação, Sarah mergulhou três dedos na tigela e esfregou contra a camisa de Brad.

— Gente, — eu repreendi.

Mas foi tudo em vão, porque quando Mary entrou em ação e mergulhou a mão na massa, Brad foi mais rápido e espalhou um pouco de massa branca na bochecha de Mary.

— Pessoal, parem! — Charles comandou.

Não houve uma segunda rodada porque, com suas palavras, todos eles pararam, todos os olhos arregalados e os dedos cheios de massa, Brad incluído.

— Mary... Sarah... mude de roupa. — Ele apontou para a porta. —Brad, você deveria saber melhor.

— Ela começou. — Ele apontou para Sarah, achando graça, mas Charles apontou com o queixo para a porta. —Vá se trocar.

Quando os culpados saíram da sala, eu ri. —É incrível como algumas palavras suas os param rapidamente.

Ele avançou em minha direção, me puxando para ele tão rápido que quase tropecei para trás. Automaticamente, meus braços envolveram seu pescoço.

— Beijo, — ele disse com afeto acalorado. —Há uma palavra para você.

Suspirei. —Você pode ser mandão com todo mundo, mas suas táticas não funcionam comigo, senhor.

— Me beija. — Sua voz era afiada, significando negócios, mas havia uma leveza em seus olhos que fez meu estômago revirar.

Fechei a distância entre nós e encontrei seus lábios. Ele cheirava a hortelã de sua pasta de dente, e o perfume masculino de sua loção pós-barba encheu meu nariz. Ele me empurrou contra o balcão, e a borda da ilha cavou em meu lado. Meu corpo formigou com antecipação. Fazia dias desde a última vez que estivemos juntos e, além de beijos roubados aqui e ali, não havia outra oportunidade além deste fim de semana, quando Brad prometeu levar as meninas novamente.

Quando ele empurrou seus quadris em mim, pude sentir o quanto ele me queria. Quando ele passou a língua sobre a costura dos meus lábios, abri a boca para deixá-lo entrar. Parecia perigoso, como se eu estivesse à beira de um penhasco, prestes a cair, mas que queda maravilhosa seria.

— Papai?

Nós nos separamos tão rápido quanto podíamos. Peitos arfando. Respirando com dificuldade. Minha mão voou para minha boca em horror absoluto. Seu rosto estava em estado de choque.

— Sarah. — As feições de Charles se contraíram.

— Sinto muito, — sussurrei, mas ele não me ouviu porque Sarah saiu correndo da sala e Charles foi atrás dela.

Charles

Sarah correu e eu a segui para fora, passando por nossa piscina. Eu a observei subir na casa da árvore que Brad e Mason compraram para as meninas.

— Sarah! — Eu gritei, mas ela já tinha fechado a porta.

Cerrei os dentes e chutei o chão, levantando um pedaço de grama das raízes. Isso tinha sido imprudente. Eu deveria ter sabido melhor. Porra.

— Sarah, — eu chamei novamente.

— Eu quero ficar sozinha agora. — Sua voz era suave, trêmula, e me perguntei se ela estava chorando.

Foda-se, foda-se. Eu e minha estupidez.

Eu me culpei cem por cento. Havia emoção em roubar beijos de Becky quando as meninas não estavam olhando, contornando a borda, observando o rubor em suas bochechas, mas eu não pensei que seria pego antes de contar a elas. Eu deveria ter dito a elas antes. O medo estava afastando essa conversa. Estúpido. Eu não deveria ter adiado. Bem, o gato estava fora da bolsa agora.

— Sarah, querida... nós precisamos conversar.

Silêncio. Eu conhecia minhas filhas individualmente, seus pontos fortes, o que as motivava, em que gostavam, o que queriam em seus aniversários e também o que as irritava. Sarah... ela precisa de tempo para processar, ferver. Tempo sozinha.

Toquei a base da casa da árvore, colocando minha mão na casca da árvore de bordo, e soltei um suspiro silencioso, olhando para a casa que continha parte do meu mundo.

Sarah tinha idade suficiente para se lembrar de Natalie. Elas eram duas ervilhas em seus frutos incompatíveis na aparência, mas na personalidade, elas eram semelhantes. Sarah tinha um vínculo com Natalie que eu nunca poderia tocar, e quando Nat faleceu, gastei milhares de dólares em aconselhamento como

uma família e ela individualmente para ter certeza de que ela estava processando a morte de Nat de uma maneira saudável.

Passaram-se anos desde sua última festa de choro, suas explosões, seu desligamento. E em um instante... meu único momento de descuido, eu a levei de volta anos. Brad correu em minha direção à distância e eu o encontrei no meio do caminho.

— Becky me contou o que aconteceu. — Não havia humor em suas feições e nenhum comentário espirituoso, o que me deixou feliz porque não aguentava agora. —Ela está bem? — Ele perguntou, olhando atrás de mim, seu olhar viajando em direção à casa da árvore.

— Não. — Eu esfreguei minha testa. —Eu sou tão estúpido.

— Acontece, — disse Brad, suspirando e encolhendo os ombros, sabendo que eu estaria na casa do cachorro com Sarah, mas também sabendo que não poderíamos voltar atrás. Abaixei minha cabeça e passei uma mão pesada pelo meu cabelo.

Ele colocou a mão no meu ombro. —Mas erros normalmente não acontecem com você.

Eu gemi. —Você deveria me fazer sentir melhor.

Brad deu de ombros. —Esse é o seu trabalho também, então estou fora do meu elemento aqui.

Eu olhei para ele e ele me ofereceu um pequeno sorriso.

— Ouça, irmãozão, todos nós sabemos como a morte de Natalie afetou Sarah enormemente. Mas ela é forte, resistente. Ela está mais velha agora. Ela pode lidar com isso. Você só precisa falar com ela... quando ela estiver pronta.

Eu balancei a cabeça e engoli. Eu também sabia disso. Ela precisava de tempo. Eu só não queria dar a ela. O pai em mim queria consertar isso *agora*.

No início, conversamos sobre o quanto sentíamos falta de Natalie, relembramos e assistimos a vídeos caseiros antigos. Era uma forma de curar, em vez de fingir que nunca aconteceu. Mas, à medida que o tempo passava e começamos a nos ocupar, assistir à nossa antiga vida na tela havia parado, assim como as lembranças. Não fui ingênuo em acreditar que as feridas dela não estavam lá porque minhas feridas ainda não estavam curadas. Quando alguém morreu, alguém que você amava profundamente, talvez até mais do que a si mesmo, essa dor nunca foi embora. Pode escurecer, mas eu sabia por experiência própria, você nunca esquece completamente.

— Basta falar com ela, — repetiu Brad.

Eu balancei a cabeça, meus olhos fechando. —Eu ia, mas parece que essa conversa vai acontecer mais cedo do que o esperado.

Eu olhei para a porta que ela fechou para mim e sabia que não havia como eu caber naquele pequeno espaço com ela. E conhecendo-a, ela queria ficar sozinha agora. Mas eu esperaria nesta casa da árvore a noite toda se fosse preciso, esperaria até que ela estivesse pronta para falar comigo, esperaria até que ela estivesse pronta para me perdoar.

Capítulo Trinta e Quatro

Charles

Meu olhar caiu para o chão, a grama, para a área de terra onde eu havia arrancado um pedaço de grama. Sussurrei. —Nat, reze uma ave-maria, sim? Você conhece sua filha mais do que eu. Mostre-me como lidar com essa situação.

Uma pequena risada escapou dos meus lábios. Eu podia imaginá-la balançando a cabeça, me lançando aquele olhar que dizia: *Charles, você deveria saber disso.* Ela nunca pronunciaria essas palavras, mas com aquele olhar, eu sabia o que ela estava pensando.

Passaram-se duas horas inteiras quando Sarah desceu os degraus da casa da árvore e eu estava bem ali, encostado na grama, encostado na árvore, esperando por ela. Ela torceu as mãos na frente dela e seus olhos estavam visivelmente vermelhos. Eu me levantei e a abracei, grato por ela não ter me afastado. Assim que ela aninhou sua cabeça em meu peito, eu soltei um suspiro de alívio. E então ela derreteu em meus braços, seu corpo ficando mole.

— Sinto falta da mamãe. — Sua voz estava abafada contra minha camisa, e eu a puxei com mais força contra mim.

Meu peito apertou e engoli o caroço na parte de trás da minha garganta. —Eu sei. Eu também, querida. Eu também.

Eu a puxei para cima e a levantei em meus braços. Aos dez, suas pernas balançaram. Ela não era mais uma garotinha, mas sempre seria minha garotinha. Quando ela enfiou o queixo no meu pescoço, levantei meus olhos para o céu, em busca de uma nuvem, o sol, algum tipo de sinal. Às vezes, eu pegava uma nuvem no céu e imaginava Nat, sentada ali, me observando. Naquele momento,

agradeci a ela, como já havia feito tantas vezes antes. Agradeci a ela por essas meninas, meus presentes mais preciosos. Um pelo qual ela até morreu.

— Eu sinto muito. — Minha voz estava embargada de emoção.

Sarah não deveria ter descoberto sobre Becky e eu dessa forma. Eu nunca fui descuidado antes. Com minhas meninas, não havia espaço para erros, mas com Becky, como eu aprendi rapidamente, todas essas regras foram jogadas fora. Sarah balançou a cabeça e empurrou o rosto ainda mais no meu pescoço. Meus dedos foram para seu cabelo, e virei meu rosto para encontrar sua bochecha, dando um beijo lá.

Por que cada pequena coisa tinha que ser tão difícil? Deixar ir, seguir em frente, aprender a viver sem alguém e, em seguida, descobrir como incluir alguém novo em nossas vidas...

Eu não pensei que Sarah estaria pronta para eu namorar novamente. E enquanto cerrava os dentes, percebi que acelerar meu relacionamento com Becky sem contar às minhas garotas primeiro foi a coisa mais egoísta que eu já fiz com minhas garotas, e foi a primeira vez que não coloquei suas emoções e necessidades acima das minhas. Se elas não estivessem bem, o que eu faria?

O pensamento nem passou pela minha cabeça, mas minhas meninas eram jovens e haveria tempo para mim mais tarde, certo? Para namorar, para amar novamente, quando fossem adultas e tivessem vida própria. Eu engoli quando a tristeza me atingiu diretamente no peito. A ideia de terminar essa coisa nova com Becky já me destruía.

Por um breve momento, fechei meus olhos, minha respiração combinando com a de Sarah, e decidi o que quer que minhas garotas quisessem, tudo que precisassem, era meu trabalho providenciar isso. Se, no final, elas não estivessem prontas, eu teria que aceitar isso. Isso era algo que Becky teria que aceitar, certo? Ela esperaria? Lentamente, um suspiro me escapou. Essa não era

minha prioridade agora. Minha prioridade era a menina em meus braços. Quando ela se afastou, ela enxugou as lágrimas e a tristeza rasgou meu coração.

— Eu só sinto falta dela. — Ela soluçou, suas lágrimas caindo implacavelmente pelo rosto.

Meu Deus, eu odiava ver minhas garotas chorando. Levei um momento para falar. —Eu sei. Eu também sinto falta dela. Todos os dias.

— E Becky... — sua voz sumiu.

Eu limpei cada uma de suas bochechas com meus polegares. —Eu sei. Eu sinto muito…

Ela colocou suas mãos pequenas e frágeis em minhas bochechas e suas palavras me surpreenderam. —Eu quero que você seja feliz, papai. — Seus olhos brilharam com lágrimas, com desgosto, e ainda uma maturidade que eu nunca tinha visto antes. —Eu sei que você sente falta da mamãe e sei que você está triste por ela e tem estado, mas eu só quero que você seja feliz, papai. Eu só quero que você seja feliz.

Tentei engolir o nó gigante na minha garganta, mas não consegui. Essa garota. Minha incrível e maravilhosa filha. Eu não a merecia.

Agora, foi a minha vez enquanto as lágrimas delinearam meus olhos. Eu a puxei para perto, segurando-a com um braço e levantando a barra da minha camisa para enxugar os olhos com o outro.

Obrigado, menina.

Mas eu não conseguia nem pronunciar as palavras. Demorei alguns minutos para me recompor e colocá-la de volta em pé. Caminhamos em silêncio até as espreguiçadeiras à beira da piscina, sentei e puxei-a para o meu colo.

Afastei o cabelo de seu rosto e sorri. —Você sabe que eu te amo, certo?

Ela acenou com a cabeça, seu sorriso combinando com o meu.

— E você sabe que tudo o que eu faço, já fiz, está sempre com o seu melhor interesse em mente. Você sabe disso, certo, Sarah?

— Eu sei. — Ela pegou minha mão e apertou, virando meus dedos nos dela.

— E acima de tudo... quero ter certeza de que vocês estão felizes. Não só que você tem as coisas que precisa e quer, mas que também é feliz. — Soltei um longo suspiro, desejando estar melhor preparado para esta conversa. —Quando você diz que quer o papai feliz, — o mesmo caroço se formou no fundo da minha garganta, —você não sabe, — engoli em seco, —o quanto isso significa para mim porque, — levantei meus olhos para os dela. —Eu sinto que tenho estado tão ocupado, me certificando de que você está feliz, que às vezes me esqueço de mim mesmo. Por você dizer isso, — segurei sua bochecha, — significa muito para o papai.

Ela acenou com a cabeça e parecia que ela ia chorar novamente. —Eu sei... — Seu lábio tremeu enquanto ela olhava para nossas mãos. —Eu vejo você, papai. Eu vejo você quando você não está olhando e sei que você está triste. Eu fico pensando... talvez se eu tirar notas melhores... talvez se eu não brigar tanto com Mary, então talvez você seja mais feliz. Mas agora... — um pequeno sorriso apareceu —... você está diferente. Mesmo quando você está sentado sozinho, você está sorrindo, e agora, eu sei por quê.

— Oh querida. — Meu polegar limpou suas lágrimas. —Você me faz feliz, só por ser você.

Ela acenou com a cabeça.

— Mas, sim... Becky também me faz feliz. — Eu mergulhei em sua linha de visão porque eu precisava que ela acreditasse em mim, para entender. —Eu amo sua mãe. Eu penso nela todos os dias... — Era a verdade. Cada vez que olhava para Mary, via sua imagem cuspida, ou quando Sarah dizia algo espirituoso, isso

me lembrava de Nat. —Ninguém pode ou jamais irá substituir ela.

Uma mão quente acariciou minha bochecha. —Eu sei. Você não tem que me dizer ou se preocupar mais comigo porque eu sou uma garota crescida. — Ela se endireitou no meu colo como prova. —Sei que ninguém jamais substituirá a mamãe, mas quero que você saiba... gosto da Becky. Ela é gentil e divertida, e ela... — Ela parecia estar procurando as palavras quando disse. —Não sei. Ela simplesmente se encaixa.

Soltei um suspiro de alívio, felicidade e gratidão por essa criança na minha frente. —Isso ela faz, menina. Isso ela faz.

Capítulo Trinta e Cinco

Becky

Quando Charles e Sarah entraram em casa, eu estava preparando o jantar. O calor inundou minhas bochechas enquanto eu tentava fazer contato visual com Sarah e sorrir, mas ela não tinha levantado a cabeça, apenas pulou para fora da sala. Meus olhos encontraram imediatamente os de Charles enquanto eu tirava os cupcakes do forno.

— Como ela está? — Meus músculos se contraíram enquanto esperava sua resposta.

— Bem. — Ele se encostou no balcão e balançou a cabeça. —Aquela garota... velha alma, aquela. Ela está além de sua idade.

— Ela já passou por muita coisa.

Eu sabia por experiência própria, pois também cresci rápido, passei por muitas dificuldades, sofrimento. A diferença era que Sarah tinha um ótimo sistema de apoio ao seu redor. Eu tive que me defender sozinha.

— Sim, é verdade. Primeiro, perder Nat e depois seus avós. — Seus olhos viajaram além de mim, em algum lugar por cima do meu ombro.

— Estou feliz que ela está bem. O que ela disse sobre eu e você e nos pegar... — Minha voz sumiu. —Charles... — Eu dei um passo em direção a ele. Enquanto eles estavam do lado de fora, entre fazer artesanato com Mary, eu decidi que não causaria drama nesta casa ou mais dor de cabeça do que eles já haviam passado. Quando me mudei para cá, meu trabalho era tornar as coisas mais fáceis para os Briskens, não me apaixonar por meu chefe. —O que quer que esteja acontecendo aqui... entre nó ... eu não quero que isso cause uma perturbação nesta casa. Talvez precisemos levar...

Ele nem mesmo me deu a chance de terminar minha frase porque estava bem na minha frente, os braços em volta da minha cintura. Ele baixou a testa contra a minha. —Você não entende o quanto você está dizendo isso significa para mim. Que você colocaria os desejos e necessidades das meninas acima dos seus, mesmo que elas não sejam suas.

Eu engoli em seco, me sentindo fraca com ele tão perto. —É claro. Eu me importo com elas profundamente. Amo elas.

Ele respirou fundo pelo nariz e me perguntou. —Você me ama?

Sua pergunta foi inesperada e me pegou de surpresa. Amor? Eu respirei pelos próximos segundos, cuidadosa com minhas palavras. Coloquei uma mão em seu peito, achatando a gola de sua camisa. Oh, como eu queria dizer sim, mas eu disse sim antes e percebi depois que era apenas uma fachada. Tantas pessoas me deixaram ou me trataram mal, e embora eu soubesse que Charles nunca seria essa pessoa, ainda era difícil dizer se o que eu sentia era real. Era difícil confiar em minhas próprias emoções e pensamentos porque eles estavam todos confusos de qualquer maneira sempre que eu estava perto dele. E talvez uma grande parte de mim não quisesse azarar isso, essa felicidade épica que eu estava sentindo simplesmente por estar com ele.

— Somos novos e é incrível, mas tudo isso pode não importar se as meninas...

— Sarah quer que eu seja feliz. — Ele sorriu. —Eu disse a você que ela era madura além de sua idade. E o que me deixa feliz é você, Becky. — Seus olhos brilhavam com um brilho interno, uma certeza de nós que eu não tinha. —Eu sei que somos novos. Eu sei que isso está indo super rápido. Acabamos de ter nosso primeiro encontro no fim de semana passado, mas... eu sei o que é isso porque já estive aqui antes.

Ele segurou minha bochecha e eu senti seu toque em todos os lugares.

— Amo você, Becky. Amo sua força, sua bondade, sua paciência. Eu sei que isso é amor porque eu não incorporaria você na minha vida e na vida das meninas se eu não tivesse certeza, e tenho certeza. Tenho certeza de você, de nós e... — Ele balançou a cabeça. —Você não precisa dizer ou sentir isso agora. Estou bem. Uma das minhas melhores qualidades é a paciência. Eu vou esperar, certo? Até que você esteja pronta.

Eu balancei a cabeça, me sentindo muito perto das lágrimas. Eu fechei a lacuna e o beijei. Eu não tinha palavras. Eu não estava pronta para proclamar que o amava, embora soubesse em meu coração e em minhas entranhas que provavelmente o amava.

Eu me afastei, não querendo ser pega em flagrante novamente pelas crianças. —Agora, você tem que contar a Mary.

Ele assentiu. —Sim. — Seu suspiro foi profundo e parecia interminável. — Felizmente, ela vai aceitar tão bem quanto Sarah.

— Ela está? — Eu deixei escapar uma risada trêmula. —Sarah nem conseguiu olhar para mim quando entrou.

Ele acariciou com ternura as costas dos nós dos dedos na minha bochecha. — Ela só precisa de tempo. Além disso, suponho que ela esteja um pouco envergonhada. Ela me pegou atacando seu rosto. — Ele se sentiu brincalhão o suficiente para adicionar um sorriso malicioso.

Pressionei uma mão pesada contra seu peito, sentindo que estava prestes a deixá-lo me atacar novamente se eu não tomasse cuidado. —Bem, chega de atacar até que tenhamos tudo isso exposto, certo?

Seu olhar ficou sério, doce e cheio de tanto amor que me senti mal nos joelhos. —Soa bem.

O jantar poderia ser resumido em uma palavra, desconfortável. Brad nos abandonou, felizmente. Eu não sabia se Charles tinha falado com ele, talvez pedindo-lhe para ir embora para que pudéssemos conversar com as meninas sozinhos. Tudo que eu sabia era que, em um minuto, Brad estava animado com meu empadão de frango e, no seguinte, ele estava se despedindo com uma carranca evidente no rosto.

A única pessoa que falou durante o jantar foi Mary. Era como se ela estivesse tendo uma conversa unilateral consigo mesma, falando sobre seus bichinhos de pelúcia, a escola e a professora que a amava, embora ela acreditasse que todos os professores a amavam. Sarah apenas moveu a comida ao redor do prato, sua cabeça baixa, seus olhos nunca encontrando os meus. Meu estômago se revirou de ansiedade.

— Depois do jantar, vamos sair para tomar sorvete, — Charles anunciou alegremente, interrompendo a história de Mary sobre o verme no parquinho que as crianças haviam intimidado. Sim, eles intimidaram um verme.

Imediatamente, o sorriso de Mary sumiu e ela deixou cair o garfo. —Da última vez que saímos para tomar sorvete, você nos disse que Nana estava indo embora. — Seus brilhantes olhos azuis se voltaram para os meus. —Você está indo embora, Becky?

Uma risada nervosa escapou dos meus lábios e encontrei os olhos de Charles. —Espero que não.

— Não. Becky vai ficar, — disse ele com firmeza, segurando um sorriso secreto que fez meu estômago embrulhar para frente.

O olhar de Sarah saltou para cima, seu rosto ilegível e, imediatamente, meu estômago caiu por um motivo diferente agora.

Depois do jantar, levantei, pronta para limpar. Sarah pegou todos os pratos, jogou a comida não comida no lixo e me entregou os pratos, para que eu pudesse

enxaguar eles e colocar na máquina de lavar. Mary enxugou a mesa com o pano de prato enquanto Charles colocava as sobras na geladeira.

Eu adorei esses momentos, a união, a simplicidade das tarefas cotidianas e mundanas. Eu ansiava por eles. Ansiava pela normalidade. Essas pequenas coisas foram o que me fizeram sentir como se fôssemos todos uma família.

Eu nunca quis aceitação tanto quanto agora. Eu nunca pertenci a lugar nenhum, saltando de família adotiva para família adotiva, mas eu queria pertencer a este lugar. Eu queria que eles me reivindicassem e me amassem porque eu já os amava, Mary, Sarah e, inevitavelmente, Charles.

Charles

Gotas de suor escorriam da minha nuca, e eu ajustei minha camiseta para me refrescar. Mesmo que eu estivesse comendo sorvete de casquinha, sentei totalmente imóvel em nossa cabine, suando profusamente.

Graças a Deus por Mary, porque não houve uma batida silenciosa entre nós, fazendo com que parecesse um dia normal para tomar sorvete, embora eu tivesse que falar sobre assuntos sérios. Mas, em essência, Mary estava certa. Agora, ela iria pensar que eu sempre iria levá-las para tomar sorvete para fazer revelações chocantes.

Os olhos de Becky se concentraram em sua tigela de biscoitos e creme, e ela colocou a colher na boca. Era seu sabor favorito ao lado de chocolate com menta.

Todos os dias, eu arquivava pequenas informações sobre suas coisas favoritas em um Rolodex na minha cabeça. Ela preferia seu café preto e seu frango à base de aveia levemente revestido, não totalmente empanado. Seu filme favorito

absoluto era *Mensagem para Você.*

Ela era uma romântica incurável no coração, embora não acreditasse que merecia ou receberia esse romance em sua vida, mas eu estava prestes a mudar tudo isso. Eu usaria tudo em meu arsenal para namorá-la porque estava determinado a dar a ela tudo o que ela queria e desejava, assim como fiz para o resto da minha família. Agora, eu só precisava deles a bordo com o plano.

Depois de terminar o meu sorvete, endireitei e sorri desajeitadamente para minhas filhas. —Então... garotas ... — Limpei a garganta, sorrindo tanto que minhas bochechas doeram.

Mary inclinou a cabeça e piscou duas vezes para mim. —Uh-oh. Agora vem a má notícia, não é, papai?

Sarah e Becky riram, e o som foi música para meus ouvidos porque aliviou um pouco a tensão em meus ombros.

— Sem más notícias. Não dessa vez. — Eu soltei um suspiro. —Então, você sabe que o papai nunca é realmente... — Eu me atrapalhei com meus dedos, meu olhar oscilando da mesa para minhas filhas e vice-versa. —O que estou tentando dizer é que, no passado, estive muito ocupado para... — O que era mentira. Eu ainda estava ocupado, mas agora, eu encontrei alguém para quem eu queria ter mais tempo. Eu cocei minha têmpora. —O que realmente estou tentando dizer é que eventos recentes aconteceram onde...

Meu olhar foi para Becky, mas ela mordeu o lábio inferior e desviou o olhar de mim, igualmente nervosa. Isso era diferente de mim. Nunca me atrapalhei com as palavras. Eu era conciso e articulado quando estava na frente da sala da diretoria ou em um pedestal no Hilton em nossa convenção anual, mas hoje estava perdido. Mas eu precisava que as palavras saíssem, para que pudesse seguir em frente com minha vida, me fazer feliz pelo menos uma vez.

— Eventos recentes aconteceram entre Becky e eu e... — Eu engasguei,

parando no meio da frase. *Caramba.*

Mary mordeu a ponta da colher, olhando para mim com os olhos mais azuis.

Olhei para Sarah, desamparado, e ela suspirou, dizendo. —Papai e Becky estão namorando agora.

Mary torceu o nariz e me perguntei se ela não concordava ou não sabia o que isso significava.

— Papai e Becky agora são um casal, — acrescentou Sarah. —Como Janice e tio Mason.

Demorou alguns segundos, mas assim que Mary registrou as palavras de sua irmã, ela gritou e pulou da cadeira. Ela bateu palmas e correu para mim, abraçando minha cintura. —Oba, papai! Estou tão feliz. — Então, ela pulou no colo de Becky, envolvendo os braços em volta do pescoço de Becky, e beijou-a ternamente na bochecha. —Agora, eu não serei a única criança sem mãe no dia dos Muffins das Mães.

— Oh querida. — Becky puxou Mary contra si e meu coração doeu.

Mesmo que eu tenha dado a elas tudo que elas possivelmente precisavam e queriam e eu tivesse tempo para estar com elas nos eventos da escola, havia coisas que eu nunca poderia dar a elas, apenas por ser eu. Ano após ano, eu era o único pai no dia dos Muffins das mães com Mary. Patty sempre tinha ido comigo, e eu pensei que por nós dois estarmos lá, ela conseguiria dois pelo preço de um, mas nunca foi o mesmo.

Mary se afastou e segurou as bochechas de Becky com suas pequenas mãos. —Estou tão feliz. — Ela abriu os braços, me chamando para frente. —Bolha de amor, papai.

Eu me levantei e fui até elas, sorrindo.

— Você também, Sarah. — Mary acenou com as mãos, fazendo Sarah se

levantar de sua cadeira.

Envolvi nós quatro em nossa nova pequena bolha, sentindo meu coração se expandir a um tamanho incomensurável.

Sarah olhou para mim e, pela primeira vez desde que nos sentamos, um sorriso genuíno apareceu em seu rosto. —Estou tão feliz por você, papai. — Então, ela se aproximou de Becky. —Feliz por todos nós.

E eu também.

Então. Malditamente. Feliz.

Capítulo Trinta e Seis

Becky

— É por isso que papai não nos quer no banheiro, — disse Mary da parte de trás do carro enquanto eu as levava para a escola.

Eu ri. As coisas que essas meninas testemunharam, viram e ouviram, simplesmente por serem criadas por três homens.

— Mary, pare de falar sobre as partes íntimas do papai, — Sarah gemeu.

Eu podia ver o rosto carrancudo de Mary pelo espelho retrovisor.

— É por isso que eu estava atrasada. Tive que esperar papai terminar de tomar banho.

— Mary, você tem seu próprio banheiro, — disse Sarah.

— Mas havia uma aranha lá outro dia, — ela lamentou.

Eu ri.

Mary gritou tanto que pensei que ela havia escorregado, caído e quebrado um osso. Eu nunca, nunca experimentei tanto medo por uma criança antes. Isso tudo era tão novo para mim, e minha imaginação estava me levando para um passeio. Após o incidente, eu desinfetei e limpei o banheiro dela, a ponto de você basicamente comer no chão, mas a garota estava traumatizada. Ela não usaria o banheiro novamente tão cedo.

Mary mudou para outros tópicos. Às vezes, ela entrava em modo de pergunta completa, me perguntando sobre coisas que eu não queria falar, principalmente sobre mim e seu pai.

— Você acha que vai se casar em breve? — Mary perguntou.

— Pare com suas perguntas, Mary. Você não pode estar perguntando esse tipo de coisa, — respondeu Sarah.

— Mas eu quero saber quando posso começar a ligar para a mãe dela. Ela ainda é nossa babá? O que eu digo aos meus amigos?

— Você diz a eles que não é da conta deles.

Graças a Deus por Sarah, porque eu não tive que responder às perguntas difíceis.

Eu parei no estacionamento da escola, observando os pais agitados tentando desembarcar seus filhos para a escola. Normalmente, eu dirigia através da fila na entrada, mas desta vez, eu tinha que descer para enviar o formulário de excursão da pré-escola de Mary, para que ela pudesse ir para o canteiro de abóboras hoje.

Quando saí do carro, duas pequenas mãos encheram as minhas, Sarah à minha direita, Mary à minha esquerda e cruzamos o estacionamento como um trio. Meu coração se encheu tão forte que pensei que fosse transbordar. Eu balancei suas mãos entre nós quando entramos no prédio. Antes que eu tivesse a chance de dizer a elas para terem um ótimo dia, pequenos braços em volta da minha cintura e um corpo esmagado ao meu lado.

— Obrigada, Becky. Te vejo mais tarde, — Mary disse, me apertando com força antes de pular pelo corredor para sua sala de aula.

Sarah me abraçou de lado antes de sair correndo. Eu a observei caminhar vagarosamente pelo corredor, seus passos longos, confiantes e com propósito. E então eu sorri. Esta era minha vida agora. Minhas manhãs eram preenchidas com café da manhã com a família, a quem eu aprendi a amar, e minhas noites eram preenchidas comigo estando nos braços de Charles. Alguns dias, eu tinha que me beliscar para ter certeza de que era tudo real.

Entrei no escritório e meu barato de repente desinflou. Carol, a diretora,

estava na recepção, conversando com sua assistente de escritório. Talvez fosse infantil, mas eu ainda não conseguia superar como ela lidou com toda a situação de bullying com Sarah e aquela outra garotinha. Eu tinha certeza de que Charles cuidou disso com os pais, mas eu ainda estava chateada com isso.

Quando os olhos de Carol encontraram os meus, me concentrei na tarefa em questão e coloquei a permissão assinada em cima da mesa. Eu não entraria nisso com essa mulher hoje e arruinaria meu humor.

Voltei minha atenção para a secretária. —Estou apenas deixando isso para Mary Brisken. É a permissão dela para o canteiro de abóboras. É tarde, então eu queria entregá-lo diretamente para garantir que ela possa ir hoje. — Eu ofereci um pequeno sorriso.

— Ela poderá ir. Obrigada por deixar isso agora. — Carol sorriu.

Eu inclinei meu queixo em despedida. Eu estava prestes a me virar e encarar a porta quando ela se aproximou.

— Sobre o outro dia, — Carol começou. —Me desculpe. Eu não queria agravar a situação e ter as duas meninas na sala. Eu sei que as meninas Brisken passaram por muita coisa, mas isso não significa que as ações de Sarah devam ser negligenciadas.

Meu corpo inteiro ficou tenso. —Eu disse isso? — Minha voz saiu baixa, mal controlada.

Carol ergueu as mãos, já na defesa. —Não estou dizendo que você disse isso.

— Se você conhece Sarah, sabe que ela não faria algo a menos que fosse provocada. Eu também não a estou desculpando, mas aquela outra garota deveria ter algum tipo de responsabilidade na situação.

O rosto de Carol se suavizou. —Eu sei. O que eu queria dizer é que sinto muito pelo que aconteceu. Jennifer e seus pais conversaram. Sarah e Mary são

ótimas garotas. Foi muito fora do comum o que aconteceu, e eu admito que poderia ter lidado com isso de uma forma mais calma e coletiva. Por isso, peço desculpas.

Uma respiração baixa escapou dos meus lábios. Eu estava sendo teimosa, excessivamente emocional, talvez por causa de meus fortes sentimentos por Sarah. Talvez eu precisasse perdoar e esquecer.

— Obrigada, — eu disse. —Eu também sinto muito. Por talvez esquentar um pouco demais naquele dia.

Ela piscou e seu sorriso se alargou. —Não precisa se desculpar. Estou muito feliz que os Briskens tenham outra pessoa em suas vidas que sempre estará ao seu lado.

Eu sorri, dando um aceno de reconhecimento, e então fiz meu caminho de volta para o carro. Eu tinha uma lista de coisas para fazer, principalmente lavanderia e mantimentos. Mas eu queria que essas tarefas servis fossem feitas antes desta noite porque estávamos tendo uma maratona de Harry Potter. O sol estava brilhando intensamente no alto e eu inalei o ar fresco do outono. Eu entrei no carro, fazendo uma anotação mentalmente, priorizando onde eu precisava ir primeiro. Correios. Farmácia. Doceria. Depois de colocar minha chave na ignição, gritei. Meu sangue latejava em meus ouvidos, e todo o meu corpo entrou em alerta máximo, tenso, estremecendo e esquentando.

Vejo que você vive uma vida confortável agora, hein? Isso significa que você não precisa de mim?

Empurrei a porta, tirando o Post-it do painel. Do lado de fora, procurei nas proximidades, olhando além dos carros, da escola, fazendo um giro de 360 para encontrá-lo, Paul.

Eu sabia que ele estava aqui. Em torno desta escola, espreitando nas sombras porque eu não conseguia vê-lo em lugar nenhum. As únicas pessoas andando

eram algumas mulheres reunidas perto de seus carros. Entrei no carro e dei a volta na escola três vezes, mas ele não estava em lugar nenhum, então fiz o que sabia que tinha que fazer para manter minhas meninas seguras, dirigi até a Brisken Printing Corporation.

Eu sabia que elas ficariam bem na escola. Eles tinham um sistema de segurança e um guarda no local e adultos que os acompanhariam até o canteiro de abóboras. Eles não permitiriam que as meninas saíssem sem uma confirmação assinada. Todos esses pensamentos passaram por minha mente enquanto eu tentava não entrar em pânico, mas pensar direito. Mas o choque foi muito grande. *Como diabos ele me encontrou?* Eu fui tão cuidadosa. E embora eu achasse que tinha visto Paul na rua aquele dia, isso era diferente. Ele sabia onde as meninas estudavam. Ele conhecia meu carro. Ele sabia onde morávamos. Isso era um pesadelo. Meu pesadelo literal ganhou vida.

Quando entrei na garagem, meus freios pararam. Meus pés não conseguiam se mover rápido o suficiente para fora do carro, para o arranha-céu e em direção ao balcão da segurança, onde fui parada por uma catraca. Merda, eu não tinha um crachá para passar.

Eu disse a um dos guardas. — Oi, sou Becky Summers, a babá dos filhos de Charles Brisken. Eu preciso ver Charles.

O homem atarracado com mais de um metro e oitenta e uma barba robusta se erguia sobre mim. —Você tem um compromisso?

Meus braços cruzados sobre o peito, e olhei para ele, direto, sem piscar e agitada. —Eu não tenho, mas é uma emergência.

Antes que ele tentasse me impedir de entrar novamente, tirei meu telefone da bolsa e liguei para Charles.

Ele atendeu no segundo toque. —Ei, Becky.

— Charles, estou aqui na segurança, mas eles não me deixam subir. — Tentei evitar o pânico, mas não consegui.

Havia uma nota de preocupação em sua voz. —Eu vou buscar você.

E então ele desligou.

— Ele está vindo me buscar.

O comportamento de aparência dura do segurança vacilou. Minutos depois, Charles estava na mesa da segurança.

Ele passou o cartão para me deixar passar pela catraca. Então, ele se virou para o homem atarracado. —Becky Summers. Ela recebe um passe de acesso total permanente. Se certifique de que ela o tenha antes de partir hoje.

Charles me surpreendeu pegando minha mão e nos levando em direção aos elevadores. Alguns espectadores pararam para nos olhar boquiabertos. Se havia alguma dúvida de que estávamos juntos, foi esmagada pela proximidade de Charles comigo. Entramos nos elevadores distantes, onde havia menos movimento.

Assim que as portas se fecharam, seu rosto se anuviou de preocupação. —O que a traz ao escritório?

Eu tremia de medo implacável e coloquei uma mão pesada em seu peito. — Charles. Eu... — Puro medo negro passou por mim, nublando minha visão, engolindo minhas palavras. Meu olhar caiu para o chão enquanto eu visivelmente tremia. —Não estou aqui para uma visita amigável.

Ambas as mãos emolduraram meus ombros e Charles se abaixou para entrar em minha linha de visão. Linhas tensas de ansiedade se formaram em suas feições. Um medo gelado se torceu em meu coração e meu rosto se contraiu.

Eu engoli em seco. —Ele me encontrou. Paul me encontrou.

Capítulo Trinta e Sete

Charles

Becky andava pela sala enquanto eu permanecia totalmente imóvel. Como diabos ele a encontrou? O que esse cara faz para viver que ele teve os meios para vir encontrá-la?

Tentei procurar esse cara e contratei o investigador particular, mas sem saber muito sobre ele e com tantas buscas por Paul Clark chegando, não havia como saber se eu estava com o cara certo.

— Cadê a nota? — Eu pedi.

Ela tirou um Post-it amarelo de três por três centímetros de sua bolsa. Meu corpo ficou tenso quando li as palavras. Tive o desejo repentino de socar algo. Esmagá-lo na minha mão não era suficiente. Este homem tinha que ser encontrado.

— Eu preciso que você o encontre. — Ela passou as mãos pelos cabelos e puxou as pontas. Ela balançou a cabeça para frente e para trás. —Ignore tudo que eu disse antes. Tudo isso. Encontre ele. — A voz dela tremeu. —Coloque uma ordem de restrição sobre ele. Eu não me importo. Mantenha ele longe das garotas, de você, da sua vida aqui. Assim que eu souber que você está seguro, eu irei.

— Você não vai a lugar nenhum, — eu disse, minha voz firme.

Quando ela deixou cair o rosto em suas mãos, fui até ela e a trouxe para mim, precisando confortá-la e sentir ela, viva, com o coração batendo em meus braços, tanto quanto ela precisava de conforto de mim. Eu odiava que ela estivesse se sentindo assim. Odiava não poder fazer nada a respeito.

— Você está tremendo. — Eu descansei meu queixo contra o topo de sua

cabeça e apertei meus braços em volta dela, sussurrando em seu cabelo. —Ele nunca vai te machucar novamente.

— Eu não me importo comigo, — disse ela suavemente, sua voz quebrando com o coração partido. —É com as meninas que estou preocupada. Ele vai me usar trabalhando para você como uma alavanca. Ele sabe que você tem dinheiro. O que eu preciso fazer é ir embora. Eu preciso ir e ficar longe de...

Não a deixei pronunciar as próximas palavras porque me afastei e agarrei seu queixo para forçá-la a olhar para mim. —Você não vai a lugar nenhum. — Minha voz estava forte com convicção. —Especialmente porque você está com medo. Juro para você, nunca vou deixar nada acontecer com você ou minhas meninas. Eu juro.

Seu rosto se enrugou. —Você não sabe do que esse cara é capaz.

Eu li o medo e a ansiedade na extensão do verde olhando para mim, e isso me destruiu. Eu inclinei seu queixo ainda mais para cima. —Você sabe quem eu sou? — Eu disse com um sorriso malicioso, tentando quebrar o olhar carrancudo em seus olhos. —Você sabe do que eu sou capaz?

— Charles... — Ela não estava convencida.

Eu segurei seu rosto, escovando meu polegar com ternura em sua bochecha. —Eu sou o Superman, você não sabe? Posso liderar uma empresa inteira, mesmo que o mundo esteja desmoronando ao meu redor. — Não era verdade? Eu ainda tive que mostrar uma cara de corajosa quando Natalie morreu, aparecendo para trabalhar todos os dias. —Acima disso, sou um homem criando duas meninas. Garotas que se saíram muito bem, pela minha definição.

— Elas são ótimas. — Um pequeno sorriso apareceu, e aproveitei a oportunidade para beijá-la.

— Elas são mais do que ótimas. Elas são perfeitas.

Ela soltou um suspiro superficial. —Eu estou assustada.

— Você confia em mim?

Ela acenou com a cabeça.

— Então, acredite em mim quando digo, vou proteger você e minhas meninas até o fim.

Ela soltou um longo suspiro e enterrou a cabeça no meu peito.

Esfreguei a mão em suas costas. —Coisas importantes primeiro. Preciso de mais informações sobre Paul e qualquer coisa que você tenha sobre ele, para que possamos identificar ele e rastreá-lo.

— Tudo bem, — disse ela, com a voz trêmula.

Depois de anotar todas as informações de Paul, cancelei todas as minhas reuniões, liguei para a escola e minha equipe de segurança e levei Becky para a sala de conferências, onde almoçamos enquanto eu fazia planos para proteger ela e minha família. Ação era a chave. Eu poderia pirar, me preocupar com o futuro, com o desconhecido, mas nada havia acontecido, e não haveria um *ainda* no final daquela frase. Sua mente estava cheia de ansiedade. Era evidente na pequena ruga entre suas sobrancelhas e na carranca pesada em seu rosto.

— Eu contratei um investigador particular e ele vai descobrir onde esse cara está.

Ela assentiu enquanto dava outra mordida em seu sanduíche, os olhos focados na mesa. —Eu odeio isso. Absolutamente odeio isso.

Coloquei minha mão na dela sobre a mesa.

— Por que eu não pensei melhor? Como eu pude possivelmente ter trazido ele até aqui?

— Não é sua culpa, — eu assegurei a ela, como eu tinha feito apenas alguns

minutos antes.

— Como não pode ser? Se não fosse por mim, ele não estaria aqui. Eu não o teria levado às meninas. — Ela colocou o sanduíche na mesa e seu olhar passou pelo meu ombro. —Eu gostaria de nunca ter vindo aqui. — Sua voz era um sussurro sem fôlego, mas me destruiu.

— Não diga isso. — No próximo segundo, peguei sua mão, puxando para o meu colo. —Não quero pensar na minha vida sem você nela. — Beijei ternamente sua testa. —Tudo ficará bem. Já entrei em contato com a escola e meu investigador particular novamente hoje. Já informei minha equipe de segurança para ir até a casa e verificar se ela está segura. Amanhã, você terá uma escolta de ida e volta para a escola. Vai tudo ficar bem.

Ela suspirou em mim, não acreditando de verdade, eu poderia dizer. De qualquer forma, eu a segurei com mais força, sabendo que não havia nenhuma maneira no inferno que eu a deixaria ir.

Becky

A brisa fresca arrepiou minha pele enquanto eu caminhava para o meu carro da Brisken Printing Corporation. Eu passei as últimas horas com Charles tentando me convencer de que tudo ficaria bem e eu investigando meu passado, dando o máximo de informações que pude sobre Paul para que Charles pudesse encontrá-lo. Mas quando empurrei a chave na ignição e liguei o motor, a ansiedade dentro de mim se iluminou como uma bola de fogo pronta para explodir. Comecei a hiperventilar, então parei por um momento e descansei minha cabeça contra o volante, respirando fundo e profundamente. *Tudo vai ficar bem, certo?*

Em questão de minutos, a segurança estaria em nossa casa, inspecionando a

área para ter certeza de que era segura. Charles mandaria alguém me encontrar na escola hoje para acompanhar a mim e às meninas em casa. E amanhã, eu teria uma comitiva de dois guardas de segurança que nos levariam de e para a escola até que Paul fosse encontrado. *Tudo ficará bem.*

Enquanto dirigia para a escola, flashbacks de tudo que Paul me fez passar bombardearam minha mente, trazendo à tona a imensa dor que acompanhava aquele relacionamento. Por mais que eu tenha tentado apagar as memórias da minha mente, não consegui. Tudo o que ocupou meus pensamentos foi a violência, o abuso verbal, todas as coisas que eu não queria para minha família recém-descoberta.

Eu dirigi para a escola com pressa, precisando chegar até elas, precisando trazê-las para casa com segurança. Normalmente, eu teria ficado no carro e passado pela fila de carros na entrada, mas hoje não o fiz. Eu coloquei o carro no estacionamento, examinei meus arredores e corri para as portas da frente, esperando a campainha tocar para dispensar minhas meninas.

Pensei em esperar o segurança que Charles contratou para me encontrar aqui, mas não o fiz. A ansiedade e a pressa por ter as meninas seguras em meus braços venceram. Minutos pareciam horas enquanto eu olhava para o relógio e voltava para a porta. Meu pé bateu contra o concreto e eu mordi ansiosamente minha unha do dedo mínimo. Quando o sino tocará?

Esperei, esperei e esperei. Finalmente, quando a campainha tocou, corri em direção às portas e, quando a professora abriu a porta, quase cruzei a fronteira para entrar. Ela levantou a mão, como se eu fosse nova no processo de saída, mas não era. Eu deveria esperar do lado de fora, mas minha ansiedade levou o melhor de mim. Outros pais estavam reunidos perto da porta. Meus olhos varreram a multidão, oscilando entre meu carro, as áreas circundantes e de volta para a escola novamente. *Ele poderia estar aqui agora?*

Observei cada criança deixar o prédio. Minutos pareceram anos, e eu segui

um caminho na frente da porta, esperando que Sarah e Mary surgissem. Normalmente, era Sarah quem saía primeiro, mas ela estava três minutos atrasada. Em cerca de um segundo quente, eu iria atacar, não me importando com as consequências.

Me aproximei e disse ao professor na porta. —Sinto muito, mas minhas duas meninas ainda não chegaram. Posso ir buscá-las? Estou com pressa.

— Eu sinto muito. Por razões de segurança, não podemos deixar você entrar agora. — Seu rosto estava se desculpando, mas não ajudou o desconforto dentro de mim.

Minha mente estava jogando aquele jogo negativo novamente, imaginando os piores cenários. Como Paul na escola com minhas meninas. Meu coração batia forte dentro do meu peito. Apenas o pensamento ameaçou um ataque cardíaco. Eu dei um passo à frente, prestes a cruzar a linha, as consequências que se danassem, quando um sopro de ar saiu de meus pulmões quando Sarah veio em minha direção, sorrindo. Genevieve, uma de suas amigas, estava com ela.

Depois de um rápido abraço de despedida da amiga, Sarah caminhou em minha direção. No segundo em que ela cruzou a soleira da porta da frente, eu apaguei a lacuna entre nós e a puxei para o meu peito. Eu tinha certeza de que a estava envergonhando, mas não me importei. Eu a apertei contra mim, como se não nos víssemos há anos, pressionando um beijo desesperado no topo de sua cabeça.

— Becky? — Ela disse, sua voz abafada contra mim. —Você está bem?

Eu estava tremendo. Visivelmente tremendo. Mas aliviada, quase. Porque eu tinha uma última menina para pegar.

Eu me afastei. —Você viu Mary?

— Não. — Ela estava me olhando como se eu tivesse enlouquecido. E talvez

eu tivesse, mas era por um bom motivo.

Eu dei um passo para longe dela. Nós duas olhamos para a porta e mantive a mão na mochila de Sarah para ficar mais tranquila. Cinco minutos se passaram. Meninas que se pareciam com Mary saíram do prédio, mas Mary não estava à vista. Me aproximei da professora novamente porque ela estava prestes a fechar as portas, mas eu não estava com minha menina.

— Você dispensou os pré-escolares?

Seus olhos se arregalaram um pouco. —Eles foram dispensados na entrada sul, onde ficam os ônibus escolares. Eles fizeram sua viagem de campo no canteiro de abóboras.

— Espera. O que? — Eu já estava correndo com Sarah antes que a professora soltasse suas próximas palavras.

Corri como se minha vida dependesse disso, braços bombeando, pernas dando longas passadas. Sarah mal conseguia me acompanhar, então diminuí o ritmo porque não havia como perder duas crianças no mesmo dia. Os ônibus estavam vazios e não havia ninguém na entrada sul. Nenhuma criança podia ser vista. Quando vi uma motorista de ônibus, corri em sua direção quando ela voltou para o ônibus e, antes que as portas se fechassem, acenei minhas mãos como uma lunática para chamar sua atenção.

— Um oi, — eu disse a ela enquanto ela franzia a testa para mim de seu assento alto. — Quando os pré-escolares foram dispensados?

Ela piscou para mim. —Bem, eles foram dispensados no horário normal de dispensa.

— O que? — Eu lati.

Ela cambaleou com a nitidez em meu tom. —Depois que os ônibus os deixaram, os pais deveriam buscá-los aqui. Algumas crianças entraram para ir

até a entrada principal para pegar o carro.

Eu me virei e corri de volta para a entrada principal, segurando a mão de Sarah para que ela ficasse comigo.

— Becky, para onde estamos indo? — Sarah choramingou, mas eu pude ouvir a nota de preocupação.

— Temos que encontrar Mary. Ela provavelmente está lá dentro. — Minha voz estava frenética.

Mesmo sabendo que não ajudaria a que a situação enlouquecesse, não pude evitar. Mas não poderia ser. Ela não se foi. Ela não estava perdida. Ela estava lá dentro. Onde mais ela poderia estar?

— Não se preocupe, Becky. Já que ela não apareceu, ela está em sua classe com certeza, ou se não, ela está no escritório principal. Nós a encontraremos. — A voz calma de Sarah pretendia aliviar a tensão no meu intestino, mas não o fez.

Eu sorri para ela para seu benefício. —Nós vamos.

Corri para a escola, não mais sendo vigiada pela professora, e entrei na sala de aula de Mary, que estava vazia, e então corri em direção ao escritório principal. —Os pré-escolares da classe da Sra. Cininski já foram dispensados?

Brenda, a secretária da escola, olhou para cima. —Sim, eles foram dispensados com todas as outras crianças. — Ela olhou para o relógio atrás de sua mesa. —Isso foi há quinze minutos.

— Não consigo encontrar Mary Brisken, — eu disse, minhas mãos começando a tremer tanto quanto minha voz. —Haveria uma dispensa sem que alguém a pegasse?

Ela me encarou como se fosse uma pergunta estúpida de se fazer, e eu admiti que era. Porque a prioridade número um desta escola era a segurança. O problema era como não coloquei minha menina na minha frente?

Brenda estava tentando ser paciente comigo. —Eles foram dispensados como costumam ser, na fila dos carros.

Pisquei furiosamente, minhas narinas começando a dilatar. —Ela está sumida.

As sobrancelhas de Brenda subiram para a linha do cabelo. —O que você quer dizer?

— Eu fui para a entrada sul, e não há mais carros lá, e minha menina... ela está desaparecida. — *Por favor, por favor... por favor, não.*

Brenda pegou o telefone e discou para a segurança. —Você pode procurar uma criança em idade pré-escolar, classe 304, cabelo loiro, olhos azuis na área e na escola? — Então, ela desligou e ligou para o escritório da diretora. —Srta. Klein, temos uma situação na frente.

Capítulo Trinta e Oito

Charles

Depois de explicar a situação aos meus irmãos, minha ansiedade aumentou. Brad estava calmamente sentado à longa mesa da diretoria enquanto Mason andava de um lado para o outro na sala de conferências.

— Então, ele está aqui. Na cidade? — Mason perguntou.

— Estou presumindo que sim, — respondi. — Quem mais teria deixado o bilhete para ela?

Brad juntou os dedos aos lábios.

— Liguei para nossa equipe de segurança. Eles estão em casa agora, e amanhã, eles vão acompanhar Becky para deixar as meninas e durante todas as suas tarefas, se ela precisar fazer alguma.

A empresa de segurança que eu contratei também usamos na Brisken Printing Corporation e em qualquer evento externo da empresa ou se precisássemos de segurança pessoal, o que normalmente não acontecia. Normalmente, éramos três homens adultos que podiam cuidar de nossos próprios negócios.

— Vai ficar tudo bem, — disse Brad, embora sua calma estivesse diminuindo.

— Tudo bem? — Mason ergueu as duas mãos, já cedendo ao pânico e à raiva. —Temos um homem louco à solta, seguindo nossa babá e perseguindo a escola de nossas meninas. Eu quero dizer que eu disse a você, mas eu não vou.

— Não, — eu disse, não querendo ouvir. Minhas mãos foram para meus quadris enquanto eu olhava para fora, para os outros arranha-céus no horizonte.

— Você entrou em contato com o investigador? — Mason perguntou,

caminhando por um buraco no tapete industrial.

— Sim. Eu dei a ele tudo que ele precisava para fazer uma pesquisa completa. — Agora que eu tinha informações completas sobre esse cara, tenho certeza de que algo surgiria. —Eu paguei uma taxa acelerada, então devemos ser capazes de descobrir sobre ele antes do fim de hoje.

Eu precisava desse cara na prisão. Condenado. Ela não iria mais se esconder e não sentiria a compulsão de fugir. Fosse o que fosse, o que quer que estivesse acontecendo agora, era para ser. Eu deveria encontrá-la, conhecê-la e amá-la.

Mason sentou na cadeira mais próxima. —Como chegamos aqui? O que poderíamos ter feito para evitar isso?

Eu balancei minha cabeça. —Nada.

Porque se esse idiota queria encontrar ela, não havia nada que eu pudesse ter feito para impedir ele. Eu queria esse confronto. Isso só levaria a ramificações legais, onde eu poderia manter esse cara longe de Becky e das crianças, onde ela não teria mais medo de fazer as coisas normais que eu sabia que ela adorava fazer, andar de bicicleta, ir a um restaurante sozinha, sem olhar para trás, e levar as meninas a um parque, sem medo de quem ela pudesse ver lá. Peguei meu telefone e mandei uma mensagem para minha equipe de segurança para me dizer quando Kenzo, um dos chefes, chegou à escola. Ele respondeu imediatamente e estava a apenas alguns minutos de distância.

Brad deu um pontapé na mesa de conferência. —Elas ficarão bem. Hoje, estamos protegendo a casa. Amanhã, elas vão entrar na escola com os seguranças, como se fossem famosas. Então, encontraremos esse cara e teremos uma boa conversa com ele. — Ele passou uma mão pelo cabelo. —Tudo vai ficar bem. Vocês estão pirando com uma nota.

Em seguida, enviei uma mensagem de texto para Becky, mas ela não respondeu.

Kenzo vai chegar a qualquer segundo, disse a mim mesmo. Ela provavelmente está acomodando as meninas no carro, ou Mary a está mantendo ocupada com suas histórias sobre o canteiro de abóboras. Entrar em pânico não me ajudaria agora.

O telefone tocando no meu bolso de trás interrompeu meus pensamentos aleatórios, peguei meu celular e atendi. —Ei, Becky.

— Charles…— sua voz era um soluço confuso —… Mary está sumida.

Suas quatro palavras fizeram meu coração parar no meu peito. Foi uma experiência fora do corpo, ouvir as palavras, mas não saber o que fazer com elas. Fiquei totalmente imóvel, imóvel, mal respirando. Houve algumas outras vezes em que tive esse tipo de ataque de pânico, sem saber como reagir, incapaz de conectar meu cérebro ao meu corpo. Por exemplo, quando os médicos me disseram que Natalie estava morta. Quando Mason me ligou no trabalho, soluçando porque meus pais haviam sofrido um acidente. E agora... quando Becky me disse que minha doce Mary estava sumida.

— Charles? — Ela repetiu meu nome algumas vezes antes de eu responder.

— Mary está sumida? Onde está você?

Brad pulou da cadeira e ele e Mason me encararam diretamente, seus olhares de completo choque provavelmente refletindo os meus.

— Eu estou na escola. Ela não saiu de sua porta normal porque eles fizeram uma viagem de campo. Eles foram dispensados da entrada sul e... — Seus soluços aumentaram.

Eu era lento para responder, ainda mais lento para reagir. Eu deveria estar fora do escritório corporativo e no meu carro agora.

— Não se mexa. Eu estarei lá.

— Policiais estão aqui. Kenzo acabou de chegar. Eles estão procurando por

ela nas proximidades.

Desliguei o telefone e me virei para a porta, colocando meu corpo em ação.

— O que aconteceu? Mary está desaparecida? — Brad disse, o medo em seus olhos evidente.

— Sim. — Apontei para Mason. —Você entra em contato com aquele investigador e descobre tudo o que precisamos saber sobre Paul. Diga a ele que precisamos da informação na próxima hora. Não importa quanto custar para acelerá-lo.

— Eu vou com você, — disse Brad antes que eu pudesse dar-lhe uma instrução. —Você não precisa do investigador porque eu irei pessoalmente encontrar esse cara e foder com ele se ele estiver com ela.

Eu não conseguia nem deixar minha mente ir lá. *Estou indo, menina.* Nós dois saímos pela porta em um momento.

— Vamos juntos porque quero levar o carro de Becky para casa.

Seus nervos estavam em frangalhos antes. E o meu também agora. Para onde ela poderia ter ido? Espasmos de alerta estouraram dentro de mim, e parecia que uma mão estava enrolada em minha garganta, impedindo que qualquer ar entrasse em meus pulmões. Ele a tinha? Eu cerrei meus dentes. Eu não queria que meus pensamentos desviassem nessa direção porque isso não me faria nenhum bem agora.

— Me dê as chaves, — disse Brad enquanto nos aproximávamos do carro.

Eu olhei para ele, querendo dirigir meu carro.

— Charles, você me conhece. Não faço bem em ficar sentado quieto, especialmente quando algum filho da puta está com minha sobrinha.

— Não diga isso. Não sabemos disso agora. — Mas onde mais ela estaria?

Um silêncio negro e frio nos cercou, mas eu não tive tempo para discutir, então joguei as chaves nele, e ele as pegou no ar.

— Além disso, em vez de trinta, posso chegar lá em vinte.

— Precisamos chegar lá vivos para ser de alguma ajuda. — Todos os meus músculos ficaram tensos sob meu terno.

Ele não disse uma palavra, o que não era de seu feitio, enquanto dirigia a noventa quilômetros por hora em direção à escola. Pouco antes de chegarmos lá, meu telefone tocou novamente. Era Mason.

— Você ligou para o investigador? — Eu perguntei.

— Sim.

— Então, ele está aqui, — disse eu, querendo que Mason confirmasse o que eu já sabia.

— Charles... — A maneira como ele pronunciou meu nome foi a mesma que ele pronunciou quando me ligou anos atrás, me contando que nossos pais morreram em um acidente.

— O que! — Eu me peguei gritando ao telefone enquanto todos os músculos do meu corpo ficavam tensos.

— Charles... — Sua voz tremeu com uma emoção totalmente taciturna.

— O que? Apenas me diga, Mason.

Eu não aguentava mais más notícias. Eu tive más notícias o suficiente para durar uma vida inteira. Todos nós tínhamos. Qualquer coisa a mais me quebraria.

— Paul está morto.

Impossível. O zumbido em meus ouvidos se intensificou.

— Eles o encontraram e ele morreu de um ferimento a bala auto infligido.

— Como ele pode estar morto? — Eu respirei. Arrepios arrepiaram minha nuca. —Então, quem diabos está com a minha Mary?

Aconteceu em uma fração de segundo enquanto Brad registrava minhas palavras. Seus olhos se voltaram para os meus, mas naquele nano segundo, ele não freou rápido o suficiente, acertando o cara na nossa frente.

Capítulo Trinta e Nove

Becky

— Encontramos a mochila dela. — Um policial se aproximou de mim, me entregando a mochila da Pequena Sereia de Mary.

Eu esfreguei as costas de Sarah, que estava chorando ao meu lado enquanto nos sentamos no banco com vista para o balanço e escorregador na parte de trás da escola. Eu nunca tinha visto Sarah derramar uma lágrima, mesmo quando ela brigou com a irmã, mas agora ela estava inconsolável.

— Por que ela iria vagar? Você acha que alguém a levou? — As perguntas de Sarah vieram para mim, para o oficial, para os professores e a diretora, que todos tentaram procurar por Mary. Quando não pudemos dar a resposta que ela queria, ela começou a chorar novamente.

Eu esfreguei suas costas e a segurei enquanto olhava para o policial. Ele era um homem mais alto com uma poeira de cabelo vermelho e olhos azuis penetrantes. —Onde você achou isso?

— No parquinho.

— Mas nós fomos lá, — Sarah gritou. —Eu teria visto lá com certeza.

O oficial ofereceu a Sarah um pequeno sorriso de desculpas e gesticulou na minha direção. —Estamos fazendo buscas nas proximidades, fora do perímetro da escola também.

Eu tremi visivelmente. —Obrigada. — Eu queria vomitar com o choque de tudo acontecendo ao meu redor. A culpa que senti era avassaladora e me deixou imóvel. O gelo se espalhou pelo meu estômago e eu me encolhi.

Sarah abraçou a mochila, a parte superior pressionando seu queixo. —Mary,

por favor, fique bem. Prometo nunca mais brigar com você. Prometo deixar você brincar com a minha boneca American Girl sempre que quiser. Eu prometo que você pode dormir na minha cama quando estiver com medo.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Puxei a bolsa de suas mãos e a trouxe para o meu peito, beijando o topo de sua cabeça. Ela estremeceu contra mim enquanto Kenzo nos observava, a apenas alguns passos de distância.

— Mary vai ficar bem. Ela provavelmente está em algum lugar, brincando com um cachorro perdido. — Eu pronunciei essas palavras, embora não tivesse certeza se eram verdadeiras. Eu precisava que elas fossem verdadeiras. Eu precisava que minha Mary estivesse bem. Eu precisava de Paul muito, muito, muito longe da família da qual cresci para cuidar.

Peguei a mochila de Mary e joguei todos os itens no concreto, procurando seus pertences, seu estojo, sua pasta de tarefas, seu caderno, sua lancheira enfiada dentro. Peguei cada item do chão, como se algo me desse uma pista de onde ela tinha ido, mas não encontrei nada.

Quando meu telefone tocou, meu coração deu um pulo no peito. Verifiquei a tela e respondi imediatamente. —Charles?

Sua voz estava frenética e sem fôlego. —Estou correndo em direção à escola agora. Estou a uns bons oito quarteirões de distância.

— Correndo? — Eu disse, minha mente confusa e não computando. —O que aconteceu?

— Brad teve um acidente, arrebentou o para-choque. De qualquer maneira... Becky, tenho que te contar uma coisa. O investigador voltou com algumas informações.

Minhas mãos pararam no caderno que eu estava prestes a colocar de volta na bolsa.

— Paul está morto.

Morto. A palavra apenas ficou lá em minha mente. *Morto*. Então, começou a barulhar como um trem, alto, claro e ensurdecedor...

Morto, morto, morto ...

O medo deu um nó em minhas entranhas.

— O que você quer dizer? — Engoli a bile que subiu pela minha garganta.

A respiração de Charles estava saindo em baforadas quando ele retransmitiu severamente. —Ele morreu há dois anos de um aparente suicídio.

Eu não estava triste, é claro. Mas eu também não fiquei aliviada. Eu estava entorpecida. Em choque. E confusa. Muito confusa.

Mas…

— Eu não entendo... — Minha voz foi sumindo enquanto outros pensamentos negativos filtravam em minha cabeça.

Se Paul não levou Mary, então quem o fez? Pelo menos com Paul, poderíamos colocar um rosto em um nome, poderíamos rastreá-lo.

— Apenas fique aí, — Charles ordenou. —Não se mexa. Eu estarei lá em breve. — E então ele desligou.

Eu procuro freneticamente nos bolsos da frente da mochila de Mary quando meus dedos encontram um Post-it amarelo. Meu corpo todo arrepiou quando li as palavras. Meus olhos se concentraram em Kenzo conversando com um policial que havia se aproximado e, em seguida, minha atenção se fixou no papel na ponta dos meus dedos.

Eu tenho exatamente o que você está procurando.

O número do Post-it pulsava no papel, fazendo minha adrenalina disparar. Eu pulei para uma posição de pé, pensando em minhas próximas ações. Se eu

entregasse essa informação recém-descoberta às autoridades, eles me tirariam de cena. Mas eu tinha essa necessidade interna de encontrar ela sozinha. Para chegar até Mary.

Acenei para Kenzo, chamando sua atenção. —Vou ao banheiro, mas já volto. Você pode ficar de olho em Sarah?

Depois que ele acenou com a cabeça, beijei o topo de sua testa. —Fique bem aqui. Eu voltarei. — *Com sua irmã. Eu prometo*.

Quando estava a uma boa distância, disquei o número do Post-it.

— Alô? — Eu disse, minha voz baixa e desesperada.

— Olá, Becky. — Seu tom era baixo e áspero, uma consequência direta do fumo excessivo. Eu quase podia sentir o cheiro de cigarro saindo de sua boca. — Muito tempo sem conversar, querida.

A voz que me cumprimentou era familiar. E feminina. Já fazia muito tempo, mas aparentemente não o suficiente. Eu estava mais confusa agora do que quando Charles me disse que Paul estava morto.

Minha voz resmungou. —Mãe?

Charles

Eu estava correndo como se minha vida dependesse disso, porque dependia. Minhas filhas eram minha vida. O suor cobriu meu pescoço e minhas costas através do meu terno, mas eu não deixei isso me deter enquanto meus braços bombeavam mais e mais rápido. O som de uma buzina de carro buzinando atrás de mim me fez virar. Só parei quando percebi que era o Brad.

— Entre.

Eu pulei no carro e joguei meu paletó na parte de trás. —O que aconteceu? — Eu perguntei, tentando respirar fundo em meus pulmões.

— Eu disse à senhora que não conseguíamos encontrar minha sobrinha, disse a ela que pagaríamos por todos os danos e que o seguro não seria necessário. Eu dei a ela meu número. — Seu rosto estava impassível e imóvel.

Em qualquer outro dia, Brad dando a uma mulher seu número seria uma piada de família. Hoje não. Sem piadas hoje.

Não, nós vamos encontrar minha filha, porra, e então todos nós vamos rir sobre isso mais tarde, eu disse a mim mesmo para tentar manter a calma. Lembrei a mim mesmo que hoje seria um bom desfecho. *Nós vamos encontrá-la. Tudo vai ficar bem.* Repeti as palavras na minha cabeça uma e outra vez.

— Nada deveria ter acontecido com ela, — ele grunhiu.

— Não vá lá, Brad, — eu o avisei. Eu não precisava de seu pânico lançando cenários. —Se Paul está morto, há esperança de acreditar que há uma explicação razoável para tudo isso, — disse eu.

Mas ele continuou. —A vida é uma merda, um jogo de merda. Recebemos mão ruim após mão ruim. Eu cansei dessa merda, cara. Se alguém machucar meu bebê, vou para a cadeia. Garantido.

Eu empurrei suas palavras e limpei minha cabeça. Eu precisava de todas as minhas faculdades para garantir que tudo acabasse e que Mary fosse encontrada sã e salva. Paramos em fila dupla na via de emergência, saltamos do carro e corremos para a escola. No escritório principal, meus olhos se encontraram com os de Sarah e todo o meu corpo relaxou. Imediatamente, eu caí no chão e puxei ela em meus braços, respirando-a, segurando ela perto.

Lágrimas caíram por seu rosto enquanto seus pequenos braços envolveram minha cintura.

— Você a encontrou? — Eu perguntei, me afastando para enxugar as lágrimas que caíram pelo seu rosto.

Ela balançou a cabeça. —Não, papai. — Ela soluçou incontrolavelmente.

Eu engoli em seco. —Onde está Becky?

— Ela me disse para ficar aqui com Kenzo.

Um arrepio percorreu meu braço. O que? Onde diabos ela foi?

Quando soltei Sarah, Brad a ergueu nos braços, as pernas dela balançando acima do solo. Ele beijou sua bochecha uma e outra vez. —Eu estou ensinando você em casa a partir de agora, — ele rosnou, sua vibração normal se foi.

Fiquei em pé, voltando minha atenção para Kenzo. —Você a deixou sair?

— Ela disse que ia ao banheiro e não voltou.

Mais dois policiais se aproximaram de mim, seguidos pela diretora logo atrás deles. Eu não queria falar com nenhum deles agora. Eu queria fazer as coisas com minhas próprias mãos. Eu precisava encontrar Becky e Mary.

Um oficial alto com cabelo castanho claro se aproximou. —Sr. Brisken, olá. Temos algumas perguntas e iremos informá-lo sobre nossos esforços de pesquisa.

— Um segundo. — Virei para o outro lado, não querendo ser rude, mas precisando falar com Becky. Algo não estava certo.

Por que ela simplesmente iria embora? E sem Sarah?

Peguei meu telefone do bolso de trás e liguei para ela. Ele continuou tocando e tocando. Quanto mais tocava, mais meus pulmões se contraíam. Pela primeira vez em muito tempo, eu não conseguia respirar novamente em meus pulmões. Quando liguei pela segunda vez, ela finalmente atendeu.

— Onde você está? — Eu perguntei, além do pânico.

— Eu vou buscar a Mary. — Ela parecia sem fôlego enquanto seus soluços aumentavam, mais fortes, mais rápidos.

Eu apurei meus ouvidos para ouvir ela.

— Quem está com ela? — Porque neste ponto, com a forma como Becky parecia fora de sua mente, eu sabia que era um quem e que ela não estava simplesmente olhando para algum lugar.

— Minha mãe está com ela, Charles. Minha mãe está com Mary.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. *Mãe dela?* Fiquei tão chocado que não conseguia nem dizer as palavras em voz alta. Eu balancei minha cabeça, virei e olhei para Brad e Sarah. Eles estavam olhando para mim com expectativa. Não tive a chance de fazer minha próxima pergunta.

Havia determinação, raiva e medo na voz de Becky. —Eu prometo que a trarei de volta, Charles. Se essa é a última coisa que eu faço.

E então a linha ficou muda.

Capítulo Quarenta

Becky

Tudo o que minha mãe queria era dinheiro. Ela só precisava de dinheiro. Era sua motivação. O que a moveu. Não era amor. Não havia amor em seu coração. Se eu tivesse idade suficiente para trabalhar, só então, talvez... apenas talvez, ela teria me mantido. Crescendo, eu só era um fardo para ela, um dreno para sua situação sem um tostão, então ela desistiu de mim. Não ajudou o fato de ela ter entrado e saído da prisão por crimes menores. Ela nunca lutou para me manter, procurou me encontrar, até agora, e eu sabia por quê.

Embora eu soubesse que minha mãe era uma pessoa astuta e conivente, ela não era violenta. Pelo menos não para mim. Ela poderia ter mudado em todos os seus anos, eu não sei, mas pensei, pelo menos, eu esperava e orava com todo o meu coração, que mesmo que ela tivesse Mary, ela não a machucaria. E eu definitivamente sabia que ela não iria mantê-la. Mas o que eu não sabia era se ela tinha um parceiro ou se trabalhava sozinha. E se ela tivesse um parceiro, todas as apostas estavam canceladas. Eu não tinha ideia do que estava me metendo de cabeça.

Eu limpei minhas bochechas, dirigindo mais rápido em direção a um destino que ela me mandou uma mensagem. A culpa atormentou minhas entranhas. Se eu não tivesse vindo aqui para ser babá dos Briskens, Mary estaria em casa, segura nos braços de Charles. A percepção de que eu os coloquei, uma família inocente, nesta situação me fez tremer incontrolavelmente.

Por favor. Por favor. Por favor, deixe Mary ficar bem.

Esfreguei minha sobrancelha, mordendo meu lábio enquanto puxava para o estacionamento. Nada iria acalmar meus nervos. Eu não podia contar nada, não quando se tratava da segurança de Mary. O desespero fazia as pessoas fazerem

coisas estúpidas. Eu deveria saber. Eu vivi metade da minha existência assistindo minha mãe destruir sua vida em pedaços.

Havia apenas um carro no estacionamento e, antes que eu percebesse, estava disparando em direção ao veículo, sem saber o que me esperava. Automaticamente, peguei a marca e o modelo do carro e, quando diminuí a velocidade para me aproximar, memorizei a placa. Então, ela saiu do carro e eu engoli em seco quando minha respiração saiu em baforadas rasas. Era ela, minha mãe. Ela parecia diferente agora. Seu cabelo estava tingido de castanho escuro, suas raízes brancas aparecendo como se ela tivesse sido muito preguiçosa para refazê-lo ou, mais provavelmente, ela não poderia pagar por isso. Seus olhos verdes, a única coisa que herdei dela e não odiava, encontraram meu olhar com uma frieza que me gelou até os ossos.

Meus olhos piscaram dela para o carro, procurando pela minha garota e qualquer sinal de que ela estava lá. Eu estava prestes a pular na minha mãe se ela não me contasse quando, de repente, a doce Mary acenou para mim de dentro do carro, seu rosto empurrando contra a janela no banco de trás, seu sorriso brilhante e brilhando como o sol, como se era um dia perfeito. Eu não conseguia nem descrever como foi vê-la naquele momento. Como se meu mundo tivesse se despedaçado e se recomposto em um segundo rápido.

— Mary... — Minha palavra saiu em uma grande pressa.

Acenei para ela e me aproximei lentamente, avaliando a situação para ver se minha mãe estava armada. Ela já carregou armas de fogo antes, e eu sabia melhor do que pensar que ela não teria uma com ela agora. Como se pudesse ler minha mente, minha mãe baixou o queixo e acenou com a cabeça. Eu segui seu olhar para ver uma protuberância no bolso da frente de sua calça jeans desgastada. Meu mundo inteiro afundou porque, agora, ela tinha vantagem.

Então, ela acenou com a cabeça em direção ao carro. —Entre, Becky. — Sua voz era alegre, o que não combinava com seu olhar desconectado.

Eu debati o que deveria fazer, mas Mary estava no carro.

— O que você quer? — Eu bati, lentamente indo para o carro.

Nunca me senti tão impotente. Viver em um orfanato não se compara ao quão impotente eu me sentia neste momento. Não havia nada que eu pudesse fazer. Só havia uma escolha que eu poderia fazer. Se eu quisesse manter Mary segura, tinha que ir com ela.

— Eu vou te dizer quando você entrar no carro, — ela retrucou, a falsa alegria se foi.

Estremeci ao abrir a porta do banco traseiro do carro e, uma vez lá dentro, puxei Mary para o meu colo. Eu a esmaguei contra mim e ela riu como se não tivesse a menor ideia de que todos que a amavam estavam procurando pela cidade. Sua risada era rica, um som glorioso, o melhor som, como a sinfonia tocando na ópera, como o sino da igreja tocando pouco antes da missa. Meus lábios pressionaram a maciez de seu cabelo, e estremeci contra ela, o alívio me invadindo. Não alívio total, total, mas uma fração dele. Eu estava com ela, minha Mary, minha menina.

Porque ela é minha, e eu nunca vou deixá-la sair da minha vista novamente.

— Você estava com saudades de mim. Eu posso dizer. — Ela riu, completamente alheia.

Lágrimas delinearam meus olhos enquanto eu a segurava perto. Eu não queria mostrar medo, mostrar alívio por ela estar segura, mostrar a ela o desespero que eu sentia, a necessidade de tirá-la daqui. Tentei esconder que algo estava errado. Eu queria protegê-la de tudo.

Mas ela sabia porque Mary se afastou e suas sobrancelhas se franziram. —O que há de errado?

Eu segurei sua bochecha. —Nada, menina.

O doce sorriso estava de volta em seu rosto. —Sua mãe me deu sorvete.

Eu balancei a cabeça, prendendo-a, afivelando o cinto de segurança. —Isso é ótimo, menina.

Mary me contou sobre seu dia, divagando como se nada estivesse errado. Ela me disse que havia deixado a pequena abóbora que pegou do canteiro de abóboras em sua mesa na escola. Era como se este fosse um dia normal, como se estivéssemos a caminho de casa e ela estivesse contando os acontecimentos do dia, mas isso não poderia ter sido mais diferente. Kate, minha mãe, dirigia, sabe-se lá onde.

Enquanto dirigíamos, me esforcei para bolar um plano para levar Mary o mais longe possível dessa situação. Quando peguei meu telefone, Kate pisou no freio tão rápido que Mary e eu empurramos para frente.

— Sem telefones, — ela gritou.

Os olhos de Mary se arregalaram e eu dei um tapinha em seu joelho. —Eu não estou ligando para ninguém. Vou colocar um programa para Mary, então ela não precisa ouvir nenhuma conversa de adultos.

Minha mãe me olhou por um segundo e eu tirei meus fones sem fio da minha bolsa. —Mary, você quer assistir Peppa Pig ou Princesinha Sofia?

— *Sofia*! — Ela exclamou, jogando seus bracinhos no ar.

Eu empurrei os fones de ouvido em seus ouvidos e reproduzi um vídeo no YouTube de um de seus programas favoritos.

Quando Kate olhou para a estrada e continuou a dirigir e eu sabia que Mary estava ocupada, finalmente falei. —De quanto você precisa desta vez?

Sua risada era cínica. —Como você sabe que eu simplesmente não queria ver você?

Minha risada foi mais cínica do que a dela. —Me ver? Quando você já em toda a minha vida quis me ver só por isso? — Minha mandíbula travou. A raiva nublou minha visão e cuspi minhas próximas palavras. —Apenas me diga por que você está fazendo isso.

O carro ficou silencioso, tão silencioso que pude ouvir o programa de Mary tocando no meu telefone.

— Devo dinheiro a algumas pessoas, Becky. E eles não são boas pessoas. — Sua voz tinha uma qualidade manipuladora, como se ela soubesse que poderia me fazer sentir por ela.

Mas eu não conseguia sentir nada além de desprezo por ela. Eu havia perdido toda a compaixão por minha mãe há muito tempo. E eu não me importava com o que ela fazia comigo, mas eu não ia deixar as pessoas de quem eu me importava serem danos colaterais.

Eu não ia deixar essa mulher usar uma criança inocente como alavanca para conseguir o que queria. Esta mulher tinha que ir para a cadeia, e eu jurei que ela iria se fosse a última coisa que eu fizesse na terra. Eu precisava dela trancada, para que ela não pudesse mais machucar as pessoas ao meu redor. Assim que eu tivesse a segurança de Mary, eu levaria os policiais até ela, encontraria autoridades para levá-la. Ela não podia ir longe. Eu já tinha memorizado a placa do carro.

— Quanto? — Eu repeti, trabalhando duro para manter a raiva fora da minha voz.

Ela ficou em silêncio por um instante. —Dez. Dez mil para me colocar de pé.

Soltei um suspiro longo e irregular.

— É apenas dinheiro, Becky. — Ela revirou os olhos. —E olhando para os Briskens, parece que isso não seria nada para eles.

De repente, percebi que essa tinha sido minha vida com essa mulher. Cada vez que ela precisava de dinheiro, ela vinha até mim. E ela sabia claramente que os Briskens tinham os meios. Não que eu tenha ficado surpresa. Mas, ainda assim, meu medo só aumentou com essa nova realidade, que ela tivesse ido em grande parte para pesquisá-los. Isso só significava que seu desespero era profundo.

Agora que ela conectou os dois, ela sempre me usaria como uma alavanca contra eles. Se houvesse uma recompensa pela minha cabeça, Charles pagaria o que fosse para me manter segura. Eu sabia disso.

Engoli a bile que subiu pela minha garganta. —Deixe Mary ir, e eu vou pegar o que você precisa. — *E te coloco na prisão*.

Ela riu de novo ao sair da rodovia. —Você acha que eu sou estúpida, Becky? Você conhece sua mãe melhor do que isso.

Eu cerrei meus dentes. Como ela ousa! Meu sangue estava começando a ferver. —Há policiais invadindo a escola. O pai de Mary tem toda uma equipe de segurança vasculhando as proximidades. Não há como isso acabar bem, Kate, então deixe ela ir.

Ela balançou a cabeça, lenta e paciente. —Isso não vai acontecer, e você sabe disso.

Eu sabia disso. Eu sabia como ela era, como a ganância a movia, mas ainda assim... eu tinha que tentar. Não havia nenhuma maneira que eu permitiria que ela escapasse impune. Se qualquer coisa, ela voltaria novamente. Eu sabia disso. Ela usaria o Briskens como seu caixa eletrônico pessoal, e eu não permitiria isso.

Ela parou na frente de uma casa em ruínas. Era como se tivéssemos entrado em um mundo totalmente diferente, casas com tábuas, gramados malcuidados, grades nas janelas das residências vizinhas. O telefone tocando me fez erguer os olhos. Kate estendeu a mão e arrancou o telefone da mão de Mary com tanta

força que Mary se encolheu em mim, seu rosto ficando em estado de choque.

— Alôôôôôôôôôô, — Kate arrulhou. — Oi, Charles.

Senti nojo dela. Sua voz, seus motivos, seu caráter. Ela sabia quem eram esses homens. Ela sabia que Charles era o pai de Mary. Meu estômago embrulhou e examinei minha área novamente. Ela não tinha me vendado. Se eu pudesse falar com ele e dizer onde estávamos, mas uma grande parte de mim sabia que ele já estava rastreando meu telefone.

— Assim, podemos tornar isso realmente fácil. Eu vou te dizer o local onde você pode pegar Becky e Mary, mas primeiro o mais importante. Eu preciso que você abandone uma taxa de coleta. Sem policiais. Sem enganos. Vou enviar uma mensagem de texto a você com as informações assim que estivermos resolvidos.

Fiquei boquiaberta com ela do banco de trás. Ela não era tão burra. Claro que haveria policiais. Kate estaria na prisão, sem dúvida, antes que suas mãos tocassem as verdinhas.

— Elas estão bem, — disse ela ao telefone, como se estivesse falando sobre seus próprios filhos e este fosse apenas mais um dia. —Eu te disse, vou te mandar uma mensagem de texto onde depositar o dinheiro.

Ela não estava pensando com clareza. Mas eu sabia que minha mãe não era a mais inteligente. Com ela, a execução era a mais difícil, terminar qualquer coisa não era seu ponto forte. Talvez ela tenha conjurado esse plano maluco em sua cabeça e pesquisado como chegar a este ponto, mas ela nunca levaria isso até o fim.

A confiança encheu meus ombros porque eu poderia fazer isso. Eu bolei meu plano em etapas. Primeiro passo. Tirar Mary dessa situação.

Em seguida, chamar as autoridades e dar todas as informações para pegar essa mulher.

Eu apurei meus ouvidos para ouvir a voz de Charles na outra linha, mas eu mal conseguia ouvi-lo.

— Sem policiais, — ela repetiu. —Sem merda maluca ou então... — Sua voz baixou. —Você não quer que eu termine essa frase. — Ela estendeu o telefone para mim. —Ele quer falar com a garota.

— Mary. O nome dela é Mary. — Eu fervi.

A fúria que senti por essa mulher quase me sufocou. Meu humor mudou drasticamente para raiva. Eu não conseguia acreditar que ela havia colocado Mary em perigo. Respirei nos segundos seguintes, e esses poucos momentos apenas solidificaram minha decisão de colocar essa mulher na prisão.

Quando Mary colocou o telefone no ouvido, sua voz tremeu, seu tom mudou, provavelmente porque ela ouviu a conversa. —Papai? — Ouvir a voz de seu pai a fez sorrir. —Estou bem, papai. Sim, a Senhorita Kate e eu tomamos sorvete. — Sua voz baixou. —Sim, estamos no carro.

Peguei o telefone antes que Mary pudesse dar mais informações, fazendo com que o mal da minha mãe viesse à tona com força total.

Falei desesperadamente ao telefone. —Charles, vamos ligar para você. Vou levar Mary de volta para você. Eu prometo.

Desliguei e joguei o telefone na bolsa. Era o telefone dele, o telefone que ele me deu. Não havia dúvida de que ele estava rastreando agora. E para minha vantagem, eu sabia que isso não estava na mente de Kate. Se ela fosse inteligente, ela já teria confiscado nosso telefone.

— Fora, — disse Kate, abrindo a porta traseira do carro para que eu pudesse deslizar para fora.

Mary seguiu. Assim que seus olhos encontraram os de minha mãe e a área ao redor, ela abraçou meu centro. —Não me sinto segura, — choramingou Mary.

Meu coração se partiu naquele instante porque meu trabalho era, em última análise, fazer ela se sentir segura, fazer ela se sentir amada e feliz, e eu estava falhando em todos os níveis. Eu trouxe isso para ela. Eu trouxe esse medo e dor de cabeça para esta família que apenas me acolheu. Engoli em seco, segurando meu queixo mais alto. A culpa me aleijaria se eu deixasse, mas eu não podia deixar isso acontecer agora, então forcei essa culpa para amplificar a raiva dentro de mim.

Eu levantei Mary em meus braços, e suas pernas envolveram minha cintura. —Você vai ficar bem. — Então, um pensamento surgiu, uma migalha de pão de um plano que colocaria Mary em segurança.

Eu andei atrás de Kate enquanto subíamos os degraus de madeira que rangiam para o que parecia ser uma casa abandonada.

Falei tão baixinho contra a bochecha de Mary, para que Kate não ouvisse. — Vou lhe contar um segredo. Você se lembra onde eu costumava me esconder quando ficava com medo?

Mary ergueu os olhos para mim e acenou com a cabeça. —Debaixo da cama, — ela sussurrou.

Eu concordei. —Quando entrarmos e eu der um sinal, quero que você vá lá. Você pode fazer isso por mim? E se não houver uma cama, quero que você jogue o melhor jogo de esconde-esconde que existe. Quero que você imagine que, no final do jogo, há uma ida à loja de brinquedos e você pode comprar o que quiser.

Ela estremeceu contra mim. —Mas por que?

— Apenas faça isso, Mary, — eu sussurrei. —E eu sei que papai vai encontrar você. Vou piscar para você, certo? Esse é o nosso sinal para você se esconder.

Quando subimos as escadas e entramos em casa, seu rosto se contraiu. —Mas

estou com medo.

Minha mãe estava de costas para nós. Eu poderia ter fugido com Mary, mas não podia arriscar. Eu não seria capaz de fugir de uma bala e não colocaria Mary em perigo se não pudesse garantir sua segurança.

Minha voz ficou em um sussurro. —Não sinta. Você é corajosa. Quando você está com medo, você se esconde. Em algum lugar que os monstros não podem te pegar.

Ela não parecia convencida, então segurei seu olhar e rezei para os céus para que ela ouvisse e seguisse o plano.

— Apenas faça isso, certo Mary? Para mim. Para o papai. — *Para você mesma.*

Quando ela finalmente acenou com a cabeça, eu beijei sua bochecha.

Obrigada. Obrigada. Obrigada.

— Você é tão corajosa, minha doce Mary.

A casa era pequena, empoeirada e cheirava a mofo. Da porta da frente, eu podia ver a sala de estar e a cozinha desatualizada e nojenta. As luzes da casa eram fracas e a única luz da cozinha piscava, dando a atmosfera de um filme de terror. A única mobília da casa era um velho sofá florido, e a cor tinha desbotado com o passar dos anos. Uma mesa de cozinha estava na outra extremidade da sala com algumas cadeiras dobráveis.

Eu examinei a sala, observando onde todas as saídas estavam. Eu me arriscaria para garantir a segurança de Mary. Eu não sabia o que aconteceria hoje, mas eu sabia disso.

— Sente-se, mas não fique muito confortável. — Ela puxou a arma e acenou em nossa direção.

Eu empurrei a cabeça de Mary em meu ombro, tentando protegê-la do que estava acontecendo.

— Estou pensando no local mais próximo onde ele pode deixar o dinheiro.

Eu quase empurrei. Você poderia pensar que ela planejou e conspirou tudo isso, mas não o fez, o que apenas significava que ela era imprudente.

Quando eu fiquei lá, imóvel, ela apontou a arma direto para mim. —Eu disse, sente-se.

Sentei no sofá, segurando Mary em meu colo enquanto discretamente olhava ao meu redor. Eu não queria fazer perguntas sobre como ela acabou aqui ou se ela viveu aqui toda a sua vida. Eu cresci no Tennessee e me mudei para a Flórida e agora estávamos aqui, em Illinois. Eu duvidava que sua existência aqui neste estado fosse uma coincidência.

Toda a área, cozinha e sala, era uma grande praça. Você podia ver tudo ficando no meio da sala. Eu descobri que a saída mais próxima é a porta dos fundos pela cozinha e a da frente, onde tínhamos acabado de entrar.

— Estou alugando este lugar. É uma casa de aluguel. — Sua voz era leve, quase amigável.

Eu quase poderia fingir que estávamos tendo uma conversa cordial se ela não tivesse uma arma na mão. Eu balancei a cabeça vagamente. Era como se ela pudesse ler meus pensamentos através da sala mal iluminada. Ela foi até a geladeira e pegou água. Ela o abriu e bebeu sem nos oferecer nada.

— Então, o que você tem feito ultimamente? Você é uma babá agora. Há quanto tempo você está com esta família?

Conversa fiada? Ela está falando sério?

Eu a encarei, puxando Mary para mais perto do meu peito, e fiquei em silêncio, meu choque se transformando em fúria. Mordi a língua com força

porque, se perdesse a paciência, isso não acabaria bem. Não íamos fingir que tudo estava normal quando estava longe disso. Eu não iria tentar recuperar o atraso quando sabia que ela não se importava comigo e estava usando palavras inúteis para ocupar o tempo. Meus olhos voaram para a janela, para a porta e de volta para encontrar seu rosto. Era apenas uma questão de tempo até que Charles aparecesse.

— Não tente, Becky, — ela retrucou. Um súbito arrepio pairou na ponta de suas palavras. —Preciso desse dinheiro e farei tudo o que puder para obtê-lo.

O perigo em que ela estava era evidente em seu tom. Esses agiotas, a quem ela devia dinheiro, eram os donos de sua vida. Não havia dúvida de que havia uma recompensa por sua cabeça.

— Só há uma maneira de todos saírem dessa com segurança. Isso se todos fizerem o que eu digo e seguirem as instruções. — Olhos frios se estreitaram para mim.

Os olhos de Mary oscilaram entre Kate e os meus, e então pequenas lágrimas caíram por seu rosto. —Eu quero ir para casa. Eu quero ir para casa agora. Ligue para o meu papai. — Seus gritos aumentaram e eu a puxei contra mim.

A voz de Kate estava fria quando ela perguntou. —Você não consegue fazer a pirralha calar a boca?

Os gritos de Mary eram incontroláveis, e minha voz era igualmente áspera de volta. —Se você ficasse quieta, talvez eu pudesse.

Ela estreitou os olhos malignos em mim. —Estou saindo para fumar. Me passa seu telefone. A porta dos fundos está trancada. Só há uma maneira de escapar, e é por aquela porta da frente. — Ela acenou com a arma no ar. —Não tente. Não vou me abster de fazer o que preciso fazer. — Ela inclinou o queixo. —Seu telefone.

Eu não hesitei. Eu sabia que meu telefone era uma das minhas linhas de vida, mas, neste momento, eu tinha que acalmar Mary primeiro. Eu o arranquei da minha bolsa e deslizei na madeira na direção dela.

Depois que ela saiu pela porta, peguei o rosto em formato de coração de Mary em minhas mãos. —Não chore. Você sabe que não suporto ver você chorar.

Ela empurrou o lábio. —Isso é o que o tio Brad diz. Mas desta vez, são lágrimas de verdade.

Tentei sorrir. —Por que elas não são reais às vezes? Minha pequena atriz pode forçar as lágrimas falsas?

Ela acenou com a cabeça e riu. —Sim, às vezes na frente do tio Brad.

Cara, ela realmente sabia como trabalhar seus tios. Meu coração doeu de novo, e eu esperava que nós duas pudéssemos sair dessa juntas e inteiras.

— Por que ela está fazendo isso? — Mary perguntou.

Eu engoli em seco. Havia tanta coisa que eu poderia dizer a ela, mas ela não entenderia. Mais do que isso, eu queria manter ela segura e sã e não deixar ela se preocupar com esse mundo louco ao nosso redor. Isso era temporário. Era apenas uma questão de tempo até que Charles chegasse. Eu podia sentir isso. Ele teria a polícia aqui, e Kate iria pirar. Eu não podia prever sua reação, o que ela faria. Mas eu tinha um plano. Eu só precisava executar ele.

— Eu quero ir para casa, — Mary repetiu, seus olhos se enchendo de lágrimas novamente.

A culpa era avassaladora, tanto que lágrimas cobriram meus próprios olhos. Olhando para a inocência de suas feições, eu sabia o que tinha que fazer. Eu tinha que colocar Mary em segurança e ir com essa mulher e conseguir o dinheiro de que ela precisava. E me certificar de que minha mãe foi presa, para

que ela não pudesse machucar mais ninguém no futuro.

— Você vai voltar para casa. Eu prometo. — Meu polegar roçou uma lágrima que escapou. —Se lembre do que eu disse a você, Mary. Você consegue fazer isso. Porque você é a garotinha mais corajosa que eu conheço.

Mas embora eu estivesse dizendo isso a Mary... era a minha vez de ser corajosa.

Capítulo Quarenta e Um

Charles

— Talvez devêssemos esperar por sua ligação, — disse Mason do banco de trás do carro. —Não tome nenhuma decisão precipitada.

— Que se dane isso. Essa psicopata tem Mary, — disparou Brad, acelerando a 90 na rodovia.

Minha segurança estava nos seguindo até nosso destino, e os policiais estariam bem atrás deles. Eu mal podia esperar por eles e, como estava rastreando o telefone de Becky, sabia exatamente onde elas estavam.

Parte de mim, a parte racional de mim, queria dar a essa mulher louca o dinheiro de que ela precisava. Era a maneira mais certa de garantir a segurança delas, tanto de Mary quanto de Becky. Mas quem sabia quando isso iria parar? Se eu pagasse sua taxa agora, o que diria que ela não voltaria e levaria Sarah da próxima vez e pediria mais dinheiro então?

Meu telefone apitou com uma mensagem e eu imediatamente deslizei para ler. Eu estava segurando meu telefone como se ele segurasse minha vida. O que aconteceu. Minha família era minha vida. Os policiais estavam tentando ligar para o telefone, mas ninguém estava atendendo. Becky era inteligente, ela não desligou o telefone, apenas o silenciou. Sua mãe não era muito inteligente. Essa foi a primeira coisa que ela deveria ter confiscado. Estávamos a cinco minutos de distância e meu coração batia forte nas cavidades do meu peito.

— Ela disse para colocar dez mil em um envelope dentro de uma bolsa e deixar o dinheiro em Monroe e Lexington. — Minha voz tremia enquanto eu falava, minha confiança normal não estava lá.

— Vamos lá. Vamos para onde Becky está sem causar problemas. Como

podemos saber que Mary está com ela e esta mulher maluca não a levou para um local diferente? — Mason disse, sua voz cheia de estresse.

— Cale-se. A única maneira de fazer isso é ir até lá e pegar Mary nós mesmos. — Brad retrucou, os olhos focados exclusivamente na estrada enquanto suas mãos seguravam o volante com força.

Eu fechei meus olhos. Medo e adrenalina eram uma mistura perigosa. Pela primeira vez, eu não sabia o que fazer. *Acabamos por dar o dinheiro a essa mulher? Isso garantiria o retorno seguro de Mary e Becky? Haveria sempre uma recompensa pelas cabeças das minhas filhas se ela não fosse pega? E se ela tivesse uma arma ou outras pessoas trabalhando com ela?*

Eu não sabia de nada.

— Envie uma mensagem de volta, Charles, — ordenou Mason.

Tentei me concentrar na tarefa em questão, mas meu cérebro estava confuso.

— Charles!

Meus olhos piscaram e eu respondi com quatro palavras. *Temos seu dinheiro.*

— Você mandou uma mensagem para ela? — Mason perguntou.

— Eu fiz.

— Então, para onde estamos indo agora? — Ele perguntou, frenético.

— O que você quer dizer com onde, Mason? — Brad reclamou. —Nós vamos pegar Mary.

— Isso é estúpido, — Mason rosnou. —Ela nos deu um local alternativo. Ainda temos que conseguir o dinheiro. No momento, os bancos estão fechados. O máximo que podemos retirar é três mil.

— Bem, somos três, então... — Brad ergueu o queixo. —Vamos pegar o dinheiro por precaução, mas não estamos seguindo os termos dela.

— O que você quer dizer? Ela está com nossa garota, — disse Mason.

Eu não conseguia pensar. Eu inalei profundamente, prendi a respiração e contei até cinco.

— Charles... — exigiu Mason.

Expire.

— Pegamos o dinheiro e vamos para onde este telefone está rastreando sua localização.

Quando ele saltou, eu lancei a ele um olhar. Eu não estava com vontade de discutir. E eu estava cansado de tentar descobrir tudo isso. Eu estava pegando minhas garotas de volta. Isso acaba hoje. Eu não viveria com medo, e nem Becky. Essa era a única coisa que eu podia fazer por ela.

Becky

Kate bateu a porta, fazendo Mary e eu pularmos quando ela voltou do cigarro.

— Eu mandei uma mensagem para eles com a localização. Vamos.

Eu me levantei e não consegui respirar por um segundo enquanto a ansiedade crescia dentro de mim. —Mary, vá ao banheiro.

Ela arregalou os olhos, prestes a falar, até que pisquei para ela.

— Vamos. Você pode ir. Ou então você vai querer no carro.

Seus olhos vacilaram até que inclinei seu queixo.

— Você não gostaria de ficar com vontade no carro, certo?

— Vá então! Se você vai mijar, vá agora, — disparou Kate, deixando Mary

imóvel.

Apertei a mão de Mary e, relutantemente, ela soltou minha mão. Orei com todas as minhas forças para que ela continuasse com isso, que ela se escondesse como eu disse a ela. A melhor coisa que eu poderia fazer nessa situação era afastar Mary o máximo possível da ameaça. Kate estava assistindo Mary sair com os olhos estreitos, e eu aproveitei isso como uma oportunidade para brincar de pega-pega falsa.

— Onde você está morando agora? — Eu não poderia ter me importado menos, mas precisava distrair Kate.

Minha mãe riu, um som mortal e incivilizado. —Você não gostaria de saber? Não aqui, com certeza. Ou em qualquer lugar em sua área circundante. — Ela passou a mão pelo cabelo oleoso, de comprimento médio e tingido. —Então, você não precisa se preocupar se eu vou voltar. — Seus olhos balançaram para algum lugar atrás de mim, seu olhar ficou em branco. —Estou desesperada desta vez, Becky.

Eu a vi desesperada. Se isso superasse aqueles tempos, eu sabia que ela estava em apuros, provavelmente do tipo com sete palmos abaixo no chão.

Você pensaria que eu sentiria algum tipo de pena por essa mulher, mas não. Tudo o que senti foi esse ressentimento absoluto causado por anos de negligência e abuso mental desde a minha infância. Não havia empatia em meu jarro emocional para esta mulher.

— Para onde vamos agora? Para onde você vai depois disso? — Eu perguntei, não realmente me importando, mas puxando conversa para ganhar tempo, para colocar Mary em segurança.

— Vou ter que ficar quieta por um tempo. Muito tempo. — Um lampejo de apreensão passou por suas feições.

Eu a estudei por um momento, seus ombros relaxados, sua boca voltada para baixo e as linhas permanentemente gravadas em seu rosto. Ela devia mais pessoas? A dívida dela era maior do que os dez mil que ela estava pedindo? Porém, não importava. Eu não acreditei em nada do que ela disse. Ela sempre foi cheia de mentiras. Observando-a andar pela sala, eu sabia que ela voltaria. E a cada vez, eu seria sua única saída.

O pensamento apenas solidificou minha decisão de partir. Um flash de luz nos fez olhar para a janela da frente atrás de mim. Seu rosto registrou choque, e nós duas corremos para a frente. Estávamos cercadas. Ela se virou para mim e eu senti uma lufada de ar antes de sentir o impacto de sua mão contra minha bochecha.

— Sua vadia, — ela rosnou. Tanta traição em seu tom, como se fosse minha culpa. Como se eu mesma tivesse chamado a polícia.

Eu segurei minha bochecha e cumprimentei seu olhar com olhos estreitos. Ela tinha perdido. E ela sabia disso.

— Não há para onde ir agora.

Estávamos a apenas alguns centímetros de distância e ela puxou a arma do bolso e acenou na minha cara antes de enfiá-la no meu peito. —Isto é o que você pensa. Você acha que algum de vocês me enganou? — Seus olhos mostravam perigo agora, perigo desesperado. —Estamos saindo agora. Pegue a pirralha. Agora.

O pânico imediatamente me atingiu. Eu esperava que Mary tivesse ido para um esconderijo seguro. Quando eu não fiz nenhum movimento, Kate saiu correndo em direção aos fundos da casa, e eu corri atrás dela, me certificando de que ela nunca pegaria minha garota.

Kate foi ao banheiro e abriu a porta. —Onde ela está? Onde ela foi? — Seus olhos se arregalaram quando ela correu a casa, e ouvi os armários abrindo e

fechando. Alguns segundos depois, ela caminhou em minha direção. —Onde ela foi?

Eu levantei as duas mãos enquanto o alívio me inundava. —Eu não faço ideia.

Foi quando Kate ergueu a arma de seu lado e apontou ela diretamente entre meus olhos. Eu pisquei. Em um flash, minha vida passou como cenas de um filme na minha frente. Era isso. Era assim que eu morreria.

Eu não tinha experimentado a verdadeira felicidade antes de Charles e esta família que aprendi a amar. Em todos os sentidos da palavra, eu os amei. Cada um deles individualmente, as crianças, Mary e Sarah, e Charles.

Lágrimas encheram meus olhos. Porque essa era a história da minha vida. Eu deveria ter sabido melhor. Para mim, a felicidade sempre foi temporária. Isso nunca durou. Nunca esteve nas minhas cartas viver sem medo, sem violência, sem me odiar.

Meu único arrependimento seria nunca ter tido a chance de contar a ele. Não havia quantidade de tempo ou medida para quando ou quanto tempo levava para uma pessoa se apaixonar. Eu sabia disso agora porque olhando para a minha sentença de morte, eu sabia que o amava. E eu queria agradecer a ele. Agradecer a ele por me mostrar o que era o amor verdadeiro e incondicional. Agradecer a ele por me dar a experiência de ser mãe, mesmo que por pouco tempo. Agradecer a ele por me fazer sentir importante, digna e valorizada.

Por isso, eu ficaria eternamente grata.

— Onde ela foi? — Minha mãe fervia.

Suas palavras me tiraram desse transe e me endireitei. Uma mudança interna aconteceu, aquela em que a tristeza e o medo foram superados pela determinação. Mary ainda não estava segura. A ameaça estava aqui, presente,

nesta casa, apontando uma arma para mim que poderia ser apontada para Mary a seguir. O que eu precisava fazer era levar Kate para longe de Mary, e então eu poderia pensar em meu próximo curso de ação, o que a deixaria permanentemente na prisão.

— Não tenho ideia de para onde ela foi. — Todos os meus músculos ficaram tensos com fogo e luta porque eu não iria cair sem uma. —Mas eu tenho o que você está procurando. Posso conseguir os dez mil dólares de que você precisa. — Minha voz estava calma, exalando uma confiança que eu não sentia.

— Mentirosa. — Ela viu através de mim, mas eu não me importei.

Eu levantei minhas mãos para o teto e, em seguida, gesticulei lentamente para minha bolsa, para que ela não se sentisse ameaçada. Então, tirei um cartão do caixa eletrônico.

— Eu tenho o cartão deles. Posso conseguir dinheiro para você, mas apenas até o limite. Então, podemos pensar em outra maneira de conseguir mais para você. Mas quanto mais esperarmos aqui, maior será a probabilidade de você ir para a cadeia do que receber seu dinheiro.

Vozes soaram na frente. A indecisão jogou em suas feições, e eu segurei minha respiração pelo que pareceu uma eternidade até que ela acenou com a arma em direção à porta.

— Vamos lá. Eu sei como sair daqui.

Charles

Fiquei sentado em silêncio, forçado pelas autoridades a ficar no carro. Brad era tão agressivo que foi colocado no banco de trás de um carro e recebeu ordens de se acalmar. A única coisa que podia ser ouvida no carro era a respiração

pesada de Brad. Mason tinha ficado totalmente silencioso, seus olhos grudados na frente da casa em ruínas.

Eu tinha parado de respirar completamente. Fechei os olhos e finalmente desmoronei. O silêncio e o não saber e pensar sobre os piores cenários me quebraram. Eu descansei minha cabeça contra o volante e, pela primeira vez em muito tempo, orei. Pedi a meus pais e Natalie e todas as forças que poderiam ser para ajudar minha filha, para ajudar Becky.

Uma mão forte descansou em meu ombro. —Vai ficar tudo bem. — As palavras de Mason quebraram.

— Quando não está tudo bem? — Brad adicionou.

Meus olhos se fecharam. Eu não tinha energia para respirar, muito menos falar.

— O que Brad quer dizer é que, no final, tudo dá certo.

— Sim. Porque você tem que acreditar que não teríamos chegado tão longe sem algum tipo de ajuda. Mary está bem. — Brad não parecia muito convencido, mas continuou. —Papai e mamãe estão cuidando de nós. E Nat. Nat vai ajudar. Ela não vai deixar nada acontecer com sua filha.

Meu corpo tremia e exalei um suspiro trêmulo. Uma respiração. Duas. Três.

— Quando isso vai acabar? — Eu não tive que explicar. Meus irmãos entenderam.

— Talvez nunca aconteça, — admitiu Mason calmamente. Brad riu, sarcástico e sarcástico, e Mason acrescentou. —A vida nunca vai ficar fácil. Já passamos por tantas coisas e continuamos a viver eventos que abalam nosso mundo. Mas talvez seja para ser assim... para nos moldar, nos tornar mais sábios, garantir que nunca consideremos nada como garantido. Se certificar de que sabemos o que é importante, e isso é família.

— Tudo bem, Vincent van Gogh, — Brad reclamou.

— Você quer dizer, Sócrates? — Mason retrucou. —Vincent era pintor.

Eu levantei minha cabeça, olhando para esses dois. Que porra é essa? Estávamos no auge da situação mais hostil, mas esses dois de alguma forma encontraram tempo para brigar.

Brad sorriu então, encontrando meus olhos. —Grande irmão, no final do dia, no final de tudo e de tudo que passamos... — ele segurou minha nuca, me trazendo para mais perto —...nós temos um ao outro.

Meus olhos brilharam com lágrimas. Não era verdade? Eles foram minha constante em tudo isso. Eu concordei. E para ser honesto comigo mesmo, a tragédia nos aproximou. Eu odiava admitir, e não estava aceitando que qualquer tragédia estava acontecendo hoje, mas ainda era a verdade.

Quando a vida era perfeita e estávamos relativamente intocados, cuidando do nosso dia-a-dia, quase não nos víamos. Depois do trabalho, antes da morte de Natalie e da morte de nossos pais, só nos veríamos no trabalho. Por mais louco que parecesse e embora eu não desejasse tragédia para ninguém, só estávamos mais perto agora por causa de tudo o que passamos.

A comoção na frente da casa forçou minha cabeça para cima enquanto o novo pânico fazia meu coração bater freneticamente. Primeiro, três policiais surgiram e depois mais dois, um carregando uma criança pequena. De repente, saímos furiosamente do carro, fique parado, alerta, que se dane. Havia uma barricada entre a casa e a calçada, então não podíamos passar.

— Mary! — Brad gritou.

O policial cruzou a barreira e, no segundo seguinte, ele a colocou em meus braços. O alívio que senti foi tão grande que me sufocou até ficar em silêncio. Tudo o que pude fazer foi beijar ela e abraçá-la com mais força. Eu não poderia

nem oferecer palavras de consolo sem o risco de quebrar.

Ela olhou para mim com o mais azul dos olhos. —Estou com fome, papai.

Então, eu ri. —Eu vou te alimentar com o que você quiser, garotinha. O que você quiser, é seu. — Beijei sua testa novamente e me afastei. —Você está bem?

Ela assentiu, parecendo abalada, mas inteira.

— Onde está Becky? — Eu perguntei a ela, sem saber se ela sabia, mas precisava de detalhes.

O rosto de Mary ficou triste. —Ela saiu com aquela senhora má. A mãe dela é tão má, papai. Ela é tão má. Precisamos ter certeza de não deixar Becky morar com ela.

Olhei para a casa, as venezianas esfarrapadas, a velha varanda de madeira. Pelas janelas, pude ver uma dúzia de policiais reunidos lá dentro. *Saiu? O que ela quer dizer com saiu?*

— Fique com seus tios. Eu volto já.

Quando coloquei Mary nos braços de Brad, ele a envolveu em seus braços e caiu de joelhos, mergulhando a cabeça em seu pescoço, visivelmente trêmulo. — Graças a Deus você está bem.

Mason me seguiu até a frente da casa, onde acenei para o oficial que guardava a barricada. —Não há ninguém dentro? O que aconteceu com a mulher, Becky Summers, aquela que foi sequestrada com a criança?

Ele cambaleou para trás. —Você vai ter que falar com o detetive.

— Então, chame o detetive aqui. Agora, — eu soltei.

Talvez Mary tenha interpretado mal as coisas. Talvez Becky estivesse lá dentro, mas eles a estavam entrevistando. Dei um passo além da barricada, mas Mason me puxou de volta, puxando minha camisa. Eu me libertei de seu aperto.

— Charles…

— Quem está no comando? — Eu gritei.

Eu precisava de autocontrole e, na maior parte do tempo, tinha uma quantidade ilimitada. Mas não hoje. Não neste instante. Não quando eu não sabia se Becky estava com sua mãe psicopata.

Eu estava a um segundo de ir para a cadeia quando um homem alto e largo com uma barba se aproximou. —John, está tudo bem. Deixe-o passar. — Ele estendeu a mão e eu relutantemente a peguei. — Eu sou o Detetive Timson.

Tentei manter o pânico longe da minha voz e falei racionalmente. —Onde está Becky Summers, a mulher que estava com minha filha?

Ele olhou para trás, em direção à casa invadida por autoridades. —É isso que estamos tentando descobrir. Não há ninguém na casa.

— O telefone dela. — Meu tom foi mais difícil do que eu esperava. —Nós rastreamos o telefone dela até aqui.

Eu já estava pegando meu telefone para rastrear o dela quando ele nos disse. —Encontramos o telefone, mas não havia ninguém além da criança dentro.

Uma pontada tão forte me atingiu no peito, me fazendo estremecer. Momentaneamente, eu estava congelado e todos os músculos contraíram. —Ela se foi?

Eu me senti empalado por seu olhar firme. —Sim senhor. Ela se foi.

O alívio que senti momentos atrás com Mary em meus braços desapareceu e foi substituído por uma sensação a que me acostumei mais recentemente, medo.

Capítulo Quarenta e Dois

Becky

Fiquei perto do caixa eletrônico, olhando propositalmente para a câmera enquanto colocava o cartão. Kate estava firme ao meu lado, a mão no bolso, segurando o gatilho. Eu deveria saber, ela engatilhou a arma no carro e me conduziu direto para a máquina. Eu estava prestes a sacar três mil dólares. Não era o total que ela precisava, mas ela disse que tinha um plano secundário sobre onde ir, como preencher a lacuna. Senti náuseas quando coloquei o cartão na ranhura.

Tudo bem. Está bem. Mary está segura.

Eu simplesmente não conseguia superar tudo isso. Eu tinha causado problemas e tragédias para esta família, e agora, eu iria essencialmente roubá-los também. Eu poderia negar Kate, me recusar a ceder às suas exigências, encerrar o ciclo aqui, mas a parte de sobrevivência de mim queria que isso fosse feito, para que eu pudesse chamar as autoridades, avisá-los em seus pratos e correr para longe desta mulher e estado possível. Eu precisava mantê-la perto antes disso.

Eu não teria mais um vínculo com os Briskens. Ela não poderia mais usá-los como uma alavanca contra mim para conseguir o que ela queria, porque esta seria a última vez que eu seria usada como um caixa eletrônico ambulante. Depois disso, eu desapareceria em algum lugar, um lugar onde não poderia mais machucar as pessoas que amava.

O dinheiro cuspiu para fora da máquina e eu tirei um envelope da fenda aberta e coloquei todas as notas dentro. Minha respiração tornou-se acelerada e meu estômago se revirou de inquietação. Os olhos de Kate se arregalaram ao meu lado, com a quantidade de dinheiro que eu tinha na ponta dos dedos.

Esta é a última vez.

A última vez que os machuquei. Eu jurei. Ela arrancou o envelope de mim, empurrou ao meu lado com a arma em seu bolso e apontou o queixo em direção ao carro. Depois que deslizei para trás no banco do passageiro, ela abriu o envelope e começou a contar o dinheiro dentro. A arma ficou plantada em seu colo. Eu olhei e debati se eu poderia agarrá-la e fugir.

Minha vida inevitavelmente terminaria em tragédia. Era como se minhas cartas já tivessem sido escritas quando nasci, filha de uma mãe caloteira como Kate Summers. Por que não poderia ter sido diferente para mim? Eu encarei seu perfil, a linha de sua mandíbula e nariz, o verde em seus olhos que eu herdei.

Uma dor crua e primitiva me oprimiu pela falta de uma figura materna que eu tinha. Quando eu era mais jovem, quando estava na cama, chorando pela circunstância da minha situação, em outra noite com minha mãe não voltando para casa, dizia a mim mesma que seria uma mãe melhor, que não poderia controlar minha própria mãe, mas eu poderia controlar o tipo de mãe que queria ser. Agora, eu sabia que nunca teria essa chance.

— Bom trabalho, menina, — ela pronunciou com uma espécie de orgulho doentio. Ela enfiou o envelope no bolso direito.

Ela não me chamava de menina desde que eu era adolescente. O carinho foi como minúsculas aranhas subindo pela minha pele.

Quando ela colocou o carro em movimento, me virei para encará-la totalmente. —Onde estamos indo? — Eu havia aproveitado o adiantamento em dinheiro no cartão de crédito. Onde mais ela poderia me levar, onde eu poderia comprar e ela poderia virar o produto e receber o dinheiro de volta?

Ela sorriu. —Vamos comprar algumas joias.

Eu fiz uma careta para ela. Tudo estava fechado agora. Eram nove da noite.

—Onde?

— A loja de penhores.

Esfreguei minha testa, irritação formigando minha pele. *Quando esse pesadelo vai acabar?* Eu dei a ela tudo que ela precisava. Agora, eu precisava escapar.

— É isso, — eu disse, minha voz derrotada. —Esta é a última vez, Kate.

— Sim, sim. Claro que sim. Eu não sou gananciosa.

Eu não sabia se isso era para ser sarcástico ou se ela realmente acreditava nisso. Eu não queria analisar demais essa mulher que eu não veria mais, então olhei pela janela em vez disso, esperando e desejando que Mary estivesse bem, que ela estivesse segura nos braços de Charles agora, aninhada com segurança em sua cama.

Fechei meus olhos, descansando minha cabeça contra a janela, desejando tanto que fosse verdade. Imaginei seu quarto, suas estrelas que brilham no escuro no teto, e me afoguei nas memórias de Charles e eu naquela cama, como pão para o sanduíche Mary. Agonia e uma sensação aguda de perda inundaram meus sentidos, e apertei meus olhos com mais força para evitar que lágrimas emocionais explodissem.

Não apenas desejava que Mary estivesse dormindo profundamente em sua cama, mas também que Charles estivesse bem ao lado dela. Eu gostaria que ele pudesse seguir em frente com isso, comigo, embora eu soubesse em meu coração que nunca iria seguir em frente sem ele.

Vinte minutos depois, estávamos na frente da loja de penhores Joias e Penhores de Al. Relutantemente, saí do carro. Quanto mais cedo isso fosse feito e acabado, mais cedo eu poderia encerrar meu plano de colocar essa mulher na

prisão. A porta soou quando entramos, e vi uma fileira de televisores contra a parede oposta. Guitarras penduradas no teto. PlayStations e rádios estavam nas prateleiras.

No centro havia grandes vitrines com tudo, desde relógios a anéis e colares. Meus ombros caíram e a exaustão me atingiu direto no rosto, mas eu segui em frente, me forçando a reviver as últimas horas, o que apenas encorajou meu propósito, garantir que Kate iria para um lugar onde ela não pudesse machucar outras pessoas.

— Ei, amáveis senhoras. — Um homem mais alto com um corte de cabelo louro-escuro emergiu de trás do vidro à prova de balas. —Como vocês estão?

Eu balancei um pouco e então descansei uma mão no vidro para me equilibrar. Fazia horas que não comia nem bebia nada, e a adrenalina e a sobrecarga emocional estavam me deixando tonta.

— Procurando por algo em particular? Meu nome é Ben. Apenas me avise se precisar de alguma coisa.

Kate passou uma mão pelo cabelo e sorriu para o homem mais jovem que tinha metade de sua idade. —Estamos procurando brincos ou anéis ou qualquer coisa grande que você tenha.

Ele sorriu. —Bem, você veio ao lugar certo. Temos algumas peças esta manhã. O que você está procurando?

— Você tem algo de dois quilates ou mais? — Kate perguntou, encostando-se no vidro para olhar o inventário.

— Oh, grande gastadora, não é? — Seu sorriso se tornou sedutor.

Ela acenou em minha direção. —Minha filha aqui é uma grande gastadora. Eu sou mais a mulher que carrega todas as suas joias.

Eu enviei a ela uma olhada. *Este homem acreditou nisso?* Eu não tinha um

anel e usava brincos de argola minúsculos que nem eram de ouro. Eles eram banhados a ouro.

Depois de destrancar as vitrines, ele puxou uma bandeja preta que exibia uma variedade de joias, todas incompatíveis. Alguns eram anéis com pedras preciosas, alguns tinham diamantes e alguns eram brincos.

Ele tirou um anel que era uma cabeça de leão feita de diamantes. Era ridiculamente espalhafatoso e simplesmente horrível, mas sem dúvida uma peça personalizada, porque quem pegaria um monte de diamantes e colocaria em uma cabeça de leão exagerada?

— Quanto custa isso? — Kate perguntou.

Ele ergueu uma sobrancelha, seus olhos afiados, prontos para barganhar. — Mil e trezentos. É aproximadamente um quilate e meio no total.

Kate franziu os lábios. —Você tem mais alguma coisa que seja um pouco mais sofisticada?

Ele acenou com a cabeça e apontou o polegar em direção ao fundo da loja. — Sim, eu realmente tenho. Eu volto já. — Então, ele desapareceu pela porta.

Kate caminhou ao longo das vitrines, as mãos atrás das costas, os olhos examinando a mercadoria. Sua mão estava no bolso e, pelo contorno de sua jaqueta, seu dedo ainda estava no gatilho.

Eu me inclinei contra o vidro, envolvendo meus braços em volta do meu centro para me manter estável.

Quando Ben apareceu, ele tinha quatro bandejas pretas empilhadas. Ele veio para a frente e os colocou no balcão, colocando-os em uma fileira vertical. —O que você quiser, nós temos.

Kate pegou o maior anel da bandeja, uma pedra redonda preciosa. —Quanto é este? — A ganância brilhou em seus olhos.

— Você está indo para o grande, hein?

Ela inclinou o queixo em concordância.

— Vinte três mil, — Ben disse, seu tom suave. —São três quilates, internamente impecáveis. A mulher que o vendeu está passando por um divórcio complicado. Seu marido era basicamente o milionário que a traiu com sua secretária. Ela pegou todo o dinheiro dele e até vendeu seu anel por mais.

Kate se juntou a Ben na risada, mas eu não tive energia para rir.

— Eu aceito, — disse Kate, seus olhos frios se voltando para mim.

Eu fiquei boquiaberta com ela. Eu já tinha dado a ela três mil, e ela iria receber mais vinte três?

— Isso é demais, — eu disse, minha voz firme, mas vacilante.

— Eu não acho que seja. É um roubo, certo, Ben? — Ela se virou para encará-lo. —Quanto isso realmente vale?

Ele franziu os lábios e encolheu os ombros. —Provavelmente vale trinta. Se você puder encontrar um comprador. Quer dizer, é internamente impecável. A mulher só queria se livrar disso.

— É demais, — eu disse, minha voz mais alta e quase histérica.

Esta mulher estava pressionando, e eu estava prestes a quebrar.

Ela se virou para mim, ambas as mãos nos quadris. —Demais? Tudo bem então. — Ela acenou com a mão e sua voz estava rouca de frustração. —Você tem joias menores que eu possa comprar? Eu acho que isso é demais para o sangue da minha filha. — Ela arrastou as palavras com ironia distinta.

E porque minha mãe era imatura e mesquinha e todas as coisas que uma mãe não deveria ser, ela o fez tirar todas as pequenas correntes e anéis e o fez cobrar separadamente com recibos separados. Uma hora depois, minha mãe trouxe uma

sacola de joias. Eu estava completamente aborrecida, exausta e farta dessa mulher. Depois que mostrei minha identidade ao cara, carreguei o lote de joias. Minha mãe estava examinando as joias que acabara de comprar e aproveitei a oportunidade para tirar um pedaço de papel e uma caneta da pilha quando Ben se virou para ajudar minha mãe a embrulhar seus pertences. Meus dedos tremeram enquanto eu escrevia as palavras.

Preciso de ajuda.

Por favor, chame a polícia.

Escrevi o número da placa do carro em letras e números claros e legíveis sob meu apelo terrível. Então, me virei para sair com ela. Quando estávamos no estacionamento, percebi. Eu estava saindo. Para o bem.

Eu não tinha nada comigo além das roupas do corpo. Eu tinha algumas economias, mas todos os meus pertences físicos estavam na casa dos Briskens, e não havia como eu voltar.

— Acho que é aqui que nos despedimos e eu agradeço.

Kate teve a audácia de sorrir depois dessa declaração, e eu queria dar um soco na garganta dela.

— Se cuide querida. Tenho certeza que te vejo por aí. — Ela deu meia-volta e caminhou em direção ao carro.

E a cada passo que ela dava para longe de mim, você pensaria que o alívio me inundaria. Em vez disso, suas palavras me incendiaram como uma casa borrifada com gasolina. Meu sangue começou a ferver. Então, meus braços e pernas estavam pegando fogo, então meu cabelo e meu rosto, e então tudo de mim estava pirando. Sobre. Incêndio.

— Pare! — Eu ordenei, forçando ela a se virar. Minhas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo e eu estava visivelmente tremendo. —Você nunca deve

entrar em contato comigo novamente. E não se preocupe com os Briskens porque não estarei trabalhando com eles depois de hoje. Então, você e eu? Estamos terminadas. Você me escuta?

Seu rosto estava duro, como pedra, uma estátua, imóvel. —Eu estava desesperada desta vez. — Ela disse isso como se eu devesse entender, como se eu devesse perdoá-la por tudo que ela fez Mary, os Briskens e eu passarmos.

Eu joguei as duas mãos. —Você está desesperada o tempo todo. Você vive em desespero e desesperada. Esse é o seu nome do meio. — Dei um passo à frente, encontrando olhos verdes tão semelhantes aos meus. —Você quer viver essa vida? Vá em frente. Mas eu vivi minha vida inteira tentando não acabar como você. E eu estava bem até você aparecer.

— Becky! — A voz não era da minha mãe. Era masculino e enfurecido, assim como eu me sentia no momento.

Meus olhos dispararam para a esquerda e eu semicerrei os olhos para ver alguém se aproximando. *Não, não, não.*

— Fique aí, — gritou Kate. —Não se atreva a se aproximar. — Ela estava com a arma dela.

A cena se desenrolou em câmera lenta. O piscar das luzes do poste destacou o estacionamento mal iluminado, acentuando sua figura que se aproximava. Minha mãe apagou a distância entre nós, ficando bem ao meu lado. Ela tinha as duas mãos na arma. Estava armada, pronta, carregada.

E apontou diretamente para Charles.

Poderia muito bem estar direto no meu coração. Porque ele era meu coração. Essas meninas e Charles eram donos do meu coração. Assistindo minha mãe apontar aquela arma para ele, no meu coração, eu sabia que tinha acabado. Eu não estava mais jogando bem. Eu fiquei completamente louca.

Charles

Merda.

Esta deve ser a jogada mais estúpida que eu fiz até agora. Vir aqui e não contar a ninguém.

Eu não sabia o que esperar ou o que iria encontrar. Os policiais estavam fora, procurando por Becky, e meus irmãos estavam em casa com as crianças. Mas quando recebi a notificação de que houve um grande saque do banco, dirigi até aquele local. Em seguida, pedi à administradora do cartão de crédito que me notificasse quando houvesse outra transação.

Era improvável que eu a encontrasse. Quer dizer, quando cheguei ao banco, elas já tinham ido embora. Mas eu estava em alerta máximo e voando para a loja de penhores quando recebi outro aviso. E então eu tinha visto Becky e não conseguia ficar quieto. Agora, sua mãe estava apontando uma arma para mim. Meu pulso batia forte em meus ouvidos e levantei as duas mãos. A adrenalina bombeava em minhas veias enquanto me aproximava. Eu não estava sendo impedido, não mais.

— Pare. — A mulher balançou a arma em minha direção, seus olhos selvagens e perigosos.

— Kate. Basta abaixar a arma, — disse Becky, seu rosto em um estado de histeria.

Eu engoli em seco, querendo abraçá-la, querendo levá-la para casa. Eu daria a esta mulher tudo o que ela quisesse apenas para ter Becky ao meu lado.

— O que você precisa? O que é que você quer? — Eu inclinei meu queixo na direção de Kate. —Mais dinheiro? — Porque isso não era nada no grande

esquema das coisas. Não quando Kate poderia destruir meu mundo com um tiro de sua arma. — É seu, — eu disse, minha voz firme e confiante, criada e aprendida com anos de negociação sendo CEO da Brisken Printing Corporation.

Ela sorriu então, seus olhos enrugando nos lados. Além da cor de seus olhos, não havia nenhuma semelhança entre Becky e sua mãe.

— Bem, já que você ofereceu e tudo.

— Não! — Becky estalou, forçando Kate a apertar o aperto em sua arma. — Você está indo embora. Isso é o que você vai fazer.

— Mas, — ela deu de ombros, não afetada, —já que seu namorado aqui está se oferecendo para me dar uma pequena ajuda, então seria rude não aceitar sua oferta, não?

— Não! — Becky repetiu, avançando em direção a Kate. —Você não está mais os envolvendo. Eu me recuso a deixar você tirar mais deles. Você já pegou demais.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram porque Becky não se intimidou com a arma que Kate segurava em suas mãos. Lendo ela, como ela estava posicionada na frente de Kate e o olhar em seus olhos, eu sabia que ela tinha um objetivo em mente, me proteger.

E isso me assustou pra caralho.

— Becky, pare! — Antes que eu soubesse o que estava fazendo, apaguei a lacuna entre nós.

E os próximos segundos aconteceram em câmera lenta. Kate apontou a arma em minha direção. Becky pegou a arma e forçou ela para cima. Elas lutaram, lutando por isso. Eu não conseguia chegar até elas rápido o suficiente.

Um tiro foi disparado.

E então silêncio.

Capítulo Quarenta e Três

Becky

O som era ensurdecedor. Destruidor de ouvidos. Tudo que eu podia ouvir era o zumbido em meus ouvidos. Tudo que eu podia sentir era a dor do meu lado enquanto caía no chão. Mas, pela primeira vez em todo o dia, o alívio me inundou. Porque eu estava com a arma. Era um brinquedo, que agora eu tinha na mão. Nunca tinha sido real. O medo deste objeto inanimado era quase cômico, quase porque não era real.

O tiro ensurdecedor veio de Ben. Ele saiu da loja, nos viu lutando e disparou sua arma para o ar para parar nossa luta.

Minha cabeça caiu para a direita, para o concreto frio áspero contra minhas costas. Por um breve segundo, meu foco estava no céu noturno claro e nas estrelas brilhando acima de mim. Eu respirei e exalei lentamente. A grandiosidade do céu expansivo quase poderia transmitir a sensação de que esta era uma noite normal, mas estava longe disso quando me sentei e testemunhei Ben e Charles prendendo Kate lutando contra o chão.

Eles usaram cordas para amarrar suas mãos, e assim que Ben a prendeu contra a parede, Charles correu em minha direção. No próximo segundo, eu estava nos braços de Charles. Ele caiu no chão e me puxou para seu colo e enterrou a cabeça no meu pescoço, estremecendo como se a adrenalina estivesse morrendo em um ritmo rápido e ele não pudesse controlar suas emoções.

— Eu sinto muito. — Minhas lágrimas correram como um rio pelo meu rosto. Eu estava pedindo desculpas por tantas coisas. Lamentei por colocar a vida de seus filhos em perigo. Primeiro, o incidente da piscina e agora com Kate. Lamentei por colocá-lo nesta situação, quase colocando sua vida em perigo também.

Minha vida tinha sido uma série de eventos infelizes, e agora, esses eventos se infiltraram na vida de Charles. Uma umidade tocou meu pescoço, e eu sabia que ele estava chorando também. E isso me quebrou porque ele era tão forte e corajoso, e agora, ele estava quebrando por minha causa. Eu causei sua dor e miséria.

Eu precisava sair. Sair e nunca mais voltar. Essa era a única maneira de garantir que Charles viveria a vida plena e feliz que ele deveria ter.

— Eu odeio ter colocado você nesta situação. — Eu nunca me odiei mais do que agora em seus braços. —É tudo culpa minha. É tudo minha culpa, — falei em repetição, em estado de choque total. Porque aqui estava ele, me confortando, grato por eu estar viva. —Quando penso no que poderia ter acontecido... — Eu balancei minha cabeça e respirei fundo para me acalmar. Eu não poderia ir lá.

Tudo estava bem agora e tudo estaria no futuro porque eu iria garantir isso. Ele me segurou em silêncio, enquanto o mundo ao nosso redor explodiu em caos. Os policiais foram chamados e, em poucos minutos, o estacionamento estava cheio de veículos da polícia e luzes vermelhas e azuis piscando.

Tremores de corpo inteiro tomaram conta de mim enquanto tudo afundava, e Charles ergueu a cabeça, os olhos marejados de lágrimas. E depois ele me beijou. Duro e desesperado. Eu não merecia nada disso. Seu afeto. Seu amor. Nada disso. Mas eu derreti em seu beijo de qualquer maneira, porque se esta fosse a última vez que eu beijaria esse homem, eu avidamente pegaria e saboreia e guardaria na memória.

Quando ele se afastou, sua mão segurou minha bochecha, ele olhou profundamente nos meus olhos e proferiu as palavras que eu não merecia. —Eu te amo, Becky Summers.

As lágrimas jorraram com mais força, sua figura um borrão atrás da cachoeira

escorrendo pelo meu rosto. —Você não pode.

— O que você quer dizer com não posso? É tarde demais. Eu já faço.

O sorriso que surgiu deveria ter me feito sentir melhor, mas aconteceu o contrário.

— Eu me odeio, Charles. Odeio o que fiz a você, a Mary, por colocá-la nessa situação.

Ele descansou sua testa contra a minha. —Não é sua culpa.

— Como você pode dizer isso? — Puxei sua mão para baixo, me dando espaço para respirar e pensar com clareza. —É minha culpa. Tudo isso. Estou com azar. Estou azarada. Todo mundo que entra em contato comigo...

Ele me beijou novamente para impedir que as palavras fluíssem. Então, ele se afastou, com tanta gentileza em seus olhos enquanto ele continuamente enxugava minhas lágrimas sem fim. —Todos que entram em contato com você se apaixonam por você.

Eu balancei minha cabeça, mas a sinceridade em seus olhos me acalmou.

— É verdade. Os meus irmãos. As meninas... eu. Achei que nunca mais amaria, e, — sua voz falhou, —você mudou isso. Você me mudou.

Ele segurou meu queixo, me trazendo ainda mais perto, e eu não consegui desviar o olhar desta vez. Eu estava paralisada.

— Eu vivi minha vida seguindo os movimentos, vivendo para os outros, não para mim mesmo. Mas, pela primeira vez desde que Nat morreu, sinto que posso finalmente viver para mim mesmo, estar apaixonado, ser amado sem a culpa. Crescendo, vendo como meus pais eram, pensei que só havia uma pessoa para cada um. Você passaria a eternidade com eles, e essa pessoa para mim era Nat. E quando ela morreu, — ele estremeceu. —Eu pensei que nunca iria encontrar um amor assim, mas eu estava errado. Tão errado. Porque eu amo você, Becky

Summers, e pela primeira vez, vou fazer o que meus irmãos e Sarah e todos os outros me disseram para fazer. Eles querem que eu seja feliz, e eu sou muito feliz com você.

— Eu não mereço você, — eu resmunguei. Porque eu não mereço.

Ele era tudo de bom no mundo, provedor, luz e meu passado esmaeceu em sua presença.

— Quem disse? — Ele perguntou, sua voz terna.

— Eu! — Eu caí contra ele, meus olhos baixaram enquanto todas as emoções do dia choveram sobre mim como um tsunami.

Ele soltou um suspiro lento e ergueu meu queixo com a leveza de seus dedos. —Se você sente que não me merece, então eu definitivamente não mereço você, sua gentileza, sua paciência. — Ele se levantou então, me levando com ele. — Vamos embora.

— Onde estamos indo?

— Casa, — disse ele, me puxando para o seu lado. —Você não acha que me merece. Eu não acho que mereço você. Nós dois podemos viver vidas indignas... mas juntos.

— Charles…

A atitude de assumir o controle de Charles estava se revelando. —Becky, não vou aceitar mais essa bobagem. Você já passou por muita coisa. E vou fazer o que sei, vou cuidar de você, certo? Vou preparar um banho para você, alimentá-la com uma boa refeição e colocá-la ao meu lado para que você não possa sair. Nunca, — ele acrescentou no final como se estivesse lendo minha mente.

Havia uma determinação feroz em seus olhos, o mesmo olhar que eu testemunhei tantas vezes antes.

— Quero dizer, se você realmente me odeia e não quer ficar, isso é outra história, mas você não vai nos deixar porque está com medo ou se sente culpada porque isso é tudo besteira. Tudo vai ficar bem. — Ele fez uma pausa então, seus dedos firmemente entrelaçados com os meus. —Eu sei como isso soa. Depois que Nat morreu, depois que meus pais morreram, todos me disseram que tudo ficaria bem. Foi repetido inúmeras vezes como um disco quebrado. Nunca acreditei neles porque é isso que as pessoas dizem quando algo trágico acontece na vida de alguém. Mas, pela primeira vez, acredito neles. A vida pode lançar outras bolas curvas, mas eu serei capaz de lidar com elas porque tenho outra pessoa em minha equipe que está jogando de apanhador. — Jogando para fofo, ele bateu na ponta do meu nariz com a ponta do dedo. —Estamos no mesmo time, Becky, Time Brisken. E você vai ficar bem. Talvez você não sinta vontade amanhã ou no dia seguinte, mas assim que tudo voltar ao normal e você não se preocupar com o estresse do passado, você vai ficar bem.

Os policiais algemaram minha mãe e a levaram para a parte de trás do carro da polícia. Não havia dúvida de que eu passaria horas sendo questionada. Observei o carro se afastar até que se tornasse uma figura borrada na rua. Finalmente.

Ela passaria o tempo na prisão, longe de mim, longe das pessoas de quem eu era próxima. E não apenas por alguns meses, mas por causa do que ela fez hoje, levaria anos. Ela não era mais uma ameaça para Charles e sua família, e Kate nunca mais poderia usá-los para pegar dinheiro.

A mão tenra de Charles roçou minha bochecha. Olhando em seus olhos castanhos, eu acreditei nele. Estava na força por trás de sua voz, o olhar intenso em seu olhar. Essa esperança floresceu no meu peito porque eu acreditei nele, acreditei que tudo ficaria bem.

Então, pela primeira vez, cedi a ele, à sua luz. Fiquei na ponta dos pés e emoldurei seu rosto com as duas mãos. —Eu te amo, Charles. — Então, eu apaguei a lacuna entre nós e beijei seus lábios. —Para sempre, até que você não

me tenha mais, sou o Time Brisken.

Capítulo Quarenta e Quatro

Charles

Oito Meses Depois

Enquanto eu segurava a mão de Becky e observávamos nossas garotas correndo para o parque à nossa frente, me perguntei como eu tive tanta sorte. Eu nunca teria previsto que teria uma segunda chance no amor. Eu pensei que o amor que Nat e eu tínhamos era um amor único, mas o amor me atingiu duas vezes e da maneira melhor e imprevisível. Não apenas me atingiu, mas também atingiu minhas meninas.

Becky as amava como se fossem sua própria carne e sangue, e as meninas, nossas meninas agora, adoravam Becky. A tragédia pode lhe ensinar coisas, e uma coisa que me ensinou foi a nunca tomar as coisas como certas, aproveitar cada momento, viver sua vida ao máximo. E era isso que eu fazia dia após dia, com as meninas e com Becky.

Todas as sextas-feiras, depois do trabalho, íamos ao parque fazer um piquenique. Planejei esse evento da mesma forma que planejei minhas reuniões, colocando-o no calendário e me certificando de definir o tempo para ir. Becky parou no meio do caminho e se virou, olhando para algo atrás dela. Meus olhos seguiram sua linha de visão.

— O que você está procurando? — Eu perguntei.

Ela apertou os olhos e estreitou os olhos para algo nas proximidades.

— O que é?

A inclinação para ceder ao pânico ainda existia, mesmo depois de todos esses meses. Mesmo sabendo que Paul estava morto e sua mãe ficaria na prisão por

um longo tempo. Eu tinha contratado os melhores advogados que foram implacáveis em sua busca para fazer Kate cumprir a pena máxima na prisão por seus crimes. Ela conseguiu vinte anos por sequestro agravado.

Becky soltou minha mão e deu dois passos em direção a onde ela estava focada, que era longe do parque. —É uma loucura, mas sinto que estamos sendo observados. — Ela apontou para alguém além das árvores.

Eu apertei os olhos contra o sol. Não consegui descobrir quem era, apenas que a pessoa era alta, larga e do sexo masculino. Peguei a mão dela, empurrando o pânico de volta para baixo. —Ele está apenas dando um passeio.

Ela não se mexeu. —Ele não está. Ele está nos observando caminhar aqui nos últimos dez minutos. Olha, ele está bem perto daquele SUV preto. É o mesmo que nos seguiu até aqui.

Então, a realização bateu. —Merda, — eu disse baixinho, revirando os olhos. A sério? De novo não. Tirei meu telefone do bolso de trás e liguei para meu irmão. —Mason, — eu disparei, —você tem alguém nos seguindo?

— Oh, ei. Ah bem...

Minha mandíbula se apertou. —Chame eles e pare a perseguição, certo?

— Sinto muito, — disse ele, nem um pouco se desculpando. —Houve uma série de roubos na vizinhança e eu queria ter certeza...

— Cancele isso, Mason.

Ele suspirou. — Tudo bem. Eu vou.

Eu balancei minha cabeça e Becky riu. Esta não foi a primeira vez que Mason fez nossos seguranças seguirem Becky ou as meninas. Depois que Mary e Becky foram sequestradas, Mason as protegeu por um mês. Foi só quando Becky ficou cara a cara com o pessoal de segurança que os seguia que descobrimos que Mason os havia contratado. Becky era cautelosa, ainda sempre ciente do que

estava ao seu redor, ainda se assustando de vez em quando ao ouvir barulhos. Achei que era uma coisa boa até certo ponto, contanto que o medo não a possuísse.

— Seus irmãos... — ela disse, rindo e se aconchegando perto.

— São exagerados, — eu terminei por ela.

— Da melhor maneira possível, — acrescentou ela.

Sentamos no banco. Eu gostava de chamá-lo de nosso banco agora, porque era onde nos sentávamos todas as vezes que viemos aqui. Observávamos as meninas pularem das barras de macaco, subir no escorregador e correr para o balanço.

— Eu não posso acreditar como o tempo está voando, — disse Becky distraidamente enquanto eu esfregava seu ombro. —O ano letivo acabou, e agora, o verão está aqui. — Ela tirou o cabelo do rosto, mas o vento o jogou para frente, fazendo ela bufar e empurrá-lo para trás novamente.

— Aqui. — Eu puxei seu cabelo para trás e coloquei na parte de trás de sua camisa, o que a fez rir.

Ela me lançou um olhar, seu olhar brincalhão e irritado, o que me fez puxá-la para mais perto e para o meu colo.

— Vou ter que proteger você bem aqui para que seu cabelo não voe para todos os lados.

Ela estava no meu colo, de frente para a frente.

Inclinei mais perto, sussurrando em seu ouvido. —Vamos embora. Eu e você. — Eu tinha um plano secreto de pedir Becky em casamento, mas não tivemos a oportunidade de escapar, apenas nós dois.

Um pequeno sorriso afetou seus lábios. —Onde?

— Em qualquer lugar. Eu não planejei nada, e está na hora de fugirmos, só nós.

Seus olhos brilharam com um brilho interno. —E quanto às meninas?

Dei de ombros. —Os caras podem assisti-las por uma semana.

Ela se endireitou, de frente para mim totalmente desta vez. —Mas eu quero levá-las. Quero que nossa primeira viagem seja em família, todos nós, Brad, Mason e Janice, se eles quiserem ir também.

Eu segurei minha careta com a menção de Janice. E a ideia de meus irmãos acompanhando não me atraía, não quando eu queria ficar sozinho com minha garota pela primeira vez.

O olhar de Becky cintilou de volta para as meninas, agora na gangorra, e depois de volta para encontrar meus olhos. —Teremos tantas oportunidades de fazer viagens apenas nós dois. Mas, ainda estou conhecendo as meninas. Minhas primeiras férias... eu realmente quero que sejam todos nós.

Suspirei, me sentindo cedendo a ela, embora a quisesse só para mim. Esta mulher. Eu não acho que poderia amá-la mais do que já amava.

Eu levantei uma sobrancelha duvidosa. —Você sabe para onde elas querem ir, certo?

Ambos respondemos ao mesmo tempo. —Disney World.

Ela suspirou em mim. —Eu nunca fui, embora morasse na Flórida. — Seu sorriso se alargou. —Podemos até levar Patty. Ela não mora longe da Disney.

Peguei seu queixo e o inclinei para mais perto de mim, beijando-a. —Disney, então. — Porque eu não pude deixar de ceder a ela. Seu controle sobre mim era poderoso da melhor maneira possível, e eu jurei dar a ela tudo o que ela quisesse pelo resto de nossas vidas juntos.

Ela saltou dos meus braços, como se a notícia fosse uma explosão de cafeína em suas veias. —Garotas! Nós vamos para a Disney!

Mary parou no meio da subida do escorregador. Sarah deixou cair os pés, parando o balanço. E então as duas gritaram de empolgação e correram a toda velocidade em nossa direção, abraçando Becky e pulando e torcendo como se tivessem ganhado um unicórnio vivo de verdade. Eu balancei minha cabeça. As meninas já tinham feito isso quatro vezes, mas claramente nunca se cansaram disso.

Mary correu atrás de mim e eu me abaixei e a peguei nos braços. Suas pequenas mãos espremeram minhas bochechas, me forçando a fazer uma cara de peixe. —Obrigada, papai! — Então, ela beijou meus lábios.

Mary fez um gesto para que Becky e Sarah se aproximassem. —Bolha. Eu quero minha bolha.

— Pai, — disse Sarah, com as bochechas vermelhas de empolgação, — vamos mesmo para a Disney nas férias de verão?

Eu sorri para ela. —Sim.

— Bem, é o lugar mais feliz da terra, — acrescentou Becky, seu próprio brilho se espalhando por seu belo rosto.

Eu estendi meu braço livre, trazendo o resto da minha família. Eu agora estava cercado com tudo que eu precisaria na vida. —Não, este aqui mesmo, — eu as coloquei em nossa bolha de amor, —é o lugar mais feliz da terra.

Epílogo

Charles

O suor cobriu o topo da minha sobrancelha, e quando eu limpei minha testa com o lenço que Mason me entregou, eu sabia que não era o clima de verão que estava causando minha transpiração. Além disso, eu estava lá dentro, sentado na sala de jantar, observando os garçons que contratei se movendo pela casa, preparando a comida para a recepção. Eu estava com medo de me mover, quanto mais desfazer minha gravata borboleta.

— Você parece nervoso. — Mason riu, parado bem ao meu lado.

— Eu? Nervoso? — Eu mexi, colocando meus cotovelos nas minhas coxas. Eu não fazia isso há algum tempo. E se dependesse de mim, seria a última vez que o faria.

— Isso é o que você queria, Charles. É disso que você precisa, — disse Mason.

— Sim, estou muito animado para terminar todas as formalidades. Preciso ir para a parte do beijo na noiva e depois para a parte da bebida. — Eu sorri, embora nada pudesse acalmar meus nervos.

Ficar na frente da sala de reuniões era diferente de ficar na frente de três dúzias de pessoas, com elas vendo você proclamar seu amor à mulher com quem iria passar o resto de sua vida. Eu deveria ter rejeitado a ideia de convidar mais do que um punhado de pessoas, mas renunciei a todo o planejamento do casamento para Mason, que estava mais do que pronto para isso com seu tipo A de formas organizadas.

— Vai ficar tudo bem. — Uma mão forte pousou no meu ombro. —É uma cerimônia rápida do Ministro McKinnley. Não mais do que quinze minutos. Eu

marquei suas cerimônias gravadas on-line. — Ele apertou meu ombro. —Mais ou menos alguns minutos.

Mason olhou para o relógio. —Falando no ministro, ele está cinco minutos atrasado. — Ele tirou o telefone do bolso de trás e discou. Ele se afastou, com uma mão no quadril.

— Ei, noivo. Novamente. — Brad entrou com um aspargo embrulhado em bacon, meio pendurado na boca e outro em um guardanapo na mão. —Estou aqui para lhe dizer que as meninas estão prontas e esperando lá em cima. Vinte minutos até a hora de ir.

— Eu disse especificamente aos garçons para manter a comida longe de você até depois da cerimônia, — eu disse.

Ele riu. —Isso só funcionaria se sua equipe não fosse predominantemente feminina. — Brad balançou as sobrancelhas de maneira brincalhona. —Vamos apenas dizer, eu tenho meus caminhos.

— O que? — O tom intensificado de Mason nos fez virar em sua direção. — Isso é besteira. Você não conseguiu encontrar um substituto? Este é o seu único trabalho. Qualquer que seja. Terminei. — Então ele encerrou a ligação e se virou para nós com os olhos arregalados. —O Ministro McKinnley está doente.

Eu me levantei. —O que? — Engoli em seco e corri as duas mãos pelo cabelo. Má ideia, já que meu barbeiro era um dos convidados. Sem oficiante. *Merda. Merda. Merda. O que agora?*

Mason esfregou a nuca e olhou para o relógio novamente. —Não sei por que não pensei nisso. Eu tinha um reserva para a comida, um garçom secundário de plantão. Nem uma vez pensei que o oficiante não apareceria. — Quando Mason soltou um suspiro entrecortado, Brad riu.

E a expressão no rosto de Mason me disse que agora não era hora de mexer

com ele. Ele estava em busca de sangue com a simples reação de Brad. —Você acha isso engraçado? — Mason disse, seu tom ameaçadoramente baixo.

— Sim.

Quando ele deu um passo à frente, me coloquei entre eles.

Brad encolheu os ombros, não afetado. —Eu não estaria rindo se já não tivesse uma solução.

Mason zombou. —Você tem um oficiante na manga que está prontamente disponível? Você tem? Você tem!

A voz de Mason ficou frenética.

O sorriso de Brad se alargou. —Na verdade eu tenho. Na minha manga. Nas minhas calças. Neste smoking.

Eu não conseguia ler nas entrelinhas. Eu precisava que isso fosse explicado. —O que você tem, Brad?

— Eu sou um ministro ordenado.

— O que! Quando? — Mason e eu falamos ao mesmo tempo.

— Lembra quando Jimmy se casou alguns anos atrás?

Sua pergunta foi respondida com rostos em branco. Jimmy era seu amigo de colégio, mas eu não tinha ideia de que o cara era casado.

— De qualquer forma, Jimmy teve que se casar alguns anos atrás. Ele precisava de um casamento forçado. — Brad deu um tapinha no peito. — Demorou uma hora para ser ordenado legalmente online.

Minha boca entreaberta. Eu poderia abraçá-lo, mas era tarde demais, Mason o abraçou com um salto primeiro. —Pela primeira vez, agradeço a Deus por suas travessuras malucas.

Brad ficou tão surpreso que seus braços ficaram colados ao lado do corpo. — De nada.

Mason pigarreou, sem olhar para nenhum de nós, obviamente envergonhado. —Vou garantir que tudo o resto esteja funcionando perfeitamente. Tenho que verificar os garçons e os convidados... e as meninas. — Sua voz sumiu enquanto ele continuava listando com quem ele precisava verificar.

— Bem, isso foi estranho, — disse Brad.

— Você gostou. Eu poderia dizer, — eu brinquei.

— Então, devo imprimir algo e ler ou apenas improvisar a coisa toda.

Ele fez a pergunta como se ainda não tivesse tomado uma decisão sólida.

Ele passou o braço pelos meus ombros. —Pronto para se casar?

Depois de alisar meu cabelo desgrenhado, eu balancei a cabeça. Eu ainda não acreditava que Brad, entre todas as pessoas, seria o oficiante do casamento.

Becky

O vestido era um vestido justo de manga curta com alças incrustadas finas que levavam a uma parte inferior das costas. O vestido abraçava meus quadris e acentuava meu corpo esguio. Era simples, mas lisonjeiro e perfeitamente eu.

Quando Mason me arranjou um dos planejadores do casamento para procurar um vestido, eu me senti como a Cinderela. Eles me pegaram na propriedade Brisken em uma limusine, me levaram rapidamente para um chá na Península para discutir meu vestido de noiva perfeito e, em seguida, foram às boutiques de noiva de grife para escolher o vestido dos meus sonhos.

As luzes piscando dos fotógrafos não poderiam ter capturado uma imagem

mais perfeita. Enquanto eu me olhava pelo espelho de corpo inteiro com minhas duas garotas ao meu lado, segurando minhas mãos, minha garganta fechou e pisquei para conter as lágrimas, com medo de estragar minha maquiagem.

Eu não conseguia acreditar que essa era minha vida agora. Eu vim do nada, não conhecia meu pai e vivia com minha mãe caloteiro até ela ir para a prisão, eu estava entrando e saindo de um orfanato. Só de pensar na minha vida antes e na minha vida agora, a primeira lágrima caiu pela minha bochecha.

— Becky, sua maquiagem. — Linda, uma das planejadoras do casamento, se aproximou com um pó compacto, pronta para retocar minhas bochechas, mas levantei a mão para impedi-la.

— Estou bem.

— Tenho certeza que sim, mas sua maquiagem não. — Sua voz era severa, suas sobrancelhas se estreitaram.

Mary apertou minha mão e no segundo seguinte ela me puxou para frente, colocando suas duas pequenas mãos em minhas bochechas. —Porque você está chorando? Você não está feliz?

— Mary, cuidado com a maquiagem de Becky.

Não gostei do tom de voz de Linda e olhei para ela. —Você pode, por favor, dar a mim e às minhas garotas alguns minutos?

Deve ter havido algo em meu rosto que disse a esta mulher que havia apenas uma resposta correta para minha pergunta, porque sem outra palavra, Linda e sua equipe de cinco, sim, cinco, estavam fora da porta.

Minha atenção estava de volta em Mary assim que as portas se fecharam e eu me abaixei e descansei meus cotovelos nos joelhos para entrar em sua linha de visão. —Eu estou feliz. Estas são lágrimas de felicidade. Eu prometo. — Voltei minha atenção para Sarah, que tinha um sorriso ofuscante que iluminou meu

interior. Eu segurei sua bochecha. —Você simplesmente não entende. De alguém que não tinha uma família antes para ter vocês, meninas... — Minhas palavras ficaram presas na minha garganta por causa de todas as emoções passando por mim.

Sarah colocou a mão em cima da minha na bochecha. —E papai.

Mais lágrimas.

— E papai, — eu repeti, minha voz suave e cheia de emoção.

— E não se esqueça do tio Brad e do tio Mason, — acrescentou Mary, envolvendo os braços em volta do meu centro. —Eu te amo, Becky. — Mary me esmagou totalmente, seguida por Sarah.

Eu não conseguia pronunciar as palavras que repetia antes de dormir, antes de desligarmos o telefone, antes de levá-las para a escola. Não porque elas não fossem mais verdadeiras ou porque eu não as quisesse dizer com todas as fibras do meu ser. Simplesmente porque as emoções de proferir essas palavras foram tão poderosas que demorei um nano segundo para lavar toda a minha maquiagem com ainda mais lágrimas. —Vocês, meninas... — Engoli em seco e tentei muito fazer as lágrimas pararem. —São o meu mundo inteiro. — *Agora e para sempre*, eu silenciosamente prometi a eles.

A batida na porta nos fez olhar para cima para ver uma Linda não tão feliz. — É hora do show.

Depois que todas nós nos levantamos, como Mary diria, de nossa bolha de amor, Linda se aproximou e afofou os vestidos de dama de honra de tule branco das meninas. Elas pareciam mais vestidos de floristas para mim, mas Sarah notou que elas eram minhas damas de honra, já que eu não tinha mais ninguém entrando.

Depois que Linda retocou minha maquiagem, meus dedos se entrelaçaram

com os das minhas duas filhinhas. Porque elas eram minhas agora. Hoje eu as reivindicaria na frente de uma audiência, embora já as tivesse reivindicado há muito tempo em meu coração.

Descemos as escadas de mãos dadas, passando por alguns dos garçons e outros coordenadores. Eles faziam *ooh e aah* no meu vestido, no meu cabelo preso em um rabo de cavalo com cachos esvoaçantes. Eu me senti como uma rainha, mas mais do que isso, meu coração estava tão cheio de alegria que pensei que fosse explodir.

Fechei meus olhos brevemente, levantando meu rosto para o céu, sentindo o sol de verão em minhas bochechas, a brisa do vento leve contra minha pele. Quando os abri e entrei mais no quintal, observei a decoração, as flores, os convidados.

Mesas compridas foram colocadas na periferia da piscina e na piscina? Para esta noite, era uma pista de dança iluminada. Mason contratou alguém para colocar uma cobertura em cima da piscina para que pudéssemos dançar. Ainda me assustava pensar que a qualquer momento poderíamos cair, mas Mason garantiu a todos que ficaríamos bem. Conhecendo-o, ele pesquisou a idoneidade da empresa que o instalou.

Os irmãos Brisken fizeram de tudo para tornar este o casamento do século. Uma parede de champanhe foi erguida à direita da piscina. Uma parede de rosquinha bem ao lado dela. Velas estavam por toda parte. Em pedestais em cada esquina. Em cima das mesas. Em cima das mesas altas no final do quintal. E as flores eram intensas. Pilares de rosas e hortênsias rosa e roxas estavam posicionados a cada poucos metros e espalhados por todo o quintal.

Mary praticamente me puxou para além da piscina, onde havia fileiras de cadeiras brancas. Eu soube quando chegamos ao nosso destino, quando não muito longe da casa da árvore, vi uma parede de rosas com nossas iniciais.

Com todos os convidados parados de cada lado e segurando as mãos das minhas garotas, eu caminhei pelo corredor, sobre as pétalas de rosa que foram feitas em um padrão ondulado, em direção ao meu destino eterno e final, Charles. Ele era alto, poderoso e incrivelmente bonito em seu smoking clássico. Bem ao lado dele estavam seus irmãos, aqueles que me aceitaram como suas, aqueles com quem eu sabia que podia contar.

E quando nossos olhos se encontraram, minha respiração prendeu porque eu pude ler toda a emoção e amor nadando em suas íris marrom chocolate. Foi só depois que Sarah e Mary abraçaram seu pai e ele pegou minha mão em sua mão que percebi que estava chorando.

Ele segurou meu rosto e se inclinou, enxugando minhas lágrimas com os polegares. —Não faça isso, linda. Eu odeio quando você chora.

Eu puxei suas mãos para baixo e sorri. —São lágrimas de felicidade, eu prometo.

— Bom. — Ele se aproximou, seus lábios a um milímetro dos meus, quando Brad colocou seu microfone entre nós.

— Ainda não, mano. Eu não disse beije a noiva. — Ele limpou a garganta e acenou com as mãos atrás de nós.

No calor do momento e movida pelas emoções, quase esqueci que tínhamos público. A maioria dos convidados eram amigos da família Brisken, mas na frente e no centro e sentada ao lado de Mary e Sarah estava Patty, toda vestida com um elegante vestido de chiffon floral de verão.

Brad bateu no microfone para chamar a atenção de todos. —Ouçam. Ouçam.

Meus olhos voaram para Charles, que estava sorrindo.

— O ministro não apareceu, então adivinhe quem está oficializando este casamento? — Ele bateu no peito com a mão leve. —O único, eu. — Ele fez

uma reverência exagerada.

Meus olhos se arregalaram e eu esperava que Brad largasse o microfone com aquelas palavras de cair o microfone, mas ele continuou.

— Não se preocupe, eu já fiz isso antes e o casal ainda é casado. — Ele riu de sua própria piada, enquanto os convidados ainda estavam maravilhados. Eu conhecia o sentimento.

Mason esfregou a testa, depois o cabelo, depois o braço, e então repetiu o movimento novamente.

— Então, tentei escolher uma citação para começar esta cerimônia. Bem, isso é o que o Google me disse para fazer, então eu fiz. Eu estava procurando a frase perfeita e a primeira que apareceu foi, 'O casamento é como um passeio no parque...' — Ele fez uma pausa para um efeito dramático. —Jurassic Park.

O público riu.

— A parte louca do Jurassic aconteceu antes de hoje, então, tecnicamente, eles ainda não eram casados. — Ele soltou um longo suspiro e o sorriso sumiu de seu rosto enquanto ele olhava para a sala, seu olhar pousando em Mary antes de voltar para o nosso. —Já vimos loucura suficiente para a vida toda. Embora o começo de Becky e Charles tenha sido rochoso, tirado diretamente de um filme de terror, tudo bem, porque bem aqui, agora... este é o novo começo. — Seus olhos ficaram suaves e ele pressionou a mão livre contra o peito. —E vejo anos e anos de felicidade, de alegria e muitas sobrinhas e sobrinhos no meu futuro imediato. — Ele concentrou toda sua atenção em Charles, então. —Você merece isso, esse amor. Porque você é um dos maiores homens que conheço. E você merece uma história de amor épica feita para o cinema porque desistiu de tudo por esta família e agora é sua vez de ser feliz. — Então sua atenção se voltou para mim. —Becky. Becky. Becky. — A maneira como ele pronunciou meu nome me fez sorrir. —O que você colocou naquela água que ele estava bebendo?

Eu ri porque era nossa piada interna.

— Fosse o que fosse, você o prendeu para o resto da vida. Obrigado, Becky. Obrigado por entrar na vida dele, por fazê-lo sorrir, por fazê-lo feliz. O que eu não agradeço é inclinar a balança. Nós fomos pareados antes. Agora há mais estrogênio em nossa casa e não sei como me sinto sobre isso. — Sua voz suavizou, mas ainda era alta o suficiente para que todos ouvissem. —Além de entrar na vida dele, obrigado por entrar na nossa, na das garotas. Ele não só precisa de você, mas nós precisamos de você. — Ele mordeu o lábio inferior e presumi que ele estava ficando emocionado porque chamou Mary para pegar os anéis.

Fizemos nossos votos sob o sol perfeito de verão, como se fôssemos as únicas duas pessoas no lugar, prometendo amar um ao outro, para o bem, para o pior, para os mais ricos, para os mais pobres, na doença e na saúde, para amar e para apreciar, até que a morte nos separe. Houve conforto em fazer os votos originais, votos ditos por tantos antes de nós e que serão ditos por muitos depois de nós.

E quando Brad nos declarou marido e mulher e os lábios de Charles se conectaram aos meus, agradeci aos céus e ao destino e a todas as forças que podem existir para que nós dois, finalmente depois de passar por sofrimento, tenhamos nosso próprio felizes para sempre, um com o outro.

Agradecimentos

Este livro foi tão difícil de escrever por causa de 2020 e tudo o que ele envolve. Através de tudo isso, uma coisa que fiz foi me forçar a ser grata por todas as coisas, grandes e pequenas. É uma loucura ter que me forçar a fazer o que parece uma coisa normal, certo?

Mas dado o estado da economia, da política, da pandemia e nosso mundo virou de cabeça para baixo e do avesso, tem sido um pouco difícil permanecer positivo. Mas… eu tenho diários de gratidão para nós.

E todas as manhãs, eu me levanto e antes mesmo de escovar os dentes eu agradeço. Então eu faço meu devocional matinal. E todas essas coisas ajudaram tremendamente. Como sempre, agradeço a Deus por me conduzir a este caminho, escrever, fornecer escapismo para as pessoas que precisam, mostrar aos outros que, apesar das falhas e deficiências das pessoas, todos merecem ser felizes e ser amados.

Ao marido, que é e sempre foi meu apoiador número um, muito obrigado por tudo o que você faz. Para minhas garotas, tirei muitas dessas interações de adultos e crianças de você. Só consigo escrever para crianças e quase adolescentes porque passei por essas fases, criando meus próprios filhos. É preciso uma equipe para fazer isso e quero agradecer a todos que me ajudaram a tornar este livro o melhor possível.

Aos meus amigos escritores que me ouvem desabafar diariamente e me ajudam a promover, A Michelle, El, Tracey, Danielle, Suzanne, Erica, Jenny e a todos os que estão no Office. É difícil encontrar amigos verdadeiros escritores leais. Eu só tenho alguns e estou mantendo você por perto e nunca deixando ir.

Para meus leitores beta. Para Megan, Elizabeth, Johana, Melanie, Melai e Sarah. Obrigado por seu feedback honesto e por me ajudar a fortalecer a história. Vocês passaram o tempo do seu dia lendo, analisando e respondendo todas as minhas perguntas e eu agradeço. Ao Gel por fazer meus teasers incríveis. Eu te amo. Para minha PA — Elizabeth, você me mantém organizado, são e feliz. Agradeço tudo o que você faz por mim. Para minha editora de desenvolvimento - Kristy, obrigado por ler isso e me ajudar a obter o melhor resultado. Eu sei que você provavelmente está cansado de me ouvir desabafar, mas você faz isso de qualquer maneira e eu agradeço por isso.

Megan - você é minha pessoa. Agora e para sempre e até o fim dos tempos. Obrigada por simplesmente conseguir eu e meus personagens. Para minha designer de capa - Juliana, você tem talento e muita paciência. Obrigado por me aturar e por minha capa estonteante.

Aos blogueiros que sempre me apoiaram desde o meu primeiro livro até agora. Eu te amo! Obrigada por me seguir nesta jornada. Por último, mas não menos importante, para meus leitores - Desde aqueles que me seguiram desde meu primeiro livro e aos novos leitores, obrigada! Obrigada! Obrigada! Obrigada por ler minhas palavras.

Notas

[←1]

Skunk refere-se a variedades de Cannabis de odor mais forte e dotadas de maior concentração de substâncias psicoativas produzidas mediante cruzamentos de várias espécies do mesmo gênero.

[←2]

Carona solidária ou boleia solidária ou boleia partilhada é o uso compartilhado em alternância de um automóvel particular por duas ou mais pessoas, para viajarem juntos durante o trajeto para o trabalho, escola ou qualquer outra destinação definida.

[←3]

Marca de fraldas para adultos